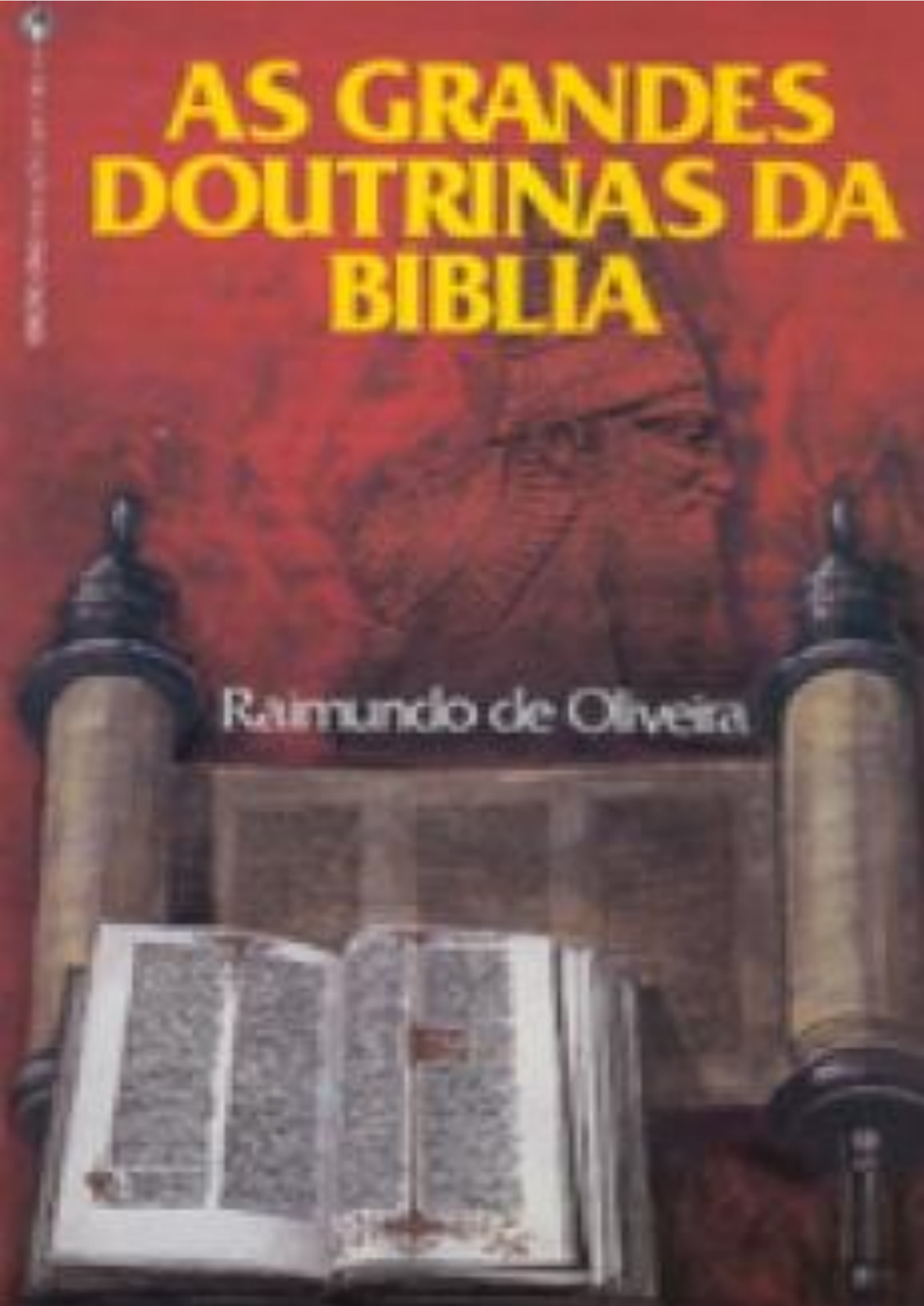
AS GRANDES DOUTRINAS DA BÍBLIA

Raimundo de Oliveira



BIBLIOLOGIA

ÍNDICE

I. A NECESSIDADE DAS ESCRITURAS

1. Por Causa da Queda do Homem

2. Por Causa do Amor de Deus

3. Por Causa da Igreja

4. Por Causa do Cristão Individualmente

II. A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

1.O Fato da Inspiração das Escrituras

a) Cristo versus Apóstolos

b) Acomodação

c) Ignorância

d) Contradição

2. O que a Bíblia Diz Acerca da Sua Inspiração

3. A Natureza da Inspiração das Escrituras

a) A Inspiração Mecânica

b) A Inspiração Dinâmica

c) A Inspiração Orgânica

4. Provas da Inspiração da Bíblia

a) A Aprovação da Bíblia por Jesus

b) O Testemunho do Espírito Santo no Crente

c) O Fiel Cumprimento da Profecia

d) A Perenidade das Escrituras

5. A História da Igreja Aprova a Inspiração das Escrituras

III. HARMONIA E UNIDADE DAS ESCRITURAS

1. Pormenores da Harmonia das Escrituras

a) Os Escritores

b) As Condições

c) As Circunstâncias

2. O Porquê da Harmonia e Unidade dá Bíblia

a) A Confusão do Homem e a Harmonia Divina

b) A Catedral da Revelação Divina

IV. JESUS, O TEMA DAS ESCRITURAS

1. Cristo, de Gênesis ao Apocalipse

a) Cristo no Pentateuco

b) Cristo nos Livros Históricos

c) Cristo nos Livros Poéticos

d) Cristo nos Livros Proféticos

e) Cristo no Novo Testamento

2. Jesus Aprovou a Bíblia

a) Jesus Leu a Bíblia

b) Jesus Ensinou a Bíblia

c) Jesus Chamou a Bíblia de "a Palavra de Deus"

d) Jesus Cumpriu a Bíblia

V. A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

1. Bases da Autoridade das Escrituras

a) A Bíblia Emana de Deus

b) A Bíblia foi Escrita por Homens Escolhidos

c) A Bíblia foi Crida Pelos que a Receberam

d) A Bíblia foi Autenticada por Jesus

2. Os Antigos Atestaram as Escrituras

a) As Escrituras em Relação ao Povo Israelita

b) As Escrituras em Relação ao Rei

c) As Escrituras em Relação aos Juizes

d) As Escrituras em Relação aos Levitas

e) As Escrituras em Relação aos Profetas

VI. A CANONICIDADE DAS ESCRITURAS

1. Provas da Canonicidade das Escrituras

2. A Formação do Cânon Sagrado

3. Merece Confiança o Cânon Sagrado?

VII. O VALO ETERNO DAS ESCRITURAS

1. Os Dois Testamentos se Completam

2. O Divino Intérprete das Escrituras

3. Este Livro Singular

BIBLIOLOGIA

INTRODUÇÃO

Chamada "Escritura Sagrada", "Sagradas Escrituras", simplesmente "Escrituras" ou "Palavra de Deus", a Bíblia se constitui na única regra de fé e de conduta do cristão. Ela contém a mente de Deus, o estado espiritual do homem, o caminho da salvação, a condenação dos impenitentes, e a felicidade dos santos. Suas doutrinas são santas, seus preceitos são leis, suas histórias são verídicas e suas decisões irrevogáveis.Compreender a origem, propósito e alcance da Bíblia Sagrada é condição indispensável a todos quantos buscam compreender a boa, santa e agradável vontade de Deus, e a estarem habilitados a cumpri-la em suas vidas diariamente.

I. A NECESSIDADE DAS ESCRITURAS

A existência das Escrituras só pode ser aceita e a sua mensagem assimilada, na medida da nossa compreensão da necessidade da revelação de Deus. Isto é: a Bíblia Sagrada é o livro (o registro) da revelação especial de Deus. Tudo quanto o homem necessita saber acerca de Deus e do Seu propósito redentor para com a humanidade caída, ele encontrará nas Escrituras.As Escrituras, pois, se tornaram necessárias e a sua existência é justificada pelo menos pelas seguintes razões:

1.Por Causa da Queda do Homem

A queda do homem tolheu não só a sua liberdade de escolher e fazer o que é bom. A queda inibiu a capacidade criadora do homem, bem como a sua capacidade de assimilação da revelação de Deus, dentro dos moldes até então conhecidos.O estado de queda do homem é descrito nas seguintes palavras do apóstolo Paulo: "Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente, peçonha de áspides está debaixo de seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição e miséria; e não conhecem o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos” Rm (3.10-18).

Em estado de queda e de desgraça, o homem já não desfrutava do privilégio de ouvir "a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia (Gn 3.8). -

Aprouve, porém, a Deus, fazer uso da Palavra escrita, como meio de conduzir o homem caído à luz, ao arrependimento, à confissão e à redenção.Através das Escrituras, Deus desce ao nível da compreensão do homem, e, com o auxílio do Espírito Santo e da exposição do Evangelho, faz da Bíblia Sagrada a porta de escape e de volta do homem ao estado de graça perdido decorrente da queda.

2.Por Causa do Amor de Deus

É difícil compreender como Deus podendo viver sem o homem, criou meios - verdadeiros laços de amor(Os 11.4). -, através dos quais traz o homem de volta à sua presença, comose lhe fosse impossível viver sem a companhia e a amizade do homem!A existência das Escrituras é prova mais do que plausível dos esforços de Deus no sentido de aproximar o homem de seu meigo coração. O testemunho milenar das Escrituras é que "Deus se dá a conhecer".A nossa crença na bondade de Deus há de nos conduzir, necessariamente, à compreensão de que através da sua Palavra. Ele se revela pessoalmente àqueles que Ele criou.

"Não podemos crer que um pai se oculte para sempre de seu filho, e sem nunca se comunicar com ele. Tampouco podemos imaginar um Deus que retivesse o conhecimento do seu ser e de sua vontade, ocultando-se às suas criaturas que Ele criara à Sua própria imagem" (Conhecendo as Doutrinas Bíblicas – Editora Vida – Pág. 19).Deus fez o homem capaz e desejoso de conhecer a realidade das coisas. Será que Ele ocultaria uma revelação que satisfizesse esse anelo? Pelo contrário. Diz o profeta de Deus: "Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva será a sua saída; e ele nos virá como a chuva, como a chuva serôdia que rega a terra" (Os 6.3).A revelação de Deus é possível, é progressiva, é certa.

A mitologia do Egito antigo conta da Esfinge que propunha enigmas aos transeuntes, e como os matava quando não os podiam decifrar. Não é assim que Deus age. Ele não nos submete a nenhum teste para nos convencer de quão ignorantes somos. Pelo contrário. Ele se revela a nós com o propósito de nos fazer entender que é possível conhecê-lo melhor. Os "mistérios" registrados nas Escrituras não serão mistérios eternamente.

O que hoje nos é encoberto, no futuro será revelado dentro duma visão mais completa da vontade de Deus."Agora só podemos ver e compreender um pouquinho a respeito de Deus, como se estivéssemos observando seu reflexo num espelho

muito ruim; mas o dia chegará quando o veremos integralmente, face a face. Tudo quanto sei agora é obscuro e confuso, mas depois verei tudo com clareza, tão claramente como Deus está vendo agora mesmo o interior do meu coração" (1 Co 13.12, O Novo Testamento Vivo).

3.Por Causa da Igreja

Uma vez que as Escrituras nos foram dadas como "proveitosas para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (2 Tm 3.16,17),como compreender a Igreja caso as Escrituras não existissem?A Igreja, sua organização, seu governo e seu serviço, seriam simplesmente inconcebíveis, caso a Bíblia não existisse. Assim como o Estado necessita duma Constituição, baseada na qual os seus governantes e legisladores possam governar e legislar, de igual modo a Igreja depende da ação reguladora das Escrituras.

O futuro da Igreja na terra é determinado por aquilo que ela crer acerca do que a Bíblia diz. Se a Igreja tiver a Bíblia na conta de autoridade e constituição, então suas afirmações positivas constituem para nós a única base da doutrina cristã.

4.Por Causa do Cristão Individualmente

A regra cristã do certo e do errado é a Palavra de Deus - os escritores do Antigo e do Novo Testamento, tudo o que os profetas e os homens santos da antigüidade escreveram quando movidos pelo Espírito Santo; toda a Escritura que foi dada pela inspiração de Deus é que é realmente proveitosa para a doutrina e para ensinar toda a vontade de Deus, para reprovação do que lhe é contrário, para correção do erro, para instruir-nos e treinar-nos na justiça (2 Tm 3.16,17).

A Bíblia é lâmpada para os pés do cristão bem como luz para todos os seus caminhos. Ele a recebe como a sua única regra do que é justo e do que é errado, de tudo aquilo que é realmente bom ou mau. Ela nada tem como bom senão aquilo que nela contém, quer diretamente ou por simples conseqüência; nada tem como mau senão o que ela proíbe, quer claramente ou por inferência inegável. Tudo o que a Escritura não proíbe nem ordena quer diretamente ou por simples conseqüência, o cristão crê que seja de natureza indiferente, nem bom nem mau em si mesmo; esta é a regra total e única pela qual a sua consciência é dirigida em todas as coisas.

II. A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

O uso do termo inspiração tem a finalidade de designar a influência controladora que Deus exerceu sobre os escritores da Bíblia. Tem a ver com a habilidade comunicada pelo Espírito Santo, de receber a mensagem divina e de registrá-la com absoluta exatidão.O que diferencia a Bíblia dos demais livros do mundo é a sua inspiração divina. É devido à sua inspiração que a Bíblia é chamada A Palavra de Deus.

1. O Fato da Inspiração das Escrituras

É muito interessante compreendermos a contribuição exata do fato de que a inspiração divina das Escrituras resume o propósito divino da revelação (2 Pd 1.19-21). Este é um assunto que precisa ser exposto com a mais absoluta clareza face às objeções contra ele levantadas.Contra a crença de que as Escrituras resumem em si a totalidade do propósito da revelação divina, levantam-se os seguintes argumentos:

a) Cristo Versus Apóstolos

Este conceito consiste em distinguir entre a crença de Cristo e a dos apóstolos, supostamente em níveis diferentes. Tem o propósito de apresentar Cristo em oposição aos apóstolos, procurando salvá-los das errôneas tradições dos judeus, incluindo evidentemente a crença na inerrância das Escrituras. Procurando dar bases escriturísticas a essa errônea interpretação, os seus defensores valem-se de passagens bíblicas isoladas, tais como: Mateus 22.29; Marcos 12.24 e João 5.39.

b) Acomodação

Segundo este argumento, os apóstolos criam que a inerrância das Escrituras judaicas se constituía numa teoria insustentável. Deste modo, em vez de adotarem uma linha de interpretação revolucionária, os escritores do Novo Testamento teriam decidido por acomodar a sua linguagem à realidade espiritual dos seus dias. Um dos principais defensores deste argumento disse que "as Escrituras do Novo Testamento estão completamente dominadas pelo espírito de sua época. Assim o seu testemunho concernente â inspiração das Escrituras carece de valor independente".

c) Ignorância

Os defensores deste argumento dizem que os apóstolos eram "homens sem letras e indoutos" (At 4.13), e, portanto, estavam sujeitos a errar, e que Cristo, devido à sua encarnação, sabia apenas um pouco acima dos seus contemporâneos. Ainda,

segundo este argumento, uma vez que Cristo não teve acesso às descobertas científicas do nosso tempo, não podia ter estado muito acima do nível cultural da sua própria época.

d) Contradição

Sempre tem havido quem discuta no tocante à suposta "contradição", "inexatidão" e "inconsistência" das Escrituras. Segundo esses críticos, um livro não pode ter tão grande valor como o atribuído à Bíblia, quando contém todos estes elementos.Esses argumentos quanto à inspiração e inerrância das Escrituras, não têm nada de novo. A negação da origem divina da Bíblia tem aparecido em todas as gerações com maior ou menor intensidade neste mundo onde medra a incredulidade. A raiz do problema está no que se há de aceitar como última palavra no assunto: Devemos aceitar o ensinamento da Bíblia acerca de si mesma, ou aceitar o ensinamento contraditório de homens?

2. O Que a Bíblia Diz Acerca da Sua Inspiração

Como qualquer outra doutrina bíblica, a doutrina da inspiração deriva das Escrituras. A Bíblia mesma testifica abundantemente da sua inspiração e sustenta o ponto de vista mais estrito com respeito ao assunto. Os escritores do Antigo Testamento tinham consciência de que escreviam aquilo que o Senhor lhes mandava (Ex 17.14; 34.27; Nm 33.2; Is 8.1;30.8; Jr 25.13;30.2; Ez 24.1; Dn 12.4) Os profetas tinham consciência de que eram portadores duma mensagem divina, e, portanto, a introduziam com fórmulas, como: "Assim diz o Senhor" - "Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo" - "Assim me mostrou o Senhor Jeová", etc. Estas fórmulas se referem à palavra falada, porém se aplicam também à palavra escrita (Jr 36.27,32; Ez 24.1; Dn 12.4). Os escritores do Novo Testamento com freqüência citam passagens do Antigo Testamento como palavra de Deus ou do Espírito Santo (Mt 15.4; Hb 1.5; 3.7; 4.3; 5.6; 7.21).Paulo fala de suas próprias palavras como palavras que o Espírito lhe havia ensinado (1 Co 2.13), e alega que é Cristo quem fala a ele (2 Co 13.3).Sua mensagem aos tessalonicenses é "a palavra de Deus" (1 Ts 2.13). Finalmente, diz na passagem clássica da inspiração: "Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça " (2 Tm 3.16).

3.A Natureza da Inspiração das Escrituras

Ao considerar a natureza da inspiração das Escrituras, atente-se primeiramente para dois conceitos errôneos, porém comuns, conhecidos como: "inspiração mecânica" e "inspiração dinâmica".

a) Inspiração Mecânica

Com freqüência se tem concebido o processo da inspiração das Escrituras duma maneira mecânica. Segundo este conceito, Deus simplesmente ditava o que os autores humanos dos livros da Bíblia deviam escrever. Estes escritores seriam qual amanuenses do Espírito Santo, registrando seus pensamentos em palavras que Ele escolhia. As faculdades mentais dos escritores se encontravam em repouso e não contribuíam de forma alguma no conteúdo ou forma dós seus escritos.

Ê assim que o estilo das Escrituras é o estilo do Espírito Santo.As investigações, porém, têm mostrado que este conceito é insustentável. A Bíblia mesma dá prova de que os seus escritores não eram meros instrumentos passivos na produção dos seus livros, mas sim, eles eram autores no verdadeiro sentido da palavra. Em alguns casos os escritos da Bíblia são resultados de investigações históricas, pois se referem a essas investigações (Lc 1.1-4), e às vezes fazem menção de suas fontes, como os livros de Samuel, Reis, Crônicas, etc. Noutros casos os autores registram as suas próprias experiências pessoais, como nos Salmos, nos livros proféticos, em Atos, e nas Epístolas. Cada escritor tinha estilo próprio. O estilo de Isaías não é como o de Ezequiel, nem o estilo de Paulo ê como o de Pedro.

b) A Inspiração Dinâmica

Face ao conceito mecânico da inspiração das Escrituras, vários eruditos nos séculos XVIII e XIX optaram pelo que chamaram "inspiração dinâmica". Esta teoria rejeita a idéia duma operação direta do Espírito Santo sobre a produção dos livros da Bíblia, isto é, uma operação que teria como propósito específico a produção desses livros, e põe em seu lugar a idéia duma inspiração geral dos escritores. Essa inspiração teria sido uma característica permanente dos escritores. Ela não difere em essência, mas somente em grau, da iluminação espiritual do crente em geral. Ela penetra em todas as partes das Escrituras, ainda que não em todas na mesma medida. Os livros históricos, por exemplo, não seriam inspirados na mesma medida que os livros doutrinários. Desse modo, ainda que em geral os escritos bíblicos sejam confiáveis, eles estão sujeitos a erros principalmente os livros históricos.Evidentemente, este

conceito não faz justiça aos dados bíblicos sobre a inspiração das Escrituras, uma vez que ele despoja a Bíblia do seu caráter sobrenatural, reduzindo-a ao nível da revelação geral, destruindo, portanto, a sua infalibilidade.

c) A Inspiração Orgânica

O conceito de Inspiração geralmente aceito nos círculos cristãos conservadores, se denomina inspiração "plenária" ou "orgânica". O termo "orgânico" põe em relevo o fato de que Deus não usou os escritores da Bíblia, no sentido mecânico, como se eles fossem robôs, mas que atuou sobre eles de forma orgânica, em harmonia com as leis do ser interior desses escritores. Isto é, Deus os usou tal qual eram, com seu caráter e temperamento, seus dons e talentos, sua educação e cultura, seu vocabulário e estilo; iluminou as suas mentes, os impulsionou a escrever, excluindo a influência do pecado sobre suas atividades literárias.

Na verdade, Deus os guiou na seleção de suas palavras e na expressão de seus pensamentos.Este conceito apresenta os escritores da Bíblia, não como simples amanuenses, mas como verdadeiros autores da Bíblia. Ás vezes eles registravam comunicações diretas de Deus, e em outras ocasiões escreviam os resultados de suas próprias investigações históricas, ou registravam suas experiências. Isto explica a individualidade dos livros da Bíblia, posto que cada escritor tinha seu próprio estilo e firmou em sua produção literária seu selo pessoal e as marcas da época em que viveu.

4.Provas da Inspiração da Bíblia

Dentre outras provas da inspiração da Bíblia, a dar-lhe patente divina, destacam-se as seguintes:

a) A Aprovação da Bíblia por Jesus

Jesus aprovou a Bíblia ao lê-la, ao ensiná-la, ao chamá-la "a palavra de Deus", e ao cumpri-la (Lc 4.16-20; 24.27; Mc 7.13; Lc 24.44).Quanto ao Novo Testamento, em João 14.26, o Senhor antecipadamente pôs nele o selo de sua aprovação divina, ao declarar: "Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar tudo quanto vos tenho dito". Assim sendo, o que os apóstolos ensinaram e escreveram não foi a recordação deles mesmos, mas a do Espírito Santo.

Jesus disse ainda que o Espírito nos guiaria em "toda a verdade" (Jo 16.13,14). Portanto, no Novo Testamento temos a essência da revelação divina.

b) O Testemunho do Espírito Santo no Crente

O mesmo Espírito que conduz o pecador a aceitar a Jesus como Salvador pessoal, convence o neoconvertido da origem divina das Escrituras. Não é necessário que o novo crente faça um curso neste sentido, não. A crença na autoria e inspiração divina das Escrituras é algo que se dá instantaneamente.

Samuel Rutherford, num tratado contra a teologia vaticana, pergunta: "Como sabemos que a Escritura é a Palavra de Deus?" Se já houve um lugar onde se poderia esperar que um teólogo empregasse o estilo de argumentos racionais dos próprios teólogos católicos, conforme fizeram alguns teólogos protestantes do passado, seria aqui. Rutherford, ao invés disto, apelou ao Espírito de Cristo falando na Escritura: "As ovelhas são criaturas dóceis (Jo 10.27). As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem... assim o instinto da Graça conhece a voz do Amado entre muitas vozes (Ct 2.8), e este poder de discernimento está no sujeito" (O alicerce da Autoridade Bíblica – Edições Vida Nova - Págs. 50,51).

c) O Fiel Cumprimento da Profecia

Inúmeras profecias se cumpriram no passado, em sentido parcial ou total; inúmeras outras cumprem-se em nossos dias, e muitas outras cumprir-se-ão no futuro.O cumprimento contínuo das profecias bíblicas é uma prova da sua origem divina. O que Deus disse, sucederá (Jr 1.12).Glória, pois, a Deus, por tão sublime livro!

d) A Perenidade das Escrituras

O tempo não exerce nenhuma influência sobre a Bíblia. É o livro mais antigo do mundo, e ao mesmo tempo o mais moderno. O jornal de amanhã não se lhe sobrepuja em atualidade. Em mais de vinte séculos de progresso em todas as áreas da ciência, homem algum tem sido capaz de melhorar a Bíblia, nem de fazer outro livro que lhe exceda em valor. Um livro de origem puramente humana, após tantos milênios de uso, já teria caducado e, se conservado, com certeza estaria guardado nalgum museu, ou então já teria sido consumido pelas traças. Esta é mais uma irrefutável prova da origem sobrenatural das Escrituras.

5. A História da Igreja Aprova a Inspiração dasEscrituras

Os grandes líderes espirituais cujos nomes a História da Igreja faz menção elevam as suas vozes em defesa da inspiração, inerrância e infalibilidade das Escrituras.Seja qual tenha sido o meio pelo qual Agostinho chegou ao entendimento de que a Bíblia é a Palavra de Deus, sua posição quanto a inspiração e inerrância das Escrituras, brota espontânea e abundantemente nos seus escritos. Ele escreve que "nenhuma palavra e nenhuma sílaba é supérflua" nas Escrituras. Confessa: "Aprendi a dar a eles (os Livros canônicos) tal honra e respeito a ponto de crer com muita firmeza que nenhum destes autores errou ao escrever qualquer coisa que seja". As "mãos dos autores das Escrituras escreviam aquilo que a cabeça ditava", insistia. "Nenhuma discordância de qualquer tipo teve permissão de existir" na Bíblia de Agostinho. Conforme escreve See-berg: "A mais alta autoridade normativa e a única infalível é, para Agostinho, a Sagrada Escritura" (O Alicerce da Autoridade Bíblica – Edições Vida Nova – Págs. 50,51).

Os Reformadores adotaram sem questionar e sem reservas a declaração acerca da inspiração, e até mesmo da inspiração verbal da Bíblia. Lutero se mostra consistente quando o ouvimos trovejar no fim da sua vida: "Logo, ou cremos redondamente, e totalmente e completamente, ou nada cremos: o Espírito Santo não se deixa cortar ou separar, de modo que deixasse uma parte ser ensinada ou crida de modo verdadeiro, a outra parte de modo falso... Pois é moda dos hereges começarem primeiramente com um único artigo, mas depois todos devem ser totalmente negados, como um anel que não tem mais valor quando tem uma quebra ou corte, ou um sino que, quando está rachado num lugar, não soará mais, e é totalmente inútil".João Wesley levanta quatro argumentos grandes e poderosos que nos induzem a crer que a Bíblia precisa ser de origem divina: os milagres, as profecias, a bondade da doutrina e o caráter moral dos escritores. Todos os milagres fluem do poder divino; a bondade da doutrina, da bondade divina, e o caráter moral dos escritores, da santidade divina.Deste modo o cristianismo é constituído sobre quatro grandes pilares: o poder, a compreensão, a bondade e a santidade de Deus.

O poder divino é a fonte de todos os milagres; a compreensão divina, a da bondade da doutrina; a santidade divina, a do caráter moral dos escritores.Prosseguindo no seu esforço de provar a origem divina das Escrituras, Wesley diz o seguinte:A Bíblia deve ser a invenção de homens bons ou de anjos; de homens maus ou de demônios;

ou de Deus.

a)Ela não podia ser a invenção de homens bons ou de anjos, pois eles não fariam nem poderiam fazer um livro contando mentiras durante todo o tempo em que o estavam escrevendo, dizendo: "Assim diz o Senhor" quando o livro era a sua própria invenção.

b)Ela não podia ser invenção de homens maus ou de demônios pois eles não fariam um livro que impõe todos os deveres, proíbe todos os pecados e condena as suas almas ao inferno por toda a eternidade.

c)Eu tiro, portanto, a conclusão de que a Bíblia precisa ter sido dada por inspiração divina (Coletânea da Teologia de João Wesley – Imprensa Metodista – Pág. 18).

III. HARMONIA E UNIDADE DAS ESCRITURAS

A harmonia e unidade das Escrituras se constituem num milagre singular. Nunca em qualquer outro lugar e em circunstâncias tão adversas, se juntaram tantos e diferentes tratados contendo história, biografia, ética e poesia, para formar um único livro. Neste particular a Bíblia não tem nenhum paralelo com a literatura humana, visto que todas as condições humanamente falando, não apenas são desfavoráveis, mas fatais a tal combinação (Teologia Elementar – Imprensa Batista Regular – Pag. 11)

1. Pormenores da Harmonia das Escrituras

A existência da Bíblia até os nossos dias é algo simplesmente miraculoso. Seus 66 livros escritos por cerca de 40 autores, durante um período de mais ou menos dezesseis séculos, somam-se num só com uma mensagem una e harmônica. Seu aspecto miraculoso e sobrenatural se acentua quando analisados os seguintes elementos, partes do seu processo de preparação como livro.

a) Os Escritores

Os homens escolhidos por Deus, para compor a Bíblia, eram homens de praticamente todas as atividades da vida humana então conhecidas, razão porque encontramos osmais variados estilos nos seus escritos. Por exemplo: Moisés foi príncipe e legislador. Josué foi um valoroso soldado. Davi e Salomão foram reis e poetas. Isaías, estadista e profeta. Daniel, ministro de Estado na Babilônia. Jeremias e Zacarias, sacerdotes e profetas. Amos, agricultor e vaqueiro. Pedro, Tiago e João,

pescadores. Mateus, funcionário público romano. Lucas, médico e historiador. Paulo, teólogo e erudito.Apesar da variedade de formação e ocupação dos escritores da Bíblia, examinados os seus escritos, é incrível notar como eles se harmonizam e se inteiram do começo ao fim. Eles não tomam rumos diferentes. Do começo ao fim eles tratam dum só assunto, formando um só livro (A Bíblia Através dos Séculos – Edições CPAD – Pag.37)

b) As Condições

Foram as mais variadas as condições sob as quais os escritores da Bíblia receberam e registraram a Palavra de Deus. Note, por exemplo: Moisés escreveu os seus livros nas solitárias paragens do deserto durante a peregrinação do Egito para Canaã. Jeremias, nas trevas e imundícies dum cárcere. Davi, nas campinas e elevações dos campos. Paulo escreveu suas epístolas ora em prisões, ora em viagens. João escreveu o Apocalipse na ilha de Patmos quando exilado por causa do testemunho de Jesus Cristo.

Não obstante tantas e diferentes condições em que os livros da Bíblia foram escritos, juntos eles são duma uniformidade incrível. O pensamento de Deus, e não propriamente o dos seus escritores, corre uniforme e progressivamente através dela, como um rio que brotando da sua nascente, assemelha-se a um tênue fio dágua que vai se avolumando até se tornar num caudaloso "Amazonas" de Deus. Esta harmonia e perfeição é uma característica exclusiva do Livro de Deus.

c) As Circunstâncias

Foram as mais diversas as circunstâncias às quais estavam sujeitos os escritores da Bíblia quando tiveram de escrever os seus respectivos livros. Partes dos escritos do rei Davi foram feitos no calor das batalhas, enquanto que Salomão escreveu na paz e conforto dos seus palácios. Alguns dos profetas escreveram os seus livros em meio à mais profunda tristeza, ao passo que Josué escreveu o seu livro em meio às alegrias da conquista de Canaã. Apesar dessa pluralidade de condições, a Bíblia apresenta uma uniformidade incrível a fluir suavemente do Gênesis ao Apocalipse.

2.O Porquê da Harmonia e Unidade da Bíblia

Se a Bíblia fosse um livro resultante de esforços puramente humanos, certamente que a sua composição seria algo extremamente confuso e indecifrável. Seria uma verdadeira Babel.

a) A Confusão do Homem e a Harmonia Divina

Imaginemos quarenta dos melhores escritores da atualidade, providos de todos os recursos necessários, isolados uns dos outros, em situações as mais diversas, cada um com a missão de escrever um livro que juntado aos demais livros formasse um todo perfeito e harmônico. Qual seria o resultado de tão empreendedor esforço? Não há dúvida, o resultado seria algo confuso. Teríamos algo semelhante a uma colcha de retalhos, de cores e texturas diferentes. Seria uma verdadeira miscelânea.

Pois bem, imaginemos isto acontecendo nos antigos tempos em que os livros da Bíblia foram escritos. A confusão seria muito maior. Numa época em que os meios de comunicação em nada se assemelhavam aos de nossos dias, nada a não ser a mente inteligente de Deus assegurou o sucesso e a harmonia das Escrituras.

b) A Catedral da Revelação Divina

"Grandes catedrais, como as de Milão e Colônia, precisaram de séculos para serem edificadas. Centenas de milhares de trabalhadores foram empregados. Certamente ninguém necessita ser informado que por trás do trabalho desses edificadores havia algum arquiteto que construiu mentalmente esse templo, antes de ser lançada a pedra de fundamento, e que esse arquiteto, antes de mais nada, traçou os planos e forneceu até mesmo as especificações minuciosas, de modo que a estrutura deve sua simetria inigualável, não aos trabalhadores braçais que fizeram o trabalho bruto, mas àquele único arquiteto, ó cérebro da construção, que planejou a catedral em sua totalidade.

"A Bíblia é uma majestosa catedral. Muitos edificadores humanos, cada um por sua vez, contribuíram para a estrutura. Mas, quem é o arquiteto? Que mente una foi aquela que planejou e enxergou o edifício completo, antes que Moisés tivesse escrito aquelas primeiras palavras do Gênesis, as quais, não por acidente, mas tendo o propósito de gravar nome do arquiteto no vestíbulo, são estas: 'No princípio, Deus'?"(Teologia Elementar – Imprensa Batista Regular – Pág.11).

IV. JESUS, O TEMA DAS ESCRITURAS

A Bíblia está repleta de Jesus. Toda a profecia o tem como tema. As Escrituras nos fornecem a linha da descendência de Cristo, o Messias de Deus. Ele havia de ser a semente da mulher; da raça de Sem; da linhagem de Abraão, por meio de Isaque e Jacó; da tribo de Judá e da família de Davi.As Escrituras registram eventos futuros relacionados à Pessoa e ministério terreno de Cristo. Desde o lugar do seu

nascimento até a sua segunda vinda e seu reino eterno - tudo foi predito em termos inequívocos, do Gênesis ao Apocalipse.

1. Cristo, do Gênesis ao Apocalipse

Estudiosos da Bíblia têm calculado que mais de trezentos detalhes proféticos foram cumpridos fielmente em Cristo. Aqueles que ainda não foram cumpridos, referem-se à sua segunda vinda e ao seu reino, ainda futuros.

a) Cristo no Pentateuco

O Pentateuco compreende os primeiros cinco livros da Bíblia, escritos por Moisés. Eles falam de Cristo como o descendente da mulher, o nosso Cordeiro Pascal, q nosso Sacrifício pelo pecado, Aquele que foi levantado pára nossa cura e redenção, e o Verdadeiro Profeta.

b) Cristo nos Livros Históricos

Os livros históricos agrupam os livros da Bíblia que vão desde Josué até o livro de Ester. Da dramaticidade dos seus relatos, se sobressai a figura singular do Salvador como: o Capitão da nossa salvação, o nosso Juiz e Libertador, o nosso Parente Resgatador, o nosso Rei Soberano, o Restaurador de nossas vidas, e a divina corte de apelação das causas perdidas.

c) Cristo nos Livros Poéticos

O conjunto de livros que formam a seção dos livros poéticos compreende os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Na Bíblia eles se irmanam na exaltação do Senhor Jesus Cristo como o nosso Redentor que vive, o nosso Socorro e Alegria, a Sabedoria de Deus só achada pelos diligentes madrugadores, o Alvo Verdadeiro, e o Amado da nossa alma.

d) Cristo nos Livros Proféticos

Os livros proféticos do Antigo Testamento são os livros compreendidos desde Isaías até Malaquias. Neles o espírito profético vaticina a humanização, humilhação e glorificação do Messias. Eles o apresentam como o Messias que há de vir, o Renovo da Justiça, o Filho do homem, o Soberano de toda a terra cujo trono jamais será removido, o Marido fiel, o Restaurador benevolente, o Lavrador divino, o nosso Salvador imutável, a nossa Ressurreição e Vida, a Testemunha Fiel contra as nações rebeldes, a nossa Fortaleza no dia da angústia, o Deus da nossa salvação, o

Senhor Zeloso, o Desejado de todas as nações, o Pastor ferido, o Sol da Justiça.

e) Cristo no Novo Testamento

O Cristo vaticinado no Antigo Testamento encontra nos escritos do Novo a sua maior expressão. Este o apresenta como o Messias manifesto, o Servo de Deus, o Filho do homem, o Filho de Deus, o Senhor redivivo, a divina Causa da nossa justificação, o Senhor nosso, a nossa Suficiência, o nosso Libertador do jugo da Lei, o nosso Tudoem todas as coisas, a nossa Alegria e Gozo, a nossa Vida, Aquele que há de vir, o Senhor que vai voltar, o nosso Mestre, o nosso Exemplo, o nosso Modelo, o nosso Senhor e Mestre, o nosso Intercessor junto ao Pai, a Preciosa Pedra Angular da nossa fé, a nossa Força, a nossa Vida, o nosso Caminho, Aquele que há de vir com milhares dos seus santos e anjos, e o Triunfante Rei dos reis e Senhor dos senhores.

2. Jesus Aprovou a Bíblia

Em Jesus a Bíblia teve o seu mais leal defensor. De que modo Jesus deu a sua aprovação às Escrituras?

a) Jesus Leu a Bíblia

"E, chegando [Jesus] a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro, e tornando a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos" (Lc 4.16-21).

b) Jesus Ensinou a Bíblia

"E [Jesus] lhes disse: ô néscios, e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras" (Lc 24.25-27).

c) Jesus Chamou a Bíblia de "a Palavra de Deus"

"Porém vós dizeis: Se um homem disser ao pai ou à mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor; nada mais lhe deixais fazer por seu pai ou por sua mãe, invalidando assim a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes. E muitas coisas fazeis semelhantes a estas" (Mc 7.11-13).

c) Jesus Cumpriu a Bíblia

"E disse-lhes [Jesus]: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco. Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos" (Lc 24.44). Jesus também afirmou que as Escrituras são a verdade (Jo 17.17). Ele viveu e procedeu de acordo com elas (Lc 18.31). Declarou que o escritor Davi falou pelo Espírito Santo (Mc 12.35,36). No deserto, ao derrotar o inimigo, fê-lo citando a Palavra de Deus (Dt 8.3; 6.13,16; Mt 4.1-11).

V. A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

A investigação do caráter das Escrituras se constitui num esforço no sentido de descobrir a verdadeira base da sua autoridade. As Escrituras do Antigo e Novo Testamento formam um cânon devido ao fato de que estas são palavras ou oráculos autorizados. A autoridade das Escrituras é inerente, sendo como é, nada menos que um edito imperial: "Assim diz o Senhor".

1. Bases da Autoridade das Escrituras

O mundo moderno, que se encontra vacilante entre a influência desmoralizadora dos ideais satânicos e das filosofias de homens sem Deus não aprecia nem respeita a Bíblia. Podemos dizer, porém, que até mesmo essa manifesta hostilidade que o mundo tem para com a Bíblia, se constitui, dalgum modo, numa prova do caráter sobrenatural dela, positivamente analisado é uma prova insofismável da autoridade das Escrituras.

a) A Bíblia Emana de Deus

Declarar das Escrituras como elas fazem de si mesmas, que são de origem divina (2 Tm 3.16), é reconhecer a autoridade suprema que só pertence a Deus e que elas procedem diretamente de Deus. Isto significa que, em seu caráter plenário, as Escrituras são, em sua totalidade, a Palavra de Deus. Elas possuem a peculiaridade indiscutível de ser nada menos que o decreto real divino - "Assim diz o Senhor".

b) A Bíblia foi Escritapor Homens Escolhidos

Este aspecto da autoridade bíblica está estranhavelmente relacionada com o fato de que a mensagem que esses homens escolhidos receberam e registraram, era inspirada por Deus (2 Pd1. 20,21). A contribuição específica que isto dá ao estudo da autoridade bíblica é que garante que a participação humana na autoria da Bíblia não afeta em nada a perfeição e valor infinito da mensagem divina através do LivroSagrado. As Escrituras são inerrantes, acima de tudo, porque procedem de Deus.Prova evidente de que a autoridade da Bíblia independe dos homens inspirados que a escreveram, reside no fato de que mesmo aqueles livros cujos nomes dos autores são ignorados, são inspirados por Deus tanto quanto os demais que compõem o cânon sagrado.

c) A Bíblia foi Crida Pelos que a Receberam

No caso do Antigo Testamento, a congregação de Israel, sob a liderança de seus anciãos, reis, sacerdotes e profetas, deu sua aprovação àqueles escritos como sendo divinamente inspirados e inerrantes. No caso do Novo Testamento, a Igreja primitiva deu sua sanção aos escritos aí contidos, completando, assim, o cânon das Escrituras. Sem terem consciência, tanto num caso como no outro, de que estavam sendo usados por Deus para realizar um objetivo tão importante aprovaram o cânon da Bíblia como algo de singular valor para todos os homens, em todos os lugares e em todos os tempos.

d) A Bíblia foi Autenticada por Jesus

Os quatro Evangelhos contêm nada menos do que trinta e cinco referências diretas do Antigo Testamento, citadas diretamente por Jesus. Estas, como se pode notar, não apenas registram seu testemunho no tocante ao caráter divino da inspiração plenária das Escrituras, mas também, tomadas como um todo completam o Antigo Testamento e certificam os aspectos plenários da sua perfeição.

Quando Cristo declarou: “Eu sou... a verdade” (Jo 14.6). Ele estava declarando ser algo mais que a verdadeiro. Ele se declarou como sendo a verdade no sentido em que Ele é o tema central da Palavra da Verdade. Ele é o Amém, a testemunha Fiel e Verdadeira (Ap 1.5; 3.14; Is 55.4).

2. Os Antigos Atestaram as Escrituras

Os profetas do Antigo Testamento foram divinamente incumbidos de transmitir ao povo os oráculos de Deus, do mesmo modo também os escritores do Novo Testamento. Quando falava com o apóstolo João na ilha de Patmos, o anjo disse:''...eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas...” (Ap 22.9). A lei mosaica designou responsabilidades específicas a vários grupos e ofíciosdo Antigo Testamento com respeito às escrituras.

a) As Escrituras com Relação ao Povo Israelita

À congregação de Israel foi dito: “Não acrescentarás à Palavra que vos mando, nem diminuíres dela, para que guardais os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos mando” (Dt 4.2). Está entendido que o povo não possuía autoridade para questionar o valor da Palavra de Deus, nada podendo aumentar ou omitir dela. Cabia-lhe apenas obedecer-lhe.

b) As Escrituras em Relação ao Rei

A obrigação do rei de Israel para com as Escrituras era como se segue: “Será também que, quando se assentar sobre o trono do seu reino, então escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos sacerdotes levitas. E terá consigo, e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor seu Deus, para guardar todas as palavras desta lei, e estes estatutos, para fazê-los” (Dt 17.18,19). O rei possuía autoridade governamental para matar ou manter vivo a quem ele quisesse, porém, em relação à Palavra de Deus ele tinha o dever de obedecer a ela. Nesta particular, o rei em nada era superior ao mais humilde de seus súditos.

c) As Escrituras em Relação aos Juízes

Os juízes eram mediadores em assuntos comuns, domésticos, dentro da nação de Israel, porém se fosse trazido perante eles algum assunto muito difícil de resolver, apelavam para o sacerdote, que servia como suprema corte entre os juízes. O juiz era instruído da seguinte maneira: “Quando alguma coisa te for dificultosa em juízo...então te levantarás, e subirás ao lugar que escolher o Senhor teu Deus; e virás aos sacerdote levitas, e ao juiz que houver naqueles dias, e inquirirás, e te anunciarão a palavra que for do juízo. E farás conforme ao mandado da palavra que te anunciarão do lugar que escolher o Senhor; e terás cuidado de fazer conforme a

tudo que te ensinaram” (Dt 16.18-20; 17.8-12). Os juízes eram constituídos sobre o povo para exercer o juízo conforme a Lei, conforme a Palavra do Senhor.

d) As Escrituras em Relação aos Levitas

Aos levitas foi a custódia das Escrituras. Deste modo eles foram instruídos a procederem da seguinte maneira: “Tomai este livro da Lei e ponde-o ao lado da arca do concerto do Senhor, vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti ” (Dt 31.26).

e) As Escrituras em Relação aos Profetas

Aos profetas foi confiada a sublime responsabilidade de receber e comunicar a Palavra de Deus. A prova entre o verdadeiro e o falso profeta era tanto razoável como natural. As instruções eram: “E se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o Senhor não falou?Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.

VI. A CONONICIDADE DAS AECRITURAS

A palavra cânon significa norma ou vara de medir. Referindo-se à Bíblia, designa coleção de livros que foram aceitos por sua autenticidade e autoridade divinas. Significa que estes livros são norma de conduta da Igreja e do cristão. Como se formou, pois, o cânon sagrado?

1. Provas da Canonicidade das Escrituras

Antes de responder como se formou o cânon sagrado, devemos ter em mente que certos livros foram considerados canônicos antes mesmo de serem submetidos a qualquer prova de canonicidade. Os critérios usados para pôr à prova um texto, a fim de saber se ele era ou não canônico (sagrado), só provavam o que o texto continha. Nada mais que isso. Deste modo, nem a igreja nem os concílios tinham o poder de fazer com que um livro fosse ou não autêntico. Por si só o livro era ou não canônico. Que provas aplicou a Igreja para determinar a canonicidade dos livros que viriam a se incorporar à Bíblia Sagrada como a conhecemos hoje?

1° Houve a investigação da autoridade do escritor do livro. Em relação ao Antigo Testamento, tinha que ser reconhecida a autoridade do autor do livro em exame. Em relação ao Novo Testamento, o livro tinha de ter sido escrito ou respaldado por um

dos apóstolos do Senhor Jesus Cristo, para ser reconhecido como canônico. Noutras palavras, tinha de estar firmado pela a autoridade apostólica. Pedro, por exemplo, respaldou Marcos, e Paulo a Lucas.

2° Os livros mesmos deveriam oferecer alguma evidência interna de seu caráter único, como inspirados e de autoridade. O conteúdo devia satisfazer o leitor, como algo diferente de qualquer outro livro, em que comunicava a revelação de Deus.

3° O veredito das igrejas locais quanto à natureza desses livros era importante. Na verdade, houve entre elas uma surpreendente unanimidade quanto à certeza de que os livros aprovados podiam ser contados no número dos livros inspirados por Deus.

2. A Formação do Cânon Sagrado

Alguns estudiosos dizem que os livros do Antigo Testamento canônicos, foram colecionados e reconhecidos por Esdras, no V século a.C. Em referências feitas pelo o historiador Flávio Josefo (ano 95 d.C.) e de outros escritores do ano 100 d.C., está indicado que o cânon do Antigo Testamento compreendia trinta e nove livros, que são os que conhecemos hoje. O senhor Jesus delimitou a extensão dos livros canônicos do Antigo Testamento quando acusou os escribas de serem culpados da morte de todos os profetas que foram desde Abel até Zacarias (Lc 11.51). O relato da morte de Abel se encontra, naturalmente, em Gênesis, porém o de Zacarias está em 2 Crônicas 24.20,21, que é o último livro da Bíblia hebraica. Portanto, é como se Jesus tivesse dito: “Vosso pecado vem assinalado ao longo de toda a Bíblia, desde Gênesis até Malaquias”, excetuando os livros apócrifos que existiam em seu tempo e que continham as historias doutros mártires.

O primeiro concílio da Igreja que fez vinte e sete livros do Novo Testamento, foi o concílio de Cartago, na África, no ano 397, da nossa Era. Livros soltos do Novo Testamento já eram considerados como Escritura canônica bem antes deste tempo (2 Pd 3.17; 1 Tm 5.17), enquanto que a maioria foi aceita nos anos posteriores ao apóstolos. A seleção do cânon foi um processo que continuou até que cada livro mostrou seu valor para ser reconhecido como realmente canônico. Os livros apócrifos nunca foram aceitos pelos judeus nem pelo Senhor Jesus Cristo como parte do Antigo Testamento. Foram respeitados, mas nunca considerados parte inseparável das Escrituras Sagradas aceitas como divinamente inspiradas.

3. Merece confiança o Cânon Sagrado?

Desde os tempos de Moisés (cerca de 1450 a.C.) até os tempos de Malaquias (cerca de 400 a.C), as cópias originais do Antigo Testamento eram feitas em pergaminho e papiro. Até o sensacional achado dos rolos do mar morto, em 1947, não possuíamos cópias do Antigo Testamento anteriores ao ano 895 da nossa Era.Quando os rolos do mar Morto foram descobertos, os estudiosos tinham a certeza de terem em mãos um texto hebraico do II ou do I Século antes de Cristo. A comparação dos textos contidos nesses rolos com os textos até então conhecidos, dos quais foram feitas as traduções da septuaginta e da Vulgata latina, se constituem provas mais que sobejas de que o Texto Sagrado que conhecemos e possuímos hoje, é da mais absoluta autenticidade.Mais de 5.000 manuscritos do Novo Testamento podem ser encontrados hoje, o que torna o documento mais autêntico de todos os escritos da antigüidade.

Na opinião geral, a Bíblia é exclusivamente História Sagrada, testemunho de crença para os cristãos de todo o mundo. Na verdade ela é, ao mesmo tempo, um livro de acontecimentos reais. Certo, sob este ponto de vista, ela carece de integralidade, porque o povo judeu escreveu sua história somente em relação a Jeová e sob o ponto de vista de seus pecados e expiação. Mas esses acontecimentos são historicamente genuínos e se têm revelado de uma exatidão verdadeiramente espantosa.Com o auxílio dos resultados das explorações, diversas narrativas bíblicas podem ser agora muito mais bem compreendidas e interpretadas do que antes. Verdade é que existem correntes teológicas para as quais vale a palavra e nada mais que a palavra. "Mas como se poderá compreendê-la", esclarece o Prof. André Parrot, arqueólogo francês mundialmente famoso, "se não for possível encaixá-la no seu preciso quadro cronológico, histórico e geográfico?"

Até agora o conhecimento destas descobertas extraordinárias era privilégio de um pequeno círculo de peritos. Ainda há meio século se perguntava o professor Friedrich Delitzsch, em Berlim: "Para que tantas fadigas em terrasdistantes, inóspitas e perigosas? Para que esse dispendioso revolver de escombros multimilenários, até atingir as águas subterrâneas, onde não se encontra ouro nem prata? Para que essa competição das nações no sentido de assegurarem para si o privilégio de escavar essas áridas colinas?" O sábio alemão Gustav Dalman deu-lhe, em Jerusalém, a resposta adequada, quando expressou a esperança de que, um dia, tudo o que as

pesquisas "viram e comprovaram seria não só valorizado em trabalhos científicos mas também utilizado praticamente na Escola e na Igreja"...

Nenhum livro da história da humanidade já produziu um efeito tão revolucionário, exerceu uma influência tão decisiva no desenvolvimento de todo o mundo ocidental e teve uma difusão tão universal como o "Livro dos livros", a Bíblia. Ela está hoje traduzida em 1.120 línguas e dialetos (isto em 1955) e, após dois mil anos, ainda não há qualquer sinal de que haja terminado a sua carreira triunfal (E A Bíblia Tinha Razão – Edições Melhoramentos – Pág.9).

VIII. O VALOR ETERNO DAS ESCRITURAS

Mesmo como composição literária, a Bíblia se constitui o livro mais notável jamais visto pelo mundo. De todos os escritos, ela é o mais antigo, e contém uma memória do mais vivo interesse. A história de sua influência é a história da civilização e do progresso. Não se pode apontar quase nenhuma passagem deste admirável livro que não tenha trazido instrução e conforto a milhares. Sob este ponto de vista único, merece a Bíblia a nossa particular atenção e reverente respeito.

1. Os Dois Testamentos se Completam

Antigo e Novo Testamentos se inteiram aumentando o valor um do outro. Como uma prova da estreita relação entre as duas dispensações, e da sanção dada, no Novo Testamento, ao Antigo, contém o primeiro cerca de duzentas e sessenta citações diretas do último, dando cerca da metade delas mais o sentido do que as palavras textuais; e as alusões são ainda mais numerosas, sendo o seu número talvez maior do que trezentos e cinqüenta.Os dois Testamentos contêm um mesmo plano de religião; nenhuma das partes pode ser entendida sem a outra. O livro de Levítico ajuda na compreensão da Epístola aos Hebreus, enquanto que Daniel ajuda na compreensão de Apocalipse. Ambos os Testamentos tratam apenas de um assunto do princípio ao fim.Na verdade a Escritura é como o oceano, extremamente límpido, mas insondável. Ela parece dizer aos milhares que a estudam: "Meus tesouros são inexauríveis; nunca me ponhais de lado, mas examinai-me incessantemente" (Compêndio de Teologia – Editora Nazarena – Pág. 36).

2.O Divino Intérprete das Escrituras

Os mais ricos tesouros das Escrituras não se podem descobrir a menos que o Espírito Santo os revele" (Sl 119.18; Lc 24.45; Jo 16.13; 1 Co 2.9-16). É com a luz

do Espírito Santo que ficamos convencidos da verdade da Bíblia, ou da verdadeira significação de determinadas passagens (Jo 7.17; 1 Co 2.13). O "intérprete", em cuja casa o Peregrino de Bunyan viu tantas maravilhas, é o Espírito Santo. Além disso, a Escritura interpreta a própria Escritura. Deste modo, não há uma só passagem que, obscura mas contendo alguma verdade importante, não seja explicada em algum outro lugar.A Bíblia, escrita sob a orientação daquele a quem todos os corações estão descobertos e que conhece todos os acontecimentos futuros, contém ensinos próprios para proveito da humanidade em todos os sentidos e em todos os tempos (Rm 11.4; 1 Co 10.11; 2 Tm 3.15-17). Os melhores escritos de um sábio, depois de algumas leituras, como as flores colhidas, murcham em nossas mãos e perdem a sua fragrância; mas estas flores imortais da verdade divina tornam-se cada vez mais belas aos nossos olhos, emitindo diariamente novos perfumes e suave cheiro, e aquele que uma vez o tenha sentido, deseja-o de novo, e aquele que sente mais vezes sabe apreciá-lo mais (Sl 1.2; 119.11,97; Jó 23.12; Jr 15.16). Neste particular, as Escrituras assemelham-se ao Jardim do Éden, onde se acha toda a espécie de árvore que é agradável à vista e boa para alimento espiritual, inclusive a Árvore da Vida, que é dada para a salvação das pessoas (Pv 3.13-18; Ap 22.2).

3.Este Livro Singular

A Bíblia tem gozado duma aceitação no mundo jamais igualada por qualquer outro livro. A literatura daGrécia que se levanta como incenso dessa terra de templos e atos heróicos, não tem tido a metade da influência que tem tido este livro produzido numa nação menosprezada tanto no passado como no presente... A Bíblia é encontrada tanto na choupana do homem pobre quanto nos palácios reais. Está entrelaçada na literatura do erudito e adorna o eloqüente falar dos sábios. Ela entra na privacidade dos homens mesclando de alegria as tristezas da vida.

A Bíblia atende os homens nas suas enfermidades, quando a febre do mundo abate-se sobre eles... É a Bíblia a melhor parte de nossos sermões; ela levanta o homem por sobre si mesmo. Nossas melhores orações estão baseadas em suas histórias com as quais nossos pais e os patriarcas oraram. O homem tímido, a ponto de despertar-se do sono de sua vida, mira através do límpido cristal das Escrituras e seus olhos voltam a brilhar: não tem medo de estar só, andar em caminhos desconhecidos e distantes, tomar a mão do anjo da morte e dizer adeus à esposa e aos filhos queridos... Mil famosos escritores deste século poderão já não serem

lembrados no próximo, porém o fio de prata da Bíblia não está frouxo, nem a taça de ouro da revelação divina está a desmoronar. Como uma crônica do tempo, duas dezenas de séculos são passados, contudo a Bíblia continua como um monumento eterno.

Aqueles que negligenciam a sua Bíblia não imaginam o prazer que perdem por não voltarem os seus olhos à contemplação do objeto mais sublime e mais encantador dos que produziram o Universo inteiro.

QUESTIONÁRIO DE BIBLIOLOGIA

1. Quais as quatro razões básicas da necessidade das Escrituras?
2. Por que a queda do homem torna necessárias as Escrituras?
3. De que modo o amor de Deus torna necessárias as Escrituras?
4. De que maneira a Igreja torna necessárias as Escrituras?
5. Que utilidade tem as Escrituras para o cristão individualmente?
6. O que se entende por "inspiração" em relação às Escrituras?
7. O que as Escrituras ensinam acerca da sua inspiração?
8. O que se entende por "inspiração mecânica" das Escrituras?
9. O que se entende por "inspiração dinâmica" das Escrituras?
10. O que se entende por "inspiração orgânica" das Escrituras?
11. Dê três provas bíblicas da inspiração das Escrituras.
12. De que modo a História da Igreja aprova a inspiração das Escrituras?
13. O que se entende por harmonia e unidade das Escrituras?
14. Cite pormenores da harmonia das Escrituras considerando os escritores, as condições e as circunstâncias em que seus livros foram escritos.
15. De acordo com o capítulo, qual a razão básica da harmonia e unidade das Escrituras?
16. O grande tema das Escrituras é: Abraão, Moisés, Davi ou Jesus?
17. De que modo Jesus aprovou as Escrituras como a inspirada Palavra do pai?
18. De acordo com o capítulo, quais as bases da autoridade das Escrituras?
19. Que conceito fazia a congregação de Israel em relação às Escrituras do seu tempo?
20. Quanto às Escrituras, o que recomendava Deus aos reis em Israel?
21. Que relação tinham os juízes em Israel com as Escrituras?
22. Em relação ás Escrituras, que faziam os levitas?
23. Que vínculo havia entre os profetas do Antigo Testamento e as Escrituras?

24. Dê três provas da canonicidade das Escrituras.

25. Como se formou o cânon sagrado?

26. Cite duas razões porque o cânon sagrado merece confiança.

27. De que modo o Antigo e Novo Testamentos se completam?

TEOLOGIA

INDICE

I. A EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Formas de Negação da Existência de Deus

a) O Ateísmo

b) O Agnosticismo

c) O Deísmo

d) O Materialismo

e) O Panteísmo

2. Provas Bíblicas Quanto à Existência de Deus

a) "No princípio... Deus..."

b) Fé na Revelação Bíblica

3. Deus Estava em Cristo

4. Argumentos Racionais da Existência de Deus

a) O Argumento Ontológico

b) O Argumento Cosmológico

c) O Argumento Teleológico

d) O Argumento Moral

e) O Argumento Histórico

5. O Testemunho do Espírito Santo no Crente

a) Como Provar a Realidade de Deus?

b) O Espírito Santo Revela Deus

II. A REVELAÇÃO DE DEUS

1. Deus Revelado na Natureza

a) A Natureza, o Espelho de Deus

b) O Perigo da Rejeição Desta Revelação

2. Deus Revelado a Israel

a) A Revelação de Deus na História

b) Relação e Revelação de Deus

c) Guardado sob Juramento Divino

3. Deus Revelado aos Profetas

a) Resumo da Teologia e da Piedade

b) A Quem Deus se Revela

c) A Revelação Divina Através da Palavra

4. Deus Revelado aos Apóstolos

5. Deus Revelado à Igreja

a) O Agente Revelador de Deus à Igreja

b) Revelando o Mistério do Beneplácito de Deus

c) Uma Maior Revelação

III.A NATUREZA DE DEUS

1. A Vida de Deus

2. A Espiritualidade de Deus

3. A Personalidade de Deus

IV.ATRIBUTOS NATURAIS DE DEUS

1. A Eternidade de Deus

2. A Imutabilidade de Deus

3. A Onisciência de Deus

4. A Onipotência de Deus

5. A Onipresença de Deus

6. O Conselho de Deus

7. A Soberania de Deus

V. ATRIBUTOS MORAIS DE DEUS

1. A Veracidade de Deus

2. A Justiça de Deus

3. A Graça de Deus

4. A Bondade de Deus

5. O Amor de Deus

6. A Misericórdia de Deus

7. A Longanimidade de Deus

8. A Santidade de Deus

VI. A TRINDADE DIVINA

1. A Trindade na Bíblia

2. Deus Pai

3. Deus Filho

4. Deus Espírito Santo

TEOLOGIA

INTRODUÇÃO

Não obstante ser um livro que trata essencialmente de Deus e do seu relacionamento com o homem, a Bíblia não tem como propósito primeiro provar a existência de Deus fato indiscutível e pacífico no decorrer de toda a narrativa bíblica.Assim como a Bíblia, a Teologia não se propõe a dissecar o ser de Deus, mas a apresentá-lo ao nível da compreensão humana. É evidente que Deus como um Ser eterno, onisciente, onipotente, onipresente e santo, jamais poderia ser aquilatado na sua plenitude pelo homem cuja capacidade é mui limitada em si mesma. Se a Bíblia diz que os céus, nem os céus dos céus pode conter a Deus (1 Rs 8.27), como que a nossa ínfima compreensão seria capaz de aquilatá-lo? Comece por onde começar a nossa pesquisa do Ser divino, ela sempre esbarrará na declaração de Jesus à mulher samaritana: “Deus é Espírito..."(Jo 4.24).

I. A EXISTÊNCIA DE DEUS

Só tem sentido falar da existência de Deus, se cremos, realmente, que Ele existe. No estudo deste assunto, a Bíblia é infinitamente rica e definida. Ela não supõe apenas que há algo, alguma coisa, alguma idéia ou tendência a que se deve dar o nome de Deus.Absolutamente! Deus existe! Este é o insofismável testemunho das Escrituras.

1. Formas de Negação da Existência de Deus

Aqueles que se dão ao estudo comparativo das religiões são unânimes em afirmar que a crença na existência de Deus é de natureza universal. Essa crença acha-se arraigada até entre as nações e tribos mais remotas da terra. Contudo, isto não quer dizer que não existam aqui e ali pessoas que negam completamente a existência de Deus como revela a Escritura.Dentre as mais variadas formas de negação da existência de Deus, destacam-se as seguintes:

a) O Ateísmo

Entre as pessoas que negam a existência pessoal de Deus, estão os ateus. Destes, destacam-se duas classes: os ateus práticos e os ateus teóricos. Os primeiros são sensivelmente gente sem Deus, que, na vida prática, não reconhecem a Deus, e que vivem como se Deus de fato não existisse, “... que não há Deus são todas as suas

cogitações" (Sl 10.4). Os outros são geralmente uma classe mais intelectual, e baseiam sua negação da existência de Deus no desenvolvimento de um raciocínio meramente humano. Tratam de provar por meios que eles consideram argumentos razoáveis e conclusivos que Deus não existe.

b) O Agnosticismo

A palavra agnosticismo vem duma palavra de origem grega, que significa "não saber". O agnóstico crê que nem a Criação, e nem mesmo os alegados fatos quanto à existência de Deus podem fazê-lo conhecido. O adepto do agnosticismo diz crer unicamente no que pode ver e tocar. Assim, todas as demais coisas, incluindo a fé em Deus, são relativas. Isto é, o homem não pode saber qualquer coisa sobre Deus, haja vista que as alegadas provas de sua existência estão fora do domínio das coisas materiais.

c) O Deísmo

O deísmo admite a existência de Deus, contudo rejeita por completo a sua revelação à humanidade. Para o deísmo, Deus não possui atributos morais nem intelectuais, sendo até duvidoso que Ele tenha influído na criação do Universo. Noutras palavras, o deísmo é a religião natural baseada no raciocínio puramente humano.

d) O Materialismo

O materialismo declara que a única realidade é a matéria. O homem seria um animal apenas, por isso mesmo não é responsável por suas atitudes e atos. Ele ensina que os diferentes tipos de comportamentos físicos e psíquicos humanos são simplesmente movimentos da matéria. Por conseguinte, o homem não tem de que nem a quem prestar contas. Ora, se o homem, a obra máxima da criação divina, não é aquilo que a Bíblia diz ser, todos os perenes valores expressos nas Escrituras, inclusive os relacionados com a existência de Deus, são nulos.

e) O Panteísmo

O panteísmo ensina que no Universo Deus é tudo e tudo é Deus. Deus não é só parte do Universo, Ele seria o próprio Universo. O Hinduísmo é adepto deste falso ensino. O erro filosófico e religioso do panteísmo é confundir o Criador com a Criação."Para assegurar categoricamente a não-existência de Deus, o homem procura usurpar prerrogativas divinas tais como: a sabedoria e a onipresença de

Deus. Terá de explorar até os confins do Universo para estar certo de que Deus está ali. Há de interrogar a todas as gerações da humanidade e todas as hierarquias do Céu, para estar certo de que eles nunca ouviram falar de Deus" (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág. 19).

2. Provas Bíblicas Quanto à Existência de Deus

Ainda que a teologia ortodoxa e conservadora tem a existência de Deus como fato plenamente razoável, independentemente da fé, não se propõe a demonstrá-la por meio de argumentos lógicos.

a) "No princípio... Deus..."

A Bíblia não é nenhum diário de Deus, reunindo assim todas as indagações da mente humana sobre Ele. Há nela, sim, o suficiente à mente finita do crente. Suas primeiras palavras declaram enfática e inequivocamente: "No princípio... Deus..."(Gn 1.1). A pessoa que para provar a existência de Deus, vai além do que a Bíblia diz e do que a Criação testifica, pode chegar a resultados inúteis e desnecessários. Inúteis se não der crédito que Deus é galardoador dos que o buscam. Desnecessário, porque tende a forçar uma pessoa que não tem fé, a crer em Deus apenas por meio de argumentos lógicos. Ora, esse tipo de fé é apenas de conveniência, e não honra a Deus, uma vez que não vem por Ele. É fé humana que não alcança a revelação divina.

b) Fé na Revelação Bíblica

O cristão aceita por fé a verdade quanto à existência de Deus, segundo a revelação contida nas Escrituras. Não se trata de fé cega, mas da fé que se baseia na revelação de Deus através de Jesus Cristo e da sua Palavra inspirada.A Bíblia não só revela Deus como o Criador e sustentador de todas as coisas (Gn 1.1), como o Dirigente dos destinos dos indivíduos e das nações (Mt 6.26; Lc 12.24; Hb 1.3). A Bíblia afirma ainda que Deus fez todas as coisas segundo o conselho de sua vontade (Ef 1.11), revelando assim a realização gradual de seu grande e eterno propósito de redenção.

3. Deus Estava em Cristo

Inspirado pelo Espírito Santo, o apóstolo Paulo escreveu que "Deus estava em Cristo" (2 Co 5.19). Desse modo temos na Pessoa de Cristo a maior expressão da

existência de Deus; a maior revelação que o próprio Deus podia oferecer de si mesmo ao homem.O autor da epístola aos Hebreus fala acerca de Jesus Cristo, dizendo ser Ele "o resplendor da glória e a expressão exata do seu ser [isto é, do próprio Deus], sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da majestade nas alturas..."(Hb 1.3). É evidente que Deus se tem revelado doutras maneiras, mas através de Jesus é que Ele nos oferece a maior revelação de si mesmo. Em diferentes pontos do Novo Testamento, principalmente no Evangelho de João, Jesus se declara igual ao Pai quanto à sua essência, natureza e eternidade. Em Mateus 1.23, Cristo é identificado como Deus entre os homens. Cristo foi em carne tudo aquilo que Deus aprouve revelar de si mesmo ao homem, sendo essa a maior prova não só da sua eterna existência, mas também do seu amor pela pobre humanidade caída.

4. Argumentos Racionais da Existência de Deus

No transcorrer dos tempos, filósofos e pensadores têm buscado na filosofia, argumentos racionais sobre a existência de Deus. Alguns desses argumentos vêm de Platão e Aristóteles, filósofos gregos que viveram há mais de trezentos anos antes de Cristo. Outros argumentos foram formulados em tempos modernos pelos estudiosos da filosofia da Religião. Desses argumentos, os mais conhecidos são os seguintes:

a) O Argumento Ontológico

Este argumento tem sido apresentado de diversas formas, por diferentes pensadores. Em sua mais refinada forma, foi apresentado por Anselmo, teólogo e filósofo agostinista italiano. Seu argumento é que o homem tem imanente em si a idéia de um ser absolutamente perfeito e, por conseguinte, deve existir um ser absolutamente perfeito. Este argumento admite que existe na mente do próprio homem o conhecimento básico da existência de Deus, posto lá pelo próprio Criador.

b) O Argumento Cosmológico

Este argumento tem sido apresentado de várias formas. Em geral encerra a idéia de que tudo o que existe no mundo, deve ter uma causa primária ou razão de ser. Emanuel Kant, filósofo alemão, indicou que se tudo que existe tem uma razão de ser, isto deve ter um ponto de origem em Deus. Assim sendo, deve haver um Agente

único que equilibra e harmoniza em si todas as coisas.

c) O Argumento Teleológico

Este argumento é praticamente uma extensão do anterior. Ele mostra que o mundo ao ser considerado sob qualquer aspecto, revela inteligência, ordem e propósito, denotando assim a existência de um ser sumamente sábio. Por exemplo, o homem para viver, consome o ar, do qual retira todo o oxigênio, resultando disso o dióxido de carbono, inútil ao ser humano. As plantas, por sua vez, consomem o dióxido como elemento essencial, e produzem daí o oxigênio, que será novamente consumido pelo homem.

d) O Argumento Moral

Este, como os outros argumentos, também tem diversas formas de expressão. Usando este argumento, Kant partiu do raciocínio que deduz a existência de um Supremo Legislador e Juiz, com absoluto direito de governar e corrigir o homem. Esse filósofo era da opinião de que este argumento era superior a todos os demais. No intuito de provar a existência de Deus, ele recorria a tal argumento. A teologia moderna utiliza o mesmo argumento afirmando que o reconhecimento por parte do homem de um bem supremo e o seu anseio por um moral superior indicam a existência de um Deus que pode converter esse ideal em realidade.

e) O Argumento Histórico

A exposição principal deste argumento é a seguinte: Entre todos os povos e tribos da terra é comum a evidência de que o homem é um ser potencialmente religioso. Sendo universal este fenômeno, isso é parte constitutiva da natureza do homem. E se a natureza do homem tende à prática religiosa, isto só encontra explicação em um Ser superior que originou tal natureza que sempre indica ao homem esse Ser superior. É aqui que milhões de pessoas, porignorarem o único e verdadeiro Deus, se entregam à prática de religiões as mais exóticas e estranhas. É o anseio da alma na busca do Criador que ela ignora, por dele ter se afastado (Rm 1.20-33).

5. O Testemunho do Espírito Santo no Crente

O cristão tem dificuldade de entender como tão facilmente certas pessoas negam a existência de Deus. Professores abalizados, cientistas, filósofos, pensadores, e até certos teólogos, refutam a idéia da existência de um Deus pessoal, real e

eterno.Essas pessoas têm fechado os seus olhos para as abundantes evidências da existência de Deus, contidas no livro da sua lei - a Bíblia, e no seu livro da Natureza. Aceitam a mentira em detrimento da verdade. Neles se cumprem as palavras de Romanos 1.22,28; 1 Timóteo 4.1 e 2 Tessalonicenses 2.10-12.

a) Como provar a realidade de Deus?

Não se pode provar a existência de Deus por meios naturais assim como se prova a exatidão dum teorema matemático, ou de uma realidade química, cujos resultados serão sempre os mesmos. Por exemplo, em geometria descobrimos que a soma de três ângulos de um triângulo é sempre 180 graus. Em química a combinação de sódio e cloro resulta em cloreto de sódio (sal comum). Essas conclusões são fatos, e não meras especulações. Ontem, hoje e sempre a composição desses elementos terá sempre o mesmo resultado.Agora, quanto à realidade de Deus, só podemos nos apropriar pela fé, procurando-o pelos rastros que, Ele mesmo deixou em nossa alma. Para isto contamos com a potente e constante operação do Espírito Santo que em nós habita.

b) O Espírito Santo Revela Deus

A Bíblia apresenta o Espírito Santo como o "Espírito da verdade" e como aquele que testifica com o nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rm 8.16,17). Para aqueles que crêem na veracidade do testemunho do Espírito Santo, isto é bastante. Ora, se Deus não fosse real, como iria o Espírito levar-nos a crer sermos filhos do abstrato ou do inexistente? Deus é invisível, mas não irreal. Deus é Espírito, mas não inexistente. O crente pode senti-lo.

II. A REVELAÇÃO DE DEUS

A palavra revelação tem sentido de descobrir, descerrar, remover o véu. Assim sendo, quando a Bíblia fala da revelação divina, o pensamento em mente é o Deus Criador dando a conhecer ao homem o seu poder e glória, sua natureza e caráter, sua vontade, caminhos e planos, sua graça, seu amor, sua misericórdia, em suma, a si mesmo, a fim de que os homens possam conhecê-lo.

1. Deus Revelado na Natureza

Davi descreve a Natureza como o primeiro embaixador de Deus (Sl 29.1-6). Ele disse que os céus narram a glória de Deus. Também no seu tempo escreveu o

profeta messiânico: "Levantai ao alto os vossos olhos, e vede, quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelos seus nomes; por ser ele grande e forte em poder, nem uma só vem a faltar" (Is 40.26). De igual modo escreveu o patriarca Jó: "Mas, pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; e às aves dos céus, e elas to farão saber. Ou fala com a terra, e ela te instruirá; até os peixes do mar to contarão. Qual entre todos estes não sabe que a mão do Senhor fez isto?(Jó 12.7-9).

a) A Natureza, o Espelho de Deus

A Criação toda revela o Criador. Gênesis 1 e Salmo 104, mostram detalhadamente que Deus fez cada coisa para um fim determinado, colocando tudo também no lugar conveniente. Por isso, toda a Natureza se constitui num hino de louvor a Deus, conforme lemos no Salmo 108. O crente também deve sempre louvar a Deus, como Criador: "Tu és digno, Senhor Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Ap 4.11). Os povos pagãos, vizinhos de Israel, na sua cegueira espiritual, fizeram das forças da Natureza, divindades, às quais prestavam culto, ignorando que Deus as criou como veículos da sua revelação, como é mostrada nos Salmos 29 e 107. O trovão, por exemplo, é chamado voz de Deus (Sl 29.3), o terremoto (Hc 3.6), o fogo e o vento, por exemplo, são alguns agentes de juízo nas mãos de Deus.Os elementos na Natureza não manifestam por si mesmos, a presença divina. Isso seria confundir Deus com a Natureza, e assim cair no erro do panteísmo. Na bem conhecida cena de Elias no monte Horebe, a tempestade, o terremoto, o fogo e o som tranqüilo e suave, eram apenas elementos precursores da revelação pessoal de Jeová.

b) O Perigo da Rejeição Desta Revelação

No primeiro capítulo da Epístola de Paulo aos Romanos, está registrada a denúncia divina contra aqueles que, tendo contemplado as maravilhas da Criação de Deus, não o glorificaram como tal, antes tendo-se na conta de sábios aos seus próprios olhos, adoraram a criatura em lugar do Criador (Rm 1.18-21).

Ali eles são acusados de: **a)** mudarem a glória de Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de animais; **b)** mudarem a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo à criatura, em lugar do Criador. Por causa

das suas perversões, foram abandonados por Deus e entregues às paixões vis: Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes.A Natureza é, pois, qual espaçosa janela aberta em direção ao infinito, convidando o homem a adorar Àquele que tudo criou segundo o seu Santo e soberano conselho.

2. Deus Revelado a Israel

Deus fez do povo de Israel o centro de sua revelação na terra, para, através dele, abençoar toda a humanidade. Nenhum outro povo na terra, durante sua história, teve tanta certeza de que Deus age direta e pessoalmente com ele, quanto Israel. Disto dão prova os seguintes textos das Escrituras: Romanos 3.2 e Neemias 9.13.

a) A Revelação de Deus na História

A revelação de Deus na história de Israel é algo constante e patente. Ele atesta o seu favor, bem como sua provisão para com o povo que para si Ele escolheu. Milagres, tais como os relatados no livro de Êxodo, ou a fuga do exército assírio diante de Jerusalém no ano 701 a.C, provam a intervenção direta de Deus confundindo os inimigos do seu povo. Essa intervenção era posta em tão grande realismo, que os próprios fenômenos da Natureza lhe estavam sujeitos: a parada do Sol por Josué (Js 10.12), e o recuo da sombra como evidência de decisão divina de curar Ezequias (Is 38.8), mostram até que ponto aprouve Deus revelar-se ao povo que Ele escolheu para si.

b) Relação e Revelação de Deus

O fundamento da atitude religiosa de Israel era a aliança que Deus estabelecera entre si e a descendência de Abraão (Gn 17). Esta aliança foi uma imposição real mediante a qual Deus se comprometeu, perante os descendentes de Abraão, de ser o Deus deles, dessa maneira dispondo-os a invocá-lo como o Senhor Todo-poderoso. O fato de Deus tornar conhecido o seu nome (=Jeová), foi um testemunho da amistosidade do seu relacionamento com Israel. O nome, até certo ponto, significa tudo quanto uma pessoa é, pelo que, quando Deus disse aos israelitas qual era o seu nome, isso assinalou o fato de que, conforme Ele era, em todo o seu poder e glória, estava comprometido a cuidar do bem-estar deles.

c) Guardado sob Juramento Divino

Lendo o capítulo 15 de Gênesis, encontramos as bases da aliança de Deus com Israel, através do seu ancestral, o patriarca maior, Abraão. O citado capítulo registra a "aliança de sangue" (o contrato social de maior importância naquela época) e suas circunstâncias peculiares. Registra que Abraão caiu em sono profundo e que Deus, Ele mesmo, como um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo, passou entre as metades dos animais sacrificados que estavam no solo. Este era o selo da cerimônia.De modo geral, ambas as partes contratantes teriam de passar entre os animais divididos, significando que cada uma delas aceitava as obrigações que lhe eram impostas e as cumpririam.

O fato de Deus agir sozinho nessa cerimônia significativa constitui uma afirmação clara, naquela altura, quanto às intenções de cumprir suas promessas, sem levar em consideração o que Abraão e os seus descendentes pudessem ou não fazer! Desse modo, o contrato normal de aliança tomou o aspecto de uma aliança de juramento. Deus tomou e confirmou a decisão de escolher Israel e fazê-lo povo seu, decisão que não seria modificada por coisa alguma que o homem fizesse ou deixasse de fazer. Através de Israel Deus tencionava revelar sua beleza a todas as nações do mundo. Por conseguinte, Deus continuou revelando-se à comunidade de Israel através de suas palavras, de leis e de promessas.A principal ênfase da revelação de Deus a Israel recai sobre a sua fidelidade à aliança feita com Abraão, sua paciência e misericórdia, e sua lealdade aos seus propósitos. "Quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente te abençoarei, e te multiplicarei" (Hb 6.13,14).

3. Deus Revelado aos Profetas

O homem jamais conhecerá a Deus a não ser que o próprio Deus aja nesse sentido. O “fato da revelação de Deus é expresso com o auxílio dos seguintes termos: Deus se revela, Deus se deixa ver”(Gn 35.7,13;12.7). Deus torna conhecida a sua vontade e, também Deus fala, fato atestado pela tão conhecida expressão bíblica: "Assim diz o Senhor".

a) Resumo da Teologia e da Piedade

Deus se dá a conhecer ao homem e o homem deve com temor, humildade e obediência buscar conhecer a Deus. Este conhecimento comunicado por Deus a respeito de si mesmo, ao homem, é o único em seu objetivo, e, diversificado por

causa dos meios empregados, pois, sendo Deus o Senhor de tudo e de todos, Ele revela-se como bem lhe aprouver fazê-lo.

b) A Quem Deus se Revela

Geralmente a revelação de Deus está reservada primeiramente aos seus escolhidos, que o buscam, que o servem e andam em comunhão com Ele. Jesus Cristo disse: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele" (Jo 14.21). Segundo o rei Davi, "o segredo do Senhor é para os que o temem" (Sl 25.14). Essa revelação divina está condicionada às limitações humanas. Moisés pôde ver a Deus, apenas mediante determinadas condições (Ex 33. 17-23). Muitos dos profetas do Antigo Testamento registraram a experiência de um contato pessoal com a revelação de Deus. Dentre eles se destacam, evidentemente, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e Amos (Is 6.1; Jr 31.3; Ez 1.26-28; Dn 10.5,6; Am 9.11).

c) A Revelação Divina Através da Palavra

Escreveu o profeta Amos que "o Senhor não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Am 3.11). Aos profetas Deus manifestou os seus segredos não só pelo que lhes deu a ver, mas também pelas palavras que lhes comunicou.A palavra é o sinal característico do ministério profético (Jr 18.18). “Natã e Elias, dentre os primeiros profetas, aparecem como homens da palavra na sua boca” (Jr 1.9), nos seus ouvidos (Is 5.9; Jr 23.18,22).O profeta tem ingresso no conselho de Deus.Quando o profeta recebia a revelação de Deus, tinha plena consciência de que Deus o tomava naquele momento para isso. Ele sabia que não era apenas uma força ou inspiração que o tomava, mas uma pessoa viva, real e divina – Deus (Ez 11.5; 2 Sm 23.2; Is 52.15).

4. Deus Revelado aos Apóstolos

No Novo Testamento, Cristo é a suprema revelação de Deus, seguido dos apóstolos e escritores que prosseguiramrecebendo e transmitindo essa revelação até o Apocalipse. Cristo e os apóstolos são um cumprimento da figura de Moisés e dos profetas do Antigo Testamento como mediadores da revelação divina.O apóstolo Paulo, a quem Deus confiou grande parte da revelação divina no Novo Testamento, não foi contado com os doze, contudo recebeu profundas revelações, mistérios

ocultos no passado (Cl 1.26,27; Gl 1.11,12).

5.Deus Revelado à Igreja

Sobre a revelação de Deus nestes últimos dias à Igreja, diz o escritor da epístola aos Hebreus que havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho(Hb 1.1,2).

a) O Agente Revelador de Deus à Igreja

Quando Jesus falava aos seus discípulos e apóstolos, da necessidade de ausentar-se fisicamente dentre eles, disse que sua ausência seria suprida pelo agente revelador do Pai e do Filho, o Espírito Santo (Jo 16.13-15). O Espírito Santo jamais fala de si mesmo, mas comunica, aos santos, aquilo que o Filho quer revelar.

a) Revelando o Mistério do Beneplácito de Deus

Paulo declara que o "mistério" (segredo) do "beneplácito" de Deus, visando à salvação da Igreja e à restauração da humanidade caída, por meio de Jesus Cristo, foi agora revelado, depois de haver sido mantido oculto até o tempo da encarnação do Verbo Divino (Rm 16. 25,26; 1 Co 2. 7-10; Ef 1.9; 3.3-11). As origens da Igreja estão no eterno passado, conforme o propósito de Deus, mas a sua razão de ser e de existir no mundo é claramente mostrada na revelação de Deus sobre ela.

b) Uma Maior Revelação

Se grande foi a revelação dada por Deus a Israel, através da Lei, na pessoa de Moisés, maior é a revelação de Deus através de Cristo, comunicada pelo Espírito Santo à Igreja. A revelação divina confiada a Israel deveria ser o ponto de partida para que esse novo povo desse testemunho de Deus às demais nações da terra. Mas Israel falhou na sua vocação. Já a revelação de Deus à sua Igreja capacita-a a dar testemunho da grandeza de Deus, não só aos homens, mas também aos principados e potestades nos lugares celestiais (Ef 3.10). A marcha triunfal da Igreja, como coluna e baluarte da verdade, se constitui em mais uma prova indiscutível de que Deus existe e se compraz em se dar a conhecer aos filhos dos homens.

III. A NATUREZA DE DEUS

Deus pode ser revelado e crido mas jamais assimilado na sua plenitude, tampouco

pode ser analisado num tubo de ensaio de laboratório. O Catecismo de Westminster tenta dimensionar Deus quando diz: "Deus é espírito, infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade".

1. A Vida de Deus

A vida de Deus é intimamente ligada ao próprio fato da existência de Deus, estudada nas duas divisões anteriores. Há coisas que existem e no entanto não têm vida, como é o caso do Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro, os Alpes Suíços, a Cordilheira dos Andes, o Monte Everest, ou as grandes rochas de Gibraltar. Mas Deus não só existe, Ele é vivo; Ele possui vida. Ou melhor, Deus é a própria vida (Jo 5.26). Dele, nele, por Ele e para Ele emana tudo e todos os seres criados, animados e inanimados. São abundantes os textos das Escrituras que falam da vida de Deus (Jr 10.10-16).

Vida é um termo que não pode ser plenamente definido. A ciência define-a como uma correspondência entre os órgãos e o ambiente. Porém, quanto a Deus, significa muito mais que isso, visto que Deus não tem ambiente vivencial como temos aqui. A vida de Deus é sua atividade de pensamento, sentimento e vontade. É o movimento total e íntimo de seu ser que o capacita a formar propósitos sábios, santos e amorosos, e a executá-los (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág.25).

2. A Espiritualidade de Deus

Jesus disse que "Deus é Espírito" (Jo 4.24). Deus é Espírito com personalidade plena Ele pensa, sente e fala, podendo assim ter comunhão direta com suas criaturas feitas à sua imagem. Sendo espírito, Deus não está sujeito às limitações, às quais estão sujeitos os homens.Sua pessoa não se compõe de nenhum elemento material, e, portanto, não está sujeita às condições da existência natural. Não pode Ele ser visto com os olhos naturais nem apreendido pelos sentidos humanos. Este ensino não implica em que Deus tenha uma existência indefinida e irreal, pois Jesus se referiu à "forma de Deus" (Jo 5.37; Fp 2.6). Deus é uma pessoa real, mas de natureza tão infinita que não se pode descrevê-lo plenamente.

Declara o apóstolo João que "ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1.18). No entanto a Bíblia diz que Moisés e alguns dos anciãos de Israel "viram a Deus" (Ex 24.1-10). Nisto não há nenhuma contradição. O que João quer dizer é que nenhum homem jamais viu a Deus como Ele é, na sua essência e plenitude. Mas sabemos que Deus

pode manifestar-se em forma corpórea, sendo esta manifestação chamada "teofania". No Antigo Testamento Deus apareceu em forma dum anjo, chamado o "Anjo do Senhor" (Gn 16.9); "Anjo" da sua presença (Ex 32.34; 33.14);e o "Anjo da aliança" (Ml 3.1). Alguns eruditos dizem serem essas teofanias manifestações de Cristo no Antigo Testamento. Uma espécie de pré-encarnação de Jesus.Deus é insondável e inescrutável. O patriarca Jó perguntou certa vez: "Porventura... penetrarás até à perfeição do Todo-poderoso?"(Jó 11.7). A nossa resposta só pode ser: "Não temos com que tirar, o poço é fundo", usando a expressão da mulher samaritana (Jo 4.11).

3.A Personalidade de Deus

O ensino de que Deus é um ser pessoal, contrapõe-se ao ensino panteísta, segundo o qual Deus é tudo e tudo é Deus; que Deus é o Universo e o Universo é Deus; que Ele não existe independentemente daquilo que se alega ser sua criação. Pode-se definir personalidade como existência dotada de autoconsciência e do poder de autodeterminação. Não se deve, portanto, confundir personalidade com corporalidade ou existência corporal material, composta de cabeça, tronco e membros, tratando-se do homem. Corretamente definida, a personalidade. Abrange as propriedades e qualidades coletivas que caracterizam a existência pessoal e a distinguem da existência impessoal e da vida normal.

A personalidade, portanto, representa a soma total das características necessárias para descrever o que é um ser pessoal.O nome é uma das mais fortes evidências da personalidade de um ser. Um dos nomes mais importantes pelos quais Deus se tem feito conhecer no seu relacionamento com o homem é o de "Jeová".Foi por esse nome e suas várias combinações que Ele se revelou nos dias do Antigo Testamento. Tudo o que significa para nós o nome "Jesus", significa "Jeová" para o antigo Israel.O nome "Jeová", combinado com determinadas palavras, formam o composto deste nome santo, como se segue:

"Eu Sou" (Ex 3.14).

"Jeová-Jiré" = O Senhor provera (Gn 22.13,14).

"Jeová-Nissi" = O Senhor é nossa bandeira (Ex 17.5).

"Jeová-Rafá" = O Senhor que sara (Ex 15.26).

"Jeová-Shalom" = O Senhor nossa paz (Jz 6.24).

"Jeová-Raa" = O Senhor é meu pastor (Sl 23.1)

"Jeová-Tsidiquênu" = O Senhor justiça nossa (Jr 23.6).

"Jeová-Sabaot" = O Senhor dos Exércitos (1 Sm 1.3).

"Jeová-Samá" = O Senhor está presente (Ez 48.35).

"Jeová-Elion" = O Senhor Altíssimo (Sl 97.9).

"Jeová-Mikadiskim" = O Senhor que vos santifica (Ex 31.13).

A personalidade de Deus pode ser provada não só pelo que'Ele é, mas também pelo que Ele faz e pelos sentimentos que lhe são comuns. Deste modo, a personalidade de Deus pode ser vista:

Pelos pronomes pessoais empregados para distingui-lo (Jo 17.3; Sl 116.1,2).

Pelas características e propriedades de personalidade que lhe são atribuídas (Gn 6.6; 1 Rs 11.9; Dt 6.15; Ap 3.19; Pv 6.16).

Pelas relações que Ele mantém com o Universo e com os homens (Gn 1.1; Hb 1.3; Mt 10.29,30; Rm 8.28; Gl 3.26).

IV ATRIBUTOS NATURAIS DE DEUS

Dentre os atributos naturais de Deus, os mais conhecidos são os seguintes:

1.A Eternidade de Deus

A forma usada pela Bíblia para descrever a eternidade de Deus, simplesmente diz que a sua duração corresponde a idades sem fim (Sl 90.2,12; Ef 3.21). Devemos nos lembrar, porém, que ao falar assim, a Bíblia está a usar linguagem filosófica. Geralmente concebemos a eternidade de Deus como sendo uma duração de tempo indefinido que recua para o passado humano e que adentra o futuro idêntico. "Eternidade", no sentido estrito da palavra aplica-se ao que transcende a todas as limitações. O tempo tem relação estrita com os mundos dos objetos que existem em sucessão. Deus enche o tempo; está em cada partícula dele, porém sua eternidade não é a mesma coisa que existir limitado pelo tempo. A existência do homem, quanto ao tempo, está dividida em períodos compreendidos por dias, semanas, meses e anos. Não é assim a existência de Deus. Nossa vida está dividida em passado, presente e futuro. Porém, na vida de Deus, o passado, o presente e o

futuro se fundem no eterno agora. Ele é o eterno "Eu Sou" (Ex 3.14). A eternidade de Deus pode ser definida de maneira mais compreensível como aquela perfeição divina por meio da qual Ele se eleva sobre as limitações temporais.

2.A Imutabilidade de Deus

A imutabilidade é aquela perfeição, mediante a qual, Deus não está sujeito a qualquer mudança, não somente no seu Ser, mas também nas suas perfeições, propósitos e promessas. Na verdade, Deus é o "Pai das luzes em quem não pode existir variações, ou sombra de mudança" (Tg 1.17). É este Deus que habita na eternidade, que criou o mundo segundo o seu conselho, que foi encarnado em Cristo, e fez, sua morada na Igreja através do Espírito Santo. Se Deus é imutável, por que diz a Bíblia que ele se arrependeu de haver feito o homem na terra (Gn 6.6), e posteriormente de destruir a cidade de Nínive, como havia dito?(Jn 3.10). O termo "arrepender-se", neste caso significa "mudança de atitude" de Deus em decorrência do arrependimento do homem. O homem se arrepende no sentido do mal cometido, enquanto que Deus se arrepende no sentido de atitude, de suspender uma ação. O termo aplicado a Deus é uma antropomorfose,isto é, os escritores da Bíblia aplicam-no a Deus como se estivessem se referindo ao homem. Por exemplo: (Jr 18.7-10; 26.3,13). "Deus permanece o mesmo quanto ao seu caráter, abominando infinitamente o pecado, e em seu propósito de visitar com julgamento o pecador, quando, porém, Nínive mudou em sua atitude para com o pecado, Deus necessariamente modificou sua atitude para com Nínive. Seu caráter permanece o mesmo, mas seus tratos para com os homens mudam, à medida que os homens mudam de uma posição que é odiosa à inalterável indignação de Deus contra o pecado, para uma posição que é agradável ao seu inalterável amor pela justiça" (Teologia Elementar – Imprensa Batista Regular – Pág.48).

3. A Onisciência de Deus

A onisciência de Deus tem a ver com a capacidade divina de tudo saber. De fato, as Escrituras ensinam que Deus detém toda a compreensão e inteligência. Deste modo, para o crente há grande conforto na declaração de Jesus: “... o vosso Pai sabe..."(Mt 6.8).

Em âmbito geral:

a)A onisciência de Deus inclui tudo; Seu conhecimento é universal incluindo tudo

quanto pode ser conhecido (Jo 3.20).

b)Deus conhece desde a eternidade aquilo que seráduranteto da a eternidade (At 15.18).

c)Deus conhece o plano total dos séculos, bem como aparte que cada homem ocupa nele (Ef 1.9-12).

d)Deus sabe de tudo quanto ocorre em todos os lugares, tanto o bem quanto o mal (Pv 15.3).

e)Deus conhece todos os filhos dos homens, seus caminhos e suas obras (Pv 5.21).

f)Deus conhece tudo na Natureza: cada estrela e cadaave que singra os céus (Sl 147.4; Mt 10.29).

g)Deus conhece tudo no terreno do procedimento humano (Sl 139.1-4; 1 Cr 29.9; Ex 3.7). Não há uma cidade, uma vila, nem mesmo uma casa sobre a qual não estejam os olhos de Deus. Não existe uma só emoção, impulso ou pensamento dos quais Ele não tenha conhecimento. Ele conhece toda ocorrência ou aventura que envolve alegria e tristeza, dor ou prazer, adversidade ou prosperidade, sucesso ou fracasso, vitória ou derrota. "Não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13). Numa noite turva, sobre uma mesa de mármore preto, dentro de um quarto escuro, há uma pulga preta. Deus a vê!

4. A Onipotência de Deus

A onipotência de Deus é aquele atributo pelo qual Ele pode levar a efeito qualquer coisa que deseja. Não significa o exercício de seu poder para fazer aquilo que é incoerente aos seus atributos e à natureza das coisas, como, por exemplo, fazer com que um acontecimento histórico passado volte a acontecer. Fazer duas montanhas próximas uma da outra sem um vale no meio, ou traçar entre dois pontos uma linha mais curta que uma reta. Para Deus é impossível mentir, pecar, morrer, fazer com que o errado mude para certo. Fazer tais coisas seria uma demonstração não de poder, mas de incapacidade. Toda forma de poder de Deus, do início ao fim é exercida de forma coerente com a sua infinita perfeição.Pelo seu poder, Deus realiza só o que é digno de si. As aparentes incoerências vêm da nossa incapacidade e ignorância quanto a entender os caminhos de Deus.Conta-se que

quando Antígono estava para dar início a um combate contra a armada de Ptolomeu, e o seu comandante perguntou: "Quantos são eles mais do que nós?" o corajoso rei replicou: "É verdade que, se você contar, eles são mais do que nós; mas quantos você acha que eu valho?" Nosso Deus é superior em poder a todas as forças da terra e do Inferno. Ele mesmo indaga: "Agindo eu, quem impedirá?"(Is 43.13).

5.A Onipresença de Deus

A onipresença de Deus está entranhavelmente ligada á sua onisciência e onipotência. Só Deus possui estes três "onis". Por sua onipresença, Deus está em todos os lugares. Isto não significa, contudo, que Deus esteja visivelmente presente, localizado em qualquer lugar como acontece com o homem, isto é, corporalmente, pois Deus é um ser espiritual.Apesar de Deus estar em todos os lugares, Ele não está em todos os lugares num mesmo sentido, e com o mesmo propósito. Ele está presente em alguns lugares num sentido em que não está noutros. Ele está no Céu como lugar de sua eterna habitação e como local do seu trono. Está na Terra abençoando os homens e mantendo viva a natureza. Já a sua presença no Inferno tem a ver com a sua ira aí derramada.

Assim como no Império Romano o mundo inteiro era para o malfeitor uma vasta cadeia, pois, ainda que fugisse para as terras mais distantes podia ser alcançado pelas legiões do imperador, assim, no governo divino, o pecador não tem como fugir aos olhos do Juiz de toda a terra (Gn 18.25). A declaração bíblica “Tu és o Deus que vê” deve servir de advertência para evitarmos o pecado (Hb 4.13; Sl 139).

6.O Conselho de Deus

O conselho de Deus é o seu plano eterno em relação ao mundo material e espiritual, visível e invisível, abrangendo todos os seus eternos propósitos e decretos, inclusive a Criação e a Redenção, levando em conta a livre atuação do homem.O conselho de Deus se aplica a todas as coisas em geral (Is 14.16,27; 46.10,11; Dn 4.25), e às particulares, como seja: a permanência do Universo material, os negócios das nações, o período da vida humana, o tempo da morte do homem, as boas ou más ações do homem, a salvação do homem, o reino de Cristo, a obra divina nos crentes e por meio deles (Sl 119.89-91; At 17.26; Jó 14.5,14; Ec 3.2; Ef 2.10; Gn 50.20; 1 Co 2.7; Ef 2.10; Gn 50,20; 1 Co 2.7; Ef 3.10; Sl 2.6-8; Mt 25.34; Fp 2.12,13). Esse plano

divino está em perfeita harmonia com o perfeito conhecimento, a perfeita sabedoria (onisciência), e a benevolência de Deus. Um Universo sem plano estabelecido seria irracional e apavorante.

O doutor A.J. Gordon compara semelhante hipótese com um trem expresso a precipitar-se nas trevas, sem luz, sem maquinista, sem destino e sem saber o que ocorrerá no momento seguinte.

7. A Soberania de Deus

A soberania de Deus é a soma de alguns dos seus atributos naturais, como: onipotência, onisciência e onipresença, apresentadas na Escritura com um tom muito enfático. Apresenta o Criador e sua vontade como a causa de todas as coisas. Em virtude de sua obra criadora, pertencem-lhe os céus, a terra e tudo o que neles há. A soberania de Deus submete a Ele todos os seus exércitos dos céus e os habitantes da terra. Deus sustem todas as coisas com sua onipotência, conhece todos os mistérios por sua onisciência, enche todas as coisas com sua onipresença, e determina a finalidade para cada coisa existente pela sua soberania.Deus governa como Rei no mais absoluto sentido da palavra, e todas as coisas dependem dEle e a Ele servem. Há um inestimável tesouro de evidências nas Escrituras revelando a soberania divina (Dt 10.14,17; 1 Cr 29.11,12; 2 Cr 20.6; Is 33.22). A soberania de Deus diz respeito àquela perfeição do Ser divino, por meio do qual, Ele, por um ato simples, deleita-se em si mesmo como Deus, bem como busca suas criaturas, por amor do seu próprio nome. Com referência ao Universo e todas as criaturas que há nele. Sua vontade inclui, naturalmente, a idéia de causação.

V. ATRIBUTOS MORAIS DE DEUS

Os atributos morais de Deus dizem respeito a determinados elementos do caráter de Deus através dos quais Ele se dá a conhecer ao seu povo, levando-o a uma plena identificação com Ele.Dentre os atributos morais de Deus, os mais conhecidos são:

1.A Veracidade de Deus.

A veracidade é um dos múltiplos aspectos da perfeição divina. Deus é ao mesmo tempo, veraz e perfeito. "Deus não é homem para que minta" (Nm 23.19). A mentira é incompatível com a natureza divina.Devemos ter sempre em mente que quando estamos tratando com Deus, estamos tratando com um Ser verdadeiro e pronto a cumprir as suas santas e boas palavras (Jr 1.12).Por isso, devemos depositar nele

toda a nossa confiança; (Sl 125.1)na certeza de que Ele estabelecerá o nosso direito e nos conduzirá a toda a justiça.Toda a Escritura corrobora com a idéia da veracidade de Deus (Sl 31.5; Jo 3.33; Rm 3.4; 1 Ts 1.9; 1 Jo 5.20).

2.A Justiça de Deus

A justiça de Deus está entranhavelmente relacionada com a santidade divina. Alguns dos teólogos mais respeitados, conceituam a justiça de Deus como uma forma de sua santidade, ou simplesmente como "santidade transitiva". Estes termos se aplicam somente àquilo que costumamos chamar de "justiça relativa" de Deus, e não à sua "justiça absoluta".A idéia fundamental de justiça está entranhavelmente ligada à da lei. Por exemplo, entre os homens pressupõe-se haver uma lei à qual o homem deve sujeitar-se a obedecer. Quanto a Deus, porém, há quem seja da opinião de que não se deve falar de "justiça" como. Um dos atributos divinos, pois, Deus, não sendo homem, não existe lei à qual Ele possa estar sujeito. Ainda que concordemos em parte com esta afirmação, cremos haver uma lei que é parte inerente à natureza de Deus, a qual se constitui no modelo mais elevado de lei, pela qual todas as outras leis têm de ser julgadas.

A justiça divina se manifesta, especialmente, em dar a cada um o que corresponde aos seus méritos. A justiça inerente de Deus é a base natural da sua justiça revelada ao tratar com suas criaturas. Os termos hebraicos e gregos para "justo" e "justiça", todos contêm a idéia de conformidade com um modelo. Constantemente a Escritura atribui esta perfeição a Deus (Nm 8.9; Sl 119.137; 145.17; Jr 12.1; Lm 1.18; Dn 9.14; Jo 17.25). Antes de qualquer outra coisa, a justiça divina é a justiça governativa de Deus. Esta justiça, como o próprio nome sugere, tem a ver com aquilo que Deus usa como Governador dos bons e dos maus. Em virtude dessa justiça, Deus tem instituído um governo moral no mundo, e imposto uma lei justa sobre os homens, com promessas de recompensa para o obediente, e de advertências e castigo para o transgressor. Principalmente o Antigo Testamento manifesta Deus como o Legislador de Israel, (Is 33.22) e das nações em geral, mostrando inclusive que as suas leis são justas (Dt 4.8).

3.A Graça de Deus

"Graça", esta palavra cheia de significado é uma tradução do hebraico "ch'n," e do grego "charis".Segundo as Escrituras, a graça se manifesta não só da parte de

Deus, mas também através dos homens. Neste último caso denota o favor que um homem mostra a outro homem (Atente para os exemplos dados nos seguintes textos: Gn 33.10,18; 39.4; 47.25; Rt 2.2; 1 Sm 1.18; 16.22).

No geral, pode-se dizer que a graça é a dádiva gratuita da generosidade para com alguém que não tem o direito de reclamá-la. De acordo com a Escritura, só a graça singular de Deus é que pode ser assim definida. Seu amor para com o homem sempre é imerecido, pois a despeito de oferecido gratuitamente, o homem prefere rejeitá-la como coisa de nenhum valor. Deste modo, a Bíblia geralmente fala da graça para indicar a imerecida bondade do amor de Deus para com aqueles que se têm feito indignos dela, e que por natureza estão debaixo da sentença de condenação.A graça de Deus é o manancial de todas as bênçãos espirituais concedidas aos pecadores (Ef 1.6,7; 2.7-9; Tt 2.11; 3.4-7). No entanto, a Bíblia com freqüência fala da graça salvadora, e outras vezes ela aparece com um sentido mais amplo (Is 26.10; Jr 16.13). A graça de Deus tem maior significado prático para os pecadores.Todos nós dependemos por completo da graça de Deus manifesta em Cristo, uma vez que estamos totalmente despojados de méritos próprios.

4.A Bondade de Deus

Deus é bom no sentido transcendente da palavra, que significa absoluta perfeição e perfeita felicidade em si mesmo. Neste sentido, disse Jesus que "ninguém é bom senão um só, que é Deus" (Mc 10.18). Porém, posto que Deus é bom em si mesmo, também é bom para todas as suas criaturas, podendo, portanto, denominar-se: "A fonte de todo o bem". De fato, Deus é a fonte de todo o bem e assim se apresenta de vários modos em toda a Bíblia (Sl 36.6; 104.21; Mt 5.45; 6.26; Lc 6.35; At 14.17). A bondade de Deus para com as suas criaturas pode ser definida como aquela perfeição de Deus que o mantém solícito para tratar generosa e ternamente com todas as suas criaturas. É aquele afeto pelo qual Deus assiste a todas as suas criaturas sensíveis como tais. O salmista celebra esta bondade nas seguintes palavras: "O Senhor é bom para com todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras... Em ti esperam os olhos de todos, e tu, a seu tempo, lhes dás o alimento. Abres a tua mão e satisfazes de benevolência a todo vivente" (Sl 145.15,16).

5.O Amor de Deus

Quando a bondade de Deus se manifesta em favor de suas criaturas racionais, assume o mais elevado caráter de amor, amor este que se distingue conforme os objetos aos quais se destina.Para distinguir o amor divino da bondade de Deus, podemos defini-lo como aquela perfeição de Deus pela qual Ele é impelido eternamente a comunicar-se com as suas criaturas. Posto que Deus é absolutamente bom em si mesmo, o seu amor não pode alcançar perfeita satisfação num objeto imperfeito, no caso a criatura humana. Apesar disto Deus ama o homem no seu atual estado de queda (Jo 3.16). Deus ama os crentes salvos com um amor especial, posto que os contempla como seus filhos espirituais em Cristo. A eles se comunica, em sentido mais pleno e rico, com toda a plenitude da sua misericórdia e graça (Jo 16.27; Rm 5.8; 1 Jo 3.1).

6.A Misericórdia de Deus

Se a graça divina sentencia o homem como culpado diante de Deus, fazendo-o carente do perdão divino, a misericórdia de Deus distingue o homem como alguém cansado sob o fardo do pecado, necessitando de urgente ajuda espiritual.A misericórdia divina pode ser definida como a bondade ou o amor de Deus para com aqueles que se encontram em estado de miséria espiritual, carecendo de ajuda. Desse modo, em sua misericórdia, Deus se revela compassivo e piedoso para com os que se acham em estado de miséria espiritual, sempre pronto a socorrê-los.Segundo a Bíblia, a misericórdia de Deus é gratuita; é para sempre; está sobre todos os homens; elas são a causa de não sermos consumidos (Dt 5.10; Sl 57.10; 86.5; 2 Cr 7.6; Sl 136; Ed 3.11; Ex 20.6; Dt 7.7,9; Lc 1.50; Sl 145.9; Ez 18.23-32; 33.11; Lc 6.35,36; Lm 3.22). Entre os judeus, existe uma crença antiga muito interessante, acerca da misericórdia e da justiça divina. Segundo essa crença, Miguel, o executor dos juízos de Deus, possui apenas uma asa às costas, o que o faz voar devagar; enquanto que Gabriel, o executor da misericórdia, possui duas potentes asas, o que o faz voar mais velozmente. O rabinismo judaico usa essa ilustração para ensinar que Deus tem mais pressa em ser misericordioso para com o homem do que em levá-lo a juízo. Mostra, porém, que se o homem rejeitar a misericórdia gratuitamente oferecida, mais cedo ou mais tarde ele será julgado e castigado pelo Deus das muitas misericórdias.

7.A Longanimidade de Deus

No original hebraico, longanimidade é indicada pela expressão "erekaph",significando literalmente "grande rosto" e também "lento para a ira". Mais claramente, por longanimidade, se entende aquela bondade de Deus, em virtude da qual Ele suporta o obstinado e perverso pecador, apesar da sua persistente desobediência. Na sua longanimidade e misericórdia, Deus suporta o pecador em seu estado de pecado, apesar das suas admoestações, chamando-o ao arrependimento (Ex 34.6; Sl 86.15; Rm 2.4; 9.22; 1 Pd 3.20; 2 Pd 3.15).

8.A Santidade de Deus

A santidade de Deus é a soma de todos os seus atributos morais, e expressa a majestade da sua natureza. Há quem diga ser a santidade o atributo enfático de Deus. Se é verdade que exista qualquer diferença em grau de importância entre os atributos morais de Deus, a santidade ocupa o primeiro lugar. Nas visões que Deus concedeu ao seus santos nos dias do Antigo Testamento e na exploração da doutrina bíblica no Novo, o que mais se salienta é a santidade divina (Lv 11.45; Jo 24.19; Is 6.3; 1 Sm 2.2; S l 5.4; 11.4; 145.17; Is 43.15; Jr 23.9; Lc 1.49). Por cerca de trinta vezes o profeta Isaías se refere a Jeová, chamando-o de "o santo", apontando o significado daquelas visões que mais o impressionaram. Deus deseja ser conhecido essencialmente por sua santidade, pois esse é o atributo pelo qual Ele é melhor glorificado. Conceitos superficiais de Deus e da sua santidade resultam em conceitos superficiais do pecado e da necessidade da expiação.

A santidade de Deus significa a sua absoluta pureza moral. Indica que Ele não pode pecar, nem tolerar o pecado. Na sua santidade, Deus aborrece o pecado, ainda que ame o pecador. Uma vez que o sentido original da palavra "santo" é "separado", em que sentido está Deus separado de alguém ou de algo? Ele está separado do homem quanto ao espaço: Ele está no Céu, e o homem na Terra. Ele está separado do homem quanto à sua natureza e caráter: Ele é perfeito, o homem é imperfeito. Ele é divino, o homem é humano e carnal. Ele é moralmente perfeito, o homem é pecaminoso.

VI. A TRINDADE DIVINA

A doutrina da Trindade consiste num dos grandes mistérios da fé cristã. Em suas confissões indaga Agostinho: "Quem compreende a Trindade Onipotente? E quem não fala dela ainda que não a compreenda? É rara a pessoa que ao falar da

Santíssima Trindade saiba o que diz. Contendem e discutem. Econtudo ninguém contempla esta visão sem ter paz interior".As Escrituras ensinam que Deus é um, e que além dele não existe outro Deus (Is 37.16). Contudo, a unidade divina é uma unidade composta de três pessoas distintas e divinas, que são: Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo. Não se trata de três deuses independentemente. São três pessoas, mas um só Deus. Os três cooperam unidos e num mesmo propósito, de maneira que no pleno sentido da palavra, são um. O Pai cria, o Filho redime, e o Espírito santifica; e, no entanto, em cada uma dessas operações os três estão presentes.

1. A Trindade na Bíblia

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, título divinos são atribuídos, distintamente, às três pessoas da Trindade. Deste modo a Bíblia diz que o Pai é Deus (Ex 20.2), que o Filho é Deus (Jo 20.28),e que o Espírito também é Deus (At 5.3,4). Cada pessoa da Trindade é descrita na Bíblia, como sendo:

A Trindade	O Pai	O Filho	O Espírito Santo
Onipresente	Jr 23.24	Ef 1.20-23	Sl 139.9
Onipotente	Gn 17.1	Ap 1.8	Rm 15.19
Onisciente	At 15.18	Jo 21.17	1 Co 2.10
Criador	Gn 1.1	Jo 1.3	Jó 33.4
Eterno	Rm 16.16	Ap 22.13	Hb 9.14
Santo	Ap 4.8	At 3.16	1 Jo 2.20
Salvador	2 Ts 2.13	Tt 3.4-6	1 Pd 1.2

Na "Confissão de Fé Presbiteriana", encontra-se o que poderia ser tomado como consenso da fé cristã quanto à Trindade divina: "Na unidade da divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Filho".

2. Deus Pai

Nas Escrituras o nome "Pai" nem sempre designa Deus num mesmo sentido. Por exemplo, a Bíblia o apresenta como:

a)Pai de toda a Criação (1 Co 8.6; Ef 3.14,15; Hb 12.9).

b)Pai de Israel(Dt 32.6; Is 63.16; Jr 3.4; Ml 1.6).

c) Pai dos crentes (Mt 5.45; 6.6; 1 Jo 3.1).

d)Pai de Jesus Cristo (Mt 3.17; Jo 1.14; 8.54).

Do Universo Deus é Pai por criação; de Israel Ele é Pai por eleição; do crente Ele é Pai por adoção; e de Jesus Cristo Ele é Pai por geração.

3. Deus Filho

Das três pessoas da Trindade, a única revelada corporalmente aos homens foi a segunda, o Senhor Jesus Cristo.Muitas afirmações feitas a respeito do Senhor Jeová no Antigo Testamento são interpretadas no Novo Testamento, referindo-se profeticamente a Jesus Cristo. Comparando algumas citações do Antigo Testamento com outras do Novo, haveremos de notar a identidade de Jesus Cristo como Deus. Veja isto comparando as seguintes passagens das Escrituras:

Isaías 40.3,4.....	com	Lucas 1.68,69, 79
Êxodo 3.14	com	João 8.56-58
Jeremias 17.10.....	com	Apocalipse 2.26
Isaías 60.19.....	com	Lucas 2.32
Isaías 6.10.....	com	João 12.37-41
Isaías 8.12,13.....	com	1 Pedro 3.14,15
Números 21.6,7.....	com	1 Coríntios 10.9
Salmo 23.1	com	João 10.11
Ezequiel 34.11,12.....	com	Lucas 19.10
Deuteronômio 6.16.....	com	Mateus 4.10

4. Deus Espírito Santo

O Pai e o Filho dão testemunho de si mesmos; o Espírito Santo, porém, jamais dá testemunho de si próprio; contudo, a Bíblia o apresenta como um Ser dotado de personalidade. Isto é, o Espírito Santo possui em si os elementos de existência pessoal, em contraste com a existência impessoal.A Bíblia mostra a personalidade do Espírito Santo quando diz que Ele cria e dá vida, nomeia e comissiona ministros, dirige onde os ministros devem pregar, instrui o que os ministros devem pregar, falou através

dos profetas, contende com os pecadores, reprova, consola, nos ajuda em nossas fraquezas, ensina, guia, santifica, testifica de Cristo, tem poder próprio, sonda tudo, age segundo a sua vontade, pode ser entristecido e envergonhado, pode sofrer resistência (Jó 33.4; Is 48.16; At 13.2; 20.28; 16.6,7; 1 Co 2.13; At 1.16; 1 Pd 1.11,12; 2 Pd 1.21). O nome do Espírito Santo aparece associado aos nomes do Pai e do Filho, na comissão apostólica, Mt 28.19 na operação dos dons espirituais na Igreja, (1 Co 12.4-6) e na bênção apostólica (2 Co 13.13).

QUESTIONÁRIO DE TEOLOGIA

1. Quais as cinco formas de negação da existência de Deus estudadas neste capítulo?

2. Quanto à existência de Deus, o que ensina o "deísmo"?

3. Qual o ensino do "panteísmo" quanto à existência de Deus?

4. Dê pelo menos três provas bíblicas da existência de Deus.

5. Pela declaração de Paulo de que "Deus estava em Cristo", entende-se queCristo é o quê?

6. Quais os cinco argumentos racionais da existência de Deus, estudados nestecapítulo?

7. Quanto à existência de Deus, que ensina o argumento ontológico?

8. Que ensina o argumento cosmológico?

9. Que ensina o argumento teleológico?

10. Que ensina o argumento moral?

11. Que ensina o argumento histórico?

12. De que forma o Espírito Santo testifica da existência de Deus?

13. De que maneira a natureza revela o Deus Criador?

14. Qual o perigo de o homem rejeitar a revelação de Deus através da criação?

15. Dê três aspectos da revelação de Deus à nação de Israel.

16. De que forma Deus se revelou aos profetas do Antigo Testamento?

17. Qual o canal de revelação de Deus aos apóstolos?

18. De que modo Deus se tem revelado à Igreja?

19. Quanto à sua natureza, como explicar a vida de Deus?

20. O que se entende por "espiritualidade" de Deus?

21. Defina a personalidade de Deus com base nas Escrituras.

22. O que se entende por "eternidade" de Deus?

23. O que quer dizer a "onisciência" de Deus?
24. Defina a "onipotência", como um dos atributos de Deus.
25. O que você entende por "onipresença" de Deus?
26. Defina o que se entende na Bíblia por "conselho" de Deus.
27. Do que fala o atributo "soberania" de Deus?
28. Defina a veracidade de Deus.
29. Defina a justiça de Deus.
30. Defina a graça de Deus.
31. Defina a bondade de Deus.
32. Defina o que é o amor de Deus.
33. Defina a misericórdia de Deus.
34. Defina a longanimidade de Deus.
35. Defina a santidade de Deus.
36. Quanto à Trindade, que diz Agostinho?
37. Cite referências bíblicas que mostrem tanto o Pai, como o Filho e o Espírito Santo, como onipresente, onipotente e onisciente.
38. De que modo Deus é Pai, de toda a criação, de Israel, dos crentes, e de Jesus Cristo?
39. Cite três referências bíblicas que indicam o Filho como Deus.
40. Cite duas referências bíblicas que identificam o Espírito Santo como Deus.

CRISTOLOGIA

ÍNDICE

I.A PESSOA DE JESUS CRISTO

1. Jesus

2. Cristo

3. Filho do Homem

4. Filho de Deus

a) No Sentido Natalício

b) No Sentido Oficial ou Messiânico

c) No Sentido Trinitário

5. Senhor

II.HERESIAS SOBRE A PESSOA DE JESUS CRISTO

1. O Gnosticismo

2. O Docetismo

3. O Monarquianismo

a) O Monarquianismo Dinamista

b) O Monarquianismo Modalista

4. O Sabelianismo

5. O Arianismo

6. O Apolinarianismo

7. O Nestorianismo

8. O Eutiquianismo

9. A Definição Cristológica de Calcedônia

III. AS NATUREZAS DE JESUS CRISTO

1.A Natureza Humana de Jesus Cristo

2. A Natureza Divina de Jesus Cristo

a) Cristo é Deus

b) Cristo é Todo-Poderoso

c) Cristo é Eterno

d) Cristo é Criador

3.Atributos da Divindade de Jesus Cristo

IV. O CARÁTER DE JESUS CRISTO

1. A Santidade de Jesus Cristo

2. O Amor de Jesus Cristo

3. A Mansidão de Jesus Cristo

4. A Humildade de Jesus Cristo

V. A OBRA DE JESUS CRISTO

1. A Morte de Jesus Cristo

2. A Necessidade da Morte de Jesus Cristo

3. Resultados da Morte de Jesus Cristo

VI. A RESSURREIÇÃO E GLORIFICAÇAO DE CRISTO

1. A Realidade da Ressurreição de Cristo

2. Resultados da Ressurreição de Cristo

3. A Glorificação de Cristo

INTRODUÇÃO

Toda a discussão Cristológica passa, inevitavelmente, pela resposta que se dá à pergunta do próprio Cristo: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?" (Mt 16.13) e da crença na declaração bíblica "...e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Cristo foi para os seus contemporâneos o que poderíamos chamar de um personagem controverso. Dificilmente duas pessoas pensavam e diziam a mesma coisa acerca dele. Muitos daqueles que o viam comendo, diziam: "Ele é um glutão" (Mt 11.19). E eram esses mesmos que, ao saberem que Ele se abstivera de comer, diziam: "Este tem demônios". Muitos daqueles que testemunhavam a operação de seus milagres, diziam: "Ele engana o povo", ou "Ele opera sinais pelo poder dos demônios".Quanto ao seu ministério, aqueles que o viam citando a Lei, diziam: "Este é Moisés". Aqueles que viam o seu zelo em despertar nos homens fé no verdadeiro Deus, diziam: "Este é Elias". Aqueles que o viam chorando enquanto consolava os infelizes abandonados, diziam: "Este é Jeremias". Aqueles que o viam pregar o arrependimento como condição única para o homem alcançar o perdão divino, diziam: "Este é João Batista". Ninguém, contudo, exceto os seus discípulos, conhecia a verdadeira identidade do Messias.À pergunta: "Mas vós... quem dizeis que eu sou?" (Mt 16.15)respondeu o apóstolo Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Face a esta inspirada e eloqüente resposta de Pedro, disse o Senhor Jesus Cristo: "Não foi carne e sangue quem te revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mt 16.17).

I. A PESSOA DE JESUS CRISTO

O estudo da pessoa de Jesus Cristo se reveste de grande importância, decorrente da sua ligação com o cristianismo, e com a vida de todos quantos nele crêem e esperam. Neste ponto Cristo se distingue dos fundadores das grandes religiões conhecidas no mundo de hoje. Não há nenhum grau de comparação entre Cristo e Confúcio, Maomé, e Buda. O confucionismo poderá existir sem Confúcio, o maometismo sem Maomé, e o budismo sem Buda. Porém, cristianismo sem Cristo é inconcebível. O cristianismo é Cristo e Cristo é o cristianismo. O cristianismo não é, primeiramente, uma religião. Antes de qualquer outra coisa, cristianismo é um modo de vida, a vida de Jesus posta em ação através da vida dos santos. Cristianismo é "Cristo em vós, a esperança da glória" (Teologia Elementar – Imprensa Batista –

Pág. 87).

Aqueles que o amam e o servem, conhecem-no pelo nome, como é mostrado a seguir.

1. Jesus

O nome Jesus é a forma grega do nome hebraico "Jehoshua" (Josué), (Js 1.1; Zc 3.1) do qual a forma regular nos livros históricos pós-exílicos é "Jeshua" (Jesus) (Ed 2.2). O nome parece derivar do termo hebraico "salvar", o que está inteiramente de acordo com a interpretação dada pelo anjo em Mateus 1.21: "E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados".Este nome foi usado por dois conhecidos personagens, tipos de Jesus no Antigo Testamento. Um deles foi Josué, filho de Num e servidor de Moisés, prefigurando Cristo como o grande General e Líder real, dando a seu povo a vitória sobre os seus inimigos, conduzindo-os à Terra Prometida. O outro é Josué, o filho de Jeozedaque, que tipifica o Cristo como sendo o grande sumo sacerdote levando os pecados do seu povo (Zc 3.1).

2.Cristo

O nome "Cristo" ê o equivalente neotestamentário de "Messias", do Antigo Testamento, e significa "ungido". Reis e sacerdotes foram regularmente ungidos durante a velha dispensação (Ex 29.7; Lv 4.3; Jz 9.8; 1 Sm 9.16; 10.1; 2 Sm 19.10). O Rei em Israel é chamado o "ungido de Jeová" (1 Sm 24.6). O conceito de "Messias" ou "ungido", inclui três importantes elementos: a) a designação para um ofício específico; b) o estabelecimento de uma relação sagrada entre o ungido e Deus; e c) a comunicação do Espírito de Deus ao que tomou posse do ofício (1 Sm 16.13). Cristo foi indicado ou designado para o seu ofício desde a eternidade, mas, historicamente, sua unção se consumou quando foi concebido pelo Espírito Santo (Lc 1.35), e quando recebeu o Espírito, principalmente por ocasião de seu batismo (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32; 3.34).Isto serviu para qualificá-lo para a sua grande comissão.

3.Filho do Homem

É geralmente admitido que o nome Filho do homem quando aplicado a Cristo, se deriva de Daniel 7.13. O nome "Filho do homem" era uma auto-designação mais comumente usada por Jesus. Ele o usou em mais de quarenta ocasiões, enquanto que outras pessoas quase nunca o empregavam em relação a Cristo, sendo as

únicas excessões as indicadas em João 12.34; Atos 7.56 e Apocalipse 1.13; 14.14. O nome é, por certo, expressivo à humanidade de Cristo, e é usado, às vezes, em passagens em que Jesus fala de seus sofrimentos e da sua morte; mas é também claramente sugestivo da singularidade de Jesus, de seu caráter sobre-humano e de sua vinda futura com as nuvens do céu em glória celeste (Mt 16.27,28; Mc 8.38; Jo 3.13,14; 6.27; 8.28). Alguns estudiosos da Bíblia são da opinião de que Jesus dava especial preferência a este nome porque era pouco assimilável pelos judeus, e serviria muito bem para ocultar a sua missão messiânica. É mais provável, porém, que Ele o preferiu porque não continha nenhuma sugestão das interpretações errôneas do Messias, interpretações correntes entre os judeus.

4.Filho de Deus

O nome "Filho de Deus" é usado variadamente no Antigo Testamento. Aplica-se a Israel como nação (Ex 4.22; Os 11.1); ao rei prometido da casa de Davi (2 Sm 7.14; Sl 89.27); aos anjos (Jó 1.6; 38.7; Sl 29.1);e às pessoas piedosas em geral (Gn 6.2; Sl 73.15; Pv 14.26). No Novo Testamento Jesus apropria-se do nome, e os seus discípulos e até os demônios ocasionalmente lhe atribuíram esse nome ou o trataram por ele. O nome, quando aplicado a Cristo, tem sentido diversificado. Por exemplo:

a) No Sentido Natalício

Serve para designar que a natureza humana de Cristo teve sua origem na direta atividade sobrenatural de Deus, e, mais particularmente, do Espírito Santo. Em Lucas 1.35, o nome "Filho de Deus" claramente indica este fato.

b) No Sentido Oficial ou Messiânico

Neste caso, o tratamento "Filho de Deus" descreve mais o ofício do que a natureza de Cristo. O Messias é freqüentemente chamado o Filho de Deus, como seu herdeiro e representante. Os demônios evidentemente assim usaram esse nome (Mt 8.29; 24.36; Mc 13.32).

c) No Sentido Trinitário

Aqui o nome "Filho de Deus", serve para designar o Cristo como a segunda pessoa da Trindade augusta. É o sentido mais profundo em que se usa o nome. Jesus mesmo, invariavelmente, emprega o nome nesse sentido específico (Mt 11.27; 14.28-33; 16.16; 21.33-46; 22.41-46; 26.63).

5.Senhor

O nome "Senhor", quando aplicado a Cristo no Novo Testamento, tem diversos sentidos. Em certos casos é usado simplesmente como forma de tratamento cortês e de respeito (Mt 8.2; 20.33). Em tais casos significa pouco mais do que a palavra "Senhor" que se usa com freqüência no tratamento entre os homens. Noutros casos é expressivo de domínio e autoridade, sem indicar algo quanto ao caráter divino de Cristo e sua autoridade em assuntos espirituais e eternos (Mt 21.3; 24.42). Finalmente, o nome "Senhor" é expressivo do caráter de Cristo e sua suprema autoridade espiritual, e é quase equivalente ao nome de Deus (Mc 12.36,37; Lc 2.11; 3.4; At 2.36; 1 Co 12.3; Fp 2.11). É especialmente depois da ressurreição que se aplica de forma plena e apropriada este nome a Cristo, indicando que Ele é o dono e governante da Igreja (Manoel de Doutrina Cristã – Co-edição Luz para o Caminho e Ceibel – Págs. 159-162).

II. HERESIAS SOBRE A PESSOA DE JESUS CRISTO

Um dos pontos relevantes da doutrina Cristológica, consiste da afirmação, segundo a qual Jesus Cristo possui dupla natureza, o que o faz cem por cento Deus e cem por cento homem. Apesar disto, não poucas vozes, ao longo dos séculos, se têm levantado contra esta verdade. Dentre os movimentos que no decorrer da história da Igreja se insurgiram contra a doutrina das duas naturezas de Cristo, se destacam os seguintes:

1.O Gnosticismo

O gnosticismo compreende a fusão de elementos culturais colhidos de diversos gêneros ou opiniões, até mesmo antagônicas, filosófico-religiosas. Surgiu no I Século da nossa Era. Visa conciliar todas as religiões e explicar o sentido mais profundo da "gnose". Sendo notadamente sincretista, o gnosticismo viu no cristianismo muitos elementos de que podia lançar mão e usar da maneira como bem lhe parecesse.O gnosticismo se dividia em quatro classes distintas: sírio, egípcio, judaizante, e pôntico. Independentemente de classe, quanto à pessoa de Cristo, o gnosticismo procurava explicá-lo em termos filosófico-pagãos, ou da "teosofia".O gnosticismo de tipo sírio encontrou em Saturnino o seu principal arauto. Ele ensinava que há um Pai absolutamente desconhecido que fez anjos, arcanjos, virtudes e potestades; o mundo,

porém, e tudo quanto nele existe, foi feito por anjos em número de sete...O Salvador, conforme Saturnino, não nasceu, não teve corpo nem forma, mas foi visto em forma humana apenas em aparência. O Deus dos judeus, segundo ele, era um dos sete anjos; visto que todos os principados quiseram destruir seu Pai, Cristo veio para aniquilar o Deus dos judeus e para salvar os que nele acreditassem. Esses são os que possuem uma fagulha da vida de Cristo. Saturnino foi o primeiro a afirmar a existência de duas estirpes de homens formados pelos anjos: uma de bons e outra de maus. Sendo que os demônios davam seu apoio aos maus, o Salvador veio para destruir os demônios e os perversos, salvando os bons. Mais ainda, segundo Saturnino, casar-se e procriar filhos é obra de Satanás (Documentos da Igreja Cristã - Juerp – Pág. 68).

O gnosticismo tomou de empréstimo certos elementos do cristianismo e os introduziu em seu conceito geral de salvação. Cristo, por exemplo, era considerado pelos gnósticos como salvador, visto que dizem ter sido ele quem trouxe o conhecimento salvífico ao mundo. Mas este não é o Cristo da Bíblia; o Cristo do gnosticismo era uma essência espiritual que emanara dos eons. Este Cristo não podia ter assumido a forma de homem. Quando apareceu sobre a terra, diziam os gnósticos, só parecia ter corpo físico. Ao mesmo tempo, os gnósticos também ensinavam que este Cristo não sofreu e morreu. O gnosticismo, em outras palavras, proclamava uma Cristologia docética.Face o perigo do ensino gnóstico para a integridade da doutrina Cristológica, Irineu afirmou que os gnósticos nunca receberam os dos do Espírito Santo e que desprezavam os profetas.

2. O Docetismo

O docetismo afirmava que o corpo de Cristo não passava de um fantasma; que seus sofrimentos e morte eram meras aparências. Deste modo pontificavam os apóstolos do docetismo: "Ou [Cristo] sofria e então não podia ser Deus; ou era verdadeiramente Deus e então não podia sofrer."O docetismo assumiu várias formas: ou negava a verdadeira humanidade de Cristo empregando teorias sobre corpo fantasmagórico, ou então escolhia certos aspectos da vida terrena de Cristo, como sendo potencialmente verídicos, enquanto negava o restante dos relatos bíblicos através de suas explicações. Estava em frontal oposição à declaração joanina: "Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo não veio em carne não é de

Deus; mas este é o espírito do anticristo..."(1 Jo 4.2,3). Cerinto, habitante da Ásia Menor, defendia a opinião de que Jesus fora unido a Cristo, o Filho de Deus, por ocasião do seu batismo, e que Cristo abandonou o Jesus terreno antes da crucificação. Acreditava que o sofrimento e a morte de Jesus eram incompatíveis com a divindade de Cristo. Outra teoria docética, associada a Basílides, sugeria que ocorreu um engano, que Simão, o Cirineu, fora crucificado em lugar de Cristo, escapando Jesus, desse modo, da morte na cruz (História da Teologia – Concórdia S/A – Pág18).

Contra as heresias do docetismo, além do apóstolo João, se levantou Irineu, um dos líderes da Igreja antiga. Quanto ao docetismo, aos crentes seus contemporâneos, escreveu ele:"Torna-te surdo quando te falam de um Jesus Cristo fora daquele que foi da família de Davi, filho de Maria, nasceu autenticamente, comeu e bebeu, padeceu verdadeiramente sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado e morreu verdadeiramente... De que me valeria estar em cadeias, se Cristo sofreu somente na aparência, como certos pretendem? Esses, sim, não passam de meras aparências" (Documentos da Igreja Cristã – Juerp – Pág.68).

3. O Monarquianismo

O Monarquianismo negava basicamente o conceito trinitário da divindade. Sustentava que a doutrina da Trindade se opunha à fé no Deus único. Seus adeptos repudiavam a idéia da "economia", segundo a qual Deus, que certamente é um, rebelou-se de tal maneira que apareceu como Filho e como Espírito Santo. O monarquianismo se manifestou de duas formas: Dinamista e Modalismo.

a) O Monarquianismo Dinamista

O primeiro defensor desta forma de monarquianismo foi o curtidor Teodoto, que chegou a Roma vindo de Bizâncio no ano 190, como resultado de uma perseguição. Era hostil à cristologia do Logos e, em geral, negava a divindade de Cristo. Em vez disso, acreditava ser Cristo mero homem. Nasceu duma virgem, mas apesar disso não passava dum mero homem. Era superior aos demais homens apenas com respeito à sua justiça. Mais especificamente, Teodoto concebeu a relação entre Cristo e o homem Jesus do seguinte modo. Jesus vivera como os demais homens; por ocasião de seu batismo, contudo, Cristo veio sobre ele como um poder que estava ativo dentro dele a partir de então... Considerava-se Jesus um profeta que não se

tornou Deus, embora estivesse equipado com poderes divinos por algum tempo. Só se uniu a Deus depois de sua ressurreição (História da Teologia – Concórdia S/A – Pág. 58).

b) O Monarquianismo Modalista

A história responsabiliza Noeto e seus discípulos como divulgadores dessa forma de monarquinismo. Noeto rejeitava a doutrina da Trindade divina, inclusive a cristologia do Logos e as tendências subordinacionistas implícitas nela. Para Noeto, apenas o Pai é Deus, e embora esteja oculto à vista dos homens, manifestou-se e se fez conhecer segundo o seu beneplácito. Deus não está sujeito a sofrimento e morte, mas pode sofrer e morrer se ele assim o quiser. Ao dizer isto, Noeto procurou ressaltar a unidade de Deus. O Pai e o Filho não são apenas da mesma essência; são também o mesmo Deus sob nome e forma diferentes. Noeto negou-se a diferenciar entre as três pessoas da Divindade. Como ele entendia o problema, podia-se dizer tão bem que o Pai sofreu como dizer que Cristo sofreu.

4. O Sabelianismo

O sabelianismo, um movimento religioso organizado por Sabélio, cerca do ano 375, confundia a pessoa de Cristo apenas com uma faceta ou manifestação de Deus. Ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só e a mesma essência, três nomes apenas dados a uma só e mesma substância. Propõe uma analogia perfeita tomada do corpo, da alma e do espírito do homem. O corpo seria o Pai, a alma seria o Filho, enquanto o Espírito Santo seria para com a divindade o que o espírito é para com o homem. Ou tome-se o Sol: o Sol é uma só substância, mas com Tríplice manifestação: luz, calor e globo solar. O calor... é (análogo a) o Espírito; a luz, ao Filho; enquanto o Pai é representado pela verdadeira substância. Em certo momento, o Filho foi emitido como um raio de luz; cumpriu no mundo tudo o que cabia à dispensação do Evangelho e à salvação dos homens, e retirou-se para os céus, semelhantemente ao raio enviado pelo sol que é novamente incorporado a ele. O Espírito Santo é enviado mais sigilosamente ao mundo e, sucessivamente, aos indivíduos dignos de o receberem (Documentos da Igreja Cristã – Juerp – Pág. 71).Atribui-se a Sabélio a frase: "Deus, com respeito à hipóstase é um, mas foi personificado na Escritura de várias maneiras segundo a necessidade do momento" (História da Teologia – Concórdia S/A – Pág. 59).

5. O Arianismo

Ário, presbítero em Alexandria por volta do ano 310, estabeleceu a sua doutrina cristológica partindo de um conceito filosófico de Deus. Segundo ensinava, não era possível a Deus conferir sua essência a qualquer outro, em virtude do fato de ser uno e indivisível. Não se podia conceber que o Logos ou o Filho pudesse ter chegado a existir a não ser por um ato de criação. Desse modo, na opinião de Ário, Cristo não podia ser Deus no sentido pleno do termo; devia, em vez disso, fazer parte da criação. Como resultado, Ário considerava Cristo como "ser intermediário", menos do que Deus e mais do que o homem. Também dizia ser Cristo criatura, tendo sido criado ou no tempo ou antes do tempo. Ário, portanto, negava a preexistência do Filho em toda a eternidade, e lhe conferia atributos divinos apenas em sentido honorífico, baseado na graça especial que Cristo recebera e na justiça que manifestou.

Em suma, o arianismo ensina que "o Filho não existiu sempre, pois quando todas as coisas emergiram do nada e todas as essências criadas chegaram a existir, foi então que também o Logos de Deus procedeu do nada. Houve um tempo em que ele não era, e não existiu até ser produzido, pois mesmo ele teve um princípio, quando foi criado. Pois Deus estava só, e naquele tempo não havia nem Logos nem Sabedoria. Quando Deus decidiu-se criar-nos, produziu, em primeiro lugar, alguém que denominou Logos e Sabedoria e Filho, e nós fomos criados por meio dele". O arianismo encontrou em Atanásio o seu mais corajoso oponente. Ao seu tempo escreveu Atanásio: "A verdade revela que o Logos não é uma das coisas criadas; ao invés disso, é seu Criador. Pois ele tomou sobre si o corpo criado de homem, para que ele, tal como Criador, pudesse renovar este corpo e deificá-lo em si mesmo, de modo que o homem, em virtude da força de sua identificação com Cristo, pudesse entrar no reino do céu. Mas o homem, que é parte da criação, jamais poderia tornar-se como Deus se o Filho não fosse verdadeiramente Deus... Igualmente, o homem não poderia ter sido libertado do pecado e da condenação se o Logos não tivesse tomado sobre si nossa carne natural, humana. Nem poderia o homem ter-se tornado como Deus se o Verbo, que se tornou carne, não tiyesse vindo do Pai -se não fosse seu próprio Verbo verdadeiro".

6.O Apolinarianismo

Apolinário (apareceu em cena pela metade do IV século), teve dificuldade em aceitar a idéia de divindade de Jesus Cristo, como sendo ele da mesma substância do Pai. O principal problema, como ele o via, era este: Como pode o homem conceber a existência humana de Cristo? Segundo Apolinário, a natureza humana de Cristo tinha de possuir qualidade divina. Não fosse esse o caso, a vida e a morte de Cristo não poderiam ter conquistado a salvação dos homens. Parece, pois, que Apolinário ensinava o seguinte: Deus em Cristo foi transmutado em carne, e esta carne foi então transmutada pela natureza divina. De acordo com esse ponto de vista, Cristo não recebeu sua natureza humana e sua carne, da Virgem Maria: antes, trouxe consigo do Céu uma espécie de carne celestial. O ventre de Maria simplesmente teria servido de local de passagem.Apolinário, portanto, acreditava que Cristo tinha apenas uma natureza e uma hipóstase. Essa natureza é a do Logos, que em Cristo foi transmutada em carne. Esta, por sua vez, assumiu a qualidade divina ao mesmo tempo. Apolinário combatia vigorosamente a idéia segundo a qual os elementos divino e humano se combinam em Cristo, que 'o Logos simplesmente se revestiu da natureza humana e ligou-se a ela de modo espiritual.É óbvio que Apolinário enfatizava a divindade de Cristo a ponto de perder de vista sua verdadeira humanidade. Cristo, segundo Apolinário, não possuía alma humana. Ele só tem uma natureza, a natureza encarnada do Logos divino. A teologia cristológica de Apolinário tem o ranso do velho modalismo com fortes traços docéticos. O apolinarianismo sofreu forte oposição de Diodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto e João Crisóstomo.

7. O Nestorianismo

O nestorianismo deve a sua existência à pessoa de Nestório, bispo em Constantinopla no período 428-431. Nestório parece atribuir o seu discipulado a Teodoro de Mopsuéstia que ilustrava a união das duas naturezas de Cristo com a união conjugai de marido e mulher tornados uma só carne sem deixarem de ser duas pessoas e duas naturezas separadas. Em vez de união, ele dizia conjugação, termo que representa perfeitamente a opinião nestoriana e justifica sua inadmissibilidade.Cirilo conseguiu a condenação de Nestório no Sínodo romano de agosto de 430, ratificada no Sínodo de Alexandria. Cirilo enviou a Constantinopla uma carta extensa que expunha sua doutrina e terminava com doze anátemas, transcritos a seguir:

1.Se alguém não confessar que o Emanuel é verdadeiro Deus e que, portanto, a Santa Virgem é Theotókos (Mãe de Deus), porquanto deu à luz, segundo a carne, ao Verbo de

Deus feito carne, seja anátema.

2.Se alguém não confessar que o Verbo de Deus Pai estava unido pessoalmente [kath'hypóstasin] à carne, sendo com ela propriamente um só Cristo, ou seja, um só e mesmo Deus e homem ao mesmo tempo, seja anátema.

3.Se, no único Cristo, alguém dividir as pessoas [hipóstaseisj já unidas, unindo-as mediante uma simples união de acordo com o mérito, ou uma união efetuada através de autoridade e poder, e não propriamente uma união de natureza [kath'hénosin physíken], seja anátema.

4.Se alguém distingue entre dois caracteres [prósõpo] ou pessoas [hipóstaseis]... aplicando algumas apenas ao homem Jesus concebido separadamente do Verbo... outras apenas ao Verbo... seja anátema.

5.Se alguém presumir chamar Cristo de "homem portador de Deus" [theohóron ánthrôpon]... seja anátema.

6.Se alguém presumir chamar de Verbo a Deus ou Senhor de Cristo... seja anátema.

7.Se alguém disser que Jesus, enquanto homem, era operado [enêrgêsthai] por Deus o Verbo, que a "glória do Ungido" lhe foi concedida como algo existente fora do Verbo... seja anátema.

8.Se alguém tentar afirmar que, "juntamente com o Verbo Divino, se deve co-adorar, co-glorificar, co-proclamar Deus ao homem assumido pelo Verbo, como se fosse estranho ao Verbo, - e a conjunção 'com' ou 'co', necessariamente, indica tal assunção, - e que não se deve adorar com a mesma adoração, glorificar com a mesma glorificação ao Emanuel feito carne", seja anátema.

9.Se alguém ensinar que o Senhor Jesus Cristo foi glorificado pelo Espírito Santo, como sé ele operasse um poder estranho a si concedido mediante o Espírito Santo... seja anátema.

10....

11....

12. Se alguém não confessar que o Verbo de Deus sofreu na carne e foi crucificado na carne... seja anátema ((Documentos da Igreja Cristã – Juerp – Pág. 79/81). O Concilio de Éfeso, realizado em 431, aprovou esta carta contendo os doze anátemas de Cirilo.

8. O Eutiquianismo

Eutiques, abade de um mosteiro em Constantinopla, dizia que Cristo, depois de se tornar homem, tinha apenas uma natureza. Sua humanidade, contudo, não era da mesma essência que a nossa. Indagado por Flaviano e Florêncio, quanto à sua crença cristológica, Eutiques respondeu o seguinte:

Flaviano (Arcebispo de Constantinopla): Confessais que Cristo possui duas naturezas?

Eutiques: Nunca presumi especular acerca da natureza de meu Deus, Senhor dos céus e da terra; admito que nunca confessei ser Ele consubstanciai conosco... A Virgem, sim, confesso que é consubstanciai conosco, e que dela se encarnou nosso Deus...

Florêncio: Sendo ela consubstanciai conosco, certamente também seu Filho, nos é consubstanciai?

Eutiques: Note, por obséquio, que não afirmei que o corpo de um homem passou a ser corpo de Deus, mas que este corpo foi humano e o Senhor encarnou-se da Virgem. Se desejais que acrescente que o seu corpo foi consubstanciai com os nossos corpos, assim fá-lo-ei, mas entendo a palavra consubstanciai de modo que não acarreta a negação da filiação divina de Cristo. Sempre evitei terminante-mente a expressão "consubstanciai na carne". Mas, sendo que Vossa Santidade mo pede, usá-lo-ei...

Florêncio: Admitis ou não que Nosso Senhor nascido da Virgem é consubstanciai (conosco) e perdoador, após a encarnação, de duas naturezas?

Eutiques:...Admito que Nosso Senhor teve duas naturezas antes da encarnação e uma só depois dela... Sou discípulo, neste particular, do bem-aventurado Cirilo, dos santos padres e de Santo Atanásio; eles falaram de duas naturezas antes da união; depois da união e encarnação, apenas falam de uma natureza, não de duas.

Em novembro de ano 448, Eutiques foi condenado como heresiarca pelo Sínodo de Constantinopla.

9. A Definição Cristológica de Calcedônia

Numa tentativa de pôr fim às demandas Cristológica dos primeiros quinhentos anos da história da Igreja, o Concilio de Calcedônia, reunido em 451, firmou e aprovou o

seguinte documento:"Fiéis aos santos padres, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstanciai [homooysios], segundo a divindade, e consubstanciai a nós, segundo a humanidade; 'em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado', gerado segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da Virgem Maria...

"Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, conseparáveis e indivisíveis; a distinção de natureza de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e substância [hipóstasis]; não dividido ou separado em duas pessoas. Mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu".

III. AS NATUREZAS DE JESUS CRISTO

O problema real da cristologia se espelha nesta questão: Como se relaciona a divindade de Cristo com sua humanidade? Como pode aquele que é verdadeiro Deus ser também verdadeiro homem ao mesmo tempo? Como pôde viver sob condições humanas e aparecer em forma humana? É, sem dúvida alguma grande este mistério: "Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória" (1 Tm 3.16).

1. A Natureza Humana de Jesus Cristo

Jesus era o Filho do homem, conforme Ele mesmo se proclamou. É nessa condição que Ele se identifica com toda a raça humana.

Para ele convergem todas as linhas da nossa comum humanidade."Ele era o 'Filho do homem' no sentido de ser o único que realiza tudo que está incluído na idéia do homem, na qualidade de segundo Adão, o cabeça e representante da raça - a única verdadeira e perfeita flor que já se desdobrou da raiz e do tronco da humanidade. Tomando para si esse título, Ele testifica contra pólos opostos de erro acerca de sua Pessoa: o pólo ebionita, que seria o resultado final do título 'Filho de Davi'; e o pólo

gnóstico, que negava a realidade da natureza humana que levava esse nome" (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág. 90,91). A humanidade de Jesus Cristo é demonstrada:

a) Pela sua ascendência humana (Gl 4.4; Mt 1.18; 2.11; 12.47; Jo 2.1; Hb 10.5; Rm 1.3; At 13.22,23; Lc 1.31-33; Mt 1.1).

b)Por seu crescimento e desenvolvimento naturais (Lc 2.40,46,52).

c)Por sua aparência pessoal (Jo 4.9).

d)Por possuir natureza humana completa, inclusive corpo, alma e espírito (Mt 26.12,38; Lc 23.46).

e)Pelas suas limitações humanas, sem pecado, evidentemente. Deste modo Ele estava sujeito à fadigacorporal, à necessidade de sono, à fome, à sede, aosofrimento e à dor física. Tinha capacidade paramorrer. Tinha limitações intelectuais. Tinha capacidade para crescer em conhecimento, e de adquirirconhecimento mediante observação (Jo 4.6; Mt 8.24; 21.18; Jo 19.28; Lc 22.44; 1 Co 15.3; Lc 2.52; Mc 11.13; 13.32; 1.35; At 10.38).

2.A Natureza Divina de Jesus Cristo

"As dimensões do cristianismo melhor se medem pelas dimensões da Pessoa que o fundou elimita seu horizonte. Da realidade da sua divindade dependem todas as demais realidades do cristianismo, e isso por toda a eternidade" - **Champion.**Ao mesmo tempo que Jesus Cristo era verdadeiro homem, também era verdadeiro Deus. Disse Napoleão ao conde de Montholon: "Penso que compreendo um pouco da natureza humana, e digo-te que todos esses heróis da antigüidade foram homens, como eu o sou, mas não como Jesus Cristo: Este era mais que homem" (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág. 106).

As Escrituras Sagradas afirmam peremptória e categoricamente que:

a) Cristo é Deus

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Outras passagens das Escrituras corroboram com a Divindade de Jesus Cristo, como seja: João 10.30,33,38; 14.9,11; 20.28; Romanos 9.5; Colossenses 1.25; 2.9; Filipenses 2.6; Hebreus 1.3; 2 Coríntios 5.19; 1 Pedro 1.2; 1 João 5.2; e Isaías 9.6.Muitas afirmações feitas no Antigo Testamento a respeito de Jeová, são interpretadas e

cumpridas no Novo Testamento, referindo-se à Pessoa de Jesus Cristo. Veja, por exemplo os casos seguintes:

Vaticínio	**Cumprimento**
Isaías 40.3,4	Lucas 1.68,69,76
Êxodo 3.14	João 8.56-58
Jeremias 17.10	Apocalipse 2.23
Isaías 60.19	Lucas 2.32
Isaías 6.1	João 12.37-41
Isaías 8.13,14	1 Pedro 2.7,8
Números 21.6,7	1 Coríntios 10.9
Salmo 23.1	João 10.11; 1 Pedro 5.4
Ezequiel 34.11,12	Mateus 4.10

b) Cristo é Todo-poderoso

"Toda autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18)."Eu sou o Alfa e o ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era, e que há de vir, o Todo-poderoso" (Ap 1.8).

c) Cristo é Eterno

"Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou" (Jo 8.58). O Evangelho de João destaca este aspecto da divindade de Cristo nos seguintes textos: 1.18; 6.57; 8.19; 10.30,38; 14.7,9,10,20; 17.21,26.

d) Cristo é Criador

"Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez... Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu" (Jo 1.3,10)."Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16). "Havendo Deus antigamente faladomuitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro da sua glória, por quem fez também o mundo" (Hb 1.1,2).

3.Atributos da Divindade de Jesus Cristo

Atributos inerentes a Deus Pai, relacionam-se harmoniosamente com Jesus Cristo, provando a sua divindade. Por isso a Bíblia o apresenta como:

- O Primeiro e o Último(Is 41.4; Cl 1.15,18; Ap 1.17; 21.6).
- O Senhor dos senhores (Ap 17.14).
- Rei dos reis(Is 6.1-5; Jo 12.41; 1 Tm 6.15).
- Juiz (Mt 16. 27; 25. 31,32; 2 Tm 4.1; At 17. 31).
- Pastor(Sl 23.1; Jo 10.11,12).
- Cabeça da Igreja(Ef 1.22).
- Verdadeira Luz(Lc 1.78,79; Jo 1.4,9).
- Fundamento da Igreja (Is 28.16; Mt 16.18).
- Caminho(Jo 14.6; Hb 10.19,20).
- A Vida(Jo 11.25; 1 Jo 5.11,12).
- Perdoador de pecados(Sl 103.3; Mc 2.5; Lc 7.48,50).
- Preservador de tudo(Hb 1.3; Cl 1.17).
- Doador do Espírito Santo(Mt 3.11; At 1.5).
- Onipresente (Ef 1.20-23).
- Onipotente(Ap 1.8).
- Onisciente (Jo 21.17).
- Santificador(Hb 2.11).
- Mestre (Lc 21.15; Gl 1.12).
- Restaurador de si mesmo(Jo 2.19).
- Inspirador dos profetas(1 Pd 1.17).
- Supridor de ministros à Igreja(Ef 4.11).
- Salvador(Tt 3.4-6).

IV. O CARÁTER DE JESUS CRISTO

O caráter imaculado de Jesus Cristo tem recebido a aprovação e a recomendação não apenas de Deus Pai, dos seus anjos e dos santos, mas até os demônios têm reconhecido isto. Ao longo de quase dois milênios o seu nome e a sua vida impõem respeito e ternura e têm sido motivo inspirador de milhões de vidas em toda a terra e em todos os tempos. Dentre tantos testemunhos quanto o caráter santo de Cristo, destacamos os seguintes, de três pensadores cristãos.

"O caráter de Jesus dá tremenda força à nossa crença nele. Sua vida foi tudo quanto uma vida deve ser, quando julgada segundo os padrões mais elevados" - Bispo McDowell.

"Ainda que algo do caráter de Cristo se tenha revelado em uma Era e algo mais dele em outra, a própria eternidade, todavia, não é suficiente para manifestá-lo inteiramente" - Flavel.

"Seu caráter saiu aprovado através dos ataques maliciosos de dois mil anos, e hoje, perante o mundo apresenta-se impecável em todos os sentidos. Seu nome é sinônimo de Deus sobre a terra" - Bispo Foster (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág.116).

1. A Santidade de Jesus Cristo

A santidade de Jesus Cristo, quanto ao seu verdadeiro significado, indica que Ele era isento de toda contaminação (1 Jo 3.5), absoluta e imaculadamente puro (1 Jo 3.3). Ele era absolutamente livre de todos os elementos de impureza. Ele possuía todos os elementos de pureza positiva e perfeita santidade.A santidade como parte inseparável do caráter divino de Jesus foi constatada e motivo de apreciação da parte de santos e pecadores. A santidade de Jesus foi testemunhada pelos espíritos imundos, por Judas Iscariotes, Pilatos, pela esposa de Pilatos,.pelo malfeitor moribundo na cruz, pelo centurião romano por ocasião da crucificação, pelos apóstolos Pedro e João, Ananinas de Damasco, por todo o grupo apostólico, pelo apóstolo Paulo, pelo próprio Jesus Cristo, e por Deus, o Pai (Mc 1.23,24; Mt 27.3,4; Jo 18.38; Mt 27.19; Lc 23.41; At 3.14; 1 Jo 3.5).

A santidade de Jesus é manifesta de forma muito patente nos seguintes casos do Novo Testamento:

a)Por sua atitude para com o pecado e a justiça (Hb 1.9).

b)Por suas ações referentes ao pecado e à vontade de Deus (1 Pd 2.22).

c)Pela sua exigência de santidade da parte dos outros (Mt 5.48).

d)Pela sua repreensão do pecado dos pecadores (Mt 16.23).

e)Mediante seu sacrifício para salvar os homens do pecado (1 Pd 2.24).

f)Pelo castigo destinado aos impenitentes (2 Ts 1.7-9).

2.O Amor de Jesus Cristo

Por "amor de Jesus Cristo" se entende seu desejo e disposição na promoção do bem-estar dos objetos de sua afeição pessoal, e de sua devoção particular. Neste particular, são objetos do amor de Jesus Cristo:

- Deus Pai (Jo 14.31).
- A Igreja (Ef 5.25).
- Os crentes como indivíduos (Gl 2.20).
- Aqueles que lhe pertencem (Jo 13.1).
- Os discípulos obedientes (Jo 14.21).
- Seus próprios inimigos (Lc 23.34).
- Seus próprios familiares (Jo 19. 25-27).
- As crianças (Mc 10. 13-16).
- Os pecadores perdidos (Rm 5.6-8).

3.A mansidão de Jesus Cristo

A mansidão de Jesus Cristo é manifesta ao longo do Novo Testamento

- Na longanimidade e tolerância para com os fracos e faltosos (Mt 12.20).
- Na concessão do perdão e da paz a quem merecia censura e condenação (Lc 7. 38,48,50).
- No proporcionar cura a quem procurava obtê-la de modo indigno (Mc 5.33,34).
- No repreender mansamente a incredulidade renitente (Jo 21.15-17).
- No corrigir de modo terno a autoconfiança, a infidelidade e a tríplice flagrante

negação por parte de Pedro (Jo 21.15-17).

- No repreender mansamente a Judas Iscariotes que o traía (Mt 26.48-50).

-Na compassiva oração a favor dos seus algozes (Lc 23.34).

4. Á Humildade de Jesus Cristo

A humildade de Cristo manifesta no Novo Testamento, é demonstrada nos seguintes casos:

- Ao assumir a forma e posição de servo (Jo 13.4,5).

- Por não buscar sua própria glória (Jo 8.50).

- Ao evitar a notoriedade e o louvor (Is 42.2).

-Ao associar-se aos desprezados e rejeitados (Lc 15. 1,2).

- Por sua paciente submissão e silêncio em vista de injúrias, ultrajes e injustiças (1 Pd 2.23).

V. A OBRA DE JESUS CRISTO

A obra de Cristo envolve toda a sua vida e ministério terrenos. Envolve a sua pregação, os seus milagres, a sua morte, ressurreição e glorificação. Abordamos a obra de Cristo aqui, apenas no que diz respeito à nossa redenção.

1.A Morte de Jesus Cristo

A importância da morte de Cristo é demonstrada:

• Pela relação vital que ela tem com a sua Pessoa.

• Por sua conexão vital com a encarnação (Hb 2.14).

• Pela posição de relevo que lhe é dada nas Escriturãs (Lc 24. 27,44).

• Por ter sido alvo de investigação fervorosa por parte dos santos do Antigo Testamento (1 Pd 1.11).

• Por ser elemento de interesse e pesquisa dos anjos (1 Pd 1.12).

• Como uma das verdades cardeais do Evangelho (1 Co 15.1,3,4).

• Como assunto único da conversa por ocasião da sua transfiguração (Lc 9.30,31).

Sendo uma religião nitidamente redentora, o cristianismo prioriza a morte de Cristo como tema da sua pregação. Deste modo o cristianismo assume posição de desta-

que, elevando-se acima de todas as religiões do mundo.

2.A Necessidade da Morte de Jesus Cristo

A morte de Jesus Cristo tornou-se necessária por causa da santidade, do amor e do propósito de Deus, face ao pecado do homem e ao cumprimento das Escrituras (Hc 1.13; Jo 3.16; 1 Pd 2.25; Lc 24.25-27; At 2.23). Jesus não morreu acidentalmente, nem como mártir; também não morreu meramente para exercer influênciamoral sobre os homens, nem para manifestar o desprazer de Deus contra o pecado; nem meramente para expressar o amor de Deus pelos homens. A morte de Cristo foi o único recurso da economia divina que satisfazia plenamente os requisitos necessários à redenção do homem caído. Positivamente considerada, a morte de Cristo

- Foi predeterminada (At 2.23).
- Foi voluntária - por livre escolha, não por compulsão (Jo 10.17,18).
- Foi viçaria - a favor de outros (1 Pd 3.18).

-Foi sacrificial - como holocausto pelo pecado (1 Co 5.7).

- Foi propiciatória - cobrindo ou tornando favorável (1 Jo 4.10).
- Foi redentora - resgatando por meio de pagamento (Gl 4.4,5).
- Foi substitutiva - em lugar de outros (1 Pd 2.24).

Em seu escopo, a morte de Cristo tem duplo aspecto: o universal e o restrito. Assim sendo, entendemos que a morte de Cristo foi:

a) Pelo mundo inteiro (1 Jo 2.2).

b)Por cada indivíduo da raça humana (Hb 2.9).

c)Pelos pecadores, pelos justos e pelos ímpios (Rm 5.6-8).

d)Pela igreja e por todos os crentes (Ef 5.25-27).

O mundo inteiro foi incluído no alcance e providência da morte de Cristo, e até certo ponto compartilha de seus benefícios. Mas essa provisão só se torna plenamente eficaz e redentora no caso daqueles que crêem. Isto é, a morte de Cristo é universal em seu alcance, mas restrita em sua eficácia, uma vez que só aqueles que a aceitam é que serão salvos.

3.Resultados da Morte de Cristo

Dentre os incontáveis resultados da morte de Cristo, salientam-se os seguintes:

- Uma nova oportunidade de reconciliação do homem com Deus (Rm 3.25).
- Os homens são atraídos a Ele (Jo 12.32,33).
- A propiciação total dos pecados (1 Jo 1.9).
- A remoção do pecado do mundo (Jo 1.29).
- A potencial anulação do poder do pecado (Hb 9.26).
- A redenção da maldição da lei é assegurada (Gl 3.13).
- Remoção da barreira entre judeus e gentios (Ef 2.14-16).
- É anulada a distância entre o crente e Deus (Ef 2.13).
- Garantia do perdão de pecados (Ef 1.7).
- A derrota dos poderes e principados (Cl 2.14,15).

VI. A RESSURREIÇÃO E GLORIFICAÇÂO DE CRISTO

A ressurreição física e corporal do Senhor Jesus Cristo é o fundamento inabalável do Evangelho e da nossa fé. De fato, o cristianismo não seria mais do que uma religião, se Cristo não tivesse ressuscitado dentre os mortos. Portanto, é a ressurreição de Cristo, dentre outras coisas, que o faz diferente dos grandes filósofos e fundadores de religiões humanas. É a ressurreição de Cristo que faz do cristianismo o elo de comunhão entre o homem e uma Pessoa, o próprio Cristo ressurreto. Portanto, não é sem motivo que o Diabo e muitos homens ímpios, tendo tentado destruir o cristianismo, foram impedidos de fazê-lo, pois, em qualquer direção em que se encontrassem, sempre se viam diante dum túmulo vazio, o túmulo daquele que foi morto, mas vive para jamais morrer.

1. A Realidade da Ressurreição de Cristo

A realidade da ressurreição de Cristo se evidencia ao longo da narrativa novitestamentária. Suas provas se vêem:

a) No sepulcro vazio (Lc 24.3).

b)Nas aparições do Senhor a Maria Madalena, às mulheres, a Simão Pedro, aos dois discípulos no caminho de Emaús, aos discípulos no Cenáculo, a Tome, a João e

Pedro, a todo o grupo dos discípulos (Jo 20.16; Mt 28.,8,9; Lc 24.13,14,25-27,30-32; Jo 20.19,26,29; 21.5-7; 1 Co 15.4-7).

c)Na transformação operada nos discípulos (Jo 7.3-5).

d)Na mudança do dia de descanso e adoração semanais (At 20.7; 1 Co 16.2).

e)No testemunho positivo de Pedro no dia de Pentecoste, e de Paulo, no Areópago (At 2.14,22-24; 17.31).

f)No testemunho do próprio Cristo quando se revelou a João, em Patmos (Ap 1.18).

2.Resultados da Ressurreição de Cristo

A ressurreição de Jesus Cristo:

- É o cumprimento da promessa de Deus aos pais (At 13.32,33).

- Confirma a divindade de Jesus Cristo, colocando-a acima de qualquer dúvida (Rm 1.4).

-É prova de justificação dos crentes (Rm 4. 23-25).

-Torna possível o imutável sacerdócio de Cristo (Hb 7. 22,25).

- Possibilita o crente tornar-se frutífero para Deus (Rm 7.4).

- É o penhor divino do julgamento futuro (At 17.41).

3.A Glorificação de Cristo

Na sua carta aos Filipenses,, quanto à encarnação, humilhação e glorificação de Jesus Cristo, escreveu o apóstolo Paulo:"...pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que Deus também o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.6-11). Do estudo deste texto do apóstolo Paulo, compreendemos que a glorificação de Jesus Cristo se evidencia nos seguintes fatos:

a)Deus exaltou a Jesus dando-lhe a dignidade de soberano.

b)Não apenas a Pessoa de Cristo, mas também o seupróprio nome está acima de

todo nome que se possanomear nos céus, na terra e no inferno.

c)O nome de Jesus impõe reverência da parte dos anjos, dos homens e dos demônios.

d)No futuro, o nome de Cristo será declarado em suaplenitude como Rei dos reis, Senhor de todos e Senhor da glória.

e)A glorificação plena de Jesus Cristo está intimamente associada à própria glória de Deus Pai.

Não há melhor defesa contra a especulação do que a fé no Senhor tal como Deus no-lo revelou. Toda a especulação é derrotada pela fé que vence o mundo, pela fé que ouviu as promessas: "Tende bom ânimo, eu venci o mundo" (Jo 16.33). Cristo é o Senhor vivo que domina todos os tempos. Em 1742, alguém, glosando o mencionado final de João, escrevia: "Oxalá, pelo menos, o nosso mundo desse guarida aos livros que descrevessem a obra do Senhor exaltado!"Certamente a exaltação de Cristo está indissoluvelmente ligada a tudo quanto Ele fez na terra e que João descreve com admiração; mas, de fato, merece ponderação especialíssima a realidade de que *este* Senhor vivo é o Senhor da Igreja, o Cristo exaltado, que está a fazer uma obra indescritível e continuada em seu Reino, e cuja proteção nunca cessa. A viva fé da comunidade tampouco cessará, mas sempre ecoará a antiga proclamação cristológica: Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, baseada no testemunho dos profetas e apóstolos. Perfeito resumo desta fé são as palavras lapidares de Hebreus 13.8; "Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre". Esta inalterabilidade do Ser de Cristo vence qualquer especulação. Aquele que sabe quem ele é, conhece sua Obra e repousa confiado: "Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim" (A Pessoa de Cristo – Aste – Págs. 274-275).

QUESTIONÁRIO DE CRISTOLOGIA

1. Há algum padrão de comparação entre Jesus Cristo e nomes como Confúcio, Maomé e Buda? Explique.

2. Qual o nome hebraico donde provém o nome "Jesus"?

3. Dê o nome equivalente a "Cristo" no Antigo Testamento.

4. Qual a referência bíblica, donde se acredita derivar o tratamento "Filho do homem" para Jesus Cristo?

5. Além de se aplicar a Jesus, a quem mais na Bíblia se aplica o tratamento "Filho de Deus"?

6. Cite o tríplice aspecto do tratamento "Filho de Deus" aplicado a Jesus Cristo.

7. Dê dois sentidos do tratamento "Senhor" em relação à pessoa de Jesus Cristo.

8. Sobre a pessoa de Cristo, o que ensina o gnosticismo?

9. O que ensina o Docetismo a respeito de Cristo?

10. Qual o conceito Monarquianista acerca de Jesus?

11. Qual o ensino do Sabelianismo acerca da pessoa de Jesus Cristo?

12. Qual o grande erro do arianismo com respeito à pessoa de Cristo?

13. Que ensina o Apolinarianismo acerca de Jesus Cristo?

14. Que crê o Nestorianismo a respeito de Jesus Cristo?

15. O que ensinava o Eutiquianismo a respeito da pessoa de Cristo?

16. Faça um resumo da definição Cristológica de calcedônia.

17. Dê dois aspectos da natureza humana de Jesus Cristo.

18. Cite três aspectos da natureza divina de Jesus Cristo.

19. Ache na sua Bíblia indicações de Jesus Cristo como DeusTodo-poderoso, Eterno e Criador.

20. Mencione cinco atributos da divindade de Jesus Cristo.

21. Dê três aspectos do caráter de Jesus Cristo.

22. Qual o principal fato relativo à obra de Jesus Cristo?

23. Defina a importância da morte de Jesus Cristo.

24. Explique porque era necessário que Cristo morresse.

25. Cite pelo menos três resultados da morte de Cristo.

26. Qual a importância da ressurreição de Cristo em relação à nossa fé?

27. Mencione quatro resultados decorrentes da ressurreição de Cristo.

28. Ache na sua Bíblia, na carta aos Filipenses, o que Paulo escreveu acerca da glorificação de Jesus Cristo.

PNEUMATOLOGIA

ÍNDICE

I. A NATUREZA DO ESPIRITO SANTO

1. A Personalidade do Espírito Santo

2. Nomes Divinos São Dados ao Espírito Santo

3. Símbolos do Espírito Santo

a) O Fogo

b) O Vento

c) Água, Rio, Chuva

d) Óleo, Azeite

e) Selo

f) A Pomba

II. A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

1. O Espírito Santo na Criação

2. O Espírito Santo Antes do Dilúvio

3. O Espírito Santo nos Líderes do Antigo Testamento

4. O Espírito Santo em João Batista

5. O Espírito Santo em Cristo

6. O Espírito Santo em Relação ao Crente

III. O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

1. O Dia de Pentecoste

2. Para Quem é a Promessa?

3. A Natureza Deste Batismo

a) Derramamento

b) Batismo

c) Enchimento

4. Evidência do Batismo com o Espírito Santo

a) No Dia de Pentecoste

b) Entre os Crentes Samaritanos

c) Sobre Saulo em Damasco

d) Em Casa do Centurião Cornélio

e) Sobre os Discípulos em Éfeso

IV. OS DONS DO ESPIRITO SANTO

1. Os Dons do Espírito Santo em 1 Coríntios

2. Classificação dos Dons Espirituais

3. Dons de Revelação

a) Palavra do Conhecimento

b) Palavra da Sabedoria

c) Discernimento de Espíritos

4. Dons de Poder

a) Dons de Curar

b) Operação de Milagres

c) Fé

5. Dons de Inspiração

a) Variedade de Línguas

b) Interpretação das Línguas

c) Profecia

V. O FRUTO DO ESPIRITO SANTO

1. Relação dos Dons e do Fruto do Espírito Santo

a) Os Dons do Espírito

b) O Fruto do Espírito

2. Distinção Entre Dons e Fruto do Espírito

3. Definição do Fruto do Espírito

4. Equilíbrio Entre Dons e Fruto do Espírito

INTRODUÇÃO

Por muitos anos, principalmente nos anos anteriores ao despertamento pentecostal iniciado no começo deste Século, o Espírito Santo era a Pessoa menos conhecida dentre as Pessoas da Santíssima Trindade. Porém, com o surgimento do Movimento Pentecostal, quando Deus fez soprar o vento do seu Espírito em maior profusão, o Espírito Santo veio a conquistar no conceito cristão a sua verdadeira posição em relação ao Pai e ao Filho.

A despeito de tudo isto, no entanto, reconhecemos haver muito erro e confusão em nossos dias no tocante à personalidade, operações e manifestações do Espírito Santo. Eruditos, conscientes, mas equivocados, têm sustentado pontos de vista errôneos e contrários às Escrituras a respeito desse singular personagem da Trindade Divina. É vital, portanto, para a fé de todo crente sincero, que o ensino bíblico a respeito do Espírito Santo seja mantido em bases seguras e em suas corretas proporções. Só assim serão evitados os extremos quanto ao assunto: evitando ou dando ênfase demasiada e até antibíblica à Pessoa e obra do Espírito Santo.

I. A NATUREZA DO ESPIRITO SANTO

A natureza do Espírito Santo se evidencia através da sua personalidade singular, da sua divindade, dos seus nomes e símbolos conforme revelam o Antigo e o Novo Testamento.

1. A Personalidade do Espírito Santo

A Bíblia apresenta o Espírito Santo como um Ser dotado de personalidade, isto é, que possui ou contém em si mesmo os elementos de existência pessoal, em contraste com a existência impessoal (Teologia Elementar – Imprensa Batista –Pág. 163).

Pode-se dizer que a personalidade existe quando se encontram em uma única combinação, inteligência, emoção e volição, ou ainda autoconsciência e autodeterminação. Deste modo, ao usarmos o termo "pessoa", aplicando-o aos membros da Trindade, deve ser entendido em sentido qualitativo ou limitado, e não em organismos separados, confundindo-o com corporalidade, conforme usamos o termo em relação ao homem.

A Bíblia mostra a personalidade do Espírito Santo quando diz que:

- Ele cria e dá vida (Jó 33.4).

- Ele nomeia e comissiona ministros (Is 48.16; At 13.2; 20.28).
- Ele dirige onde os ministros devem pregar (At 16.6,7).
- Ele instrui o que os ministros devem pregar (1 Co 2.14).
- Ele falou através dos profetas (At 1.16; 1 Pd 1.11,12; 2 Pd 1.21).
- Ele contende com os pecadores (Gn 6.3).
- Ele reprova (Jo 16.8).
- Ele consola (At 9.31).
- Ele nos ajuda em nossas fraquezas (Rm 8.26).
- Ele ensina (Jo 14.26; 1 Co 12.3).
- Ele guia (Jo 16.13).
- Ele santifica (Rm 15.16; 1 Co 6.11).
- Ele testifica de Cristo (JO 15.26).
- Ele glorifica a Cristo (Jo 16.14).
- Ele tem poder próprio (Rm 15.13).
- Ele sonda tudo (Rm 11.33,34; 1 Co 10,11).
- Ele age segundo a sua vontade (1 Co 12.11).
- Ele habita com os santos (Jo 14.17).
- Ele pode ser entristecido (Ef 4.30).
- Ele pode ser envergonhado (Is 63.10).
- Ele pode sofrer resistência (At 7.51).
- Ele pode ser tentado (At 5.9).

2.Nomes Divinos São Dados ao Espírito Santo

O Espírito Santo é chamado DEUS: "Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?... Não mentiste aos homens, mas a Deus" (At 5.3,4).

O Espírito Santo também é chamado SENHOR: "E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos

transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito" (2 Co 3.18).

Além de nomes, o Espírito Santo detém atributos divinos, como:

• Eternidade (Hb 9.14).

• Onipresença (Sl 139.7-70).

• Onipotência (Lc 1.35).

• Onisciência (1 Co 2.10).

Outra incontestável prova da divindade do Espírito Santo é que Ele realiza trabalhos exclusivos de Deus. Por exemplo:

• Foi o Espírito Santo quem comunicou vida à criação (Gn 1.2).

• É o Espírito Santo quem transforma o homem pecador em uma nova criatura, por meio do novo nascimento (Jo 3.3-8).

• Foi o Espírito Santo quem levantou a Cristo da morte, mediante a ressurreição (Rm 8.11).

No decorrer de toda a Escritura, o Espírito Santo é chamado:

• Espírito de Deus (1 Co 3.16; Gn 1.2).

• Espírito de Cristo (Rm 8.9).

• Espírito Santo (At 1.5).

• Espírito de Vida (Rm 8.2).

• Espírito de Adoção (Rm 8.5; Gl 4.5,6).

3.Símbolos do Espírito Santo

A Bíblia é um livro de figuras e símbolos. De forma específica, o Espírito Santo é mostrado nas Escrituras também através de símbolos, dentre os quais se destacam os seguintes:

a) O Fogo

"Respondeu João a todos, dizendo: Eu, na verdade, batizo-vos com água, mais eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16).

O fogo, como símbolo do Espírito Santo, fala da sua grande força em relação às diversas maneiras de sua operação, para corrigir os defeitos da nossa natureza decaída e conduzir-nos à perfeição que deve adornar os filhos de Deus. Mais do que isto, o fogo fala da ação purificadora do Espírito Santo.

b) O Vento

"E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados" (At 2.2). Jesus falou do vento como símbolo do Espírito Santo. O vento apesar de invisível, é real. Não podemos tocá-lo nem compreendê-lo, mas o sentimos. A sua ação independe do querer ou não do homem. Isto fala da ação soberana do Espírito Santo.A mesma palavra "pneuma", que é usada em referência ao Espírito, é também traduzida por "vento", "ar", ou "fôlego".

c) Água, Rio, Chuva

"E no último, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios dágua viva correrão do seu ventre. E isto disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.37-39).

d) Óleo, Azeite

"E me disse: Que vês? Eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e um vaso de azeite no cimo, com as suas sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à esquerda. E falei, e disse ao anjo que falava comigo, dizendo: Senhor meu, que é isto? Então respondeu o anjo que falava comigo, e me disse: Não sabes tu o que isto é? E eu disse: Não, senhor meu. E respondeu, e me falou, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel, dizendo: Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.2-6).

Simbolizando o Espírito Santo, o óleo era usado nas solenidades consagratórias de profetas, sacerdotes e reis em Israel. É considerado símbolo do Espírito Santo porque era usado nos rituais do Antigo Testamento, correspondendo à operação real do Espírito Santo na vida do crente hoje.

e) Selo

"Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13). O selo é prova de propriedade, legitimidade, autoridade, segurança ou preservação. Estas palavras expressam a situação daqueles que foram selados pelo Espírito Santo.

f) A Pomba

"E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que seabriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 13.16,17). O Espírito Santo veio sobre os discípulos no dia de Pentecoste, em forma de fogo - havia o que queimar. Sobre Jesus, no entanto, veio em forma corpórea duma pomba- símbolo da pureza e da inocência de Cristo.

II. A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

A dispensação em que vivemos atualmente é um tempo oportuno para as atividades especiais do Espírito Santo entre os homens, como aquele sobre quem pesa a responsabilidade de alcançar todo este vasto Universo, encaminhando os homens para Deus. Entretanto, sabemos que o mesmo Espírito também exerceu as suas atividades em tempos mais remotos. Muito antes do alvorecer dos tempos, Ele já existia como a terceira Pessoa da Trindade divina.

1.O Espírito Santo na Criação

Muito antes de o homem aparecer na terra e mesmo antes da terra existir, o Espírito Santo já existia. A primeira parte de Gênesis 1.2 apresenta uma cena singular: a terra, uma massa informe, vazia e escura. Foi então que um raio de esperança brilhou, iluminando-a, antes mesmo que Deus ordenasse o aparecimento da luz. Lemos: "E o Espírito de Deus pairava por sobre as águas". Foi este aspecto diferente o primeiro prenuncio da perfeição das obras do Criador.Com singular inspiração, disse o patriarca Jó que Deus, "pelo seu Espírito, ornou os céus" (Jó 26.13). Isto é, através do seu Espírito, Deus não apenas formou o Universo, mas também o embelezou estabelecendo a ordem de ação de cada astro, do menor ao maior.

2.O Espírito Santo Antes do Dilúvio

Os primeiros versículos do capítulo seis de Gênesis pintam um quadro calamitoso. A terra estava corrompida. A maldade do homem não tinha limites. Era a depravação total da raça humana. Todos os pensamentos do coração do homem eram maus continuamente (Gn 6.5). Diante disto, concluímos logicamente, que os homens resistiam ao Espírito Santo apesar da sua persistência em conduzi-los à consciência de erro e uma conseqüente volta para Deus.Face à impenitência do homem, em estado de profunda tristeza, disse Deus a Noé: "O meu Espírito não agirá para sempre no homem" (Gn 6.3).

Apesar disto, Deus ainda deu ao homem uma oportunidade que durou cerca de cento e vinte anos. Mesmo assim, em atitude de rebeldia contra Deus e o seu Espírito Santo, o homem continuou na escalada do pecado, culminando com a destruição trazida pelo Dilúvio.

3.O Espírito Santo nos Líderes do Antigo Testamento

Dentre os grandes vultos do Antigo Testamento, em cujas vidas o Espírito Santo encontrou lugar para operar, se destacam José do Egito, Moisés, os setenta anciões de Israel, Bezaleel, Josué, Otoniel, Gideão, Jefté, Sansão, Saul e Davi. Por esta razão a história narrada no Antigo Testamento os destaca dos seus contemporâneos.

Foi pela ação do Espírito Santo que,

• José se evidenciou com capacidade de revelar mistérios e com sabedoria para administrar (Gn 41. 8,38).

• Moisés mostrou autoridade divina para liderar e sabedoria para legislar sobre o povo de Deus (Is 63.11).

• Os setenta anciãos mostraram habilidade como co-operadores na condução dos filhos de Israel durante a peregrinação no deserto (Nm 11.16,17, 25).

• Bezaleel recebeu capacidade para construir o tabernáculo e para ensinar a outros o mesmo serviço (Ex 31.1-4; 35.34).

• Otniel adquiriu sabedoria para julgar Israel (Jz 3.10,11).

• Gideão encontrou coragem para lutar (Jz 6.34).

• Jefté lutou e venceu os Amonitas (Jz 11.29).

• Sansão encontrou força para libertar o seu povo que gemia sob o jugo da escravidão dos filisteus (Jz 14.19; 15.14).

• Saul foi contado entre os profetas, e assim continuou enquanto temeu ao Senhor (1 Sm 10.6,10).

• Davi encontrou forças para ser rei, poeta, cantor e profeta (1 Sm 16.13).

• Os profetas trabalharam e agiram no poder do Espírito, ministrando não para si mesmos, mas para nós da atual geração (Ez 2.2; 2 Pd 1.21).

4.O Espírito Santo em João Batista

A João Batista estava destinada uma missão de grande interesse dos céus. Por isso o Espírito Santo se manifestou nele (desde o ventre de sua mãe), de modo especial (Lc 1.15). Foi cheio do Espírito Santo, pois nenhuma missão divina de grande relevância pode ser realizada, a não ser pela unção do Espírito Santo.

A presença do Espírito Santo no ministério de João Batista se evidencia:Pela autoridade com que exortava o povo a preparar o caminho do Senhor (Lc 3.2-4); Pela firmeza com que anunciava a salvação de Deus, a manifestar-se em Cristo (Lc 3.5,6); Pela energia com que denunciava o pecado do seu povo, conclamando-o ao arrependimento, para escapar do juízo iminente, qual machado já posto à raiz da árvore (Lc 3.7-9); Pela segurança com que ensinava o caminho de retorno a Deus (Lc 3.10-14); Pela convicção com que predizia o caráter sobrenatural do ministério de Jesus, de quem era precursor (Lc 3.15-18); Pela imparcialidade com que protestava contra o pecado do rei Herodes (Lc 3.19).

5.O Espírito Santo em Cristo

Ninguém melhor que Jesus se identificou de forma tão plena com o Espírito Santo. Essa relação salienta a pessoa de Jesus Cristo como alguém

a) Concebido pelo Espírito Santo (Lc 1.35).

b) Ungido com o Espírito Santo (At 10.38).

c)Guiado pelo Espírito Santo (Mt 4.1).

d) Cheio do Espírito Santo (Lc 4.1).

e)Que realizou o seu ministério no poder do Espírito Santo (Lc 4.18,19).

f) Que ofereceu-se em sacrifício pelo Espírito (Hb 9.14).

g)Que ressuscitou pelo poder do Espírito (Rm 8.11).

h)Que deu mandamento aos apóstolos após a ressurreição- por intermédio do Espírito Santo (At 1.1,2).

i) Doador do Espírito Santo (At 2.33).

Jesus Cristo viveu toda a sua vida terrena dependendo inteiramente do Espírito Santo e a Ele se sujeitou.

6. O Espírito Santo em Relação ao Crente

Quanto à pessoa do crente, o Espírito Santo nele opera:

- regenerando-o (Jo 3.3-6).
- batizando-o no corpo de Cristo (Jo 1.32-34).
- habitando nele (1 Co 6.15-19).
- selando-o (Ef 1.13,14).
- proporcionando-lhe segurança (Rm 8.14-16).
- fortalecendo-o (Ef 3.16).
- enchendo-o da sua virtude (Ef 5.18-20).
- libertando-o da lei do pecado e da morte (Rm 8.2).
- guiando-o (Rm 8.14).
- chamando-o para serviço especial (At 13.2,4).
- orientando-o para serviço especial (At 8.27-29).
- iluminando-o (1 Co 2.12-14).
- instruindo-o (Jo 16.13,14).
- capacitando-o (1 Ts 1.5).

III. O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

O evento do batismo com o Espírito Santo não deveria surpreender, nem confundir os estudantes das Escrituras, pois é uma bênção já prometida, relacionada com o plano divino da salvação em Cristo, predito por Joel, Isaias, João Batista e Jesus (At 2.16-18; Is 44.3; Mt 3.11; Jo 14.16,17).

1. O Dia de Pentecoste

O dia de Pentecoste foi um dia singular para a Igreja e continua sendo; é que nesse dia aprouve a Deus, por inter-cessão de Jesus Cristo, enviar o Espírito Santo, a ocupar no mundo e de forma mais precisa, no seio da Igreja, uma posição sem paralelo em toda a história da humanidade. Nesse dia cerca de cento e vinte frágeis discípulos de Jesus foram cheios do Espírito Santo e dotados do poder de tes-temunhar do Evangelho.

Como resultado da experiência do Pentecoste, Pedro pregou com tal autoridade, que cerca de três mil preciosas almas se renderam aos pés de Jesus. Com autoridade sobrenatural acusou os seus ouvintes judeus de haverem entregue à morte o Filho de Deus, e exortou-os a se arrependerem de seus pecados. Isto disse como prelúdio, para logo informar-lhes de que a conversão a Cristo resultaria em receberem a mesma experiência que observavam, com sinais poderosamente evidentes (At 2.14-41). Atente com interesse para este fato. Pedro proclamou ter a promessa do batismo com o Espírito referência a todos os homens e não somente àqueles que constituíam a assembléia ali reunida.

2. Para Quem é a Promessa?

"E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.38,39). De acordo com estas palavras de Pedro, note a extensão e alcance da promessa do batismo com o Espírito Santo:

1° A promessa é para vós - os judeus ali presentes, representando os demais compatriotas, isto é, a nação com a qual Deus fizera a antiga aliança.

2° Para os vossos filhos -os que existiam então e as gerações sucessivas.

3° Para todos os que ainda estão longe,isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar - para todos, universalmente, para os gentios e para qualquer indivíduo que responda à chamada de Deus, através do Evangelho para a salvação em .Cristo.

A promessa de Atos 2.39 indica que a gloriosa experiência do batismo com o Espírito Santo foi designada por Deus para todos os crentes, desde o dia de Pentecoste até o

fim da presente dispensação.O enchimento do Espírito Santo, assinalado pelo falar noutras línguas, como aconteceu no dia de Pentecoste, deveria ser o modelo para essa experiência, para qualquer indivíduo, através da dispensação da Igreja.

3.À Natureza Deste Batismo

Várias palavras e expressões são usadas na Bíblia para simbolizar e descrever a vinda do Espírito Santo aos crentes, e seu ministério através destes. Algumas dessas expressões, são:

a) Derramamento

Esta expressão das Escrituras é usada freqüentemente para designar a vinda do Espírito Santo à vida do crente. O sentido original da palavra se refere à comunicação de alguma coisa vinda do céu, com grande abundância..(Jl 2.28,29).

b) Batismo

O recebimento do Espírito Santo é figurado como batismo: uma total, gloriosa e sobrenatural imersão do Divino Espírito, o que revela a maneira gloriosa como o Espírito Santo envolve, enche e penetra a alma do crente. Assim todo o nosso ser se torna saturado e dominado com a presença refrigeradora de Deus, pelo seu Espírito Santo.

c) Enchimento

Quando o Espírito veio sobre os discípulos no cenáculo, foram *cheios* do Espírito. Evidenciaram estar cheios, a ponto de parecerem estar "embriagados" (At 2.3).

Esse enchimento não se deu em gotas, caídas como que através dum crivo. Não. No Pentecoste a plenitude do Espírito os encheu inteiramente, de tal modo que andavam de um lado para outro, falando em novas línguas.

4. Evidência do Batismo com o Espírito Santo

Todos os casos de batismos com o Espírito Santo relatados no livro de Atos, constituem uma sólida base para a afirmação de que o falar em línguas estranhas é a evidência física inicial de que o crente foi batizado com o Espírito Santo. Detenhamo-nos um pouco em analisar os cinco casos distintos como são apresentados no referido livro.

a) No Dia de Pentecoste

"E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). Esta foi a primeira manifestação do Espírito Santo, após Jesus ter dito: "...e vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias" (At 1.5). A demonstração comum ou evidência física inicial de que todos os presentes no cenáculo foram cheios do Espírito Santo, foi que todos falaram em línguas estranhas; línguas que não haviam aprendido, faladas, portanto, pela operação sobrenatural do Espírito Santo.

b) Entre os Crentes Samaritanos

"Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a Palavra de Deus, enviaram lá Pedro e João, os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo" (At 8.14-17).

Ainda que o texto bíblico citado não mostre explicitamente que os samaritanos hajam falado em línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo, estudiosos das Escrituras são da opinião de que eles tenham falado em línguas; pois, se não houvesse a manifestação das línguas, como os apóstolos teriam notado a diferença entre eles antes e depois da oração com imposição de mãos?Lucas diz que "Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro..."(At 8.18). Simão não seria suficientemente tolo a ponto de propor dinheiro para adquirir poderes para realizar operações espirituais abstratas. Ele almejava poderes para operar fenômenos como os que ele via e ouvia naquele momento.

c) Sobre Saul em Damasco

"E Ananias foi, e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo, e logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado" (At 9.17,18). Também no caso de Saulo, o texto bíblico não diz explicitamente que ele tenha falado em línguas, porém diz que ele foi cheio do Espírito. Ora, se é válido admitir que ele foi cheio do Espírito Santo naquele momento, por que, então, duvidar que ele haja falado

em línguas? Do punho do próprio Paulo lemos as seguintes palavras: "Dou graças a Deus,.porque falo mais línguas do que vós todos" (1 Co 14.18).

d) Em Casa do Centurião Cornélio

"E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus" (At 10.44-46). Foi a ênfase dada por Pedro e seus companheiros a que os gentios em Cesaréia haviam recebido o dom do Espírito Santo, tal qual eles no dia de Pentecoste, que apaziguou os ânimos dos apóstolos em Jerusalém, de sorte que disseram: "Na verdade até aos gentios deu Deus arrependimento para a vida!"(At 11.18).

e) Sobre os Discípulos em Êfeso

"E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (At 19.6). Observe: vinte anos após o dia de Pentecoste, o batismo com o Espírito Santo ainda era acompanhado com a evidência inicial de falar línguas estranhas. Esta evidência satisfazia não só a um dos requisitos da doutrina apostólica quanto à manifestação do Espírito Santo, como também cumpria a promessa de Jesus: "Estes sinais seguirão aos que crêem: ...falarão novas línguas" (Mc 16.17). Crisóstomo, um dos grandes mestres da Igreja antiga, afirmou, muitos anos após os dias de Paulo: "Quem quer que fosse batizado nos dias apostólicos, logo falava línguas: recebiam eles o Espírito Santo".

IV. OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Dentre as insondáveis riquezas espirituais que Deus coloca à disposição da sua Igreja na terra, destacam-se os dons sobrenaturais do Espírito Santo, apresentados pelo apóstolo Paulo" (1 Co 12.11) como agentes de poder e de vitória desta mesma Igreja.

O professor Antônio Gilberto define dons do Espírito Santo como sendo "uma dotação ou concessão especial e sobrenatural de capacidade divina para serviço especial da execução do propósito divino para a Igreja e através dela". Em resumo - "é uma operação especial e sobrenatural do Espírito Santo por meio do crente". Numa definição mais resumida, Stanley Horton define os dons do Espírito Santo como sendo "faculdades da pessoa divina operando no homem".

1.Os Dons do Espírito Santo em 1 Coríntios

Escreve o apóstolo Paulo que “... a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operação de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las" (1 Co 12.8-10).

Vale ressaltar que os dons são do Espírito Santo e não daqueles através dos quais eles operam. A torneira não pode dizer de si mesma: "Eu produzo água", pois seria uma inverdade. Quem produz água é a fonte. A torneira é apenas o canal através do qual a água flui.Os dons são do Espírito Santo, e, através deles, o Espírito opera em quem quer, como quer, quando quer e onde quer, com a finalidade precípua de edificar a Igreja, o corpo vivo de Cristo.

2.Classificação dos Dons Espirituais

Para melhor apresentação dos dons do Espírito Santo, alguns estudiosos têm usado classificá-los da seguinte maneira:

a) Dons de Revelação:

• Palavra do conhecimento

• Palavra da sabedoria

• Discernimento de espíritos

b) Dons de Poder:

• Dons de curar

• Operação de milagres

• Fé

c) Dons de Inspiração:

• Variedade de línguas

• Interpretação das línguas

• Profecia

Frank M. Boyd declarou que "a menos que os dons do Espírito sejam claramente definidos e cuidadosamente classificados em primeiro lugar, seu propósito não será

entendido e podem ser mal usados; a glória do Senhor pode ser roubada; e a Igreja pode deixar de receber grandes benefícios que esses dons devem trazer".

3. Dons de Revelação

Os dons de revelação são não somente necessários, mas igualmente indispensáveis àqueles que cuidam do governo e orientação da Igreja do Senhor Jesus Cristo na terra. Desde os mais remotos tempos do Antigo Testamento, esta categoria de dons esteve em evidência no ministério de juízes, sacerdotes, reis e profetas condutores do povo de Israel.

a) Palavra do Conhecimento

Este dom tem sido definido como sendo a revelação sobrenatural dalgum fato que existe na mente de Deus, mas que o homem, devido às suas naturais limitações, não pode conhecer, a não ser que o Espírito Santo lhe revele. Exemplos da manifestação deste dom são encontrados nos ministérios de Samuel, Eliseu, Aías, Jesus, Pedro e Paulo (1 Sm 9.15,20; 10.22; 2 Rs 5.20,26; 6.8; 1 Rs 14.6; Jo 1.48; 4.18; Lc 19.5; Mt 16.23; At 5.3,4). Através deste dom, segredos do mais profundo do coração são revelados, enquanto que obstáculos ao desenvolvimento da Igreja são manifestos, e desmascarada toda e qualquer hipocrisia. Este dom é de grande importância para o ministério ordinário da Igreja, pois pode apontar os maus obreiros, possíveis candidatos ao ministério cristão.

b) Palavra da Sabedoria

Este dom é uma palavra (uma proclamação, uma declaração) de sabedoria, dada por Deus através da revelação do Espírito Santo, para satisfazer a necessidade de solução urgente dum problema particular. Não se deve confundi-lo, portanto, com a sabedoria num sentido amplo e geral. Não depende da habilidade cultural humana de solucionar problemas, pois é uma revelação do conselho divino. Nos domínios do ministério cristão, este dom se aplica tanto ao ensino da doutrina bíblica, quanto à solução de problemas em geral.

c) Discernimento de Espíritos

Através deste dom, Deus revela ao crente a fonte e o propósito de toda e qualquer forma de poder espiritual. Através dele o Espírito Santo revelou a Paulo que tipo de espírito operava na jovem de Filipos, (At 16.18) e fez Paulo resistir a Elimas,

condenando-o à cegueira (At 13.11). Note que não se trata do "dom" de julgar ou fazer juízo doutras pessoas.Este é sem dúvida um dos dons de maior valia para o ministro nos dias hodiernos, pois, em meio a tanta contrafação e imitação nos domínios da fé e da religião, o obreiro a quem falte este dom, estará em apuros, pondo em risco a integridade da doutrina e da segurança do rebanho que Deus lhe confiou.

4. Dons de Poder

Os dons de poder formam o segundo grupo dos dons do Espírito Santo, e existem em função do sucesso e do cumprimento da grande comissão dada por Jesus Cristo. Como o Evangelho é o poder de Deus, é natural que tenha a sua pregação confirmada com sinais e maravilhas sobrenaturais, que ratificam esse Evangelho e lhe dão patente divina.

a) Dons de Curar

No grego o dom (curar), como o seu efeito, está no plural, o que dá a entender que existe uma variedade de modos na operação deste dom. Assim, um servo de Deus pode não ter todos os dons de curar, e, por isso, às vezes, muitos não são curados por sua intercessão. Por exemplo, Paulo orou pelo pai de Públio, que se achava com febre e desinteira, na ilha de Malta, e Jesus o curou (At 28.8), porém foi forçado a deixar o seu amigo Trófimo doente em Mileto (2 Tm 4.20). Como são diferentes os tipos de enfermidades, é evidente que há um dom de cura para cada tipo de enfermidade: orgânica, psicossomática ou de patogenia espiritual.

b) Operação de Milagres

Ambas as palavras aparecem no original grego, no plural, o que sugere que há uma variedade de modos de milagres e de atos de poder. Por milagres ou maravilhas, entende-se todo e qualquer fenômeno que altera uma lei preestabelecida. "Milagres" e "Maravilhas" são plurais da palavra "poder" em Atos 1.8, que significa: atos de poder grandiosos, sobrenaturais, que vão além do que o homem pode ver.A operação de milagres só acontece em relação às operações de Deus (Mt 14.2; Mc 6.14; Gl 4.5; Fp 3.21) ou de Satanás (2 Ts 2.7,9; Ef 2.2). Nesses atos de poder de Deus que infligem derrota a Satanás, poderíamos incluir o juízo de cegueira sobre Elimas, o mágico (At 3.9-11) e a expulsão de demônios.

Também pode ser classificado como milagre o resultado da operação divina na cura de determinadas enfermidades, para as quais ainda não existe remédio, como por exemplo: certos tipos de câncer, alguns tipos de cegueira, surdez, mudez, e determinados tipos de paralisia, etc.

c) Fé

O dom da fé envolve uma fé especial, diferente da fé para salvação, ou da fé que é mostrada por Paulo como um dos aspectos do fruto do Espírito em Gaiatas 5.22. O dom da fé traduz uma fé especial e sobrenatural, verdadeiro apelo a Deus no sentido de que Ele intervenha, quando todos os recursos humanos se têm esgotado. Foi este o tipo de fé com o qual foram dotados os grandes heróis mostrados na galeria de Hebreus 11.

5. Dons de Inspiração

Este é o terceiro e último grupo dos nove dons do Espírito Santo registrados pelo apóstolo Paulo no capítulo 12 da sua primeira epístola aos Coríntios. Ao contrário dos dois primeiros grupos de dons, em geral exercidos pelo ministério responsável pela administração da Igreja, este último grupo tem se feito experiência comum para os crentes em geral.

a) Variedade de Língua

Variedade de línguas é a expressão falada e sobrenatural duma língua nunca estudada pela pessoa que fala; uma palavra anunciada pelo poder do Espírito Santo, não compreendida por quem fala, e usualmente incompreensível para a pessoa que a ouve. Nada tem a ver com a facilidade de assimilar línguas estrangeiras (poliglotismo); tampouco tem a ver com o intelecto. É a manifestação da mente de Deus por intermédio dos órgãos da fala do ser humano (glossolália).

b) Interpretação das Línguas

O dom de interpretação de línguas é o único dos nove dons espirituais cuja existência ou função, depende de outro dom - a variedade de línguas. Conseqüentemente, não havendo o dom de variedade de línguas, não pode haver a interpretação de línguas."Interpretação" aqui não é a mesma coisa que tradução. A interpretação geralmente alonga-se mais que a simples tradução.O dom de interpretação de línguas revela o poder, a riqueza, a soberania e a sabedoria de Deus. Por certo que este dom

não implica em que haja algum tipo de conhecimento do idioma por parte do intérprete.A interpretação de línguas é em si mesma um dom tão miraculoso quanto o é o próprio dom de variedade de línguas.

c) Profecia

A profecia é uma manifestação do Espírito de Deus e não da mente do homem, e é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso (1 Co 12.7). Embora o dom da profecia nada tenha a ver com os poderes normais do raciocínio humano, pois é algo muito superior, isso não impede que qualquer crente possa exercitá-lo: "Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados" (1 Co 14.31). Ainda que nalguns casos o dom da profecia possa ser exercido simultaneamente com a pregação da Palavra, é evidente que esse dom é dotado de um elemento sobrenatural, não devendo, portanto, ser confundido com a simples habilidade de pregar o Evangelho."Edificação", "exortação" e "consolação" são os três elementos básicos da profecia, e a razão de ser e de existir desse dom. Portanto, a profecia não deve ser exercida com propósito governativo da igreja local.

V. O FRUTO DO ESPÍRITO SANTO

Antes do grande avivamento pentecostal iniciado no começo deste século, dava-se bastante ênfase ao fruto do Espírito, enquanto que os dons eram ignorados. Para por fim a esse desequilíbrio, começou-se a dar ênfase aos dons e quase a ignorar o fruto do Espírito. Hoje, no entanto, a situação parece bem mais delicada, devido ao fato de estar sendo dada pouca ênfase tanto aos dons quanto ao fruto do Espírito.Evidentemente, esta posição coloca-nos em desacordo com a Bíblia Sagrada, devendo, portanto, levar-nos a uma tomada de posição quanto ao assunto.

1. Relação dos Dons e do Fruto do Espírito Santo

De acordo com o apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios 12.8-10 e Gaiatas 5.22, são os seguintes os dons e os aspectos do fruto do Espírito:

a) Os Dons do Espírito

• Palavra da sabedoria

• Palavra do conhecimento

• Fé

- Dons de Curar
- Operação de milagres
- Profecia
- Discernimento de espíritos
- Variedade de línguas
- Interpretação de línguas.

b) O Fruto do Espírito

- Caridade
- Gozo
- Paz
- Longanimidade
- Benignidade
- Bondade
- Fé
- Mansidão
- Temperança

O fato de os dons serem em número de nove e o fruto do Espírito ser nônuplo em seus aspectos, parece não passar duma mera coincidência, porém, não é assim. Levando em consideração que o Espírito Santo foi o divino inspirador de toda a Bíblia, temos de considerar também o interesse divino em nos comunicar um grande e necessário ensino através dessa aparente coincidência.

2.Distinção Entre Dons e Fruto do Espírito

Não obstante os dons e o fruto procederem do mesmo Espírito, dons e fruto são diferentes entre si. Por exemplo:

- Os dons são dados, recebidos, enquanto o fruto é gerado em nós.

- Os dons vêm após o batismo com o Espírito Santo, enquanto o fruto começa com a obra do Espírito, a partir da regeneração.

- Os dons vêm de fora, do Alto, enquanto o fruto vem do interior.

- Os dons vêm completos, perfeitos, enquanto o fruto requer tempo para crescer e desenvolver-se.

- Os dons são dotações de poder de Deus, enquanto que o fruto é uma expressão do caráter de Cristo.

- Os dons revelam concessão de poder e graça especial, enquanto o fruto se relaciona com o caráter do portador.

- Os dons são a operação soberana do Espírito Santo, enquanto o fruto (também do Espírito) nos vem mediante Jesus Cristo.

- Os dons são distintos, enquanto o fruto, sendo nônuplo, é indivisível.

- Os dons conferem poder, enquanto que o fruto confere autoridade.

- Os dons comunicam espiritualidade, enquanto o fruto comunica irrepreensão.

- Os dons identificam-se com o que fazemos, enquanto o fruto identifica-se com o que somos.

- Os dons podem ser imitados, enquanto que o fruto jamais o será.

3.Definição do Fruto do Espírito

Numa análise do fruto do Espírito, apontando o amor como o aspecto exaltado do mesmo fruto, escreve o Dr. Boyd:

"Gozo é o amor obedecendo.

Paz é o amor repousando.

Longanimidade é o amor sofrendo.

Benignidade è o amor mostrando compaixão.

Bondade é o amor agindo.

Fé é o amor confiando.

Mansidão é o amor suportando.

Temperança é o amor controlando".

4.Equilíbrio Entre Dons e Fruto do Espírito

A orientação divina dada a Moisés quanto ao adorno das vestes sacerdotais no Antigo Testamento, dá-nos uma vista adequada da harmonia que deve existir entre os dons

e o fruto do Espírito."E nas suas bordas farás romãs de azul, e de púrpura, e de carmesim, ao redor das bordas; e campainhas de ouro do meio delas ao redor. Uma campainha de ouro, e uma romã, outra campainha de ouro, e outra romã, haverá nas bordas do manto, ao redor; e estará sobre Arão quando ministrar, para que se ouça o seu sonido quando entrar no santuário diante do Senhor" (Ex 28.33-35). Não foi orientação divina seqüenciar uma campainha doutra campainha. Também não diz: "Uma romã, outra romã e mais outra romã", mas afirma: "Uma campainha de ouro, e uma romã; outra campainha de ouro, e outra romã", e assim por diante.Aplicado este princípio divino ao equilíbrio que deve existir entre dons e fruto do Espírito, o ideal é: um dom, o fruto; outro dom, o fruto; outro dom ainda, o fruto e assim sucessivamente (A Doutrina Pentecostal Hoje – CPAD – todas as páginas correspondentes aos Dons do Espírito).

QUESTIONÁRIO DE PNEUMATOLGIA

1. Explique o que se entende por personalidade do Espírito Santo.

2. O que se entende pelo termo "personalidade" quando aplicado ao Espírito Santo?

3. Cite cinco provas da personalidade do Espírito Santo.

4. Dê dois tratamentos pessoais aplicados ao Espírito Santo provando a sua divindade.

5. Cite quatro atributos divinos do Espírito Santo.

6. Mencione três nomes do Espírito Santo nas Escrituras.

7. O que significa o "fogo" como símbolo do Espírito Santo?

8. Dê três símbolos do Espírito Santo estudados neste capítulo.

9. Por que a pomba é dada como símbolo do Espírito Santo?

10. De que maneira o Espírito Santo agiu na obra da Criação?

11. Como agia o Espírito Santo no período anterior ao dilúvio?

12. Cite os nomes de três líderes do Antigo Testamento que foram usados pelo Espírito Santo no seu respectivo tempo.

13. Descreva de que modo o Espírito Santo agiu na vida e no ministério de João Batista.

14. Dê três evidências da ação do Espírito Santo na vida e no ministério terrenos de Jesus Cristo.

15. De que modo o Espírito Santo trabalha em relação ao crente?

16. De que modo você definiria a experiência do batismo com o Espírito Santo?

17. De acordo com a Bíblia, a quem se destina a promessa do batismo com o Espírito Santo?

18. Quais as três expressões estudadas que descrevem a natureza do batismo com o Espírito Santo?

19. Qual a evidência física inicial do batismo com o Espírito Santo?

20. Em quantas classes se classificam os dons do Espirito Santo, de acordo com o capítulo estudado?

21. Cite os dons de revelação.

22. Cite os dons de poder.

23. Cite os dons de inspiração.

24. Defina o dom "palavra do conhecimento".

25. Defina o dom "palavra da sabedoria".

26. Defina o dom de "discernimento de espíritos".

27. Defina os "dons de curar".

28. Defina o dom de "operações de milagres".

29. Defina o dom da "fé".

30. Defina o dom de "variedade de línguas".

31. Defina o dom de "interpretação das línguas".

32. Defina o dom de "profecia".

33. Cite os nove aspectos do fruto do Espírito Santo, de acordo com Gaiatas 5.22.

34. De acordo com o que você acaba de estudar, dê três distinções básicas entre dons e fruto do Espírito.

35. Você acha que deve haver equilíbrio entre os dons e o fruto do Espírito na vida do crente e da Igreja? Explique isto.

ANTROPOLOGIA

ÍNDICE

I.A ORIGEM DO HOMEM

1. A Criação do Homem foi Precedida por um Solene Conselho Divino

2. A Criação do Homem Resultou dum Ato Imediato de Deus

3. O Homem Foi Criado Segundo um Tipo Divino

4. Os Elementos da Natureza Humana se Distinguem

5. O Homem foi Feito Coroa da Criação

II.A TEORIA EVOLUCIONISTA

1. O Que o Evolucionismo Ensina Quanto a Origem do Homem

2. A Bíblia Nega o Evolucionismo

3. A Ciência Nega a Teoria Evolucionista

III. A NATUREZA ESSENCIAL DO HOMEM

1.Que é o Homem?

a) O Que Diz a Filosofia

b) O Homem Como um Ser Transitório

c) O Homem Como Ser Físico

2. O Espírito do Homem

a) O Espírito Humano é Obra do Criador

b) O Espírito Distingue o Homem

c) O Espírito Identifica a Natureza do Homem

3. A Alma do Homem

a) O Que é a Alma?

b) A Interpretação Tricotomista

c) A Interpretação Dicotomista

d) O Que a Bíblia Ensina Sobre o Assunto

4. O Corpo do Homem

a) O Corpo do Homem na Bíblia

b) A Glória Futura do Corpo

IV. O HOMEM, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

1.Conceitos Históricos da Imagem de Deus no Homem

a) O Conceito dos Pais da Igreja

b) Outros Conceitos

c) Conceitos dos Reformadores

2. O Homem Criado à Imagem de Deus

a) Formado do Pó da Terra

b) "Homem" - Uma Definição

c) O Homem, Imagem de Deus

3. O Homem Criado à Semelhança de Deus

a) Semelhança Natural

b) Semelhança Moral

V.UNIDADE DA RAÇA HUMANA

1. Provas Bíblicas da Unidade da Raça Humana

2. A Ciência Confirma as Escrituras

3. Outros Argumentos Quanto a Unidade da Raça Humana

a) O Argumento da História

b) O Argumento da Filologia

c) O Argumento da Psicologia

d) O Argumento da Ciência Natural

4. Como se Formaram as Nações

a) Descendentes de Sem

b) Descendentes de Cão

c) Descendentes de Jafé

VI.PROVAÇÃO E QUEDA DO HOMEM

a)A Árvore do Conhecimento

b) O Significado da Provação do Homem

c) A Opção de Queda

VII. CONSEQÜÊNCIAS DA QUEDA DO HOMEM

1.Conseqüências Ambientais

a) Medo e Fuga

b) Maldição Sobre a Serpente

c) A Sorte da Mulher

d) A Sorte da Terra

e) A Sorte do Homem

f) O Conhecimento Prático do Mal

g) Expulsão do Jardim do Éden

h) Vedado o Caminho da Arvore da Vida

2. Conseqüências Espirituais

a) Morte Espiritual

b) Perda da Semelhança Moral com Deus

c) Incompatibilidade com a Vontade de Deus

d) Escravidão ao Pecado e ao Diabo

3. Conseqüências Físicas

a) Existência Física Reduzida

b) Corrupção dos Poderes do Homem

c) Sujeição às Enfermidades

INTRODUÇÃO

O fundamento e a razão de ser da religião cristã apóia-se numa relação vital entre duas pessoas: Deus e o homem. Portanto, para que a teologia seja fiel à sua proposição e significado, deve prender-se não só ao estudo da revelação de Deus, mas também do homem.É necessário conhecermos suficientemente o homem para não cairmos em erros irreparáveis na abordagem da doutrina bíblica. Um erro da nossa parte quanto à origem, propósito da existência e futuro do homem dificultará a nossa compreensão do propósito de Deus para com a humanidade total. Convém, pois, estudar e conhecer o homem na sua constituição e posição dentro do propósito de Deus no tempo e na eternidade.

I. A ORIGEM DO HOMEM

A Bíblia nos apresenta um duplo relato da origem do homem, harmônicos entre si, o primeiro no capítulo 1, versículos 26 e 27, e o outro no capítulo 2, versículo 7 do livro de Gênesis. Partindo destes textos e de todo o contexto que trata da obra da criação, quanto à criação do homem,oestudante das Escrituras, inevitavelmente chegará às seguintes conclusões:

1.A Criação do Homem foi Precedida por um SoleneConselho Divino

Antes de Moisés tratar da criação do homem com maiores detalhes, ele nos leva a conhecer o decreto de Deus quanto à essa criação, nas seguintes palavras: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26). A Igreja geralmente tem interpretado o verbo "façamos", no plural, para provar a autenticidade da doutrina da Trindade.

Alguns eruditos, porém, são da opinião que esta palavra expressa o plural de majestade; outros a tomam como plural de comunicação, no qual Deus inclui os anjos em diálogo com Ele; todavia, outros a consideram como plural de auto-exortação. Tem-se verificado, porém, que estas três últimas afirmações são contrárias àquilo que pensam e interpretam os pensadores e teólogos mais conservadores, os quais, como a Igreja, crêem que o plural "façamos" é uma alusão direta à Trindade divina entrando em conselho para a formação do homem.

2.A Criação do Homem Resultou dum Ato Imediatode Deus

Algumas das expressões usadas no relato da criação do homem mostram que ela

aconteceu de uma forma imediata, ao contrário do que aconteceu na criação dos demais seres e coisas da criação em geral. Por exemplo, note as expressões: "E disse [Deus]: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra" (Gn 1.11)"Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firma-mento dos céus" (Gn 1.20) Compare estas declarações com a que se segue: "Criou Deus, pois, o homem..."(Gn 1.27). Qualquer indício de mediação na obra da criação, que se acha contido nas declarações de Gênesis 1.11,20, referentes à criação das aves dos céus e dos seres marinhos, inexiste na declaração da criação do homem em Gênesis 1.27. Isto é, Deus planejou a criação do homem, e imediatamente a levou a efeito.

3. O Homem foi Criado Segundo um Tipo Divino

Com respeito aos demais seres vivos, tais como os peixes, as aves, as bestas da terra e dos mares, lemos que Deus os criou "segundo a sua espécie". Isto quer dizer que eles possuem formas tipicamente próprias de suas espécies. O homem não foi criado assim, e muito menos conforme o tipo das criaturas inferiores. Com respeito a ele, disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (Gn 1.26). Assim, em todo o relato bíblico, o homem surge como um ser que recebeu de Deus cuidados especiais na sua criação, no princípio.

4.Os Elementos da Natureza Humana se Distinguem

Em Gênesis 2.7 vemos a distinção clara entre a origem do corpo e da alma. O corpo foi formado do pó da terra, material preexistente. Na criação da alma, no entanto, não foi necessário o uso de material preexistente, mas sim a formação duma nova substância. Isto quer dizer que a alma do homem foi uma nova criação de Deus. A Bíblia diz que o Senhor Deus soprou nas narinas do homem "o fôlego da vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2.7). Muitas outras passagens das Escrituras falam dos diferentes elementos formadores da natureza humana (Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; 2 Co 5.1-8; Fp 1.22-24; Hb 12.9).

5.O Homem foi Feito Coroa da Criação

O homem é apresentado na Escritura como ponto culminante da obra da criação de Deus. Criado o homem, a criação estava coroada. Veja, por exemplo, o que os seguintes textos dizem sobre o assunto:"Também disse Deus: Façamos o homem à nossa

imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre a aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. ...enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.26,28). Quanto à glória do homem e o seu governo sob as demais obras de Deus, canta o salmista: "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus, e de glória e de honra o coroaste... Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão, e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares" (Sl 8.5,8). Como tal, foi dever do homem fazer com que toda a natureza e todas as demais criaturas, colocadas sob seu governo, servissem á sua vontade e ao seu propósito, para que ele e todo o seu glorioso domínio glorificassem ao Todo-poderoso Criador e Senhor do Universo.

II. A TEORIA EVOLUCIONISTA

A Bíblia ensina claramente a doutrina de uma criação especial, ou seja, que Deus criou cada criatura "conforme a sua espécie" (Gn 1.24). Isto quer dizer que cada criatura, seja o homem ou mesmo os animais, foram criados como os conhecemos hoje.Apesar da nossa crença criacionista, no decorrer dos séculos, mais principalmente no século atual, vãs filosofias, falsos ensinos e teorias humanas têm procurado lançar dúvida sobre o relato bíblico da criação. Entre essas destaca-se a teoria evolucionista, concebida e largamente difundida pelo naturalista inglês Charles Darwin, que viveu entre 1809 e 1889. Não obstante Darwin, antes de morrer, tenha abandonado essa teoria, ainda hoje ela é muito aceita, principalmente nos meios acadêmicos.

1. O Que o Evolucionismo Ensina Quanto à Origem do Homem

A teoria evolucionista tem como marco de partida a afirmação de que o homem e os animais em geral possuem um princípio comum. Isto é, tanto o homem quanto os animais procedem dum mesmo tronco, e que hoje, homem e animais são um somatório de mutações sofridas no decorrer dos milênios. Em suma: o homem de hoje não era homem no princípio. Dessa teoria surgiu o estúpido ensino de que o homem de hoje é um macaco em estádio mais desenvolvido que os outros macacos.E para produzir maior confusão, a teoria da evolução coloca o início da vida humana há milhões de anos, muito antes do tempo sugerido pela Bíblia como época do início da vida

humana na terra. Daí vem o ensino absurdo quanto ao "Homem da Caverna", e do "Homem de Neandertal" e de outros.

2.A Bíblia Nega o Evolucionismo

É bom não esquecer que quando tratamos do evolucionismo, estamos lidando com uma "teoria" humana, com suposições, e não com uma ciência exata que lida com fatos e dados concretos que possam ser comprovados e provados. Ao lermos um compêndio sobre a teoria evolucionista, mui freqüentemente haveremos de encontrar expressões tais como: "crê-se que...", "admite-se que...", "talvez...", "possivelmente...", "mais ou menos", etc. Assim sendo, se a teoria evolucionista é tão vulnerável e falha, conseqüentemente os princípios que advoga são insustentáveis.A teoria evolucionista é desmascarada pelas Escrituras que dizem: "Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2.7).

3.A Ciência Nega a Teoria Evolucionista

Em abril de 1985, a professora Lelia Coyne, pesquisadora da NASA (Agência Espacial dos Estados Unidos), e docente da Universidade de San José, na Califórnia, surpreendeu o mundo científico com a afirmação da descoberta de que a vida humana na Terra começou em estratos de uma argila muito fina e branca, o caulim, usado na indústria como branqueador de papel e isolante térmico. "Avançamos muito neste terreno", disse a pesquisadora. "Falta-nos ainda a prova definitiva mas já conseguimos o bastante para saber que estamos no caminho certo", acrescentou a doutora Coyne. "Se tivesse de apostar uma resposta ficaria com a teoria da argila", escreveu o astrônomo americano Carl Sagan, autor do "best-seller" Cosmos. "A argila pode ser comparada a uma fábrica de vida", acrescentou em Glasgow, na Escócia, o bioquímico Graham CairnsSmith (Revista Veja – Editora Abril – Maio de 1986).

Aquilo que para os cientistas e pesquisadores, mesmo os mais moderados, ainda é uma incógnita, para o crente, na Bíblia, é certeza plena: o homem foi formado do pó da terra (Gn 2.7). O homem já foi formado homem. O chamado "Homem de Neanderthal", "Homem de Heidelberg" etc., não têm em si um mínimo de prova de que o homem no princípio tivesse em si as características de um macaco encurva-do. O africano de elevada estatura, o pigmeu, o asiático de nariz achatado, o negro com suas características distintivas - todos são variações comuns dentro da família huma-

na. Assim, também, o homem da antigüidade variava de um para o outro, e também se diferenciava de nós, hoje em dia.Segundo a teoria evolucionista e algumas camadas do criacionismo, a história do homem na terra vai até um milhão e setecentos e cinqüenta mil anos. Não há dúvida de que estes dados são absurdos, principalmente se partirmos do princípio de que a história do homem na terra não pode ser superior a seis mil anos, mesmo levando em conta não sabermos como o tempo era contado antes do Dilúvio.

III. A NATUREZA ESSENCIAL DO HOMEM

O homem tem sido a principal causa da indagação dos patriarcas, filósofos e pensadores em todos os lugares e em todos os tempos. Para encontrar a resposta a este mistério, que é o homem, precisamos ir da filosofia para a Bíblia Sagrada.

1. Que éo Homem?

O patriarca Jó parece ter sido o primeiro dos homens mencionados na Bíblia a interrogar acerca do homem. Foi ele quem perguntou a Deus: "Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas nele o teu cuidado, e cada manhã o visites, e cada momento o ponhas à prova?"(Jó 7.17,18). Depois foi a vez do salmista indagar: "Que é o homem, que dele te lembres?"(Sl 8.4) "Senhor, que é o homem para que dele tomes conhecimento? e o filho do homem para que o estimes?"(Sl 144.3). Conta-se que Scheleiermacher, filósofo e teólogo alemão, estava, tarde da noite, sentado num jardim, quando um guarda noturno o abordou perguntando: "Quem é o senhor?" "ótima pergunta. Eu gostaria de saber", respondeu o filósofo."O Pensador", obra escultural do artista francês Augusto Rhodin, configura o homem em pertinaz busca da resposta às perguntas: "Quem sou eu?" "De onde vim?" "Por que estou aqui?" "Para onde vou?"

a) O Que Diz a Filosofia

O que alguns filósofos ensinam sobre o homem, nem sempre se harmoniza com a Bíblia. Por exemplo: Platão disse que o homem é um bípede sem penas. Nietzsche disse que o homem é mais macaco do que qualquer macaco. Aristóteles disse que o homem é um animal sociável. Molièere ensinou que o homem é um animal vicioso. William Hazlitt disse que o homem é o único animal que ri e chora.

b) O Homem como um Ser Transitório

Alguém definiu a transitoriedade da vida humana nas seguintes palavras: "O homem é um embrulho postal que a parteira despachou ao coveiro". A Bíblia também fala do homem físico natural como um ser cuja existência física está limitada aos poucos anos que Deus lhe deu na terra.As Escrituras apresentam a vida terrena do homem como: uma sombra, os dias de um jornaleiro, uma lançadeira, um mensageiro rápido, a extensão de apenas um palmo, a urdidura de um tecelão, um vapor passageiro (Jó 8.9; 7.1,6; 9.25; Sl 39.5; Is 38.12; Tg 4.14).

c) O Homem Como Ser Físico

O físico é o aspecto pelo qual o homem é melhor conhecido. Por ele o branco se distingue do negro, o grande do pequeno, o obeso do magro e o belo do feio.O corpo humano possui 150 ossos e 500 músculos. O peso do sangue de um adulto é de cerca de 15 quilos. O coração humano bate cerca de 70 vezes por minuto e cada pulsação desloca 44 gramas de sangue, que somadas por 24 horas dá um total de 5.850 quilos diários. Toda a massa do sangue passa pelo coração em apenas três minutos. Os pulmões do homem contém, normalmente, 5 litros de ar. O homem respira 1.200 vezes por hora, gastando 306 litros de ar. O corpo humano possui 13 elementos, sendo 8 sólidos e 5 gasosos.

Um homem pesando cerca de 76 quilos é constituído de 44 quilos de oxigênio, 7 de hidrogênio, 173 gramas de azoto, 600 gramas de cloro, 100 gramas de enxofre, o suficiente para matar as pulgas de três cães de tamanho médio; 1.700 gramas de cálcio, 800 gramas de potássio, 50 gramas de ferro, o bastante para fazer 5 pregos travessais; gordura suficiente para sete barras de sabão, açúcar suficiente para 7 xícaras de chá, fósforo suficiente para fazer 2.000 palitos, magnésio suficiente para uma dose de sais, cal o bastante para pintar vinte metros de parede.Mas o homem é muito mais que um amontoado de agentes químicos. Ele é muito mais que carne e osso. O homem é um ser espiritual, pois Deus o fez alma vivente (Gn 2.7).Ele é não só um ser transitório, isto é, de existência física limitada. O homem é um ser que Deus ao criá-lo, destinou-o à eternidade.

2.O Espírito do Homem

Em geral os escritores bíblicos, especialmente os do Antigo Testamento, não se preocuparam em distinguir o espírito da alma ou vice-versa. A distinção entre espírito

e alma, hoje conhecida, é decorrente da revelação progressiva de Deus no Novo Testamento.

a)O Espírito Humano é Obra do Criador

Números 15.22 e 27.16 dizem que Deus é o Criador do espírito humano, e que Deus o fez de forma individual. Ele está na parte interior da natureza do homem, e é capaz de renovação e de desenvolvimento. O espírito é a sede da imagem de Deus no homem, imagem perdida com a queda, mas que pode ser reestabelecida por Jesus Cristo (Cl 3.10; 1 Co 15.49; 2 Co 3.18). O espírito é âmago e a fonte da vida humana, enquanto que a alma possui essa vida e lhe dá expressão por meio do corpo. Assim o espírito é a alma encarnada, ou um espírito humano que recebe expressão mediante o corpo. A alma sobrevive à morte porque o espírito a dota de capacidade; por isso a alma e o espírito são inseparáveis.

b) O Espírito Distingue o Homem

O espírito humano distingue o homem das demais coisas criadas. Por exemplo, os irracionais possuem vida comum (Gn 1.20), mas não possuem espírito como o homem tem.O espírito é canal através do qual o homem pode conhecer a Deus e as coisas inerentes ao seu domínio (1 Co 2.11; 14.2; Ef 1.17; 4.23). O espírito do homem quando se torna morada do Espírito Santo, torna-se centro de adoração, de oração, cântico, bênção e de serviço (Jo 4.23,24; 1 Co 14.15; Rm 1.9; Fp 1.27).

c) O Espírito Identifica a Natureza do Homem

O espírito humano, representando a natureza suprema do homem, rege a qualidade de seu caráter. Por exemplo, se o homem permitir que o orgulho o domine, ele tem um "espírito altivo"(Pv 16.18). Conforme as influências respectivas que o dominem, o homem pode ter um espírito perverso (Is 19.14),rebelde (Sl 106.33), impaciente (Pv 14.29),perturbado (Gn 41.8), contrito e humilde (Is 57.15; Mt 5.3),de escravidão (Rm 8.15), de inveja (Nm 5.14). Assim é que o homem deve guardar o seu espírito (Pv 3.23), dominar o seu espírito (Ez 18.31), e confiar em Deus para transformar o seu espírito (Ez 11.19). Quando as paixões más dominam a alma da pessoa, o espírito é destronado. Isto é, o homem torna-se vítima dos seus maus sentimentos e apetites naturais. A este homem a Bíblia chama de "carnal". O espírito já não domina mais, e essa condição é descrita na Bíblia como um estado de morte. Desse modo há necessidade de um espírito novo (Ez 18.31; Sl 51.10). Somente Deus, que

originalmente deu vida ao homem, poderá soprar novamente na alma do homem, influindo nova vida espiritual nela. A este ato a Bíblia chama "regeneração" (Jo 3.8; 20.22).Quando assim acontece, o espírito do homem novamente ocupa lugar de destaque em busca da perfeição estabelecida por Deus, e o homem chega a ser "espiritual".

3. A alma do Homem

A filosofia grega dedicou muita atenção ao problema da alma, conseguindo com isso exercer grande influência na teologia e no pensamento cristão. A Natureza, a origem e a continuada existência da alma fizeram-se tema de discussão em todos os círculos filosóficos de então. Platão, por exemplo, cria na preexistência e transmigração da alma.

a) Que é a alma?

A alma é uma entidade espiritual, incorpórea, que pode existir dentro do corpo ou fora dele. A alma é um espírito que habita um corpo, ou nele tem estado, como as almas dos que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo (Ap 6.9). Os teólogos apresentam duas idéias acerca da alma, e conseqüentemente a respeito da natureza do homem e dos animais. São elas a interpretação tricotomista e a interpretação dicotomista.

b) A Interpretação Tricotomista

Segundo a interpretação tricotomista o homem compõe-se de três partes, ou elementos essenciais, que vêm a ser o espírito, a alma e o corpo (1 Ts 5.23).O corpo é a matéria da sua constituição; a alma, em hebraico nephesh e em grego psyche, é o princípio da vida animal que o homem possui em comum com os irracionais. A ela pertencem o entendimento, a emoção e a sensibilidade, que terminam com a morte. O espírito, em hebraico ruah e em grego pneuma,é o princípio do homem racional e da vida imortal. Possui razão, vontade e consciência, e se estende à eternidade após a morte do corpo.

c) A Interpretação Dicotomista

De acordo com a interpretação dicotomista, existem apenas dois elementos essenciais na constituição do homem: o corpo, formado do pó, e a alma, que é o princípio da vida tanto humana como animal. Contém ela duas substâncias: uma é a

alma que sente e recorda, e a outra é o espírito que tem consciência e possui o conhecimento de Deus. Os dicotomistas assemelham a vida do homem à do bruto, diferindo a do homem apenas por ser de ordem superior. Assim sendo, o espírito não é uma entidade distinta da alma, mas um aspecto ou desdobramento desta.

d) O Que a Bíblia Ensina Sobre o Assunto

Em geral os escritores bíblicos, de uma forma especial os do Antigo Testamento, não fazem distinção precisa entre psyche,alma animal, que é a parte inferior do ser humano, e pneuma,espírito ou alma racional, parte superior do homem. Por isso é comum o uso de ambos os vocábulos como designando uma mesma coisa. Ordinariamente, os escritores sagrados referem-se ao homem como sendo um composto de corpo e alma, ou corpo e espírito, e não de corpo, alma e espírito, a não ser no Novo Testamento (1 Co 5.44; 1 Ts 5.23 e Hb 4.12). Escreve Scofield: "Sendo o homem 'espírito', é capaz de ter conhecimento de Deus e comunhão com ele; sendo 'alma', ele tem conhecimento de si próprio; sendo 'corpo', tem através dos sentidos, conhecimento do mundo". O corpo é tabernáculo da alma, a alma a sede da personalidade, e o espírito o canal de comunhão com Deus.

4. O Corpo do Homem

Das três entidades que formam o homem, o corpo é aquele sobre o qual a Bíblia menos fala. Sabemos, porém que o corpo humano é o instrumento, o tabernáculo, a oficina do espírito, a bainha da alma. Ele é o meio pelo qual o espírito se manifesta e age no mundo visível e material. Pelo corpo o homem pode ver, sentir e apalpar o que está ao seu redor.As impressões vêm do exterior pelo corpo, porém elas só têm significação quando reconhecidas e atendidas pelo espírito. A consciência própria, a direção própria, o poder de pensar, querer e amar, pertencem exclusivamente ao espírito. Diante disto se entende que o espírito é o agente, enquanto que o corpo é a agência.

a) O Corpo do Homem na Bíblia

A Bíblia registra alguns nomes para designar o corpo humano, quanto a transitoriedade de sua existência e posição que ocupa no plano eterno de Deus. A Bíblia o chama "casa", "tabernáculo" e "templo" (2 Co 5.1-4; 1 Co 6.19). Os filósofos pagãos falavam do corpo com desprezo, e consideravam-no um empecilho ao aperfeiçoamento da alma, pelo que almejavam o dia quando a alma estaria livre de

suas complicações e enredosas roupagens. Porém as Escrituras, em toda parte tratam o corpo do homem como obra de Deus, que deverá ser apresentado a Deus (Rm 12.1), e que deve ser usado para a glória de Deus (1 Co 6.20). - Por que, por exemplo, contêm o livro de Levítico tantas leis governando a vida física dos israelitas? - Para ensiná-los que o corpo, como instrumento da alma e do espírito, deve conservar-se forte e santo. Evidentemente o corpo é terreno (1 Co 15.47), e como tal, um corpo de humilhação (Fp 3.21), sujeito a enfermidades e à morte (1 Co 15.53), de maneira que gememos por um corpo celestial (2 Co 5.2). Mas, na vinda de Cristo, o mesmo poder que vivificou a alma, transformará o corpo, completando assim a redenção do homem. E a garantia de que essa mudança acontecerá é o Espírito que nele habita (1 Co 5.5; Rm 8.11).

b) A Glória Futura do Corpo

A crença na ressurreição do corpo como meio de sua glorificação é tão antiga quanto a crença em Deus no Antigo Testamento. Já no livro de Jó (segundo alguns estudiosos, o mais antigo livro da Bíblia) encontramos o patriarca dizendo: "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros" (Jó 19.25-27).

Ensina o apóstolo Paulo que, mediante a ressurreição do corpo: a) a morte será destruída; b) receberemos um corpo celestial e glorioso; c) receberemos um corpo não mais sujeito a corrupção; d) ressuscitaremos em poder; e) traremos a imagem do celestial; f) seremos revestidos da imortalidade (1 Co 15.26,40,42,43,49,53). Ainda na expectativa da ressurreição, escreveu o apóstolo João: "Amado, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3.2).

IV. O HOMEM, IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Um dos ensinos cardeais da Bíblia é que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, para amá-lo, obedecer-lhe e segui-lo. Vestígios desta verdade se encontram nos escritos de grandes vultos da antigüidade, até mesmo na literatura gentílica.

1. Conceitos Históricos da Imagem de Deus no Homem

Paulo assinala ante os atenienses curiosos, no Areópago, que alguns dos mais

famosos poetas gregos, entre os quais Cleantes e Arato, disseram: "Porque dele [de Deus] também somos geração" (At 17.28). Daí muitos conceitos quanto a imagem de Deus no homem foram surgindo ao longo da história.

a) O conceito dos Pais da Igreja

Grandes vultos da Igreja primitiva, comumente chamados de "Pais da Igreja", tinham como ponto pacífico a crença quanto à imagem de Deus no homem, a qual consistia principalmente nas características racionais e morais do homem, e em sua capacidade de santificar-se. Alguns deles foram levados a crer e a incluir nos seus escritos que o homem, como imagem de Deus, possui também características físicas de Deus.Irineu e Tertuliano fizeram uma distinção entre a "imagem" e a "semelhança" de Deus, encontrando na primeira as características físicas de Deus no homem, e na segunda a natureza espiritual do homem.

Contudo, Clemente de Alexandria e Orígenes refutaram a idéia de qualquer semelhança corporal entre o homem e Deus, e sustentaram que a palavra "imagem" denota as características do homem como homem simplesmente, enquanto que a palavra "semelhança" fala das qualidades que não são essenciais no homem, e que podem ser cultivadas ou perdidas. Esse conceito foi difundido também por Atanásio, Hilário, Ambrósio, Agostinho e João de Damasco.Segundo Pelágio, seus seguidores e intérpretes do seu pensamento, a imagem de Deus no homem consiste única e exclusivamente em que o homem foi dotado de razão para que pudesse conhecer a Deus; com vontade livre para que pudesse escolher a fazer o bem, e com a capacidade necessária para governar o mundo.

b) Outros Conceitos

A distinção entre a imagem e a semelhança de Deus no homem, feita por alguns dos Pais da Igreja, foi aceita e seguida por muitas escolas de interpretações que iriam influir no pensamento cristão nos anos seguintes. Evidentemente, nem sempre expressavam um mesmo pensamento quanto ao assunto; contudo aceitaram de forma comum que a imagem de Deus no homem inclui os poderes de liberdade, enquanto que a semelhança de Deus no homem falava da justiça original, com a qual Deus contemplou o homem na sua criação. Houve diferença de opinião sobre se o homem foi dotado dessa justiça original no momento da criação, ou se a recebeu posteriormente, como recompensa pela sua obediência temporária.

c) Conceitos dos Reformadores

Os reformadores refutaram a diferença entre a imagem e a semelhança de Deus no homem, e consideraram que a justiça original do homem estava incluída na imagem de Deus, que pertencia à verdadeira natureza humana em sua condição original. Quanto a isto, houve diferença de opinião entre Lutero e Calvino. Lutero, por exemplo, não reconhecia de Deus nenhum dos dons naturais do homem, tais como suas capacidades racionais e morais, senão exclusivamente na justiça original, a qual considerou perdida por causa do pecado. Calvino, por sua vez, escreveu: "...por este termo 'imagem de Deus' se vê a integridade com que Adão foi dotado quando seu intelecto era lúcido, quando seus efeitos estavam subordinados à razão, quando todos os seus sentimentos estavam devidamente regulados, e quando verdadeiramente Adão descrevia toda a sua excelência e os admiráveis dons do seu Criador. E, ainda que a principal base da imagem divina estava na mente e no coração, dos quais a alma e suas potências não faziam parte, nem sequer do corpo, no qual não brilhavam alguns raios de glória" (As institutas de João Calvino – Casa Editora Presbiteriana – Volume I, Págs. 204,205). O termo "imagem de Deus", no que diz respeito ao homem, inclui tanto os dons naturais como aquelas qualidades designadas como justiça original; quer dizer, o verdadeiro conhecimento, a justiça e a santidade. Na queda do homem, toda a imagem de Deus nele ficou cativa ao pecado; porém, somente aquelas qualidades foram completamente perdidas decorrente da queda do homem.

2.O Homem Criado á Imagem de Deus

Havendo criado todas as coisas de acordo com a sua vontade, e pelo poder da Sua Palavra, no sexto dia da semana da recriação criou Deus o homem (Gn 1.26,27).

a) Formado do Pó da Terra

A Bíblia diz: "Então formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gn 2.7). Todas as coisas criadas por Deus vieram à existência apenas pela ação do Seu soberano poder, expresso na palavra "haja", "haja", "haja". O homem, no entanto, alvo de especial cuidado de Deus, foi modelado pelos dedos do próprio Deus. Primeiramente o Senhor disse: "Façamos o homem", depois apanhou barro bruto e começou a modelar o seu trabalho dando a ele a forma conforme havia imaginado antes; soprou-

lhe nas narinas o fôlego de vida e o homem passou a ser alma vivente, como é até hoje (Gn 2.7).

b) "Homem" - Uma Definição

"Homem" vem do latim homo, palavra que segundo opinião de alguns filósofos vem de "húmus" = terra. No Hebraico, língua original do Antigo Testamento, Adam, nome dado ao primeiro homem, Adão, é traduzido por "aquele que tirou sua vida da adamah", da terra. Esta interpretação parece razoável, principalmente quando analisada à luz da sentença proferida por Deus contra o homem após a sua queda: “... tu és pó e ao pó tomaras" (Gn 3.19).

c) O Homem, Imagem de Deus

O termo "imagem de Deus", relacionado ao homem, fala da indelével constituição do homem como ser racional e como ser moralmente responsável. A imagem natural de Deus gravada no homem, consiste dos seguintes elementos: o poder do movimento próprio, o entendimento, a vontade e a liberdade. Neste particular está a diferença marcante entre o homem e os animais irracionais.O primeiro ponto que serve de distinção entre o homem, como imagem de Deus, e os animais irracionais, é a consciência própria. O homem tem o dom de fixar em si mesmo o pensamento, e isto o faz consciente de sua própria personalidade. A faculdade que ele tem de proferir o pronome EU abre um abismo intransponível entre ele e os animais. Nenhum animal jamais pronunciou EU, e a razão é que eles não têm consciência própria (Esboço de Teologia Sistemática – Juerp – Pag. 131).

João Wesley, o famoso evangelista e avivalista inglês, cava mais fundo para mostrar o homem como imagem de Deus, distinguindo-o dos irracionais. Diz ele: "Qual é então a separação entre o homem e os brutos? A linha divisória que eles não podem atravessar? Não é a razão... A diferença é esta: o homem é capaz de ter contato com Deus, as criaturas inferiores não são. Não temos nenhuma base para crer que eles sejam capazes de ter qualquer grau de conhecimento, de amor ou de obediência a Deus. Esta é a diferença específica entre o homem e os brutos, o grande golfo que eles não podem atravessar" (Coletânea de Teologia de João Wesley – Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil – Pág. 111). Como imagem de Deus que o homem é, ele ainda se distingue dos irracionais: a) pelo poder de pensar em coisas abstratas; b) pela lei moral que se evidencia no seu comportamento em busca

de uma perfeição; c) pela natureza religiosa que em potencial existe em cada ser humano; d) pela capacidade de fixar um alvo maior a ser alcançado no tempo e na eternidade; e) pela consciência da intensidade da vida humana; f) pela multiplicidade das atividades humanas, que, conjuntas, somam o bem comum daquele que as executa.

3. O Homem Criado à Semelhança de Deus

Em Gênesis 1.26, os termos imagem e semelhança se reforçam mutuamente, contudo, parece não terem o mesmo significado dentro das Escrituras.O homem, como "imagem de Deus", é um ser racional e moralmente responsável. Como "semelhança de Deus", ele se parece com o Criador em sua natureza mental.Dizer que o homem foi criado "semelhança de Deus", não é a mesma coisa que dizer que o homem foi criado exata e absolutamente igual a Deus. Não! Primeiro, porque o homem foi feito corpo visível e palpável, enquanto que "Deus é Espírito" (Jo 4.24). Segundo, porque homem algum pode alcançar e se tornar detentor em si mesmo da absoluta perfeição do Todo-poderoso. Quanto a isto pergunta o patriarca Jó: "Porventura desvendarás os arcanos de Deus ou penetrarás até a perfeição do Todo-poderoso?"(Jó 11.7). Só Jesus Cristo, o segundo Adão, possui em si mesmo o resplendor da glória e a expressão exata de Deus (Hb 1.3). Só Ele é em si mesmo "a imagem do Deus invisível..."(Cl 1.15).

a) Semelhança Natural

Langston admite que, intelectualmente, o homem se parece com Deus, porque, se não houvesse conformidade na estrutura mental, seria impossível a comunicação de um com o outro, e o homem não poderia receber a revelação de Deus. O fato de Deus se manifestar ao homem prova que o homem pode receber e compreender esta manifestação. Deste modo o homem é uma pessoa assim como Deus é uma Pessoa, e a semelhança entre uma e outra pessoa acha-se no espírito, naquilo que o homem é e na sua natureza pessoal."Assim sendo, a semelhança natural entre Deus e o homem perdura sempre, porque o homem não poderá jamais deixar de ser uma pessoa como Deus o é" (Esboço de Teologia Sistemática – Juerp – Pág.134).

b) Semelhança Moral

Além da semelhança natural, há ainda a semelhança moral, porque assim foi o homem criado por Deus. Essa semelhança consiste nas qualidades morais que

faziam e ainda fazem parte do caráter de Deus. As Escrituras dizem que "Deus fez o homem reto..."(Ec 7.29). Todas as suas tendências eram boas. Todos os sentimentos do seu coração inclinavam-se para Deus, e nisto consistia a sua semelhança moral com o Criador. Contudo, tendo dado lugar ao pecado, comendo do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o homem ficou condicionado e escravizado ao mal. A semelhança entre o homem e Deus sofreu avaria, e foi com o propósito de consertá-la que Cristo morreu na cruz. Hoje, graças a isto, milhões de filhos de Deus, em toda a terra, possuem uma nova identidade com aquele que os criou.A semelhança entre o homem e Deus é sugerida em outros aspectos tais como: a) uma semelhança triúna: o homem sendo um ser tríplice, e Deus um ser trino (1 Ts 5.23); b) uma semelhança que inclui a imagem pessoal, pois tanto Deus como o homem possuem personalidade (Ex 3.13,14); c) semelhança envolvendo existência interminável, como a de que Deus dotou o homem (Mt 25.46).

V. A UNIDADE DA RAÇA HUMANA

A Bíblia enfatiza o ensino segundo o qual toda a humanidade descende dum só casal, Adão e Eva, aos quais Deus disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a" (Gn 1.28). Ademais, a narrativa subseqüente ao capítulo primero de Gênesis mostra claramente que as gerações que surgiram até o dilúvio permanecem em contínua relação genética com o primeiro casal, de maneira que a raça humana constitui não somente uma unidade específica, uma unidade no sentido em que todos os homens participam da mesma natureza humana, mas também uma unidade genética e genealógica. Em resumo: toda a raça humana possui um tronco comum, Adão e Eva.

1. Provas Bíblicas da Unidade da Raça Humana

No seu famoso discurso proferido no Areópago, na cidade de Atenas, capital da Grécia, disse o apóstolo Paulo que Deus "de um só fez toda a raça humana para habitar sobre a face da terra, havendo fixados os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" (At 17.26). Esta mesma verdade é básica para a unidade orgânica da raça humana em relação com a primeira transgressão, e em relação também com a provisão de Deus para a Salvação da raça humana na Pessoa de Jesus Cristo."Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram... Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram

pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornaram justos" (Rm 5.12,19). "Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Co 15.21,22).

2. A Ciência Confirma as Escrituras

A ciência tem confirmado, de diferentes maneiras, o testemunho das Escrituras com respeito à unidade da raça humana. Evidentemente nem todos os homens de ciência crêem nisso.Por exemplo, os antigos gregos tinham a teoria autoctonista, segundo a qual os homens surgiram da terra por meio de uma classe de gerações espontâneas. Como essa teoria não possuía fundamentos sólidos, cedo foi desacreditada. Agassis, por sua vez, propôs a teoria dos coadamitas, segundo a qual existiram diferentes centros de criação. No ano de 1655, Peirerius desenvolveu e defendeu a teoria preadamita, tendo como origem a suposição de que havia homens na terra antes que Adão fosse criado. Essa teoria foi aceita e difundida por Winchell, que, ainda que não negasse a unidade da raça humana, contudo considerava Adão como o primeiro homem só da raça judaica, em vez de cabeça de toda a raça humana.

Em anos mais recentes, Fleming, sem ser dogmático sobre o assunto, disse haver razões para se aceitar que houve raças inferiores ao homem antes da aparição de Adão no cenário mundial, pelos idos do ano 5500 a. C. Segundo Fleming, essas raças não obstante inferiores aos adamitas, já tinham faculdades distintas dos animais, enquanto que o homem adamita foi dotado de faculdades maiores e maisnobres, provavelmente destinado a conduzir todo o resto da raça existente à lealdade ao Criador. Falhando Adão em conservar sua lealdade a Deus, Deus o proveu dum descendente, que sendo homem era muito mais que homem, para cumprir com aquilo que Adão não foi capaz de cumprir. Na verdade, Fleming nunca foi capaz de dar provas da veracidade dessa sua teoria, comparando-a com o ensino que a Bíblia oferece quanto à unidade da raça humana.

3. Outros Argumentos Quanto à Unidade da Raça Humana

Muitos argumentos dignos da nossa análise quanto à unidade da raça humana, têm sido sugeridos no decorrer dos anos, entre os quais se destacam os seguintes:

a) O Argumento da História

As tradições mais antigas da raça humana apontam decididamente para o fato de que

os homens tiveram uma origem comum. A história das migrações do homem tendem a demonstrar que tem havido uma distribuição de populações primitivas partindo de um só centro, isto é, de um mesmo lugar.

b) O Argumento da Filologia

Os estudos feitos em torno das línguas da humanidade indicam que elas tiveram origem comum. Por exemplo, as línguas indogermânicas encontram sua origem em uma língua primitivamente comum, da qual existem relíquias na língua sânscrita. Também há evidências que demonstram que o antigo Egito é o elo de ligação entre as línguas indo-européias e as semíticas.

c) O Argumento da Psicologia

A alma é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem, e a psicologia revela claramente o fato de que as almas dos homens, sem distinção de tribo e nação a que pertencem, são essencialmente as mesmas. Possuem em comum os mesmos apetites, instintos e paixões; as mesmas tendências, e sobretudo, as mesmas qualidades, as mesmas características que só existem no homem.

d) O Argumento da Ciência Natural

Os mestres de filosofia comparativa formulam juízo comum quanto ao fato de que a raça humana se constitui numa só espécie, e que as diferenças existentes entre diversas famílias da humanidade são consideradas como variedades de uma espécie original. Evidentemente, a ciência não afirma categoricamente que a raça humana procedeu de um só casal. Contudo não anula a possibilidade de que assim tenha acontecido.

4. Como se Formaram as Nações

O capítulo 5 de Gênesis cita os nomes de Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jerede, Enoque, Metusalém e Lameque como cabeças de famílias de Adão até Noé. Admitindo que o Dilúvio tenha sido universal, tem-se de crer que das gerações anteriores ao dilúvio, somente Noé, sua esposa, seus filhos Sem, Cão e Jafé e noras, escaparam, e encabeçaram as gerações pós-diluvianas.Partindo dos filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé, o doutor Paul E. Ihke dá interessante definição de como se formaram as raças no período posterior ao dilúvio.

a) Descendentes de Sem

Sem foi o pai de cinco filhos, que se tornaram cinco grandes raças t numerosas tribos menores. Arfaxade foi o pai dos caldeus, que povoaram a região marginal do Golfo Pérsico. Um dos descendentes de Arfaxade foi Joctã, de quem vieram treze tribos (Gn 10.25-30), as quais ocuparam a Península Arábica. Alguns desses nomes são mencionados na genealogia de Cão, fato que pode indicar miscigenação entre as raças.Elão povoou uma província ao oriente do Rio Tigre e ao norte do golfo Pérsico. Assur povoou a Assíria, às margens do rio Tigre, tendo Nínive como capital. Lude e seus descendentes moraram na banda sudeste da Ásia Menor. Arã povoou a Síria, Hul e Géter ocuparam o território ao lado do lago de Merom ao norte da Galiléia. Maás é chamado Meseque (1 Cr 1.17), possivelmente uniu-se com o Meseque da linhagem de Jafé.

b) Descendentes de Cão

Quatro raças originaram-se dos quatro filhos de Cão. Esses por sua vez dividiram-se depois. Povoaram as terras da África, da Arábia oriental, da costa do Mediterrâneo, e do grande vale dos rios Tigre e Eufrates. As primeiras monarquias orientais eram dos descendentes de Cão, pela linhagem de Cuxe.Existe uma opinião de que alguns dos descendentes de Cão emigraram para a China e que de lá passaram para as Américas através do Estreito de Béringue e do Alasca. Certos cientistas são da opinião de que em algum tempo os dois continentes estivessem ligados.

c) Descendentes de Jafé

As raças arianas ou indo-européias são descendentes de Jafé. Javã teve quatro filhos: Elisa, Társis, Dodanim e Quitim. Estes quatro povoaram a Grécia. Alguns descendentes de Quitim foram para a Itália, a França, e a Espanha, formando o povo latino. Madai e seus descendentes povoaram a índia e a Pérsia.Gômer foi o pai de três filhos: Asquenaz, Rifate e Togarma. Os descendentes de Rifate povoaram a Iugoslávia e a Áustria. Os descendentes de Gômer deram origem aos celtas, os alemães e os eslavos. Os celtas emigraram para as Ilhas Britânicas, Gales, Escócia e Irlanda. Algumas das tribos germânicas emigraram para a Noruega, Suécia e Dinamarca. Outras tribos germânicas povoaram a Alemanha Ocidental, a Bélgica e a Suíça.

VI. PROVAÇÃO E QUEDA DO HOMEM

A liberdade do homem inclui necessariamente o poder de escolher ou recusar o bem e o mal. Tem havido dúvidas quanto ao homem ter escolhido o mal, sabendo que era mal. Mas não pode haver dúvida de que o homem pudesse tomar o mal pelo bem. Ainda que advertido a não pecar, o homem era alguém falível, portanto, sujeito ao pecado.

1. A Árvore do Conhecimento

"Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvore agradável à vista e boa para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal... E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim cpmerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 1.916,17). São as mais diversas as opiniões quanto ao que tenha sido a árvore do conhecimento do bem e do mal. Uma das opiniões muito comuns, ainda que equivocada, é que ela indicava uma forma de proibição divina do ato sexual entre Adão e Eva, sua mulher. Daí surgiu a crença popular-mente absurda de que o primeiro pecado do primeiro casal foi o relacionamento sexual.Independentemente do tipo da árvore do conhecimento do bem e do mal (uma macieira, uma pereira, uma laranjeira, etc), o que importa é o princípio de prova que ela representava. Aquilo pelo que provamos nossos filhos não precisa ser absolutamente mau; o que importa é o tipo e propósito da prova à qual os submetemos.Assim sendo, o problema não era a árvore do conhecimento em si mesma, mas saber até que ponto o homem seria capaz de manter obediência ao mandamento divino: "dela não comerás".

2.O Significado da Provação do Homem

"Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E lhe deu esta ordem: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.15-17). A admoestação de Deus no sentido de que o homem não comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal não tinha um propósito simplesmente proibitivo. Visava, sobretudo, testar a capacidade de obediência do homem, e promover o seu crescimento espiritual e moral.Nenhuma autoridade de bom senso estabeleceria leis tendo em mente que elas

seriam quebradas, mas sim, obedecidas; contribuindo dessa forma para o progresso comum da sociedade que governa.Quanto à indagação se Deus sabia que o homem haveria de pecar, evidentemente que Deus sabia, uma vez que Ele é onisciente. Porém, isto não é a mesma coisa que dizer que o homem foi abandonado ao pecado por Deus, ou que Deus tenha sido o artífice da queda do homem. O pecado já existia antes mesmo da queda, e quando o homem o abraçou não o fez como se essa fosse a única opção que tinha. Pecar ou não pecar era uma escolha do homem."Podia haver criatura moral sem capacidade de escolher? A liberdade é um dom de Deus ao homem: liberdade de pensar, de escolher, liberdade de consciência, ainda mesmo que o homem use essa liberdade para rejeitar e desobedecer a Deus."Em certo desastre de trem, o maquinista, que podia ter poupado sua vida pulando fora, não se arredou do seu posto. Salvou, desse modo, os passageiros, mas perdeu a vida. Os passageiros erigiram um monumento, não ao trem, que só fez o que a sua máquina o forçou a fazer, mas ao maquinista que, voluntariamente, escolheu dar a vida para salvar os passageiros. Que virtude haverá em obedecer a Deus, se em nossa natureza não houver nenhuma inclinação para agir de outro modo?Porém, se de nossa própria vontade, e contra o impulso firme de nossa natureza, obedecermos a Deus, nisso há caráter" (Manual Bíblico – Edições Vida nova – Pág. 66).

3. A Opção de Queda

O homem foi feito um agente livre e inteligente. Pena é que ele tenha usado da sua opção de escolha exatamente para desobedecer ao mandamento divino (Gn 3.1-7). O primeiro indício da queda da humanidade está no fato de Eva ter se permitido parlamentar com Satanás. Assim fazendo, ela foi abrindo o seu coração até chegar ao ponto de aceitar a insinuação do adversário, e desejar tornar-se igual a Deus, portanto conhecedora do bem e do mal. Estas atitudes de Eva precederam os cinco passos de degradação que culminaram com a queda.Esses cinco passos são:

a)Olhou - "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos...” (Gn 3.6).

b)Desejou - “... árvore desejável para dar entendimento...” (Gn 3.6).

c)Tomou - “... tomou do fruto...” (Gn 3.6).

d)Comeu - “... comeu... e ele comeu...” (Gn 3.6).

e)Morreu - “... no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17).

A expressão "morrerás", fala tanto da morte espiritual quanto física. E em ambos os sentidos esta palavra fala da maneira em que se encontra o homem desde a sua queda.Adão e Eva agora conheciam o bem e o mal, mas que diferença fazia isso agora, uma vez que a desobediência os fazia escravos do mal."O homem tem sempre diante de si dois caminhos a escolher; o do bem e do mal. Tem sempre duas vontades: a própria e a de Deus. Adão escolheu a vontade própria, em vez de escolher a de Deus, fez uma escolha egoística, em vez de uma escolha altruística. Escolheu a morte, em vez da vida. Tudo quanto lhe aconteceu a ele próprio e à sua raça são conseqüências justíssimas da decisão que tomou no Éden. Nenhum homem pode escolher o princípio do egoísmo, e queixar-se quando ele aproximar-se. Não pode escolher o caminho da perdição, e queixar-se por não chegar ao Céu. Uma vez compreendida a decisão tomada por Adão quando foi tentado, a pena torna-se perfeitamente explicável" (Esboço de Teologia Sistemática – Juerp – Pág.157).

V II. CONSEQÜÊNCIAS DA QUEDA DO HOMEM

A desobediência do primeiro casal ao mandamento divino de não comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal trouxe consigo conseqüências terríveis. Decorrente da queda, o homem viu afetado o seu relacionamento com Deus, com o seu semelhante, com a natureza e os demais seres criados.

1. Conseqüências Ambientais

Dentre as conseqüências ambientais da queda do homem, as Escrituras destacam as seguintes:

a) Medo e Fuga

"E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me" (Gn 3.10). Quando um homem rouba algo ou mata alguém, sua primeira atitude é de medo e de fuga; isto porque ele sabe que existem leis que não apenas proíbem o furto e o assassinato, mas que também reprimem e punem o transgressor. Foi esta a atitude de Adão e Eva: pecaram e, por saberem que estavam desobedecendo a uma lei, temeram e fugiram. Desde então a humanidade inteira vive em constante fuga da presença de Deus.

b) Maldição Sobre a Serpente

"Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais do que toda a besta, e mais que todos os animais do campo; sobre teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.14,15). A serpente recebeu pior maldição que qualquer outro animal: foi condenada a restejar-se sobre seu ventre e a comer o pó da terra. A serpente parecia encontrar-se em posição ereta ao ouvir de Deus a sua sentença de maldição. Desde então a serpente tomou-se uma figura de Satanás e de todos quantos se opõem a Deus e à Sua obra.

c) A Sorte da Mulher

"E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará" (Gn 3.16). Muito embora a geração de filhos tenha feito parte do plano divino para o primeiro casal, no principio, isto só se cumpriu após a queda. Por outro lado o sofrimento e a tristeza em conexão com o trazer filhos à luz, foram adicionados em conseqüência da queda.

d) A Sorte da Terra

“... maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá, e comerás a erva do campo"(Gn 3.17,18). A terra foi amaldiçoada, portanto, impedida de produzir apenas o que era bom, passando a exigir trabalho laborioso e sofrido do homem. Esta é a situação em que a terra tem se encontrado desde então, e continuará até o estabelecimento do governo milenial de Cristo.

e) A Sorte do Homem

"E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra; porque dela foste tomado; porque és pó, e em pó te tomaras” (Gn 3.17-19). Não obstante tenha sido o homem criado por Deus, tendo entre seus propósitos, o de cultivar a terra, os sofrimentos derivados desse labor só vieram a existir depois da queda.

f) O Conhecimento Prático do Mal

"Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal..."(Gn 3.22). Antes da queda, o homem era capaz de pecar; contudo desconhecia os efeitos que isso provocaria. Ao desobedecer a Deus, ele adquiriu o conhecimento do pecado. Conhecia o bem e o mal, mas o pecado o havia condicionado a só fazer o que era mau aos olhos de Deus.

g) Expulsão do Jardim do Éden

"O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado" (Gn 3.23). Como o Éden era um lugar de delícias e de comunhão, cheio da presença de Deus, o homem, no seu estado de pecado, jamais poderia continuar nesse tão augusto lugar. Por isso foi expulso por Deus, colocando-se às expensas da sua má sorte. Esta foi, sem dúvida, a maior das conseqüências da queda até aqui mencionadas.

h) Vedado o Caminho da Arvore da Vida

"E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24). Tendo o homem preferido comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, foi um ato de misericórdia de Deus impedi-lo de comer da árvore da vida. Se o homem não tivesse sido impedido de fazê-lo, ao comer dela ele haveria de amargar uma existência de eterna tristeza e miséria.

2. Conseqüências Espirituais

Como resultado da queda do homem, o seu relacionamento com Deus foi sensivelmente alterado, obstaculizando o seu desenvolvimento e causando os males que se seguiram. Dentre esses se destacam:

a) Morte Espiritual

"Pelo que, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram" (Rm 5.12). O termo "morte" é o termo usado com mais freqüência ao longo das páginas das Escrituras para falar da separação entre o homem 8 Deus, por causa da queda do homem no princípio. Este é o estado em que se encontram todos os homens, até que permitam que Cristo lhes toque com o toque vivificador de Deus.

b) Perda da Semelhança Moral com Deus

Desde a sua criação, o homem estava destinado a experimentar cada vez maior nível de perfeição, até que alcançasse perfeita identidade com a pessoa daquele que o criou. Contudo, essa marcha foi interrompida com a queda, levando o homem tantas vezes a níveis morais tão baixos, a ponto de identificar-se melhor com os irracionais do que com Deus que o criou.

c) Incompatibilidade com a Vontade de Deus

"Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser. Portanto os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8.7,8). Após a queda, a mente do homem ficou bloqueada para a revelação da vontade de Deus, e condicionada à prática abominável do pecado.

d) Escravidão ao Pecado e ao Diabo

"Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado... Vós tendes por pai o diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai..."(Jo 8.34,44). Negligenciando o mandamento de Deus e aceitando as insinuações do Diabo, o homem naturalmente tornou-se escravo do pecado e do seu "pai", que é o maligno.

3. Conseqüências Físicas

Além dos problemas ambientais e espirituais, a queda do homem trouxe conseqüências físicas de grandes proporções. Dentre essas, se destacam as seguintes:

a) Existência Física Reduzida

"Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos" (Gn 6.3). Destinado a viver eternamente, o homem tinha agora reduzida a sua existência física. Estaria condenado à morte prematura.

b) Corrupção dos Poderes do Homem

Um dos propósitos de Deus para com o homem ao criá-lo era o de que ele exercesse domínio sobre "os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra" (Gn

1.26).Porém, na queda, além de o homem perder a semelhança moral que tinha com Deus, todos os seus poderes se perverteram. Todos os seus pensamentos e desejos se degeneraram em corrupção.

c) Sujeição às Enfermidades

Ainda que nem toda a enfermidade seja causada pelo pecado direto daquele que a porta, todas as enfermidades existem em conseqüência do pecado de Adão, no princípio.

A transgressão do homem foi, como crime, a pior enormidade. Quanto à sua natureza não foi mera desobediência à lei divina por parte do ofensor. Foi a mais crassa infidelidade, o dar crédito antes ao Diabo do que a Deus; foi descontentamento e inveja, ao pensar que Deus lhe havia negado aquilo que era essencial para a sua felicidade; foi um orgulho imenso, ao desejar ser igual a Deus; foi furto sacrílego, ao intrometer-se naquilo que Deus havia reservado para si, como sinal de Sua soberania; foi suicídio e homicídio, ao trazer a morte contra si e contra toda a sua posteridade.

"E tudo isso foi cometido à plena vista da benevolência do Criador, que lhe havia outorgado tudo quanto se fazia necessário para o aperfeiçoamento e perpetuação de sua felicidade. Foi uma ação contrária às mais claras convicções de consciência, e com mente plenamente iluminada pelo Espírito Divino. O ato foi cometido na própria presença de Deus, com a vontade suficientemente fortalecida para resistir à tentação, e sem sofrer qualquer compulsão" (Teologia Elementar – Imprensa Batista – Pág. 198).

QUESTIONÁRIO DE ANTROPOLOGIA

1. Onde a Bíblia relata pela primeira vez a criação do homem?

2. O que se entende pela afirmação de que a criação do homem foi precedida por um solene conselho divino?

3. A afirmação de que a criação do homem resultou dum ato imediato de Deus, refuta que teoria muito em voga hoje?

4. O que se entende pela afirmação de que o homem foi criado segundo um tipo divino?

5. Quanto à sua natureza, no que o homem se distingue dos animais?

6. Considerando a criação consumada, como é considerado o homem?

7. O que ensina a teoria evolucionista acerca da origem do homem?

8. Dê duas evidências bíblicas que negam a teoria evolucionista.

9. A que conclusão chegou a professora Lelia Coyne, nas suas pesquisas quanto a origem do homem na terra?

10. Quanto à natureza essencial do homem, que diz a filosofia?

11. A que as Escrituras assemelham a transitoriedade da vida humana na terra?

12. Dê pelo menos três características do homem como ser físico.

13. O que é o "espírito" como um dos agentes da natureza humana?

14. Qual a definição da alma do homem?

15. O que ensina a interpretação tricotomista quanto à natureza do homem? e a dicotomista?

16. O que a Bíblia ensina sobre o tríplice agente da natureza do homem?

17. A glória futura do corpo está associada a que fato profético por acontecer?

18. Qual o conceito dos Pais da Igreja sobre o homem como imagem de Deus?

19. Que conceito tinham os reformadores quanto ao homem como imagem de Deus?

20. Qual a melhor definição filológica do termo "homem"?

21. No hebraico "Adam", nome dado ao primeiro homem, Adão, é traduzido como?

22. O que se entende por o homem como imagem de Deus.

23. Criado à semelhança de Deus, entende-se que o homem tem alguma semelhança com Deus. Em que sentido?

24. Dê duas provas bíblicas de que toda a humanidade descende de um só casal, Adão e Eva.

25. O que ensina a ciência quanto à unidade da raça humana?

26. Quais os quatro argumentos racionais quanto à unidade da raça humana, estudados neste capítulo?

27. Cite três povos descendentes de Sem.

28. Cite dois povos descendentes de Cão.

29. Cite quatro povos descendentes de Jafé.

30. Que se entende pela árvore do conhecimento?

31. Por que Deus provou o homem no Éden?

32. Quais os cinco passos da degradação do homem, que culminaram com a sua queda?

33. Dê duas conseqüências ambientais da queda do homem.

34. Cite três conseqüências espirituais da queda do homem.

35. Mencione três conseqüências físicas da queda do homem.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BANCROFT, E.H. **Teologia Elementar**. Imprensa Batista Regular, 1966.

BERKHOF, L. **Manual de Doutrina Cristã**. Luz Para o Caminho/Ceibel, 1985.

BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. JUERP, 1983.

BERKOUWER G.C. **A Pessoa de Cristo**. ASTE, 1964.

BINNEY, A.R. **Compêndio de Teologia**. Editora Nazarena.

BOICE, J.M. **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. Edições Vida Nova, 1982.

BURTNER e CHILES. **Coletânea da Teologia de João Wesley**. Imprensa Metodista, 1960.

CALVINO J. **As Institutas**. Casa Editora Presbiteriana, 1985.

GILBERTO, A. **A Bíblia Através dos Séculos**. CPAD, 1986.

HAGGLUND, B. **História da Teologia**. Concórdia S.A, 1981.

HENRY H.H. **Manual Bíblico**. Edições Vida Nova, 1971.

KELLER, W. **E a Bíblia Tinha Razão**. Edições Melhoramentos, 1962.

LANGSTON, A.B. **Esboço de Teologia Sistemática**. JUERP, 1977.

OLIVEIRA, R.F. **As Grandes Doutrinas da Bíblia**. CPAD, 1987.

OLIVEIRA, R.F. **A Doutrina Pentecostal Hoje**. CPAD, 1983.

PEARLMAN, M. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. Editora Vida, 1985.

RYRIE, C.C. **Sínteses de Doctrina Bíblica**. Publicaciones Portavoz Evangélico, 1979.

HAMARTIOLOGIA

ÍNDICE

I. A ORIGEM DO PECADO

1. Conceitos Históricos Sobre a Origem do Pecado

a) Do Gnosticismo a Orígenes

b) Os Pais da Igreja Grega

c) De Agostinho à Reforma

d) Do Racionalismo a Karl Barth

2. O Que a Bíblia Ensina Sobre a Origem do Pecado

a) Deus não é o Autor do Pecado

b) O Pecado Teve Origem no Mundo Angélico

c) A Origem do Pecado na Raça Humana

3. O Caráter do Primeiro Pecado do Homem

a) Seu Caráter Formal

b) Seu Caráter Essencial

4. A Universalidade do Pecado

a) O Testemunho da Historia

b) Todos Pecaram

II. A NATUREZA ESSENCIAL DO PECADO

1. A Idéia Bíblica do Pecado

a) O Pecado Tem é uma Classe Específica de Mal

b) O Pecado Tem um Caráter Absoluto

c) O Pecado é Sempre Dirigido Contra Deus

d) O Pecado Inclui Tanto a Culpa Como a Corrupção

e) O Pecado Tem Lugar no Coração

2. O Pecado Original

a) Conceito Histórico

b) Elementos do Pecado Original

3. O Pecado Atual

a) Relação Entre Pecado Original e Pecado Atual

b) Classificação dos Pecados Atuais

4. O Pecado Imperdoável

a) Opiniões Sobre Esse Pecado

b) Opinião Correta a Respeito Deste Pecado

c) O Crente Está Sujeito a Esse Pecado

5. O Pecado e o Crente

a) É Possível o Crente Pecar?

b) Possíveis Causas do Pecado na Vida do Crente

c) Conseqüências do Pecado na Vida do Crente

d) Como o Crente Deve Tratar Com o Pecado

HAMART IOLOGIA

INTRODUÇÃO

As Escrituras destacam dois grandes princípios morais mediadores do comportamento do homem em relação a Deus: a santidade e o pecado. Na esfera moral, a santidade corresponde ao bem, enquanto que o pecado corresponde ao mal. Todos os mais princípios e qualidades morais podem ser classificados de maneira a se identificarem com a santidade e o bem, ou com o pecado e o mal. Por essa razão a doutrina do pecado recebe especial atenção na Bíblia.

I.A ORIGEM DO PECADO

Qualquer pessoa que se dá a meditar na doutrina do pecado, procurando compreendê-la mesmo à luz das Escrituras, inevitavelmente há de se defrontar com a seguinte indagação: Qual a origem do pecado? Esta indagação quer a encaremos no contexto da Igreja ou da Teologia, amplia-se numa indagação sobre a origem do mal em todo o mundo. As perturbações da vida e a consciência de algo anormal atuando decisivamente no mundo, conduzem o homem pensante a essa questão; e inúmeras são as respostas formuladas através da história; respostas nem sempre harmônicas entre si.

1.Conceitos Históricos Sobre a Origem do Pecado

São os mais diversos conceitos que ao longo da historias surgiram acerca da origem do pecado. Irineu, bispo de Lyon, na Ásia Menor (130-208 d.C.), foi, talvez, o primeiro dos países da Igreja Antiga, a assegurar que o pecado no mundo se originou na transgressão voluntária do homem no Éden. O conceito de Irineu logo tomou conta do pensamento e da teologia da Igreja, especialmente como arma no combate ao gnosticismo, pois este ensinava que o mal é inerente à matéria.

a) Do Gnosticismo a Orígenes

O gnosticismo ensinava que o contato da alma humana com a matéria era que a tornava imediatamente pecadora. Esta teoria naturalmente despojou o pecado do seu caráter voluntário como é apresentado na Bíblia. Orígenes (185-254 d.C.) sustentou este mesmo ponto de vista por meio de sua teoria chamada “preexistencismo”. Segundo ele, as almas dos homens pecaram voluntariamente em existência prévia, e, portanto, todas entraram no mundo numa condição pecaminosa.

Este conceito de Orígenes sofreu forte oposição mesmo nos seus dias.

b) Os pais da Igreja Grega

Em geral os Pais da Igreja grega dos séculos III e IV se mostraram inclinados a negar a relação direta entre o pecado de Adão e seus descendentes. Em contraposição, os Pais da Igreja latina ensinaram com bastante clareza que a presente condição pecaminosa do homem encontra sua explicação na primeira transgressão de Adão no Éden.

c) De Agostinho à Reforma

O ensino da Igreja do Ocidente quanto à origem do pecado teve seu ponto mais elevado na pessoa de Agostinho. Ele insistiu no ensino de que em Adão toda a humanidade se acha culpada e maculada. Já os teólogos semipelagianos, admitiam que a mancha do pecado, e não o pecado mesmo, é que era causada pelo relacionamento humanidade – Adão. Durante a Idade Média, o que se cria a respeito de assunto era uma mistura de agostinismo e pelagianismo. Os Reformadores, particularmente, comungaram do ensino de Agostinho.

d) Do Racionalismo a Karl Barth

Sob a influência do racionalismo e da teoria evolucionista, a doutrina da queda do homem e de seus efeitos fatais sobre araçá humana, foi descartando-se gradualmente. Começou a si difundir a idéia de que, se realmente houve o que a Bíblia chama “queda” do homem, essa queda foi para o alto. A idéia do pecado odioso aos olhos santos de Deus foi substituída pelo mal, e este mal se aplicou de diferentes maneiras. Por exemplo, Emmanuel Kant o considerou como parte inseparável do que há de mais profundo no ser humano, e que não se pode explicar. O evolucionismo chama esse “mal” de oposição das baixas inclinações ao desenvolvimento gradual da consciência moral. Karl Barth, teólogo suíço (1886-1968), fala da origem do pecado como um mistério da predestinação. Em suma: o que muitas correntes da teologia racional erradamente ensinam é que Adão foi na verdade o primeiro pecador, porém sua obediência não pode ser considerada como causa do pecado no mundo. O pecado do homem estaria relacionado de alguma forma com a sua condição de criatura. A história do paraíso nada mais proporciona ao homem do que a simples informação de que ele necessariamente não precisa ser pecador.

2. O Que a Bíblia Ensina Sobre a Origem do Pecado

Na Bíblia, o mal moral que assola o mundo, normalmente chamado pelos homens de fraqueza, equívoco, deslize, queda para o alto, se define claramente como pecado, fracasso, erro, iniqüidade, transgressão, contravenção, e injustiça. A Bíblia apresenta o homem como transgressor por natureza. Mas, como adquiriu o homem essa natureza pecaminosa? O que a Bíblia nos diz acerca disso? Para termos respondidas estas indagações, é interessante e indispensável considerar o seguinte:

a) Deus não é o Autor do Pecado

Evidentemente Deus, na sua onisciência, já vira a entrada do pecado no mundo, bem antes da criação do homem. Porém, deve-se ter cuidado para que ao se fazer esta interpretação, não fazer de Deus a causa ou autor do pecado. “Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-poderoso o cometer injustiça” (Jó 34.10). Deus é santo (Is 6.3). E não há nele nenhuma injustiça (Dt 32.4; Sl 95.15). “Ninguém ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; por que Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta” (Tg 1.13). Deus odeia o pecado e como prova disto enviou a Jesus Cristo como provisão salvadora para o homem. Assim sendo, as Escrituras rechaçam todas aquelas idéias deterministas, segundo as quais Deus é autor e responsável pela a entrada do pecado no mundo. Tais idéias são contrárias às Escrituras, mas também à voz da consciência que dá testemunho da responsabilidade do homem perante o Deus cuja santidade foi ultrajada.

b) O Pecado Teve Origem no Mundo Angélico

Se quisermos conhecer a origem do pecado,teremos de ir além da queda do homem, descrita no capitulo 3 de Gêneses, e pôr a nossa atenção em algo que aconteceu no mundo dos anjos. Deus criou os anjos dotados de perfeição, porém, Lúcifer e legiões deles se rebelaram contra Deus, pelo que caíram em terrível condenação. O tempo exato dessa queda não é dado a conhecer na Bíblia. Jesus fala acerca do Diabo dizendo ser ele homicida desde o princípio (Jo 8.44). O apóstolo João diz que o Diabo peca desde o princípio (1 Jo 3.8). Pouco se diz a respeito do pecado que ocasionou a queda dos anjos; porém, quando Paulo adverte a Timóteo no sentido de que nenhum neófito seja designado bispo sobre a

casa de Deus, diz o apóstolo porque: “...para não suceder que se ensoberbeça e caia na condenação do Diabo” (1 Tm 3.6). Daí se conclui que o pecado do Diabo foi a soberba e o desejo de sobrepujar a Deus.

c) A Origem do Pecado na Raça Humana

A origem do pecado na história da raça humana foi a transgressão voluntária de Adão no Éden. O homem deu ouvidos à insinuação do tentador, de que, se colocasse em oposição a Deus, se tornaria igual a Ele. Tomando do fruto que Deus proibira, Adão caiu, abrindo a porta de acesso ao pecado no mundo. Ele não somente pecou, ele também se tornou servo do pecado. Neste sentido escreve o apóstolo Paulo: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram...Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida.Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de um, muitos serão feitos justos” (Rm 5.12,18,19).

3. O Caráter do Primeiro Pecado do Homem

De acordo com o relato sagrado, primeiro pecado do homem, consistiu em haver Adão comido da árvore do conhecimento do bem e do mal, em desacato a ordem de Deus: “... da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17).

a) Seu Caráter Formal

Ignoramos a razão porque o elemento de prova do homem no Éden é chamado de “árvore do conhecimento do bem e do mal”. Porém, segundo uma idéia muito comum, ela se chama assim pelo fato de que o homem, comendo dela, adquiriria conhecimento prático do bem e do mal. Berkhof é da opinião de que essa interpretação dificilmente se harmoniza com as Escrituras que afirmam que o homem, ao comer dela se tornaria igual a Deus no que diz respeito à aquisição do conhecimento do bem e do mal e portanto não tem conhecimento prático dele. Parece muito mais aceitável que essa árvore se chamava assim pelo fato de que ele estava destinado a revelar: Se o estado futuro do homem seria bom ou mau; Se o homem permitiria que Deus determinasse em seu lugar o que lhe era bom ou

mau, ou se o homem determinaria por si mesmo. Qualquer significado que se dê à árvore do conhecimento do bem e do mal, deve-se ter sempre em mente que a finalidade da sua designação por Deus foi de simplesmente de provar o homem criado à sua imagem e semelhança. Adão teria de demonstrar interesse e se submeter à sua própria vontade ou à vontade de Deus, com obediência implícita e absoluta.

b) Seu Caráter Essencial e Material

A essência do pecado de Adão consiste em que ele se colocou em oposição a Deus, recusando submeter-se à sua vontade e impedindo que Deus determinasse o curso da sua vida. Adão tomou as rédeas da sua vida das mãos de Deus, determinado o seu futuro por si mesmo. O homem que não tinha nenhum direito sobre Deus, separou-se dele como se nada lhe devesse. Com essa ação, o homem estava como que levantando os punhos em direção a Deus e lhe dizendo: ”Eu não preciso mais de ti”. A idéia de que a ordem de Deus ainda estava na mente do homem no momento do seu pecado é comprovada na resposta de Eva à pergunta de Satanás, “nem tocareis nele” (Gn 3.3). Possivelmente, Eva quis enfatizar que o mandamento de Deus não havia sido razoável, isto é, era muito mais pesado do que se podia imaginar. Foi assim que no desejo de ser igual a Deus, o homem pecou e foi reduzido à categoria de servo do pecado.

4. A Universalidade do Pecado

Ainda que muitos tenham diferentes opiniões quanto à natureza do pecado e o modo como ele se originou, bem poucos se inclinam a negar o fato de que o pecado é um tormento no coração do homem, em todos os quadrantes da terra. Seja em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, ou nas mais esquecidas aldeias no seio da África, o pecado é um flagelo diário.

a) O Testemunho da História

A própria história das religiões pagãs testifica da universalidade do pecado. A pergunta do patriarca Jó: “Como, pois, seria justo o homem perante Deus, e como seria puro aquele que nasce da mulher?” (Jó 25.4). É uma pergunta feita tanto por aqueles que conhecem a revelação especial Deus, quanto por aqueles que a ignoram. Quase todas as religiões dão testemunho de um conhecimento universal do pecado e da necessidade de reconciliação com o Supremo. Há um sentimento

generalizado de que os deuses estão ofendidos e de que algo deve ser feito para apaziguá-los. A voz da consciência acusa o homem diante do seu fracasso em alcançar o ideal da vida perfeita dizendo que ele está condenado aos alhos de alguém que possui um poder superior. Os altares banhados de sangue e as freqüentes confissões de agravo, feitas por pessoas que buscam livrar-se do mal, apontam conjuntamente pêra o conhecimento do pecado e da gravidade dele. Onde quer que os missionários cristãos se encontrem, apodera-se deles a certeza de que o pecado é um flagelo universal. Os filósofos gregos, na sua luta contra o problema do mal, foram levados a admitir a universalidade do pecado, ainda que incapaz de explicar esse fenômeno.

b) Todos Pecaram

A pecaminosidade do homem está registrada em toda a extensão das Escrituras (Gn 6.5; 1 Rs 8.46; Sl 53.3; 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20; Is 53.6; 64.6; Rm 3.1-12,19,20,23; Gl 3.22; Tg 3; 1 Jo 1.8,10). De fato, a Bíblia mostra o pecado como uma herança inevitável que o homem tem de administrar desde o seu nascimento, e que está presente na natureza do homem e com ele continuará até a morte (Sl 5.5; Jó 14.4; Jo 3.6; Ef 2.3). Escrevendo aos Efésios, diz o apóstolo Paulo que nós, os crentes, “éramos por natureza filhos da ira, como também os demais” (Ef 2.3). o pecado, pois, é algo original, do qual todos participam, e que os fazem culpados diante de Deus. O pecado e a morte nivelam os homens. A maior prova em favor da universalidade do pecado é que a própria obra realizada por Cristo na cruz, que no seu escopo apresenta-se como uma obra de caráter universal, e como remédio único para a doença espiritual de toda a humanidade.

II. A NATUREZA ESSENCIAL DO PECADO

O caráter santo de Deus é a norma única e final mediante a qual podemos julgar com exatidão os valores morais. Para aqueles que não levam Deus em conta, não existem normas morais fora dos costumes sociais e dos ditames duma consciência pervertida.

1. A Idéia Bíblica do Pecado

Não podemos assimilar a idéia bíblica do pecado, a menos que levemos em consideração as seguintes particularidades na conceituação do pecado.

a) O Pecado é uma Classe Específica de Mal

Comparativamente, o que ouvimos e lemos hoje sobre o mal é muito mais do que aquilo que ouvimos e lemos a respeito do pecado. Isto se dá, talvez, devido à opinião comum de que mal e pecado são a mesma coisa. Porém, é bom lembrar que, apesar de todo o pecado ser um mal, nem tudo que consideramos mal é pecado. O pecado não deve ser confundido com o mal físico que produz prejuízos e calamidades. O pecado é a causa do mal, enquanto que o mal é o efeito do pecado. Os termos bíblicos para designar o pecado são variados. Em geral é apresentado como “fracasso”, “erro”, “iniqüidade”, “transgressão”, “contravenção”, “falta de lei” e “injustiça”. Porém, a definição de pecado não pode ser derivada simplesmente dos termos bíblicos para denotá-lo. A característica principal ele está orientado contra Deus (Sl 51.4; Rm 8.7).

b) O Pecado Tem um Caráter Absoluto

O contraste entre o bem e o mal é absoluto, e não há neutralidade alguma entre ambos; tanto que a transição entre um e outro não é de caráter quantitativo, mas qualitativo. Um ser moral, que não é bom, não se torna mau só por diminuir a sua bondade, mas por uma mudança radical que o leva a envolver-se com o pecado. Jesus disse: “Quem não é comigo é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha” (Mt 12.30). o homem tem de estar do lado do bem e da justiça, ou do mal. Em assuntos espirituais, a Escritura não conhece uma posição de neutralidade.

c) O Pecado é Sempre Dirigido Contra Deus

É impossível se ter um conceito correto do pecado sem vê-lo em relação com a pessoa e a vontade de Deus. É compreendendo assim que o pecado pode ser interpretado como “falta de conformidade com a lei de Deus”. Esta é a definição formal mais correta de pecado. Os seguintes trechos extraídos das Escrituras abordam o pecado em relação a Deus e a sua Lei: “os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também aprovam aos que as fazem” (Rm 1.32). “... se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado e sois redargüidos pela lei como transgressores” (Tg 2.9). “Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei” (1 Jo 3.4).

d) O Pecado Inclui Tanto a Culpa Como a Corrupção

A culpa é um estado em que se sente merecer o castigo pela a violação da lei moral. Ela expressa também a relação que o pecado tem com a justiça e com o castigo da lei. Porém, por ser uma palavra de significado duplo, a culpa tanto denota a qualidade própria do pecado, como denota a culpabilidade que nos faz dignos do juízo e do castigo divino. Dabney fala deste último aspecto da culpa como “culpa potencial”. A culpa atual pode ser removida por meio de um substituto, mediante a satisfação das exigências da lei (Mt 6.12; Rm 3.19; 5.18; Ef 2.3). Corrupção é a contaminação inerente a cada pecador, e é uma realidade na vida de todo individuo. Todo aquele que é nascido de Adão tem em si a natureza manchada pelo pecado (Jó 14.4; Jr 17.9; Mt 7.15-20; Rm 8.5-8; Ef 4.17-19).

e) O Pecado tem Lugar no Coração

O pecado não reside em nenhuma faculdade da alma, mas sim no coração, o âmago da alma, de onde flui a vida. Ele é o centro das influencias que põe em operação o intelecto, a vontade e os afetos. Em seu estado pecaminoso, o coração torna o homem objeto do desagrado de Deus. Sobre o coração como continente do pecado, escreveu o profeta Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?” (Jr 17.9; Pv 4.23; Mt 15.19,20; Lc 6.45; Hb 3.12).

2. O Pecado Original

A condição pecaminosa em nasce o homem é definida teologicamente como “pecado original”. Ele é chamado assim: **-** porque se deriva de Adão, o tronco original da raça humana; - porque está presente na vida de cada indivíduo desde o momento do seu nascimento, pelo que não pode ser considerado como resultado de simples imitação; - porque é a raiz interna de todos os pecados atuais que maculam a vida do homem. Deve-se, porém, evitar o erro de se pensar que o termo “pecado original” implica em que este pecado pertence à constituição original da natureza humana, posto que isto implicaria em que Deus criou o homem como pecador.

a) Conceito Histórico

É de opinião geral dos teólogos que os Pais da Igreja primitiva não se deram ao labor de escrever o suficiente sobre o pecado original. Contudo, segundo os Pais da Igreja grega, há uma corrupção física na raça humana proveniente de Adão, porém isto não envolve

culpa. A liberdade da vontade em nada foi afetada pela queda. Respeitáveis teólogos são da opinião de que este parecer dos Pais gregos, culminou com o surgimento do pelagianismo, movimento religioso herético fundado por Pelágio, britânico, que viveu entre 360 e 422 da nossa Era. O pelagianismo negava completamente as doutrinas da graça e do pecado original. Na igreja latina, porém apareceu uma tendência diferente através da pessoa de Tertuliano, que segundo alguns teólogos, foi o homem que depois de Paulo, teve maior senso a respeito do pecado. Tertuliano considerou o pecado original uma infecção hereditária. Ambrosio, outro famoso Pai da Igreja latina, foi além de Tertuliano na questão do pecado original e o descreveu como um estado, e fez uma distinção entre corrupção inata e a resultante culpa do homem. Porém, foi através do talento e do espírito de estudo de Agostinho que a doutrina do pecado original alcançou um total desenvolvimento. Segundo ele, a natureza do pecador, tanto física como moralmente, está de toda corrompida por causa do pecado de Adão, de tal maneira que o homem não consegue fazer outra coisa senão pecar. Os reformadores, de modo geral, estiveram de acordo com Agostinho. Somente Calvino diferia dele, principalmente em dois pontos: Primeiro, que o pecado original não é algo completamente negativo, uma vez que esse pecado, segundo ele, dá lugar à eleição de Deus; Segundo, que esse pecado está limitado à natureza sensível do homem.

b) Elementos do Pecado Original

São dois os principais aspectos do pecado original: culpa e corrupção. A palavra culpa, com relação ao pecado original, expressa a relação que a justiça tem com o pecado, e, como expressavam os teólogos mais antigos, a relação que o pecado tem com a pena da Lei. É assim que a culpa do pecado de Adão, como cabeça federal da raça humana, é impossível a todos os seus descendentes (Rm 5.12-19; Ef 2.3; 1 Co 15.22). A corrupção original do homem inclui a ausência da justiça original e a presença de um mal real. É a tendência da natureza caída, herdada de Adão, que condiciona o homem para pecar. Deve-se, portanto, notar: Primeiro, que essa corrupção não é meramente uma enfermidade; Segundo, ele não é meramente uma privação.

3. O Pecado Atual

O pecado se originou num ato de livre vontade de Adão como representante da raça humana; uma transgressão da lei de Deus e uma corrupção da natureza humana que deixou o homem exposto ao juízo e castigo de Deus.

É esta natureza corrompida a fonte donde flui todos os pecados atuais, diários.

a) Relação Entre Pecado Original e Pecado Atual

“Pecados atuais” são aquelas ações externas que se executam através do corpo. São também todos aqueles maus pensamentos conscientes. São os pecados individuais de fato. O pecado original é um só, enquanto o pecado atual desdobra-se em diferentes classes, tais como: atos ou atitudes. O que o apóstolo João escreveu no capítulo primeiro em sua primeira epístola universal, poderá nos ajudar a compreender melhor a diferença entre pecado original e pecados atuais. “Se dissermos que não temos PECADO, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos PECADOS, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 8,9). Atente para os termos PECADO e PECADOS. A palavra PECADO, no singular, citada no versículo 8, é uma referência precisa e direta ao pecado original, ou seja, à natureza caída do homem; enquanto que a palavra PECADOS, no plural, citada no versículo 9, refere-se ao pecado atual, do dia-a-dia.

b) Classificação dos Pecados Atuais

É impossível classificar todos os pecados atuais, pois variam de classe e de grau e podem diferenciar-se em mais de um ponto. A teologia católico-romana faz uma bem conhecida distinção entre pecados veniais e pecados mortais, porém tem dificuldades em apontar quando o pecado é venial ou mortal. A mais completa lista das diferentes classes de pecados habituais, registrada na Bíblia, é extraída dos escritos do apóstolo Paulo, mas precisamente da Epístola aos Gálatas. “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia,idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias,invejas, homicídios, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5.19-21). O Novo Testamento determina a gravidade do pecado de acordo com o grau de conhecimento que se tenha a respeito dele. Os gentios, que estão no seu pecado, são culpados aos olhos de Deus; porém, aqueles que gozam do favor do Evangelho e têm revelação de Deus são muito mais culpados quando caem (Mt 10.15; Lc 12.47,48; 23.24; Jo 19.11). o crente, em particular, é advertido no sentido de evitar o pecado que tão de perto o rodeia (Hb 12.1). O pecado tanto pode ser

por comissão como por omissão. Isto é: aquele que não faz o bem e deveria fazer, é tão culpado diante de Deus quanto aquele que faz o mal que não deveria fazer.

4. O Pecado Imperdoável

Diferentes passagens das Escrituras falam de um pecado que não pode ser perdoado, sendo impossível a mudança de coração depois de alguém o haver cometido, e pelo qual não se deve orar. Sobre ele, disse Jesus: “Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro” (Mt 12.31,32).

a) Opinião Sobre Esse Pecado

Durante séculos têm surgido as mais diversas opiniões a respeito da natureza do pecado para o qual não há perdão. Por exemplo, Jerônimo e Crisóstomo pensavam que esse foi o pecado cometido unicamente pelos contemporâneos de Jesus, durante o seu ministério terreno. Agostinho e alguns teólogos luteranos e escoceses ensinaram que esse pecado consistia da penitência que persiste até o fim. Anos depois da Reforma, alguns teólogos luteranos ensinavam que só as pessoas regeneradas estão sujeitas ao pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, pecado para o qual não há perdão.

b) Opinião Correta a Respeito Desse Pecado

O conceito reformado quanto ao pecado imperdoável, é o que melhor se harmoniza com as Escrituras a respeito do assunto. Esse pecado consiste na rejeição consciente, maliciosa e voluntária da evidência e convicção do testemunho do Espírito Santo, com respeito à graça de Deus manifesta em Jesus Cristo. Esse pecado não consiste em duvidar da verdade manifesta em e por Cristo, nem em simplesmente negá-la, mas sim em contradizê-la. Ao cometer esse pecado, o homem voluntária, maliciosa e tencionalmente atribui à influencia de satanás aquilo que reconhecidamente é obra de Deus. Em suma, esse pecado não é outra coisa senão um deliberado ultraje ao Espírito Santo, uma declaração audaz de que o Espírito Santo é um espírito maligno, que a verdade é mentira e que Cristo é satanás. Esse pecado é imperdoável não porque sua gravidade supere os méritos

e eficácia da obra de Cristo levada a afeito na cruz do Calvário, ou porque ele foge aos limites do poder restaurador do Espírito Santo, mas porque nos domínios do pecado, existem leis e ordenanças estabelecidas e mantidas por Deus.

c) O Crente Está Sujeito a Este Pecado

De que o crente pode cometer o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo e cair em declarada apostasia é ensino implícito no seguinte texto das Escrituras: “é impossível, pois, que aqueles que uma vez iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para o arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmo o filho de Deus, e expondo-o à ignomínia” (Hb 6.4-6). A respeito do perigo de se cometer este pecado, escreveu o saudoso pastor e escritor João de Oliveira: “pecando o homem contra Deus, veio Jesus para conduzi-lo de volta a Deus; havendo pecado contra Jesus, veio o Espírito Santo para reconciliá-lo com Jesus; mas, pecando o homem contra o Espírito Santo, quem o há de salvar?”. Em atenção ao fato de que esse pecado nunca segue o arrependimento, é possível assegurar que aqueles que julgam tê-lo cometido e se entristecem por isso, e desejam as orações de outros para perdão, na verdade nunca cometeram. É o Espírito Santo quem conduz o homem ao arrependimento; se alguém tivesse pecado contra Ele, é obvio que Ele não levaria esse alguém ao arrependimento, se o perdão completo não fosse atingível.

5. O pecado e o Crente

O significado e a gravidade do pecado são mais bem compreendidos pelo do que por qualquer outra pessoa. Ao longo de toda a narrativa bíblica, o crente é advertido contra o “pecado que tão de perto nos rodeia” (Hb 21.1), e a caminhar para o alvo maior, que é a semelhança da estatura e perfeição de Cristo. Por isso, ao ouvido de cada crente, hoje, deve continuar soando a solene advertência de Cristo: “... vai e não peques mais” (Jo 8.11).

a) É Possível o Crente Pecar?

Para muitos cristãos, a descoberta de que após aceitar a Jesus ainda estavam sujeitos ao pecado, foi tão espantoso quanto ao próprio fato de agora saberem que foram feitos novas criaturas em Cristo. De que é possível o crente pecar, é assunto

pacífico em toda a Escritura. Só no NT há capítulos inteiros, como por exemplo, Romanos 7 e 8, que mostram o conflito interior do crente entre a sua natureza divina que nele habita, mostrando a possibilidade de o crente vir a cometer pecado. Sobre esse assunto, escreveu o apóstolo João: “Se dissermos que não temos PECADO, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos PECADOS, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 Jo 1.8,9). Já mostramos que a palavra PECADO, no singular, citada no versículo 8, é uma referência à natureza caída do homem, de onde provêm os PECADOS, no plural (versículo 9). É evidente que o cristão possui dupla natureza: a natureza caída, ainda sujeita ao pecado, e a natureza divina. Esta ultima foi implantada no crente mediante a sua ligação com Jesus Cristo, “a videira verdadeira” (Jo 15.1). Enquanto a primeira natureza estiver subjugada o crente estará sendo levado a viver de vitória em vitória.

b) Possíveis Causas de Pecados na Vida do Crente

Dentre as muitas causas pelas quais o crente poderá ser levado à pratica do pecado, destacamos as três principais, dadas a seguir:

- A natureza pecaminosa (Rm 8.21-15).

- Osistema mundial que está sob domínio de satanás (1 Jo 2.15-17).

- Falta de oração e de cuidadoso estudo das Escrituras (Ef 6.10-15).

O crente que relaxa o hábito da oração e da leitura e estudo das Escrituras, está incorrendo em sérios riscos espirituais, podendo se tornar presa fácil dos laços do adversário.

c) Conseqüências do Pecado na Vida do Crente

Dentre as muitas conseqüências do pecado na vida do crente, vale destacar:

- A perda da comunhão com Deus (1 Jo 5.6; Sl 51.11).

- Oportunidade de os inimigos blasfemarem do nome de Deus (2 Sm 12.14).

- Perda do galardão (1 Co 4.5; 3.13-15).

- Possível morte (At 5.1-11; 1 Co 11.30).

- Mau exemplo (1 Co 8.9,10).

- Destruição da fé e conseqüente morte espiritual (Rm 6.16; 1 Jo 5.16,17).

d) Como o Crente Deve tratar Com o Pecado

Quando ao trato que o crente deve dar ao pecado, a Bíblia recomenda que o crente deve:

- Reconhecê-lo (Sl 51.3)

- Evitá-lo (1 Tm 5.22)

- detestá-lo (Jd v.23)

- Resiste a ele com confiança em Deus (Tg 4.7,8).

- Confessá-lo (1 Jo 1.9).

- Abandoná-lo (Pv 28.13).

O apóstolo João escreveu dizendo: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2.1).

QUESTINÁRIO DE HARMATIOLOGIA

1. Quais são os dois grandes princípios morais mediadores do comportamento do homem em relação a Deus?

2. Qual o conceito de Irineu, bispo de Lyon, quanto à origem do pecado?

3. Que ensinava o gnosticismo quanto a origem do pecado?

4. Qual o ensino dos Pais da Igreja dos séculos III e IV quanto a origem do pecado?

5. Quanto a origem do pecado, o que ensinava Agostinho?

6. O que ensinava Karl Barth quanto a origem do pecado na raça humana?

7. O que a Bíblia ensina quanto a origem do pecado?

8. Qual o caráter formal do primeiro pecado do homem?

9. Qual o caráter essencial e material desse mesmo pecado?

10. Dê duas provas históricas e duas bíblicas da universalidade do pecado?

11. Qual a idéia bíblica do pecado?

12. Dê dois conceitos históricos do pecado original.

13. O que se entende por “culpa” e “corrupção” como elementos do pecado original?

14. Que relação há entre pecado original e pecado atual?

15. Segundo a Bíblia, qual o pecado para o qual não há perdão?

16. Qual a opinião de Jerônimo e Crisóstomo acerca do pecado imperdoável?

17. Qual a opinião de Agostinho e de alguns teólogos luteranos quanto ao pecado imperdoável?

18. Qual a correta conceituação do pecado imperdoável?

19. Por que o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão?
20. Falando do perigo de o crente vir a blasfemar contra o Espírito Santo, o que disse o saudoso pastor João de Oliveira?

21. É possível o crente pecar? Explique.

22. Cite três possíveis causas de pecado na vida do crente.

SOTERIOLOGIA

ÍNDICE

I. A PROVISÃO DA SALVAÇÃO

1. O Pecado do Homem

2. A Graça de Deus

3. A Provisão de Cristo

4. O Alcance da Salvação

a) A Salvação é Para o Mundo Inteiro

b) A Salvação é Para os que Crêem

c) Alguns Abandonarão a Salvação

II. O LADO DIVINO DA SALVAÇÃO

1. A Presciência de Deus

2. A Eleição Divina

3. A Predestinação

4. O Chamamento

5. Cooperando Com Deus na Salvação

a) O Determinismo

b) O Livre Arbítrio

c) Cooperando Com a Salvação

III. O LADO HUMANO DA SALVAÇÃO

1. O Que é Conversão

2. O Que é Arrependimento

3. O Que é Fé

4. Justificação

IV. A JUSTIFICAÇÃO

1. A Natureza e as Características da Justificação

2. Elementos da Justificação

a) O Elemento Negativo

b) O Elemento Positivo

3. Obtenção e Conservação da Justificação

4. Os Benefícios da Justificação

a) Um Novo Relacionamento com a Lei

b) Um Novo Relacionamento com Deus

c) Uma Nova Concepção da Culpa Pessoal

d) Uma Nova Concepção da do Futuro

V. A REGENERAÇÃO

1. A Necessidade da Regeneração

2. Os Meios Para a Regeneração

a) Ouvir a Palavra de Deus

b) Crer na Palavra de Deus

3. Regeneração é Mudança

4. O Simbolismo do Batismo em Águas

VI. A ADOÇÃO

1. O Crente Como Filho de Deus

2. O Crente Como Irmão de Jesus Cristo

3. O Crente Como Herdeiro do Céu

4. Bênçãos Decorrentes da Adoção

a) Libertação da Escravidão da Lei

b) Libertação do medo

c) Segurança e Certeza

VII. A SANTIFICAÇÃO

1. A Natureza da Santificação

a) Santificação do Passado

b) Santificação no Presente

c) Santificação no Futuro

2. O Propósito da Santificação

3. Meios da Santificação

a) Somos Santificados Pela Palavra

b) Somos Santificados Pelo Sangue de Jesus

c) Somos Santificados Pela Trindade

4. O Lado Humano da Santificação

a) Separação do Pecado

b) Dedicação ao Serviço de Deus

VIII. É POSSIVEL PERDER A SALVAÇÃO?

1. O Argumento das Escrituras

2. Advertências Diretas

3. Exemplos a Considerar

SOTERIOLOGIA

INTRODUÇÃO

No contexto das Escrituras, “Salvação” é um termo inclusivo e de grande abrangência. O termo inclui tanto o perdão do pecado passado, assim como a libertação do poder do pecado presente, e a preservação contra as invasões do pecado futuro (Jo 11.24,25). Há a salvação do espírito na regeneração, da alma na santificação e do corpo na glorificação. Neste sentido a salvação é tanto uma perspectiva futura como um usufruto presente (Tt 2.11,12).

I. A PROVISÃO DA SALVAÇÃO

A Bíblia diz que Cristo é tanto o “autor” como o “consumador” da nossa fé (Hb 12.2). A designação de “autor” refere-se à provisão da salvação mediante Jesus Cristo; e “consumador” refere-se à aplicação dessa mesma salvação também mediante Cristo. Através da sua vida imaculada e da sua morte expiatória, Cristo providenciou a salvação, e na medida em que ela é aplicada individualmente a cada pessoa que aceita, é Cristo quem está completando a sua obra, prosseguindo até o momento da glorificação final dos salvos.

1. O Pecado do Homem

A nossa compreensão a respeito da salvação deve começar pela compreensão de quem é que necessita da salvação e por que necessita dela. De acordo com as Escrituras o homem é um ser totalmente depravado, alienado da glória de Deus e destinado ao castigo divino (Ef 2.1-3). Deste modo por si só, o homem não pode se salvar (Rm 7.18). Sob a perspectiva divina, o homem é considerado espiritualmente paralitico, aguardando o estender do “braço salvador” do Senhor, o único capaz de levantar o pecador do seu estado de miséria espiritual (Is 59.16). A raiz do problema espiritual do homem é inerente à sua própria natureza caída. Do nascimento à morte o homem estar em inimizade e conflito com Deus (Sl 57.7; Jr 17.9; Rm 7.48). Não há homem que consiga a salvação por seus próprios méritos, uma vez que todos são achados culpados diante de Deus (Ec 7.20). O apóstolo Paulo pontifica “não há justo, nem sequer um” (Rm 3.10). Muitos se imaginam mais justos que os outros, e deste modo ficam satisfeitos com o conceito de justiça que fazem de si mesmos. Devemos compreender, porém, que Deus não estabelece a justiça comparando homem com homem. Deus busca comparação entre o nosso viver e a sua lei, e nos acha em falta. Neste particular, o veredito das Escrituras é que “todas as nossas justiças são trapo

de imundícia" (Is 64.6), e que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23).

2. A Graça de Deus

No contexto da doutrina da salvação, graça divina deve ser abordada sob duplo aspecto: Como favor imerecido da parte de Deus para com todos os pecadores, indistintamente; Como poder restringidor do pecado, operante na reconciliação do homem com Deus, e na santificação do crente. Não se deve confundir a graça de Deus como "obrigação moral" divina a constrangê-lo a fazer alguma coisa contrária à sua natureza santa. Nada, poderá ser estabelecido e aceito como lei, constrangendo-o a soerguer o pecador do estado no qual se encontra. "e todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça" (Jo 1.16). Enquanto o homem continuar a responder afirmativamente à graça de Deus, esta será o grande agente pelo qual ele receberá a justificação, a regeneração, a santificação e a segurança em Deus (Tt 3.7; Jo 3.3; At 26.18; 1 Pd 1.5). A proporção da graça que o homem recebe depende exclusivamente da sua decisão, independentemente da vontade, já manifesta. Por esta razão, nos adverte o apóstolo Pedro: "antes, crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pd 3.18).

3. A Provisão de Cristo

Apesar de estar empenhado na nossa salvação e segurança, não é querer de Deus declarar-nos inocentes simplesmente. Devemos ter em mente o fato de que Deus é um Deus não só de amor, é um Deus também de justiça. Portanto, para Deus declarar-nos inocentes independentemente da nossa conversão, seria uma ofensa à sua justiça. Seria um procedimento que entraria em choque com a sua santidade que declara que "a alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18.4). Então, como poderia Deus manter a perfeição da sua justiça e ainda assim salvar pecadores? A resposta está no fato de que Deus não desculpa o nosso pecado, pelo contrário, Ele o remove completamente. Para nos ajudar a compreender isto, Deus nos dá o exemplo de um cordeiro substituto e expiador. Esse cordeiro típico do Antigo Testamento apontava para Jesus, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Assim como o cordeiro para o uso nos sacrifícios da antiga aliança devia ser um animal sem nenhum defeito ou mancha, de igual modo Deus requeria um Cordeiro substituto perfeito, capaz de oferecer um único sacrifício, suficiente para salvar a tantos quantos aceitassem o seu sacrifício. De acordo com a Epístola aos Hebreus, Jesus Cristo

satisfez plenamente essa exigência de Deus “quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?” (Hb 9.14). Na morte de Cristo a justiça de Deus a nosso respeito foi plenamente satisfeita.

4. O Alcance da Salvação

Com muita freqüência se ouve a pergunta: “Por quem Cristo morreu?” se alguém responde: - “Pelo mundo inteiro”, alguma outra pessoa poderá objetar: - “Então porque nem todas as pessoas são salvas?” agora, se alguém afirmar que Cristo morreu apenas pelos “eleitos”, facilmente outra pessoa considerará injusta a ação de Deus, visto que somente uns poucos “escolhidos” serão salvos. A Bíblia responde a esta questão, dizendo que:

a) A Salvação é Para o Mundo Inteiro

Através do sacrifício perfeito de Cristo, todos os habitantes da terra foram representados, e os seus pecados foram potencialmente perdoados. Cristo “é a propiciação pelos os nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1 Jo 2.2; 2 Co 5.14; Hb 2.9).

b) A Salvação é Para os que Crêem

Apesar de Cristo haver morrido pelos pecados do mundo inteiro, há um sentido em que a expiação é uma provisão divina feita especialmente por aqueles que crêem. Paulo apresenta Jesus Cristo como o “Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis” (1 Tm 4.10). Deste modo, apesar de a salvação estar à disposição de toda a humanidade, de forma experimental ela se aplica exclusivamente àqueles que crêem. A salvação foi preparada para todas as pessoas, o problema é que nem todas as pessoas estão preparadas para a salvação.

c) Alguns Abandonarão a Salvação

A Bíblia dá a entender que muitos daqueles pelos quais Cristo morreu, aceitarão a sua provisão salvadora, mas depois a abandonarão, perdendo com isto o direito à vida eterna. Sobre esses, escreverão Paulo e Pedro: “Perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu” (1 Co 8.14). “Negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição” (2 Pd 2.1).

II. O LADO DIVINO DA SALVAÇÃO

Muitos antes de o homem pensar em Deus, ele já estar no pensamento de Deus. Antes mesmo de o convertido clamar a Deus, Deus já o tem atraído pelo o Espírito Santo. Paulo escreve este esforço de Deus, nas seguintes e sublimes palavras: “e sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto. Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm 8.28-30).

1. A Presciência de Deus

“presciência” é o aspecto da onisciência relacionado com o fato de Deus conhecer todos os eventos e possibilidades futuros. No que diz respeito à salvação, a presciência de Deus não afeta as decisões do homem, nem o seu livre arbítrio. As ações de um homem não são permitidas ou impedidas simplesmente porque são previstas ou conhecidas de antemão, por Deus. No Novo Testamento, o termo “presciência” aparece, inclusive com conceitos paralelos, nos seguintes textos: Romanos 3.25; Atos 26.5; Romanos 8.29; 11.2; 1 Pd 1.20; 2 Pd 3.17; Atos 2.23 e 1 Pd 1.2. Estas passagens destacam três importantes fatos relacionados com o conceito de “presciência”. Primeiramente significa de fato “saber alguma coisa de antemão”. Alguns estudiosos da Bíblia negam que esta palavra envolva conhecimento, e então alegam que significa “amor de antemão”, porque conhecer pode ser usado como uma expressão correspondente, para amar. Entretanto quando a mesma palavra grega é usada em casos não-teológicos, esses mesmos estudiosos nunca interpretam o termo por “amor de antemão. Por exemplo, em Atos 26.5, o termo se refere a homens que conheciam a reputação de Paulo muito antes da sua chegada a Roma; e em 2 Pedro 3.17 a palavra é usada para designar um conhecimento prévio acerca dos falsos mestres.

2. A Eleição Divina

A palavra “eleição” no contexto da doutrina da salvação, não significa que Deus escolheu alguns para serem salvos e outros para a perdição, sem qualquer participação da pessoa nessa escolha. No que diz respeito à salvação, eleição é a escolha de Deus de algumas pessoas para a salvação e privilégios, baseada na escolha inicial feita Por essas mesmas pessoas. Atentemos para o que diz o apóstolo

Paulo: “como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade” (Ef 1.4). Deste modo o “mérito” de sermos escolhidos não se baseia em nós mesmos, mas no “mérito” de estarmos em Cristo. Assim como estamos “em” Cristo, assim também fomos feitos dignos de sermos escolhidos (eleitos) por Deus. A maior dificuldade em entender a eleição está no fator tempo. Daí a freqüência com que surge a seguinte pergunta: “se a pessoa é ‘eleita’ antes de lançados os fundamentos da terra, como, pois, a eleição pode ser baseada na fé em Cristo?” Pedro responde a esta pergunta, dizendo o seguinte: “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pd 1.2). Baseado no seu conhecimento quanto à decisão que o crente tomaria, Deus o elegeu, antes mesmo de lançados os fundamentos da terra.

3. A Predestinação

A doutrina da predestinação é uma das mais consoladoras doutrinas da Bíblia. Sua essência repousa no fato de que Deus tem um plano geral e original para o mundo, e que seus propósitos jamais serão frustrados. Negativamente analisada, certamente que a predestinação não é uma manipulação da parte de Deus das escolhas do homem. Isto o rebaixaria à posição de um fantoche, sem poder de escolha nem vontade. A predestinação nunca predetermina as escolhas dos homens, mas, sim, preordena as escolhas de Deus no que concerne ao seu relacionamento com as inclinações, necessidades e escolhas dos homens. Sabendo de todas as possibilidades futuras, bem como os corações dos homens, Deus fez um plano dos seus atos: atos estes que resultarão em maior glória para Deus, na salvação do maior número de pecadores, e que contribuirão com o desenvolvimento da mais perfeita obediência de seus servos (Rm 8.28,29). A fim de entender a predestinação, é necessário distinguir entre predestinação e fatalismo. Fatalismo é uma crença herética que atribui as ações e escolhas do homem ao “determinismo” de Deus. Ou melhor, Deus decide o que o homem será e fará. Mediante o planejamento predeterminado por Deus (a predestinação), a salvação é oferecida a todas as pessoas (At 4.27,28) e é possível a todos quantos buscam a Deus (At 17.26,27). Por causa desta provisão, nenhuma pessoa poderá, em qualquer tempo, acusar Deus de não lhe ter dado oportunidade para crer e se salvar (Rm 1.20). Deus não apenas planeja uma maneira de todos os povos conhecerem a salvação, como também tem

um plano para ajudar os crentes a progredirem na sua vida espiritual. “Também os predestinou para serem conforme a imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Este plano, no entanto, depende da disposição do crente de corresponder em obediência a Deus (Jr 15.19). Deus “nos predestinou para ele, para adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo” (Ef 1.5). Fomos “predestinados... a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo” (Ef 1.11,12).

4. O Chamamento

Deus jamais força alguém a aceitá-Lo, mas certamente convida todos os homens a receberem a salvação. Para isto Deus dispõe da sua graça e do poder do Espírito Santo. Os atos de graça, mediante os quais Deus concede a salvação e ajuda o homem a alcançá-la, são conhecidos como “chamamento de Deus” (Rm 8.28). É importante compreender que o chamamento de Deus para a salvação, é tanto universal quanto irresistível. Há três argumentos nas Escrituras quanto ao chamamento universal de Deus aos homens para a salvação. São eles: Deus deseja que todos os homens sejam salvos (2 Pd 3.9) mas não obriga o homem a aceitar a salvação, quer o homem queira, ou não. Os crentes são conclamados a “proclamar” o evangelho ao mundo inteiro e a “persuadir” os homens a aceitá-lo (Mt 28.19; 2 Co 5.11). A natureza universal do chamamento de Deus é revelado no “convite da Escritura”. Lendo passagens como João 3.16; Isaias 55.1 e Mateus 11.28, notamos que o convite para a salvação não é seletivo, mas sim, coletivo, para todos quantos o atenderem. Não obstante o chamamento de Deus seja dirigido a todos os homens, ele pode ser rejeitado (Jo 5.40; At 7.51; Rm 10.21; Hb 10.29). O fato do chamamento de Deus ser universal não faz a salvação um fato incondicionalmente universal. Assim como a redação através de Cristo é suficiente para todas as pessoas, mas eficazmente para o que crê, assim também a chamada de Deus é válida para o mundo inteiro, mas aplicável unicamente àqueles que a atendem.

5. Cooperação Com Deus na Salvação

Quanto à doutrina da salvação, existem hoje duas correntes de interpretação: uma comprometida com o “determinismo”, e a outra com o “livre arbítrio”.

a) O Determinismo

O cristão determinista crê que Deus predeterminou de antemão os salvos e os perdidos, independentemente da escolha humana. A salvação, portanto, é uma

conseqüência inteiramente da graça de Deus. Neste caso, a fé é expressa, não como uma decisão da parte do crente, mas, sim, como uma resposta à irresistível atuação de Deus sobre o espírito do homem. Quanto aos predestinados á perdição eterna, segundo o determinismo, embora querendo ser salvos, lhes é negado este direito. Vieram ao mundo, podem ouvir a pregação do evangelho, porém jamais se salvarão, uma vez que Deus decretou de antemão a perdição deles.

b) O Livre Arbítrio

Segundo esta corrente de interpretação, todos os tratos de Deus com o homem, inclusive a eleição e a predestinação, estão baseados nas decisões que o homem toma, uma vez que é um agente livre para aceitar ou rejeitar o dom de Deus. Mais que isto, todos os homens têm igual oportunidade de buscar a Deus, ouvir o evangelho, se arrependerem de seus pecados e serem salvos.

c) Cooperando Com aSalvação

Os defensores do determinismo estão equivocados quando salientam demasiadamente a verdade da majestade, da graça e do poder de Deus, em detrimento da insuficiência do homem para fazer qualquer coisa sem o auxilio divino. Ignoram a capacidade de decisão do homem quanto à determinação do seu futuro eterno. De igual modo os defensores do livre arbítrio correm o risco de enfatizar a livre agência do homem, reduzindo a fé a um ritual sem vida, levando o cristão a uma obediência apenas à letra do evangelho, esquecendo-se do poder de Deus operante na sua vida. A salvação, como experiência prática, só é possível com a cooperação do crente. Quanto a isto diz o apóstolo Paulo: “de sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora, na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12,13).

III. O LADO HUMANO DA SALVAÇÃO

A salvação é obra de Deus em favor do homem, e não do homem em favor de Deus. Como já vimos, o homem é completamente incapaz de agradar a Deus por si só, pois leva sobre si a sentença de “morte espiritual”. Por este motivo Deus mesmo tomou a iniciativa de prover a salvação independentemente dos méritos e possibilidades do homem. Há, porém, uma coisa que Deus não faz no que diz respeito à salvação do

homem: Deus não o obriga a aceitá-la. Antes de experimentar a conversão, o homem precisa desejá-la, dando lugar à operação divina.

1. O Que é Conversão

O termo “conversão”, literalmente, significa “virar-se para a direção oposta”. De acordo com a Bíblia, é o ato pelo qual o pecador se volta do pecado para Jesus Cristo, tanto para obter perdão dos pecados como para liberta-se deles. Isso inclui livramento da pena do pecado. Embora nitidamente ligada ao arrependimento, a conversão difere dele, uma vez que o arrependimento enfatiza o aspecto negativo do abandono ou saída do pecado, enquanto que a conversão enfatiza o aspecto positivo da volta para Cristo (1 Ts 1.9). O arrependimento nos retira de todos os amores ou inclinações pecaminosas, enquanto que a conversão nos faz voltar para o Esposo. O arrependimento produz tristeza pelo pecado, já a conversão produz alegria por causa do perdão e livramento da pena do pecado. O arrependimento nos leva à cruz; a conversão nos leva ao túmulo vazio do Salvador ressuscitado. A conversão fala do abandono da vida de pecador para abraçar a vida real e verdadeira oferecida por Deus através de Jesus Cristo (At 14.15; 26.18; Ez 18.30). A verdadeira conversão envolve dois atos da parte do pecador: Dar as costas ao “eu” e ao pecado e crer em Deus, voltando-se para Ele e abraçando a vida eterna (At 26.30; Mt 7.14; 1 Ts 1.8,9). Se a pessoa não se chega a Deus, buscando-o, a conversão é incompleta. O simples fato de rejeitar o pecado, resultado somente numa reforma humana provisória e não em transformação divina e plena.

2. O Que é Arrependimento

O arrependimento envolve uma completa mudança de pensamento sobre o pecado e a percepção da necessidade de um Salvador. O arrependimento faz o homem ficar tão contristado por causa do pecado, que ele aceita com alegria tudo o que Deus requer para uma vida de retidão. A fé é o correlativo conseqüente do arrependimento. Os dois juntos – arrependimento e fé – constituem a conversão. A isso pode adicionar-se a obra divina do perdão. “Arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20.21) necessariamente caminham juntos. O arrependimento para salvação é encorajado pelo conhecimento de que Deus é propício ao pecador, não em fazer vista grossa ao seu pecado mas em mandar o seu Filho para morrer em lugar do pecador. A fé em Cristo é encorajada pela compreensão do propósito e significado da sua morte. É então a pregação da cruz

que induz o pecador ao arrependimento e a fé. O arrependimento não é a mesma coisa que remorso. O remorso é um beco sem saída; o arrependimento é estrada transitável. O remorso olha só para os nossos pecados; o arrependimento olha para além dos nossos pecados – para o calvário. O remorso nos devolve para nós mesmos; o arrependimento nos faz voltar para Deus. O remorso nos faz odiar a nós mesmos, muito embora possamos ao mesmo tempo amar nossos pecados; o arrependimento nos leva a odiar nossos pecados e amar nosso Senhor num único ato. O remorso é a tristeza do mundo que "produz morte"; o arrependimento é "a tristeza segundo Deus" e conduz à salvação (2 Co 7.10). Os passos que levam o homem ao arrependimento, uma vez Deus operando, são: reconhecimento do pecado, tristeza pelo pecado e abandono do pecado.

3. O Que é Fé

Arrependimento é dizer "Não", ao pecado, enquanto que a fé na salvação, é dizer "Sim", a Deus. Este é o lado afirmativo da conversão. Enquanto o arrependimento dá ênfase aos nossos pecados, a fé fixa os nossos olhos em Cristo. A fé é um relacionamento vivo com Cristo, baseado no amor, confiança e consagração da vida e da vontade a Ele. A fé não é um mero assentimento intelectual, mas um relacionamento pessoal com Deus (Gl 2.19,20). A fé não é uma emoção que passa de uma pessoa para outra, mas uma convicção interior da pessoa (2 Tm 1.12). A fé não se dirige a um credo ou crença doutrinária, mas a uma pessoa (Cl 2.5). Fé não é um ato isolado na vida, mas uma maneira de se viver (Rm 1.17). A fé não é uma simples confissão, mas uma dedicação ou entrega, evidenciada pelas "obras da fé", na vida da pessoa (Tg 2.18). A palavra "fé" aparece cerca de 240 vezes no Novo Testamento, nem sempre se referindo à fé para a salvação. A fé salvadora é mais do que um assentimento mental ou reação; é um relacionamento vivo entre duas pessoas: Deus e o homem. Pela impossibilidade do pecador autogerar a fé salvadora em beneficio próprio, a Bíblia a apresenta como um dom de Deus (Fp 1.29; Hb 12.2; Rm 12.3).

IV. A JUSTIFICAÇÃO

O Antigo Testamento utiliza duas formas diferentes do mesmo termo hebraico (hidsdik e tsiddek) para expressar o conceito de justificação. Esses termos, exceto

em algumas passagens, não indicam uma mudança moral operada por Deus no homem, mas regularmente designam uma declaração divina a respeito do homem. Transmitem a idéia de que Deus, em sua qualidade de juiz, declara o homem justo (Dt 25.1; Pv 17.15; Is 5.23; Sl 143.2). O termo do Novo Testamento (dikaio-o) tem o mesmo significado, isto é, declarar justo (Rm 3.20-28; 4.5-7; Gl 2.16; 3.11; 5.4; Rm 8.33,34; Jo 3.18; 5.24; 2 Co 5.19). Entende-se, pois que o termo “justificar” não significa fazer, mas declarar justo.

1. A Natureza e as Características da Justificação

Por “justificação”, entende-se o ato pelo qual Deus declara posicionalmente justa a pessoa que a Ele se chega através da pessoa de Jesus Cristo. Esta justificação envolve dois atos: o cancelamento da dívida do pecado na “conta” do pecador, e o lançamento da justiça de Cristo em seu lugar. Tornado-se mais claro: justificação não é aquilo que o homem é ou tem em si mesmo, mas aquilo que o próprio Cristo é e faz na vida do crente. “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, a quem propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça, no tempo presente, para ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus (Rm 3.24-26). “Não se deve confundir justificação com regeneração. A justificação tem lugar fora de nós, junto ao trono de Deus, onde Ele nos declara justos. É, pois, coisa objetiva. A regeneração é obra divina operando em nosso interior. É por isso, subjetiva. A justificação é o veredito de Deus, e a regeneração é uma experiência humana. A justificação é o que Deus faz por nós; a regeneração é o que Deus faz em nós. A justificação muda a nossa posição, ou situação; a regeneração tem a ver com o nosso estado. A justificação muda a nossa relação para com Deus; já a regeneração muda a nossa “natureza” (Os Oitos Pilares da Salvação – Editora Betânia – Pág. 74).

2. Elementos da Justificação

Existem especialmente dois elementos na justificação, um negativo e outro positivo.

a) O Elemento Negativo

O elemento negativo da justificação é o perdão dos pecados com base na justiça imputada por Cristo. O efeito produzido pelo ato da justificação se aplica a todos os pecados passados, presentes e futuros por isso incluem a libertação de toda a culpa e castigo. Isto acontece devido ao fato de que a justificação não se pode repetir (Rm 5.21; 8.1,32-34; Hb 10.14; Sl 103.12; Is 44.22).

b) O Elemento Positivo

O elemento positivo da justificação se distingue em duas partes: primeiro a adoção de filhos e segundo o direito a vida eterna. Pelo processo da justificação Deus adota o crente como seu filho, conferindo-lhe todas as regalias decorrentes dessa filiação. Esta filiação por adoção deve ser distinguida da filiação moral dos crentes que resulta da regeneração e santificação. Deste modo os crentes são filhos de Deus, não apenas em decorrência da adoção, e portanto num sentido jurídico, mas também em virtude do novo nascimento, conseqüentemente num sentido espiritual (Manual de Doutrina Cristã – Editora Luz Para o Caminho e Ceibel – Págs. 232,233). Já o direito à vida eterna está virtualmente incluído no elemento precedente. Quando os pecadores são adotados como filhos de Deus, tomam posse de todos os direitos legais de filhos, e se tornam herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (Rm 8.17). Constituem-se herdeiros de todas as bênçãos da salvação na vida presente, e além dessas recebem o direito a “herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada no céu” para eles (1 Pd 1.4).

3. Obtenção e Conservação da Justificação

Os efeitos da justificação pela fé abrangem a totalidade da vida do crente. No passado, a fé justificou-o, libertando-o inicialmente da condenação do pecado. No presente, a fé continua a justificá-lo, libertando-o da prática do pecado. Na medida em que ele continua na fé, a justificação do crente culminará na glorificação, libertando-o para sempre da presença do pecado. “Desde o momento da conversão até o fim da vida terrena, a justificação é sempre a mesma. O crente poderá necessitar de perdão como filho do Pai, mas nunca mais será considerado criminoso perante o Juiz. A justificação é o ato de juiz; o perdão é o ato de pai. A justificação abrange o passado, presente e o futuro. A questão do pecado, entre a alma e Deus, foi resolvida para sempre. É possível o crente ser um filho

desobediente, e assim necessitar da vara de castigo do Pai, mas nunca mais pode ser considerado pecador perdido e sujeito à condenação do Juiz" (A Doutrina da Salvação – EETAD – Pág. 70).

4. Os Benefícios da Justificação

A justificação não é uma experiência, é uma declaração legal de justiça, só possível mediante um relacionamento com Cristo. Esta declaração traz inúmeros benefícios à vida do crente justificado, entre os quais se destacam os seguintes:

a) Um Novo Relacionamento com a Lei

A justificação concede ao crente uma nova posição em relação à Lei de Deus. Uma vez que a lei divina exigia obediência como condição de o homem obter a vida eterna (Rm 8.3,4), e como o homem jamais foi capaz de cumprir inteiramente com as exigências divinas neste sentido, em vez de abolir a lei, Deus enviou Jesus Cristo para cumprir-la por nós (Mt 5.17). Deste modo, por meio de Jesus Cristo, "todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés" (At 13.39).

b) Um Novo Relacionamento com Deus

Mediante a justificação, a separação existente entre Deus e o homem por causa do pecado, é abolida através de Jesus Cristo, e transformada em "paz com Deus". A ira de Deus é traduzida em benignidade, legal e completamente. "Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo... Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira" (Rm 5.1,9).

c) Uma Nova Concepção da Culpa Pessoal

Mediante a justificação, o crente é uma pessoa livre do peso da culpa pessoal (Rm 5.1). No que pesem as lembranças dos pecados de outrora, e as acusações por parte do Diabo, o crente se mantém confiante na provisão justificadora de Deus em seu favor na pessoa de Cristo. Deste modo "quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu" (Rm 8.33). Independentemente do pecado outrora cometido, todo ele foi absolvido pela obra meritória de Jesus no calvário. "Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta [o Senhor] de nós as nossas transgressões" (Sl

103.12).

d) Uma Nova Concepção do Futuro

A justificação tem o duplo mérito de nos liberta tanto da culpa do passado quanto dos temores do futuro. Uma vez justificado por Deus, o crente pode saber, nesse exato momento, que é salvo. Ele não precisa esperar até à consumação dos séculos, para ver se foi "suficientemente bom" para merecer a salvação. O crente encara com confiança o futuro, sabendo que, a qualquer momento, poderá entrar na presença de Deus, purificado de todos os seus pecados e vestido com as vestes da justiça do Cristo. "A fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3.7). "Porque me cobriu de vestes de salvação, e me envolveu com o manto da justiça" (Is 61.10).

V. A REGENERAÇÃO

A regeneração é a obra sobrenatural por graça e instantânea de Deus que outorga nova vida ao pecador que aceita a Cristo como seu salvador pessoal. Através desse milagre, o pecador é ressuscitador da morte (do pecado) para a vida (na justiça de Cristo). Esta nova vida é a natureza divina que passa a habitar no crente, mediante o poder do Espírito Santo (Tt 3.5; Jo 1.12,13). Sem esta miraculosa transformação espiritual, o pecador arrependido permaneceria morto na sua natureza pecaminosa (Ef 2.1) e incapaz de conhecer a Deus num relacionamento pessoal (Rm 8.7).

1. A Necessidade da Regeneração

Através de Jesus Cristo Deus propicia a todos os homens o privilégio duma nova vida. Neste sentido a necessidade da regeneração espiritual do pecador é necessária, pelo menos por três razões:

Primeira é necessária para entrar no reino de Deus: "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3).

Segunda é necessária para resistir ao pecado: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado" (1 Jo 3.9).

Terceira é necessária para uma vida de retidão: "Reconhecereis também que aquele que prática a justiça é nascido dele" (1 Jo 2.29).

2. Os Meios para a Regeneração

A Bíblia diz que assim como o etíope não pode mudar a cor de sua pele, nem o leopardo mudar as suas manchas, tampouco pode o homem mudar para melhor a sua natureza pecaminosa (Jr 13.23). Qualquer esforço humano neste sentido redundaria em fracasso. O fato de o homem, por seus próprios esforços, poder refrear a prática de determinados pecados mais grosseiros e de se dar à prática de boas obras, não o dignifica como nova criatura diante de Deus. Comparada com a mudança que o Espírito Santo quer fazer na vida do pecador, qualquer mudança resultante de esforços próprios será vã aos santos olhos de Deus. Só Deus pode operar o milagre do novo nascimento, transformando o homem a partir do seu interior. Para alcançar experimentalmente este milagre da parte de Deus, o pecador precisa fazer apenas duas coisas:

a) Ouvir a Palavra de Deus

A primeira coisa que o pecador deve fazer, habilitando-se para o novo nascimento, é ouvir a Palavra de Deus. O Evangelho não é uma mensagem morta, mas, sim, uma semente viva. Quanto a isto testificam Pedro e Tiago: "Pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pd 1.23) "Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas" (Tg 1.18).

b) Crer na Palavra de Deus

A mensagem do amor de Deus pode produzir um grande anseio no coração; mas somente quando o homem responde positivamente a esta mensagem, pela fé, é que terá lugar a transformação divina do coração. "E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, a fim de que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (1 Jo 5.11-13; Jo 1.12,13).

3. Regeneração é Mudança

A regeneração não trata duma mudança evolucionária e sim revolucionária. Também não é uma reforma. A reforma tem a ver com os projetos humanos, enquanto que a regeneração é um ato divino. A reforma é algo ligado ao exterior,

ao passo que a regeneração é mudança no interior, que Vem de dentro. A reforma afeta a conduta sem modificar o caráter, e a regeneração afeta a conduta modificando o caráter. A reforma é uma aquisição, e a regeneração é transformação. A reforma é um esforço,e a regeneração é nova vida. A reforma é uma dotação que muitas pessoas pensam levá-la ao reino de Deus; a regeneração é uma exigência para se entrar nesse reino (Jo 3.3.). "A educação e a instrução jamais levam o homem pura além do topo do seu crânio. Além disso, precisa ele duma obra divina vinda duma esfera superior, se quiser entrar nessa esfera. Precisa ser regenerado, ou nascer de novo" (Os Oitos Pilares da Salvação – Editora Betânia – Pág. 61).

4. O Simbolismo do Batismo em Águas

A verdade central da regeneração é que o crente é uma nova criatura, que foi separada do seu passado de pecado e destinada a viver em novidade de vida. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17). O ato do batismo por imersão, em águas, é um símbolo visual de o crente ter morrido completamente para a vida velha de outrora, e da sua disposição de viver vida nova: "Fomos, pois sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos em novidade de vida" (Rm 6.4). Alguém pode perguntar: "Se o batismo em águas é apenas um simbolismo, por que eu preciso ser batizado?" A resposta é que Deus ordenou este meio de demonstração diante do mundo, do nosso rompimento com a vida de outra, marcando assim um novo começo. Deste modo, batizar-se em águas não é uma opção para o crente, é um mandamento de Cristo (Mt 28.19; At 2.38; 10.48).

VI. A ADOÇÃO

Humanamente falando, adoção é o processo pelo qual uma criança é trazida e aceita numa família, quando por natureza não tinha direito algum de pertencer àquela família. Esta transação legal traz como resultado, a criança tornar-se um filho; um novo membro da família, com plenos direitos sobre o patrimônio da família que a adotou. A adoção espiritual é baseada neste mesmo princípio, se bem que a adoção divina é infinitamente mais abrangente no seu alcance e finalidade. Depois que o homem, que por natureza é filho da ira, (Ef 2.3) crê em Cristo, é feito filho de Deus, e passa a ter os direitos e privilégios inerentes àquela posição: o privilégio da

filiação, de ser membro da família de Deus, e o direito de ser herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8.15-17).

1. O Crente Como Filho de Deus

O relacionamento filial do crente com Deus independe do tempo. Não é uma esperança futura, mas um usufruto presente. Quanto a isto escreve o apóstolo João: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3.2). Um dos privilégios que goza o filho de Deus diz respeito à estreita comunhão que ele goza com o seu Pai celestial. Contrastando o relacionamento amoroso e filial que o crente goza com Deus, com a atitude de um escravo que treme de medo diante do seu senhor, escreve o apóstolo Paulo: "Porque não recebestes o espírito da escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai" (Rm 8.15). A Bíblia ensina o crente a temer a Deus, mas numa atitude de respeito e reverência, e não de angústia e de medo. O Espírito de Cristo libertou o crente do medo servil de ser castigado ou rejeitado por causa do menor erro que pudesse desagradar a seu Senhor. O crente deve saber que é filho e não mero empregado de Deus. Como filho de Deus o crente deverá obedecer-lhe; (Mt 5.16; Fp 2.15; 2 Co 6.17.18), sujeitar-se à orientação e disciplina do seu Pai; (Rm 8.14,16; Hb 12.5,6,12,13) ir à presença do Pai livre e desimpedidamente, tantas vezes deseje (Ef 2.18; Mt 6.31,32; Fp 4.19).

2. O Crente Como Irmão de Jesus Cristo

Ao adotar o crente como filho, Deus criou uma posição de honra e dignidade anteriormente inexistente. Este fato modificou toda a hierarquia do Universo. Deste modo, apesar de os anjos terem sido criados superiores ao homem, mediante a provisão divina para a salvação e adoção do crente, este foi exaltado para dominar sobre os anjos (Hb 2.7,5; 1.14). Hebreus 2.11, diz que Cristo não se envergonha de chamar os crentes de "irmãos". Ser chamado "filho de Deus" é em si um privilégio difícil de entender, mas ser chamado "irmão de Jesus Cristo" é quase além da imaginação. É um fato extremamente maravilhoso! Em Cristo, todos os crentes foram feitos irmãos uns do outros. Jesus disse: "Porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos" (Mt 23.8). Aqueles que fazem parte da família de Deus participam de um amor e solicitudes especiais uns para com os outros. É

exatamente este amor que comprova a realidade da nossa adoção como filhos de Deus. "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte" (1 Jo 3.14). "Nisto conhecerão todos que sois meus "discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35).

3. O Crente Como Herdeiro do Céu

Mediante a adoção divina, o crente não somente é elevado à oposição de participante da aristocracia do Céu, como também torna-se herdeiro do maior patrimônio do Universo: “... somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.17). Em contraste com as heranças terrestres que são entregues ao herdeiro só quando o pai morre, o crente recebe a sua herança em abundante vida. Além da herança recebida aqui como usufruto e antegozo, dentre outras coisas, Deus nos assegura: "um reino de glória... uma pátria melhor, uma cidade... uma coroa de glória. uma coroa de vida, uma coroa de justiça... eterno peso de glória... verão a sua face... reinarão para sempre e sempre... para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (1 Pd 1.4,5). São as imensuráveis riquezas de Cristo, o nosso "irmão mais velho", que nos fazem abundantemente ricos também. "Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos" (2 Co 8.9).

4. Bênçãos Decorrentes da Adoção

Dentre as incontáveis bênçãos decorrentes da adoção divina, através da qual somos feitos legítimos filhos de Deus, se destacam as seguintes:

a) Libertação da Escravidão da Lei

Ismael e Isaque não podiam viver sob o mesmo teto. Ismael era o filho da escrava, enquanto Isaque era filho da esposa legítima (Gl 4.21-30) "E assim, irmãos, somos filhos não da escrava e sim da livre" (Gl 4.31). "Deus enviou seu Filho... para resgatar os que estavam sob a lei para que recebêssemos a adoção de filhos" (Gl 4.4,3). Esse lugar de adoção tira de nosso pescoço o jugo do qual diz o apóstolo - "nem nossos pais puderam suportar, nem nós" (At 15.10). A adoção traz-nos à liberdade não de pecar, mas da filiação.

b) Libertação do Medo

Os filhos de Deus com freqüência sofrem temores – o temor de falhar o medo passado, do presente, do futuro; e o medo de Satanás, ou do homem, ou de si mesmo. Esses temores e medos não provêm de Deus, uma vez que "Deus não nos tem dado o espírito de covardia" (2 Tm 1.7). A apropriação dos nossos direitos de adoção nos livrará do temor. "Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção" (Rm 8.15). Há grande conforto e alívio ao nos lembrarmos que podemos confiar no cuidado do Pai celeste uma vez que somos seus filhos pela fé em Jesus Cristo. Deste modo o medo é anulado para dar lugar à confiança filial.

c) Segurança e Certeza

“O próprio Espírito dá testemunho com o nosso espírito, de que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Uma vez que o testemunho do Espírito Santo é um testemunho verdadeiro, então há grande segurança e certeza no seu testemunho. A exclamação Aba, Pai é coisa real, nascida do próprio Espírito de Deus. Isso nos liberta da incerteza no que diz respeito ao porvir, e também de arrependimentos do passado, ao mesmo tempo em que nos leva à presente comunhão com o Pai, a quem pertencemos.

VII. A SANTIFICAÇÃO

Santificação é a obra da graça pela qual o crente é separado do ego e da pecaminosidade interior, e, pela concessão do Espírito Santo, separado para a santidade de Deus. Marca uma crise subseqüente à conversão quando o pecador é levado a ver sua necessidade e se apropria da provisão que Deus fez por ele (Os Oitos Pilares da Salvação – Editora Betânia – Pág. 89).

1. A Natureza da Santificação

"Santificação", na Bíblia é um termo de grande abrangência e de rico significado para a vida do crente. Relacionada com a experiência da vida cristã, a santificação tem a ver com o tempo passado, presente, e futuro da sua vida. Para melhor compreender isto, atentemos para os três tempos da santificação:

a) Santificação do Passado

"Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez ... Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (Hb 10.10,14).Em Cristo o crente é posicionalmente santificado no momento da sua conversão. Este nível de santificação se dá como concessão divina através de Jesus Cristo, independentemente do que o crente possa ou não fazer. Aqui a santificação é uma experiência instantânea. Isto é: posicionalmente, em Cristo, o crente não poderá ser mais santo amanhã do que é hoje.

b) Santificação no Presente

"E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5.23). Aqui temos a santificação ao nível da experiência cristã no cotidiano. Fala da assimilação da vontade de Deus pelo cristão no seu dia-a-dia. Falando da santificação como uma realidade presente, escreveu o apóstolo Paulo: "Não que já na tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também 4preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.12-14). A santificação como experiência presente fala do nosso crescimento em Cristo, da maturidade da vida cristã e do progresso espiritual capaz de conduzir o crente a alcançar a estatura de varão perfeito.

c) A Santificação no Futuro.

"Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos,à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel" (Hb 12.22-24). Só quando os crentes adentrarem o grande portal de cristal das mansões de Deus cumprir-se-á na sua inteireza o ideal joanino: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 Jo 3.2).

2. O Propósito da Santificação

A santificação tem como finalidade primordial acudir a necessidade mais profunda da criatura humana, identificando com Cristo. Essa necessidade está retratada com matizes mui vivos no capítulo 7 da carta de Paulo aos Romanos, de acordo com este escrito de Paulo, existe um inimigo interior chamado "a lei do pecado"; e que há necessidade da obra regeneradora do Espírito no sentido de que o pecador “tenha prazer na lei de Deus". Também é preciso que o Espírito revele ao pecador que "em mim... não habita bem algum". A santificação é a provisão feita por Deus. Mas, como podemos experimentar a apropriação disso? Pela identificação com Cristo em sua morte. Devemos consentir em morrer com Cristo em sua morte. Precisamos subir à cruz com Ele, e de toda a nossa vontade renunciar ao ego que há causado todos os nossos distúrbios. A crucificação é o único meio de libertação. "Estou crucificado com Cristo” (Gl 2.19). Que tem tudo isso a ver com a santificação? Simplesmente isto: O Espírito Santo não santificará a vida egoísta, ou a natureza pecaminosa. Essa precisa identificar-se com Cristo na cruz antes que o Espírito Santo possa realizar sua obra de santificação e enchê-la. Pode acontecer que nossa compreensão de tudo isso seja um tanto vaga no tempo em que nos entregamos ao enchimento do Espírito, mas Ele nos conduzirá fielmente para frente, e, seja qual for a luz que Ele nos fornecer no futuro, é contrabalançada pelo fato de que toda controvérsia foi resolvida quando nos entregamos a Ele" (Os Oitos Pilares da Salvação – Editora Betânia – Pág.94).

3. Meios da Santificação

Na obra da santificação há o lado humano e o lado divino. Do lado divino a obra é completa e resultante duma série de fatores, dignos da consideração do crente.

a) Somos Santificados Pela Palavra

Jesus orou ao Pai acerca dos seus discípulos, dizendo: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade" (Jo 17.17-19). A Palavra de Deus tem o mérito de purificar e lavar as manchas do pecado que maculam a alma e prejudicam as relações entre Deus e o homem. Para tanto, torna-se, imprescindível que o crente ame-a, leia-a e permita que ela faça parte da sua vida cotidiana.

b) Somos Santificados Pelo Sangue de Jesus

Sobre o sangue carmesim do nosso Salvador repousa toda a nossa pureza e vitória. "Por isso foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta" (Hb 13.12).Sempre que o Espírito Santo lida conosco, seja por causa dos nossos atos pecaminosos ou por causa da nossa natureza tendente ao pecado, Ele nos faz voltar ao calvário e nos conscientiza de que o sangue derramado na cruz não foi em vão, mas é eficaz para romper com o círculo do pecado em nossa vida.

c) Somos Santificados Pela Trindade

A Bíblia atribui a santificação cristã tanto ao Pai, como ao Filho e ao Espírito Santo:

-"E o mesmo Deus da paz vos santifique em tudo" (1 Ts 5.23).
-"Pois, tanto o que santifica [o contexto refere-se a Jesus], como os que são santificados, todos vêm de um só" (Hb 2.11).
-"Deus vos escolheu desde o princípio, para a salvação pela santificação do Espíritofé na verdade" (2 Ts 2.13).

-"Eleitos... em santificação do Espírito" (1 Pd 1.2).

Uma vez que o Deus Trino e Uno opera em favor da nossa santificação, devemos cooperar com Ele.

4. O Lado Humano da Santificação

O lado humano da santificação envolve dois atos da parte do crente, são eles: separação e dedicação.

a) Separação do Pecado

"Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra" (2 Tm 2.21).

A presença do pecado na nossa vida é incompatível com o interesse de Deus em nos usar no cumprimento da sua vontade.

b) Dedicação ao Serviço de Deus

Só após serem purificados de- pecados é que os crentes poderão assimilar em suas vidas o ideal do Espírito Santo como diz o apóstolo Paulo: "Rogo-vos pois, irmãos pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um

sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12.1). Deus não arrasta ninguém pelo caminho do discipulado, da dedicação e serviços verdadeiros. É um ato espontâneo e completo da parte do cristão.

VIII. É POSSÍVEL PERDER A SALVAÇÃO?

No V Século da nossa era, Agostinho pontificou que o crente, em circunstância alguma, poderá perder a salvação. Segundo ele, o crente uma vez salvo, permaneceria salvo por toda a eternidade, independentemente das suas ações ou atitudes. Esta declaração deu início a um debate doutrinário e teológico que permanece até os nossos dias.

1. O Argumento das Escrituras

Um dos maiores argumentos bíblicos, segundo o qual o crente pode perder a salvação, é a freqüente menção do condicional "se", com respeito à salvação. As porções bíblicas dadas a seguir demonstram que a salvação como uma experiência humana, depende da situação do crente, e é manifesta em expressões bíblicas tais como: "Permanecer em Cristo", "Continuar na fé", "andar na luz", "não retroceder", etc. Segue-se uma lista de trechos das Escrituras onde estas frases aparecem.

-"Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora" (Jo 15.6).
-"Se é que permaneceis na fé" (Cl 1.23).
- "Se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei" (1 Co 15.2).
-"Se negligenciardes tão grande salvação" (Hb 2.3).
-"Se de fato guardarmos firmes até ao fim a confiança" (Hb 3.14).
-"Se retroceder" (Hb 10.38).
-"Se, porém, andarmos na luz" (1 Jo 1.7).

2. Advertências Diretas

A Bíblia contém muitas advertências acerca do perigo de cair da graça divina. Paulo advertiu os santos que achavam que fazendo o que quisessem mesmo assim estariam salvos: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia" (1 Co 10.12). O escritor da epístola aos Hebreus advertiu que é possível deixar o coração encher-se de descrença, ao ponto de perder a salvação: "Tende cuidado,

irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo" (Hb 3.12). A epístola de Judas leva-nos a meditar nos santos do Antigo Testamento, nos dias de Moisés, quando diz: "Quero, pois, lembrar-vos que o Senhor, tendo libertado um povo tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram" (Jd v.5). Há uma exortação severa de João, que não deixa dúvida alguma quanto à possibilidade de alguém perder a sua salvação: "O vencedor, de nenhum modo sofrerá o dano da segunda morte" (Ap 2.11). "Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3.11).

3. Exemplos a Considerar

A Bíblia não apenas ensina sobre a possibilidade de se perder a salvação, como também registra casos de várias pessoas que viraram as costas para Deus, perdendo por completo a comunhão com Ele. No Antigo Testamento, lemos acerca de Saul que "Deus lhe mudou o coração" e que "o Espírito de Deus se apossou de Saul" (1 Sm 10.9,10). Mais tarde, porém, tomou-se possuído dum espírito maligno, e acabou a sua vida cometendo suicídio. Está dito de Salomão, que na sua juventude "amava ao Senhor, andando nos preceitos de Davi, seu pai" (1 Rs 3.3). Mais tarde, porém, ele rejeitou a Deus e começou a adorar os falsos deuses (1 Rs 11.1-8). Felizmente, em tempo, retornou a Deus, não porque fosse predestinado à salvação, mas porque deu lugar ao arrependimento no seu coração. No Novo Testamento, o exemplo mais destacado dum desviado e apóstata, éo de Judas Iscariotes. Judas no princípio era um verdadeiro crente, pois jamais Cristo confiaria a um pecador o ministério de evangelizar curar enfermos e expulsar demônios (Mt 10.7,8). Porém, já por ocasião da última Ceia Judas havia abandonado a fé. Cristo sabia que Judas ja não fazia parte do grupo dos salvos. O próprio Judas confirmou isto, quando traiu a Cristo e cometeu suicídio. Himeneu e Alexandre, dois dos cooperadores de Paulo pós manterem a fé e boa consciência, naufragaram na fé, pelo que Paulo os entregou a Satanás (1 Tm 1.19,20). Demas, outro associado ministerial de Paulo é declarado um ajudante fiel. Estava presente quando Paulo escrevia suas epístolas aos Colossenses e a Filemom (Cl 4.14; Fl v.24). Paulo mesmo o chamou de "cooperador" seu. É, pois, difícil compreender que Demas não fosse um crente verdadeiramente salvo. Apesar disto, mais tarde abandonou a fé, literalmente perdeu a salvação, por causa do seu "amor' ao presente século" (2 Tm 4.10). Apesar de tudo, o crente não tem porque ter medo. Pois aquele que não

dormita e nem dorme, "aquele que te guarda" (Sl 121.3), diz: "Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10).

QUESTIONÁRIO DE SOTERIOLOGIA

1.No contexto das Escrituras, qual a abrangência do termo "salvação"?

2. A quem a Bíblia indica como o "autor e consumador" da nossa fé e salvação?

3. Sob a perspectiva divina, espiritualmente, como o homem é considerado e a que é ele comparado?

4. A que compara Deus a justiça do pecador?

5. Qual o duplo aspecto sob o qual a graça de Deus deve ser abordada?

6. Qual a definição bíblica para o termo "graça" como qualidade divina?

7. No momento da salvação, Deus desculpa o pecador ou remove o seu pecado completamente? Explique.

8. Quando se discute o alcance da salvação, que resposta dá à possível indagação: "Por quem Cristo morreu?"

9. Se Cristo morreu por todos, por que nem todas as pessoas são salvas?

10. De que maneira a Bíblia responde a questão quanto ao alcance da salvação?

11. O que se entende por "presciência de Deus"?

12. Qual o conceito de "eleição" na Bíblia no contexto da doutrina da salvação?

13. Positivamente analisada, o que é "predestinação" nas Escrituras?

14. Negativamente analisada, como explicar a "predestinação"?

15. O "chamamento" divino para a salvação é resistível ou irresistível? Explique.

16. O "chamamento" divino para a salvação é restrito a um determinado número de pessoas, ou é de alcance universal? Explique.

17. O que ensina o "determinismo" concernente à salvação e à perdição?

18. Defina o conceito do "livre arbítrio" na discussão da doutrina da salvação.

19. De que maneira o homem pode cooperar com Deus na aplicação da experiência da salvação

20. Qual é a definição de "conversão" na Bíblia?

21. O que é "arrependimento" para a salvação?

22. Qual a definição de "fé", como condição para a salvação?

23. Qual o conceito bíblico de "justificação"?

24. Dê a natureza e algumas características da justificação.

25. Qual o elemento negativo da justificação? E o positivo?

26. Dê pelo menos três benefícios da justificação.

27. Qual o conceito bíblico de "regeneração"?

28. Por que o homem necessita da regeneração?

29. Cite dois meios através dos quais o pecador arrependido alcança a regeneração.

30. Qual a melhor definição do termo bíblico "adoção"?

31. Decorrente da adoção, qual a posição do crente em relação a Deus e a Jesus Cristo?

32. Cite três bênçãos decorrentes da adoção espiritual.

33. O que ensina a Bíblia sobre a "santificação", como um dos aspectos da salvação?

34. Cite os três. Tempos da santificação conforme estudado neste capítulo.

35. Qual o propósito da santificação cristã?

36. Mencione três meios usados por Deus para a santificação do crente.

37. Quais os dois atos pertinentes ao lado humano da santificação?

38. É possível o crente cair da graça divina e perder a salvação? Explique.

ECLESIOLOGIA

ÍNDICE

I. DEFINIÇÃO DO TERMO "IGREJA"

1. O Uso Clássico

2. Seu Uso na Septuaginta

3. O Uso Cristão

II. A ORIGEM DA IGREJA

1. Considerada Profeticamente

2. Considerada Historicamente

III. O FUNDAMENTO DA IGREJA

1. Cristo - a Pedra

2. Pedro - Uma Pedra

3. Petra e Petros

IV. A IGREJA EM RELAÇÃO AO REINO DE DEUS

1. O Reino e a Igreja

2. A Igreja não é o Reino

3. O Reino Cria a Igreja

4. A Igreja dá Testemunho do Reino

5. A Igreja é a Agência do Reino

6. A Igreja: a Guardadora do Reino

V. OS MEMBROS DA IGREJA

1. A Igreja é Composta Somente por Aqueles que Demonstram Fé em Cristo

2. Uma Igreja se Compõe Somente Daqueles que Foram Batizados Depois Duma Profissão de Fé.

VI. A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

1. O Sistema Episcopal

2. O Sistema Presbiteriano

3. O Sistema Congregacional

VII. O MINISTÉRIO DA IGREJA

1. Ser Aqui um Lugar de Habitação de Deus

2. Testemunhar da Verdade

3. Tornar Conhecida a Multiforme Sabedoria de Deus

4. Dar Eterna Glória a Deus

5. Edificar a Seus Membros

6. Disciplinar Seus Membros

7. Evangelizar o Mundo

8. Sustentar Uma Norma Digna de Conduta

9. Cultivar a Comunhão Entre Seus Membros

VIII. A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

1. Os Doze Apóstolos

2. Após a Ascensão de Cristo

3. Princípios Gerais

IX. AS ORDENANÇAS DA IGREJA

1. O Batismo em Água

a) A Fórmula do Batismo

b) O Propósito do Batismo

2. A Ceia do Senhor.

a) O Propósito da Ceia

b) Como Celebrar a Ceia

c) A Atitude Correta Face à Celebração da Ceia

X. A ADORAÇÃO NA IGREJA

1. A Natureza da Adoração na Igreja

2. Oração e Louvor

3. Hinos e Cânticos Espirituais

4. Reafirmação da Fé Cristã

5. Ministração da Palavra de Deus

6. A Mordomia Cristã

ECLESIOLOGIA

INTRODUÇÃO

Nas Escrituras a doutrina da Igreja (ou eclesiologia) se reveste de tanta importância quanto as demais nela tratadas. O estudo e conseqüente compreensão desta doutrina levará o cristão à conclusão de que, em valor, a Igreja se sobrepõe aos grandes organismos e organizações existentes no mundo hoje . A vocação e missão da Igreja têm alcance imensurável. Suas origens se ocultam na eternidade passada, enquanto que a sua missão no presente tem a capacidade de alterar a rotina tanto do Céu quanto do próprio Inferno. Há, pois, grande recompensa no estudo e compreensão desta doutrina.

I. DEFINIÇÃO DO TERMO "IGREJA"

Os dicionários mais comuns dão dois significados ao termo ekklesia: 1° "Ajuntamento popular", e 2° "Igreja". O primeiro significado é chamado profano, e o segundo "bíblico", "eclesiástico". Os dicionários do Novo Testamento seguem a mesma divisão subdividindo mais uma vez o significado do termo no Novo Testamento: 1° Igreja, como comunidade universal. 2° Congregação, como comunidade local ou particular, bem como comunidade doméstica (A Igreja do Novo Testamento – Aste – Pág.15). Noutras palavras, "ekklesia", traduzida por "igreja" se deriva de ekkaleo, verbo que significa "chamar à parte"; por isto denota uma assembléia citada ou chamada à parte, um corpo escolhido e separado duma grande massa de gente. O uso do termo pode ser investigado levando-se o seguinte em consideração:

1. O Uso Clássico

O uso clássico do termo "ekklesia" designa uma assembléia de cidadãos, convocados por um arauto; uma espécie de assembléia legislativa. Cremer diz que é o termo comum para designar uma reunião dos eklectoi, reunidos para discutir os assuntos pertinentes à política de um estado livre e soberano. Portanto, ekklesia era a assembléia legal, em uma cidade grega, formada de todos os que possuíam o direito de cidadania para tratar dos assuntos públicos. Eram pessoas literalmente chamadas para fora da grande massa de povo que compunha o grosso da sociedade, - uma porção escolhida do povo, não o populacho, tampouco os

estrangeiros, não aqueles que haviam perdido os direitos civis. Tanto a palavra "chamar" como a palavra "aparte" possuem significado que não deve ser desprezado quando ambas tiverem de ser estudadas no contexto da Igreja Cristã. Neste caso o termo ekklesia não denota, exceto em uso excepcional e figurado, uma assembléia mista e não-oficial.

2. Seu Uso na Septuaginta

Na versão grega do Antigo Testamento chamada Septuaginta, o termo ekklesia é a tradução usual do termo hebraico kahal, que denota a multidão inteira de qualquer povo, unido pelos vínculos de uma sociedade, e constituindo uma república ou estado. Em sua significação ordinária, o termo pode ser definido como uma assembléia ou convocação do povo de Israel. Assim disse Moisés: "Nenhum amonita ou moabita entrará na congregação ['ekklesia'] do Senhor" (Dt 23.3; Ne 13.1). Assim também disse Davi: “O meu louvor virá de ti na grande congregação [‘ekklesia’]; pagarei os meus votos perante os que o temem” (Sl 22.25). Neste caso a ekklesia de Israel se compunha exclusivamente pelos israelitas feitos idôneos para cumprirem com os deveres de povo do Senhor, e para participarem do culto em seu santuário. Excluía-se, portanto os incircuncisos, os imundos e os demais povos. A mesma restrição é evidente no uso do termo ekklesia no Novo Testamento quando se refere ao antigo Israel como a “igreja do Senhor” (At 7.38; Hb 2.12).

3. O Uso Cristão

O termo "ekklesia" aparece no Novo Testamento cerca de cento e quinze vezes. Destas, três se referem à congregação hebraica do Senhor (At 7.38; Hb 2.12); três outras vezes se referem à assembléia grega (At 19.32,39,41); e cento e dez à Igreja cristã.Como aparece no Novo Testamento, o, termo tem dupla designação: 1° Designa uma assembléia específica e local de crentes, organizados para manutenção do culto, doutrinas ordenanças e disciplina do evangelho, e unidos sob um concerto especial com Cristo e entre si; como "a igreja em Jerusalém", "as igrejas da Galácia". A palavra se encontra usada neste sentido local em noventa e dois casos. 2° Denota a totalidade do corpo dos escolhidos nos céus e na terra - todos quantos foram alcançados pelo concerto da graçade Deus que os faz membros do reino eterno de Cristo.A doutrina evangélica ensina que a Igreja pode existir independentemente de ter ou não uma forma vista pelos homens, pois ela é

tanto visível (militante), como invisível (triunfante). A Igreja Invisível se compõe de todos os que estão unidos a Cristo. Não é uma organização externa, mas um organismo eterno. Os seus membros são conhecidos por Deus, ainda que não seja possível serem conhecidos, totalmente pela vista humana. Muitos deles estão no Céu, ou ainda estão por nascer. A Igreja Visível compõe-se de todos os que professam estarem unidos a Cristo; aqueles que têm os seus nomes arrolados nos livros de registro das suas respectivas congregações. Não é sem certo constrangimento que afirmamos que muitas vezes pode ocorrer da pessoa ter seu nome arrolado entre os membros da Igreja visível sem, contudo tê-lo escrito no Livro da Vida do Cordeiro.

II. A ORIGEM DA IGREJA

Para compreendermos a origem da Igreja, mister se faz estudá-la levando-se em consideração fatores proféticos e históricos.

1. Considerada Profeticamente

Israel é descrito na Bíblia como uma igreja no sentido de ser uma nação chamada dentre outras nações para ser um povo formado de servos de Deus. Israel, pois, era a congregação ou a igreja de Jeová no Antigo Testamento. Depois da igreja judaica o ter rejeitado, Cristo predisse a fundação duma nova congregação ou igreja, uma instituição divina que continuaria sua obra na terra (Mt 16.18). Essa é a Igreja de Cristo, que começou a existir visivelmente a partir do dia de Pentecoste, conforme o capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos. Paulo fala da manifestação mística da Igreja, usando os seguintes termos: "A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou: para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos léus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor" (Ef 3.8-11).Portanto, no plano de Deus, a Igreja já existia muito antes que qualquer outra coisa viesse à existência, isso com base no sangue do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13.8). Deus, segundo o seu soberano propósito, permitiu que as eras se fossem escoando até que achou por bem tornar a Igreja manifesta e conhecida.

2. Considerada Historicamente

A Igreja de Cristo veio à existência, como tal, no dia de Pentecoste, quando do derramamento do Espírito Santo. Assim como o Tabernáculo foi construído e depois consagrado pela descida da glória divina (Ex 40.34), de igual modo os primeiros membros da Igreja f?ram consagrados no Cenáculo e consagrados como Igreja pela descida do Espírito Santo sobre eles e dentro deles. É muito provável que os cristãos primitivos vissem nesse evento o retorno da glória manifesta no Tabernáculo e no Templo, glória essa que há muito tempo havia se afastado, e cuja ausência era lamentada pelos rabinos judaicos mais piedosos (Conhecendo as Doutrinas da Bíblia – Editora Vida - Pág. 217). Davi juntou os materiais para a construção do Templo, mas a construção foi feita por seu sucessor, Salomão. Da mesma maneira, Jesus, durante o seu ministério terreno, havia juntado os materiais com os quais haveria de dar forma à sua Igreja, por assim dizer, mas o edifício foi erigido pelo seu sucessor, o Espírito Santo. Realmente: essa obra foi feita pelo Espírito Santo, operando através dos apóstolos, que lançaram os fundamentos e edificaram a Igreja por sua pregação, ensino e organização. Por isso a Igreja é descrita como sendo adificada sobre o fundamento dos apóstolos (Ef 2.20).

III. O FUNDAMENTO DA IGREJA

A origem divina da Igreja é patenteada pela sua origem histórica, bem como pela sua expansão e confirmação. Não é possível se pensar na Igreja separadamente de Cristo, nem se pensar em Cristo separadamente da Igreja. Apesar disto a teologia vaticano - romanista atribuição apóstolo Pedro, méritos de pedra fundamental sobre a qual a Igreja de Cristo está edificada. Buscando achar fundamentos escriturísticos para tão absurdo ensino, os teólogos católicos - romanos, apelam para as seguintes palavras do Salvador: "E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que esta nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do remo dos céus; e tudo o que ligares. na terra será ligado no céu, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.16-19). Dessa passagem, a Igreja Romana deriva o seguinte raciocínio de interpretação:

- Pedro é a rocha sobre a qual a Igreja estar edificada.

- A Pedro foi dado o poder das chaves, portanto, só ele e seus sucessores (os papas) poderão abrir a porta do reino dos céus.

- Pedro tornou-se o primeiro bispo de Roma.

- toda autoridade eclesiástica foi conferida a Pedro, até nossos dias, através da linhagem de bispos e de papas, todos vigários de Cristo.

1. Cristo – a Pedro

A “pedra” constante de Mateus 16.18 nada mais é do que a confissão de Pedro: em Cristo está a verdade fundamental da Igreja! “porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.11). Em vários textos da Bíblia encontramos alusões a Cristo, como sendo Ele a “Pedra”. Parar Daniel, no Antigo Testamento, Cristo é a pedra que do alto será lançada, e que destruirá a estatua do misterioso sonho de Nabucodonosor (Dn 2.34,35). A pedra aqui fala de Cristo na sua segunda vinda, destruindo o poder gentílico mundial. Para Pedro, Cristo era a pedra que os lideres espirituais de Israel rejeitaram e mataram (At 4.11). Que Cristo é a pedra, já era prefigurado no Antigo Testamento (1 Co 10.4). Dos oitenta e quatro chamados Pais da Igreja primitiva, só dezesseis criam que o Senhor se referiu a Pedro, quando disse "essa pedra". Os demais, uns diziam que a expressão se referia a Cristo mesmo, outros à confissão que Pedro acabara de fazer, ou, ainda, a todos os apóstolos. Só a partir do IV Século começou-se a falar a respeito da possibilidade de Pedro ser a pedra fundamental da Igreja, e esta discussão estava intimamente relacionada com a pretensão exclusivista do bispo de Roma.

2. Pedro - Uma Pedra

A interpretação da Igreja Romana segundo a qual Cristo estabeleceu a sua Igreja sobre a pessoa do apóstolo Pedro é insustentável e não suporta a prova da teologia bíblica. Não consta em parte alguma das Escrituras, nem mesmo na história do cristianismo, que Pedro tenha assumido essa posição de destaque que o romanismo lhe atribui. Evidentemente, Pedro teve algumas oportunidades de ações relevantes junto aos demais apóstolos. Foi, porém, uma posição temporária ou transitória. Com excessão do que lemos em Gálatas 1.18, não encontramos nenhuma outra referência a Pedro no restante do Novo Testamento, nem sobre um

possível episcopado sobre os demais apóstolos e comunidades cristãs da sua época. É bom lembrar que Pedro foi enviado como missionário aos samaritanos e gentios vizinhos a Jerusalém, sob a orientação de Tiago, quando esse e não Pedro, era o pastor e líder da Igreja em Jerusalém.Pedro foi uma pedra, mas não a pedra firme e inabalável sobre a qual foi fundada "a universal assembléia e igreja dos primogênitos que estão escritos nos céus (Hb 12.23), e sim uma pedra como são os demais salvos e remidos pelo sangue de Jesus (1 Pd 2.4).

3. Petra e Petros

O substantivo grego PETRA designa, no grego, "uma rocha grande e firme". Já o substantivo masculino PETROS é aplicado geralmente para designar blocos de pedra, móveis e isolados, bem como a pedras pequenas, tais como a pederneira, ou pedra de arremesso.

Pedro é PETROS - parte da rocha, não PETRA - rocha grande e firme.

Cristo é PETRA - rocha grande e firme.

Pedro foi uma pedra forte e firme, mas em união com Cristo e nunca desligado dele. Por exemplo: lemos no Evangelho que Pedro andou sobre o mar encapelado, mas só enquanto tinha os olhos fixos em Jesus, pois quando começou a olhar para as ondas do mar, começou a afundar. Era uma pedra que ia se afundando. Como uma Igreja sobre a qual as portas do Inferno não poderiam prevalecer, iria ser edificada sobre o homem Pedro?

IV. A IGREJA EM RELAÇÃO AO REINO DE DEUS

Parece unânime a opinião dos estudiosos das Escrituras quanto à dificuldade de conciliar o estudo da doutrina da Igreja com o estudo relacionado com o Reino de Deus. O problema geralmente começa com as questões: Deve o Reino de Deus, em algum sentido da palavra, ser identificado com a Igreja? Se não, qual a relação entre ambos? A busca de resposta a esta questão, passará, sem dúvida à análise das seguintes questões:

1. O Reino e a Igreja

Achar-se o tipo de relação porventura existente entre Reino de Deus e a Igreja dependerá do conceito que o cristão tiver do Reino. Conclui-se, pois, que, se o conceito que o cristão fizer do Reino estiver correto, ele nunca deverá ser

identificado com a Igreja."O Reino é primeiramente o reinado dinâmico ou o domínio soberano de Deus e, derivadamente, a esfera na qual tal soberania é experimentada. De acordo com a fraseologia bíblica, o Reino não deve ser identificado com as pessoas que pertencem a Ele. Elas são o povo do domínio de Deus que entra no Reino, vive sob a autoridade do Reino, e é governado e orientado pelo Reino. A Igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino. Os discípulos de Jesus pertencem ao Reino como o Reino lhes pertence; mas eles não são o Reino. O Reino é o domínio de seus; a Igreja é uma sociedade composta por seres humanos" (Teologia do Novo Testamento – JUERP – Pág. 106).

2. A Igreja Não é o Reino

O Novo Testamento nunca confunde Igreja com o Reino. Os primitivos pregadores do Evangelho pregaram o Reino de Deus e não a Igreja (At 8.12; 19.8; 20.25; 28.23,31). Portanto é impossível confundir "reino" por "igreja" na fraseologia neotestamentária. As únicas referências ao povo de Deus como Basiléia encontram-se em Apocalipse 1.6 e 5.10; mas as pessoas que recebem tal designação recebem-na, não em virtude de serem as pessoas que estão sob o domínio de Deus, mas porque são participantes do reino de Cristo. "... e eles reinarão sobre a terra" (Ap 5.10). Nestas declarações, "reino" é sinônimo de "reis", e não de pessoas sob o governo de Deus. Deste modo é confuso afirmar como fez Sommerlarth, que "a Igreja é a forma assumida pelo Reino de Deus no intervalo existente entre a ascensão e a parousia de Cristo"; ou como disse Gilmour: "A Igreja, (não como instituição, mas como comunidade amada) tem sido o Reino de Deus dentro do processo histórico".

3. O Reino Cria a Igreja

O domínio dinâmico de Deus, presente na missão terrena de Jesus, desafiou o homem no "Sentido de manifestar uma resposta positiva à sua mensagem, introduzindo-o em um novo grupo de comunhão. Deste modo, a manifestação do Reino de Deus assinalava o cumprimento da esperança messiânica do Antigo Testamento, prometida a Israel. Mas quando Israel como um todo rejeitou a oferta do Reino, aqueles que a aceitaram foram constituídos o novo povo de Deus, os filhos do Reino, o verdadeiro Israel, a igreja incipiente. Assim "a Igreja não é senão o resultado da vinda do Reino de Deus ao mundo por intermédio da missão de

Jesus Cristo" (Teologia do Novo Testamento – JUERP – Pág.106). A Igreja visível e histórica, tem um duplo caráter. Ela se constitui no povo do Reino, contudo, ela não forma o povo em seu caráter ideal, uma vez que tem no seu seio pessoas que não podem ser indicadas realmente como filhos do Reino. Por isso se conclui que a entrada no Reino de Deus significa participação na Igreja; mas a entrada na Igreja não é uma expressão equivalente da entrada no Reino de Deus.

4. A Igreja dá Testemunho do Reino

A Igreja é ineficaz para edificar o Reino é fazê-lo prosperar; no entanto, tem ela o dever e a autoridade de testemunhar do Reino e para o Reino. Este testemunho diz respeito aos atos redentores de Deus por meio de Jesus Cristo, cobrindo todo o período compreendido pela Dispensação da Graça. Os doze enviados, de Mateus 10 e os setenta, de Lucas 10, tinham o mandamento expresso de testemunhar do Reino. A comissão desses primeiros discípulos de Jesus parece se revestir de grande simbolismo para a Igreja hodierna. Portanto, é tarefa da Igreja viver e demonstrar a vida e a comunhão do Reino de Deus e da Era Vindoura numa era escravizada pela perversidade e egoísmo, orgulho e animosidade. Esta demonstração da vida característica do Reino é um elemento essencial do Testemunho da Igreja em favor do Reino de Deus. A Igreja pode e tem o dever de orar: “Venha o teu reino...”

5. A Igreja é a Agência do Reino

Os primeiros discípulos de Jesus, além de proclamarem as boas-novas afetas à presença do Reino, consideravam a si mesmos agentes instrumentais do Reino. Pesava sobre seus ombros a grande comissão dada por Jesus antes de voltar para o seio do Pai. Deste modo, a partir daí, eles consideravam que o que eles faziam era como se Jesus Cristo mesmo, em pessoa, tivesse realizado. Assim tal como fez Jesus quando, visivelmente entre eles, quando eles curaram enfermos, expulsaram demônios e ressuscitaram mortos (Mt 27.10.8; Lc 10.17). Os discípulos tinham ciência de que o poder de que dispunham para realizar a obra de Deus, fora outorgado por delegação, mas não tinham a menor dúvida de que esse poder neles e através deles operante, tinha a mesma eficácia que o poder operante no ministério terreno de Jesus. Uma vez que o poder que dispunham para realizar a obra de Deus não lhes pertenciam como condição inata, não tinham porque se vangloriar. Ao manifestar a decisão de fundar a sua Igreja triunfante Mt 16.18),

Jesus estava garantindo que as forças das trevas e do inferno haveriam de recuar ante a manifestação aterradora do Reino através da ação notória da Igreja vitoriosa.

6. A Igreja: a Guardadora do Reino

Os rabinos judaicos antigos tinham Israel na conta de guardador do Reino de Deus, segundo eles, inaugurado na terra nos dias de Abraão, finalmente entregue a Israel quando da outorga da Lei no Sinai. Uma vez que Israel foi feito guardião exclusivo da Lei divina, o Reino de Jesus se tornava posse exclusiva de Israel. Quando um gentio queria fazer parte desse Reino, tinha de se deixar proselitizar, ou se judaizar. Só após essa "conversão" o judaísmo é que o gentio podia se considerar súdito do Reino. Era indispensável a mediação de Israel, uma vez que só o israelita era considerado "filho do Reino".Na pessoa de Jesus Cristo, o domínio de Deus manifestou-se em um novo evento redentor, demonstrando, de um modo totalmente inesperado, os pobres do reino escatológico dentro do cenário da história humana. Como a nação de Israel rejeitou por completo esta nova forma de manifestação do Reino de Deus, a porta da graça divina se abriu para o mundo gentílico. A barreira de separação existente entre judeus e gentios fora derribada. Já não haveria "filhos exclusivos" do Reino. Súditos do Reino seriam todos aqueles que absorvessem a revelação divina trazida por Jesus Cristo. Os discípulos de Jesus, a sua ekklesia, agora se tornaram os guardadores do Reino, em lugar da nação de Israel. O Reino é tirado de Israel e dado a outro povo - a ekklesia de Jesus. Deste modo, os discípulos de Jesus não somente dão testemunho a respeito do Reino; eles não apenas se constituem em instrumento do Reino, à medida que este manifesta o seu poder nesta Era presente, eles são também os guardadores do Reino (Teologia do Novo Testamento – JUERP – Pág. 110).

V. OS MEMBROS DA IGREJA

Uma igreja é uma congregação de crentes em Jesus Cristo batizados depois duma profissão de fé, e voluntariamente ligados sob a aliança especial para a manutenção do culto, verdades, ordenanças, e disciplina do evangelho Portanto, face à questão quanto, a saber, quem são e quais as características dos membros da Igreja de Cristo, diría-mos:

1. A Igreja é Composta Somente por Aqueles que Demonstram fé em Cristo.

As unidades da Igreja são almas regeneradas e que vivem em união com Cristo. Deste modo a Igreja é uma assembléia de tais almas, atraídas umas às outras por afinidades espirituais da nova vida que cada uma recebeu e pelo vínculo comum que as une a Deus. Disse Jesus que “aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). É assim que o novo nascimento espiritual se constitui condição indispensável e fundamental para a união do homem com a Igreja cristã. Por mais difícil que pareça ser o estabelecimento duma igreja formada só de pessoas inteiramente regeneradas, a verdade é que a igreja local que mais trabalha no sentido de levar os seus membros a demonstrarem uma genuína conversão, mais tem se aproximado do ideal duma vida de fé e de pureza.

2. Uma Igreja se Compõe Somente Daqueles que Foram Batizados Depois duma Profissão de Fé

As considerações seguintes fazem do batismo em água, não uma opção mas uma ordenança para ser cumprida pelo crente:

-A comissão apostólica dada por Jesus nos manda não apenas fazer discípulos, mas também batizar (Mt 28.19). A ordem de fazer discípulos e depois batizar, se preserve definitivamente como decreto da autoridade divina.

-Nas Escrituras, o batismo é o primeiro ato público do crente. Esse ato tem duplo significado: a) fala do rompimento do crente com a vida de outrora; e b) fala do seu membramento no corpo de Cristo, que é a Igreja. O batismo em água, desde o princípio, tem sido considerado como prática uniforme de admissão do neoconvertido à igreja.

- As Epístolas do Novo Testamento se dirigem às igrejas, como corpos compostos exclusivamente de pessoas batizadas em águas (Rm 6.1-14; 1 Pd 3.21).

VI. A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Existem três formas distintas de igrejas, que se diferenciam entre si pelos princípios fundamentais de sua organização, são elas: Episcopal, Presbiteriana e Congregacional.

1. O Sistema Episcopal

O sistema episcopal de organização da igreja consiste numa rija hierarquia,

concentrando o poder eclesiástico no sacerdócio formado de três ordens de bispos, sacerdotes e diáconos. Essas três ordens formam uma espécie de governo sacerdotal. Esta forma é adotada pela Igreja Católica Romana, a Igreja da Inglaterra, a Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, e a Igreja Metodista Episcopal. Nesta última os bispos se diferenciam dos presbíteros não como uma ordem distinta, mas somente por razões de funções. Em todas estas igrejas o poder principal está nas mãos do clero, que se constitui um corpo que se perpetua a si mesmo, distinto da congregação local, e virtualmente independente dela.

2. O Sistema Presbiteriano

Nas igrejas que adotam este sistema de organização, a recepção e disciplina de membros são confiadas a um conselho, composto de pastores, e anciãos eleitos pela congregação; mas todos. Os atos eclesiásticos estão sujeitos a revisão por um conselho superior, composto de pastores e anciãos de muitas outras congregações. A igreja, segundo a concepção presbiteriana, é formada de muitas e distintas congregações, reunidas por seus representantes - pastores e anciãos - em um corpo, no qual reside todo o poder eclesiástico. Por isto há uma cadeia de comando na seguinte ordem: o conselho, cujos membros são eleitos pela congregação individual; o presbitério, composto de delegados dos distintos conselhos; o sínodo, corpo local composto de delegados de vários presbitérios; e a assembléia geral, composta de delegados de todos os presbitérios, e que constitui a última corte de apelação. Todos os oficiais eleitos pela congregação local e todos os atos executados por ela podem ser anulados por esta mais alta autoridade eclesiástica.

3. O Sistema Congregacional

No sistema Congregacional de igreja, todo o poder eclesiástico é exercido por cada igreja local, reunida em uma congregação, e as decisões tomadas pela igreja local individual não estão sujeitas a revogação por nenhum outro corpo eclesiástico. A esta classe pertence, com ligeiras diferenças e pormenores de organização, os Independentes da Inglaterra, as igrejas congregacionais da América e as igrejas batistas de todo o mundo (Su Forma de Gobierno y Sus Ordenanzas – Editora Mundo Hispano – Pág.110). Quando comparadas estes três sistemas de igreja, não há dúvida que o sistema Congregacional é o que melhor se identifica com o modelo de organização da Igreja primitiva. De acordo com o Novo Testamento, era

a igreja como congregação local (e não o seu ministério ordinário), que tinha autoridade de receber, disciplinar e excluir a seus membros (1 Co 5.1-5; 2 Co 2.4,5; Rm 16.17; 2 Ts 3.6). Ela detinha com exclusividade o direito de eleger os seus próprios oficiais (At 1.15-26; 6.1-6; 14.23; 1 Co 16.3). De acordo com a História da Igreja, foram as congregações locais que escolheram espontaneamente, proeminentes bispos, como Atanásio (328 d.C.), Ambrósio (374 d.C.) e Crisóstomo (398 d.C.). A igreja local, ainda, detém o poder de decidir assuntos não decididos pelas Escrituras.

VII. O MINISTÉRIO DA IGREJA

O Lions Club existe em função dos "leões", o Rotary Club, em função dos rotarianos, a Maçonaria, em função dos maçons. A Igreja é o único organismo existente no mundo, cuja preocupação essencial não é o bem-estar de seus próprios membros. A razão de ser, existir e agir da Igreja na terra é ministrar em nome de Cristo ao mundo. Em síntese, se constitui missão prioritária da Igreja no mundo:

1. Ser Aqui um Lugar de Habitação de Deus

"Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo do Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito" (Ef 2.20-22). "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós" (1 Co 3.16).

2. Testemunhar da Verdade

Para que se eu tardar, fiques cientes de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade (1 Tm 3.15).

3. Tornar Conhecida a Multiforme Sabedoria de Deus

"Para que pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3.10).

4. Dar Eterna Glória a Deus

"Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto

pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que em nós opera, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações para todo o sempre. Amém" (Ef 3.20,21).

5. Edificar a Seus Membros

"E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vista ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.11-13).

6. Disciplinar Seus Membros

"Se teu irmão pecar, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano'' (Mt 18.15-17).

7. Evangelizar o Mundo

“Jesus, aproximando-se, falou-Ihes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28.18-20).

8. Sustentar Uma Norma Digna de Conduta

"Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que há de salgar? para nada mais presta senão para se Iançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.13-16).

9. Cultivar a Comunhão Entre Seus Membros

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". "Mas, se andardes na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo seu Filho nos purifica de todo o pecado" (Jo 13.34,35; 1 Jo 1.7).

VIII. A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

O Novo Testamento não provê um código detalhado de regulamentos e preceitos para o governo da Igreja, e a própria Idéia de tal código pode parecer repugnante para a liberdade da Dispensação do Evangelho. No entanto Cristo deixou atrás de si um corpo de líderes (os apóstolos), por ele mesmo escolhido, ao qual ofereceu alguns princípios gerais para o exercício de sua função reguladora.

1. Os Doze Apóstolos

Os doze apóstolos foram escolhidos, a fim de que estivessem com Jesus Cristo (Mc 3.14), e essa associação pessoal qualificou-os para agirem como suas testemunhas (At 1.8). Por isso, desde o princípio foram capacitados a expelirem demônios e a curarem enfermos (Mt 10.1), poder esse que foi renovado e aumentado, atingindo a sua plenitude com o derramamento do Espírito Santo sobre suas vidas (Lc 24.49; At 1.8). Na sua primeira missão foram enviados a pregar (Mc 3.14), e na Grande Comissão foram instruídos a ensinar todas as nações. Assim receberam de Cristo a autoridade para evangelizar o mundo. Porém, foi-lhes igualmente prometida uma função mais específica como juízes e governantes do povo de Deus (Mt 19.28; Lc 22.29,30), com o poder de ligarem e desligarem (Mt 18.18), e de perdoarem e reterem pecados (Jo 20.23). Tal linguagem deu origem à concepção das chaves tradicionalmente definidas, como: chave da doutrina, para ensinar qual conduta é proibida e qual é permitida (esse é o sentido técnico de ligar e desligar na fraseologia legal judaica), e chave da disciplina, para excomungar os indignos e reconciliar os contritos, declarando o perdão de Deus mediante a remissão de pecados exclusivamente em Cristo. Pedro recebeu esses poderes em primeiro lugar (Mt 16.18,19), como também recebeu a comissão pastoral de alimentar o rebanho de Cristo (Jo 21.15), mas fê-lo de modo representativo, e não como uma capacidade pessoal; pois quando tal comissão é repetida por Jesus em Mateus 18.18, a autoridade de exercer o ministério da reconciliação é investida sobre todo o corpo de discípulos, como um todo, como também é a congregação

fiel, e não qualquer indivíduo particular, que age em nome de Cristo para abrir o Reino aos crentes e fechá-lo aos incrédulos. Semelhantemente, essa função autoritativa é exerci da primariamente pelos pregadores da Palavra, e o processo seletivo, de conversão, é visto em operação desde a primeira pregação de Pedro, e daí em diante (At 2.37-47). Quando Pedro confessou a Cristo, sua fé se tornou típica do alicerce rochoso sobre o qual a Igreja está edificada; mas, em realidade, o alicerce da Jerusalém Celeste contém os nomes de todos os apóstolos (Ap 21.14) e não o de Pedro, apenas, pois estes agiam conjuntamente nos primeiros dias da Igreja, e a idéia de que Pedro tenha exercido qualquer primado entre eles é refutada, parcialmente pela posição de liderança ocupada por Tiago no Concílio de Jerusalém (At 15.13,19) e parcialmente pelo fato de que Paulo resistiu a Pedro face a face (Gl 2.11). Era uma capacidade conjunta que os apóstolos proviam liderança para a Igreja primitiva; e essa liderança era eficaz tanto na misericórdia (At 2.42) como no juízo (At 5.1-11). Exerciam autoridade geral sobre cada congregação, enviando dois dentre os seus, a fim de supervisionarem novos desenvolvimentos em Samaria (At 8.14), e resolvendo com os anciãos qual a orientação comum para a administração dos gentios (At 15), enquanto que "a preocupação com todas as igrejas" (2 Co 11.28), sentida por Paulo, é ilustrada tanto pelo número de suas viagens missionárias, como pelo grande volume de sua correspondência.

2. Após a Ascensão de Cristo

O primeiro passo dado pelos apóstolos logo após a ascensão de Jesus Cristo foi preencher a vaga deixada por Judas, e isso fizeram mediante um apelo direto a Deus (At 1.24-26). Outros foram posteriormente contados entre os apóstolos (Rm 16.7; 1 Co 9.5,6; Gl 1.19),mas as qualificações de ser testemunha ocular da ressurreição (At 1.22), e de ter sido de algum modo comissionado por Cristo, não eram de natureza a poderem ser perpetuadas indefinidamente. Quando a pressão do trabalho aumentou, fizeram escolher sete assistentes, ou diáconos (At 6.1-6), eleitos pela congregação e ordenados pelos apóstolos, a fim de que administrassem a caridade entre os membros carentes da Igreja. Os oficiais eclesiásticos com denominação distintiva são pela primeira vez encontrados nos anciãos de Jerusalém, os quais receberam dons (AT 11.30) e participaram do Concílio aí realizado (At 15.6). Esse ofício foi provavelmente copiado do presbítero das sinagogas judaicas; pois a própria Igreja é chamada de "sinagoga" em Tiago

2.2, e os anciãos judaicos, aparentemente ordenados por imposição de mãos, eram os responsáveis pela manutenção da disciplina, com o poder de ligar e desligar os que desobedecessem à Lei. O presbítero cristão, todavia, sendo um ministro evangélico, âdquiriu deveres adicionais para pastorear (Tg 5.14; 1 Pd 5.1-3) e para pregar (1 Tm 5.17). Foram ordenados anciãos para todas as igrejas da Ásia Menor por Paulo e Barnabé (At 14.23), enquanto que Tito foi exortado a fazer o mesmo em relação à igreja em Creta (Tt 1.5); e embora os distúrbios em Corinto possam sugerir que uma democracia mais completa prevalecia naquela congregação (1 Co 14.26), o padrão geral de governo eclesiástico na época apostólica parece ter sido uma junta de anciãos ou pastores, possivelmente aumentada por profetas e mestres, que governavam cada uma das congregações locais, tendo os diáconos como ajudantes da administração, e contando com a superintendência geral da Igreja inteira provida pelos apóstolos e evangelistas. Nada existe neste sistema neotestamentário que corresponda exatamente ao moderno episcopado diocesano. Os bispos, quando são mencionados (Fp 1.1), formavam uma junta de oficiais da congregação local, a posição ocupada por Timóteo e Tito era a de ajudantes pessoais de Paulo em sua obra missionárias. O que é mais provável é que quando um ancião adquiria presidência permanente da junta, passava então a ser especialmente designado pelo título de bispo; porém, mesmo quando o bispo monárquico aparece nas cartas de Inácio, continuava sendo apenas o pastor de uma única congregação. Na terminologia semelhante a uma hierarquia, encontramos descrições vagas como "o que preside", "os que vos presidem no Senhor" (Rm 18.8; 1 Ts 5.12), ou então "vossos guias" (Hb 13.7,17,24). OS anjos das igrejas citadas em Apocalipse 2 e 3, têm sido algumas vezes considerados como bispos verdadeiros; porem, mais provavelmente são personificações de suas respectivas comunidades. Aqueles que ocupam posições de responsabilidade têm o direito de serem honrados (1 Ts 5.12,13), de serem sustentados (1 Co 9.15), e de estarem a salvo de acusações frívolas (1 Tm 5.19) .

3. Princípios Gerais

Cinco princípios gerais podem ser deduzidos do ensinamento neotestamentário como um todo: Toda a autoridade se deriva de Cristo (Mt 20.26-28); A humildade de Cristo provê o padrão para o serviço cristão; O governo d.a Igreja deve ser exercido conjuntamente e não hierarquicamente: Ensinar e dirigir são funções

intimamente associadas. Ajudantes administrativos são necessários para cooperarem com os pregadores da Palavra (At 6.2,3; - O Novo Dicionário da Bíblia – Edições Vida Nova – Págs. 679-681). Quanto à administração e governo da Igreja; convém, pois, saber:

- Cristo é a Cabeça da Igreja. Sabemos que Deus “pôs todas as coisas embaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo; como também Cristo é a cabeça da igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo" (Ef 1.22; 5.23). Da mesma forma que a cabeça prove, sustenta e dirige o corpo, assim também Cristo faz a cada um dos membros de seu corpo espiritual a Igreja. O Senhor é capaz de dirigir os menores detalhes da nossa vida, e quem desconhece ou se nega a reconhecer a direção do Senhor em sua vida diária jamais conhecerá as doçuras da vida verdadeiramente cristã.

- Quando o Cristo subiu ao Céu, concedeu certos dons à sua Igreja. São dons em forma de homens por Ele chamados. Esses diferentes dons estão relacionados em Efésios 4.11. Esses mesmos dons operaram em Cristo, pois através do Novo Testamento vemo-Io como apóstolo (Hb 3.1), profeta (At 3.22,23), evangelista (Lc 4.18), pastor (Jo 1.10) e mestre (Jo 13.13,14).Agora, exaltado à destra do Pai, Jesus concede à Igreja esses dons. Ministeriais que nele operaram, para que a Igreja seja edificada. Nada há mais indefeso que um rebanho de ovelhas sem pastor, e a Igreja é comparada a um rebanho de ovelhas.

- As palavras "pastor", "bispo" e "presbítero" têm o mesmo significado quanto ao cargo. A palavra "pastor" é a tradução de um vocábulo grego que significa "supervisor". Pastor, no original, e alguém que conduz e alimenta as ovelhas (1 Pd 1.25). Ao ministro da casa de Deus não basta ser intelectual capacitado para o exercício do ministério cristão. É imprescindível que ele seja revestido do poder do Espírito Santo: Nem mesmo o Senhor Jesus Cristo iniciou o seu ministério terreno senão após receber a plenitude do Espírito Santo sobre a sua vida. Portanto, se o ministro deseja que o seu ministério seja uma continuação do ministério do Salvador, deve se deixar possuir do mesmo poder que Ele (Jo 14.12,13).

É imperioso que todos os ministros sejam revestidos do poder do alto (Jo 14.16,17).

- Há uma pesada responsabilidade sobre os ombros do ministério evangélico.O ministro de Deus é tal qual um atalaia sobre as muralhas de Sião. Ele vê o perigo e avisa os pecadores do iminente juízo divino. Caso ele não aja assim, será responsabilizado pela perda das almas sob seus cuidados. A mais terrível declaração com respeito aos pastores sem fé, vitimadas pelo pecado da desobediência, avareza, embriaguez e glutonaria, foi proferida pelo Senhor através do profeta Isaías (Is 56.9-12). O que foi dito aos pastores de Israel, deverá servir de solene aviso aos ministros da casa de Deus hoje em dia.

IX. AS ORDENANÇAS DA IGREJA

Apesar de possuir ordenanças, a Igreja não faz do ritualismo a sua alma e a sua vida. A essência do cristianismo é um novo relacionamento entre o homem e Deus, através do novo nascimento operado pelo Espírito Santo e pela Palavra de Deus.São duas as principais ordenanças dadas pelo Senhor Jesus Cristo à sua Igreja: o batismo em água, e a celebração da Santa Ceia do Senhor.

1. O Batismo em Água

O termo "batizar" comum ente significa mergulhar ou imergir. Apesar de indefinida a origem da prática batismal e da razão porque foi adotada pela Igreja cristã, a sua prática se faz algo imperioso quando analisadas as seguintes palavras de Jesus: "Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

a) A Fórmula do Batismo

Os inimigos da doutrina trinitária, com freqüência, se insurgem contra a fórmula batismal dada por Jesus em Mateus 28.19. Por exemplo, citam o apóstolo Pedro dizendo: “... cada um de vós seja batizado em nome de Jesus" (At 2.38), para erroneamente afirmarem que a forma batismal bíblica é "em nome de Jesus", e não "em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo". Um escritor cristão do II Século põe fim à questão quanto à forma batismal cristã, quando escreve: "Agora, concernente ao batismo, batizai assim: havendo ensinado todas as coisas, batiza em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, em água viva (corrente). E se não tiveres água viva, batiza em outra água; e se não podes em água fria, então em água morna. Mas se não tiveres nem uma nem outra, derrama água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Conhecendo as

Doutrinas da Bíblia – Editora Vida – Pág.22).

b) O propósito do Batismo

Uma vez que só o salvo pode ser batizado, o batismo não tem como finalidade a salvação do batizando. O ato do batismo se constitui num testemunho público de que aquele que a ele se submete foi regenerado pela fé em Jesus Cristo. Assim, pelo batismo, o novo crente dá prova de haver morrido para o mundo, estando pronto para ser sepultado e ressuscitado para uma nova vida em Cristo. No entanto, devemos compreender que se o crente, por uma circunstância inesperada, vier a morrer antes de ser batizado em água, a sua posição de salvo continua inalterada (Lc 23.42,43). Em circunstâncias normais, uma vez que o batismo não se constitui uma opção, mas uma ordenação divina, todos os que crêem devem ser batizados.

2. A Ceia do Senhor

O Senhor Jesus Cristo começou o seu ministério terreno pelo batismo no Jordão, e o encerrou com a celebração da Ceia no Cenáculo. Ambos os fatos destacam o valor da Ceia do Senhor para a vida dos crentes hoje em dia.

a) O Propósito da Ceia

A Santa Ceia do Senhor tem por finalidade anunciar a nova Aliança (Mt 26.26-28), e se constitui um memorial, conforme ordem expressa do próprio Jesus (Lc 23.19). É uma lição objetiva que expõe os dois fundamentos do Evangelho: Primeiro: A encarnação: Ao partir do pão, ouvimos o apóstolo João a dizer: "E o verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). Segundo: A expiação: As bênçãos incluídas na encarnação nos são concedidas mediante a morte de Cristo. O simbolismo do pão partido é que o Pão deve ser quebrantado na morte, a fim de ser distribuído entre os espiritualmente famintos. O vinho derramado nos diz que o sangue de Cristo, o qual é a sua vida, deve ser derramado na morte, a fim de que seu poder purificador e vivificante possa ser outorgado às almas necessitadas. Os elementos usados na Ceia (o pão e o vinho) nos lembram que pela fé podemos ser participantes da natureza de Cristo, isto é, ter "comunhão com ele". Ao participarmos do pão e do vinho, na Ceia do Senhor, o ato nos recordae nos assegura que, pela fé, podemos verdadeiramente receber o Espírito de Cristo e ser o reflexo do seu caráter.

b) Como Celebrar a Ceia

No ato da celebração da Ceia, Cristo deixou-nos o exemplo de como devemos ministrar. Todos os discípulos participaram do pão e do vinho, e esta fórmula foi repetida no ensino do apóstolo Paulo (1 Co 11.24-26). Por ser a Ceia do Senhor a maior festa espiritual da Igreja, interrrompê-la com outros assuntos se constitui profanação. Este tipo de atitude representa, na verdade, falta de zelo para com as coisas de Deus. Se por um lado a reverência cristã condena o mero formalismo, ao mesmo tempo não pode aceitar que a Ceia do Senhor seja celebrada sem nenhuma solenidade, de modo relaxado e desprezível. Isto é profanar aquilo que é sagrado. Somos, igualmente, admoestados sobre o modo como devemos participar da Ceia do Senhor: "Examine-se pois o homem a si mesmo..." (1 Co 11.28). Portanto, erram clamorosamente aqueles que, ao invés de examinarem a si mesmos, ficam a investigar as outras pessoas.

c) A Atitude Correta Face à Celebração da Ceia

Em 1 Coríntios 11.24,26,28, o apóstolo Paulo chama a atenção do comungante da Santa Ceia do Senhor, para três direções que essa cerimônia o leva a olhar:

Primeiro: O olhar retrospectivo: Como memorial, todas as vezes em que celebrarmos a Ceia do Senhor, devemos fazê-lo com um olhar retrospectivo, - em direção ao Calvário, onde o Senhor, com o seu próprio sangue, pagou o preço exigido pelo resgate de nossas almas. O Calvário deve ser permanentemente o tema de nossas vidas!

Segundo: O olhar introspectivo: Este é o olhar interior, pessoal uma espécie de sondagem para saber como está a nossa vida diante do Senhor a quem celebramos quando participamos do pão e vinho. Que valor temos dado ao seu sacrifício. Em que posição nos encontramos concernente à nossa comunhão com o Salvador? Este é um dos propósitos Ceia do Senhor. Ela nos estimula a uma reflexão interior sobre os nossos passos na vida cristã.

Terceiro: O olhar expectativo: Finalmente, a Ceia do Senhor também um fator de esperança. Todas as vezes que dela participamos, nossa mente se volta para aquele glorioso dia quando nos assentaremos com o Senhor nas Bordas do Cordeiro (Maturidade Cristã N° 4 – 4° Trimestre - CPAD). O próprio Jesus Cristo assim se expressou: “E digo-vos que, desde agora que, desde agora, não beberei

deste fruto da vide ate aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de meu Pai" (Mt 26.29). Paulo, em outras palavras reiterou a mesma mensagem: “... anunciais a morte do Senhor até que venha” (1 Co 11.26).

X. A ADORAÇÃO NA IGREJA

A Igreja é conhecida basicamente como uma comunidade adoradora. Como "povo de Deus", a Igreja leva consigo associações da sua redenção e do seu destino. Ela foi chamada por Deus para ser propriedade e herança exclusivamente dele. O apóstolo Paulo diz que "assim como [Deus] nos escolheu nele [no Senhor Jesus Cristo] antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade... predestinados... a fim de sermos para louvor da sua glória... em quem também vós... tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.4,5, 11-13).

1. A Natureza da Adoração na Igreja

Desse William Temple: "Adoração é o submetimento de todo o nosso ser a Deus. E tomar consciência de sua santidade; é o sustento da mente com Sua verdade; é a purificação da imaginação por sua beleza; é o apego do coração ao seu amor; é a rendição da vontade aos seus propósitos. E tudo isto se traduz em louvor, a mais íntima emoção, o melhor remédio para o egoísmo que é o pecado original". Dentre tantas vantagens da adoração, como partes do culto da igreja a Deus destacam-se as seguintes:

-A adoração cria uma atmosfera de redenção.

-A adoração destaca o valor do indivíduo e sua responsabilidade.

-A adoração dá perspectiva à vida.

-A adoração dá ocasião ao companheirismo fraternal.

-A adoração educa.

- A adoração enriquece a personalidade e fortalece o caráter.

-A adoração dá energia para o serviço cristão.

-A adoração sustém a esperança de paz no mundo (Que Mi Pueblo Adore – Casa Bauistas de Publicaciones – Págs. 9-11).

2. Oração e Louvor

Dois tipos de oração são conhecidos no ensino e no exemplo da Igreja do Novo Testamento. Há a oração particular no lugar secreto da comunhão pessoal entre o crente e o Senhor, bem como a oração congregacional, feita conjuntamente por todos os crentes reunidos no lugar de culto. Deste modo a Bíblia fala de pessoas que oraram de forma individual, como de pessoas que oraram coletiva ou congregacionalmente. Jesus parecia estar ensinando a importância da oração congregacional, quando disse: "Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem ser lhes-á concedida por meu Pai que está nos céus. Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.19,20). Através da oração, o louvor a Deus encontra a sua mais elevada expressão. Se oração é petição, rogo e intercessão, o louvor se constitui na mais refinada forma de adoração a Deus - veículo através do qual o crente expressa o seu reconhecimento pelos grandes benefícios recebidos de Deus, inclusive fazendo menção daqueles atributos divinos que, pronunciados, inundam de gozo a alma do crente.

3. Hinos e Cânticos Espirituais

Escreveu o apóstolo Paulo: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração" (Cl 3.16). A Igreja Cristã nasceu em cânticos. Espera-se, pois, que o Evangelho cristão traga consigo para acena da história uma explosão de hinódia e dê louvor a Deus. Além disto, podemos argumentar que todos os antecedentes do aparecimento no mundo do Século I, nos levariam a esperar que a Igreja primitiva fosse uma comunidade de cântico de hinos. Podemos investigar os livros do Novo Testamento, tendo em mira descobrir ali a presença de semelhantes cânticos de adoração. As grandes religiões do mundo, com excessão o Cristianismo, não possuem hinos. Possuem apenas murmúrios de dor e lamentos. Como expressão de adoração, os hinos são uma exclusividade do Cristianismo. Na verdade a Igreja tem à sua disposição nada menos que quinhentos mil hinos. A Bíblia manda: "Está alguém alegre? Cante louvores" (1 Co 14.15). "Cânticos espirituais" se referem a fragmentos de louvor espontâneo que o Espírito Santo coloca nos lábios do

adorador enlevado. Noutras palavras, é o que diz o apóstolo Paulo: "Que farei pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento" (Tg 5.13).Há ainda hoje grande fonte de inspiração à disposição do crente no cântico, seja de hinos congregacionais, seja em cânticos espirituais.

4. Reafirmações da Fé Cristã

Quando a Igreja se congrega para cultuar a Deus, dentre outras coisas, ela reafirma os valores espirituais por ela esposados. Deste modo a Igreja é reconhecida como comunidade de fé, pregação e confissão. A Igreja primitiva esposava um corpo de doutrinas distintivas, conservado como depósito sagrado da parte de Deus. As referências a esta base de verdade Salvífica estão dispostas com uma plenitude de descrição e variedade de pormenores, embora não se deva forçar a evidencia para sugerir que houvesse qualquer coisa que se aproximasse dos credos posteriormente adotados. Os seguintes termos demonstram como os cristãos primitivos designavam o conjunto doutrinário que criam e esposavam:

"A doutrina dos apóstolos" (At 2.42).

"A palavra da vida" (Fp 2.16).

"A forma de doutrina" (Rm 6.17).

"As palavras da fé e da boa doutrina” (1 Tm 4.6).

"O padrão das sãs palavras” (2 Tm 1.13).

"A sã doutrina” (2 Tm 4.3; Tt 1.9).

Anos após os eventos redentores da Cruz e do Túmulo Vazio, os seguidores de Jesus Cristo ainda estavam confessando: "Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras. Foi sepultado; ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas, e, depois, aos Doze. Quando reafirmamos os pontos salientes de nossa fé, as nossas convicções vão se cimentando cada vez mais, até se transformarem em inabalável certeza.

5. Ministração da Palavra de Deus

O principal elemento da adoração praticada na sinagoga judaica era a leitura e a

exposição da Lei: A Lei era lida primeiramente no hebraico original, e depois em paráfrases aramaicas, chamadas Targuns, seguindo-se, por sua vez, uma homilia ou pregação. Este era o centro de gravidade no culto da sinagoga, havendo bênçãos e orações dispostas em derredor. A leitura e exposição da Palavra de Deus alcançou o seu apogeu no ministério terreno de Jesus, bem como no ministério de seus apóstolos, especialmente do apostolo o que escrevendo a Timóteo, disse: "Devota tua atenção à leitura [e exposição] publica as escrituras'' (1 Tm 4.23 – uma tradução livre).Dos ministros escolhidos por Deus para servirem à Igreja de Cristo, é exigida a máxima diligência no estudo e fidelidade na exposição das Escrituras. A igreja em cujo culto nota-se a ausência da atitude de amor e de respeito pela Palavra de Deus, toda e qualquer outra coisa, porventura, aí existente, por grande que seja a dedicação com que é feita, é abominável ao Espírito Santo ultrajante à honra do Senhor Jesus Cristo. Culto sem compromisso com a fiel exposição das Escrituras, não é culto na verdadeira acepção da palavra, pelo contrário, é confusão. Portanto, que os ministros de Cristo, pastores e mestres, deixem que o povo de Deus seja abençoado com a interpretação e exposição fiel das Escrituras.

6. A Mordomia Cristã

Da adoração cristã deve fazer parte não só aquilo que somos, mas também o que Deus nos tem dado. Particularmente, quanto ao dinheiro, o Novo Testamento o reconhece como meio de troca e de ganhar a vida; e dá toda a ênfase possível à necessidade de diligência e da consciência no trabalho diário do cristão. Dentre tantas outras, há uma razão mais profunda para que o cristão se aplique ao trabalho de forma mais honesta e com o melhor de seus esforços: Adoramos a Deus no decurso das nossas tarefas diárias, e a oferenda a Ele de toda a perícia profissional e capacidade dedicada, com a melhor produtividade da nossa mente e mãos, faz parte do nosso culto cristão tanto quanto o cântico dos hinos e as devoções nos cultos na igreja. Daí a justificativa do acréscimo tipicamente paulino àquilo que parece ser uma exortação pré-cristã: "Trabalhai de todo o coração... como para o Senhor" (Cl 3.23).

O dinheiro que damos como parte do nosso culto a Deus, junta estes dois aspectos: a dádiva é "santificada", e a adoração é "concretizada", à medida em que o fruto do nosso trabalho diário é trazido e oferecido ao Senhor para uso no seu

trabalho.

QUESTIONÁRIO DE ECLESIOLOGIA

1.Qual a definição profana do termo "ekklesia"?

2. Qual a definição bíblica do termo "ekklesia"?

3. Defina o uso clássico do termo "ekklesia".

4. Dê a definição da septuaginta para o termo "ekklesia".

5. Segundo a doutrina evangélica, quais as duas formas de existência da Igreja?

6. Qual a origem da Igreja considerada profética e historicamente?

7. Na discussão quanto à origem da Igreja, Pedro é petra ou petros?

8. Na discussão quanto à origem da Igreja, Cristo é petros ou petra?

9. Qual a opinião da maioria dos Pais da Igreja quanto a pedra fundamental da Igreja?

10. Qual a identidade entre a Igreja e o Reino de Deus?

11. Dê duas características básicas dos membros da Igreja.

12. Quais os principais sistemas de organização da Igreja estudados neste capítulo?

13. Dos três sistemas de organização da Igreja qual o que se identifica melhor com a Igreja primitiva?

14. Cite cinco aspectos do ministério da Igreja no mundo hoje.

15. Qual o sistema administrativo da Igreja ideal, indicado no Novo Testamento?

16. Dê alguns princípios básicos para a administração da Igreja.

17. Quais as duas principais ordenanças deixadas por Jesus à sua Igreja?

18. De acordo com 1 Co 11.24,26,28, quais as três direções para as quais o comungante deve olhar no momento da celebração da Ceia do Senhor?

19. De acordo com o capitulo estudado, o que disse o doutor William Temple quanto à adoração a Deus?

20. Mencione três vantagens da adoração por parte da Igreja.

21. O que se entende por “hinos espirituais” no contexto da adoração na Igreja?

ANGELOLOGIA

ÍNDICE

I. A NATUREZA DOS ANJOS

1. Os Anjos Foram Criados

2. Os Anjos São Espíritos

3. Os Anjos São Seres Inteligentes

4. Os Anjos São Seres Gloriosos

a) Arcanjo

b) Serafins

c) Querubins

d) Gabriel

5. Os Anjos São Poderosos

II. OS ANJOS COMO AGENTES DE DEUS

1. Ministradores a Favor dos Santos

2. Guardas do Povo de Deus

3. Aplicadores dos Juízos de Deus

4. Comunicadores de Boas-Novas

5. Os Anjos na Consumação dos Séculos

III. ORIGEM, REBELDIA E QUEDA DE LÚCIFER

1. O Querubim Ungido de Deus

2. Rebeldia e Queda de Lúcifer

3. A Personalidade de Satanás

4. Satanás, Agente da Tentação

5. Satanás na Consumação dos Séculos

IV. OS ANJOS CAÍDOS

1. Criados Santos por Deus

2. Serviçais de Satanás

3. Onde Habitam os Anjos Caídos

4. Eles Opõem-se aos Salvos

5. Reservados Para o Castigo Eterno.

V. OS DEMÔNIOS

1. A Existência dos Demônios

2. A Natureza dos Demônios

3. As Atividades dos Demônios

a) Tentação

b) Obsessão

c) Crise ou Transição

d) Possessão

e) Capacidade Demoníaca

ANGELOLOGIA

INTRODUÇÃO

Os anjos existem? São eles seres reais? Estas perguntas têm sido feitas por diferentes pessoas em diferentes lugares e em diferentes épocas. Evidentemente os anjos existem; o que eles são e fazem é mostrado ao longo das Escrituras.

I. A NATUREZA DOS ANJOS

Os anjos são parte especial da criação de Deus. Conhecê-los e estudar sobre o ministério que Deus lhes confiou a se desincumbirem, constitui-se numa fonte de riqueza e de bênção para a vida do crente.

1. Os Anjos Foram Criados

O plano criador levado a efeito por Deus jamais poderá ser compreendido a contento pelo homem. Entre as muitas coisas criadas por Deus, destacam-se os anjos. Sim, os anjos não são eterno como Deus, nem auto-existentes, mas criados, como criadas foram as demais coisas (Ne 9.6; Cl 1.16). Expressões, tais como "exércitos dos céus", "soberanias", "principados" e "potestades" (Cl 1.16), são expressões figuradas, geralmente aplicadas na Bíblia aos anjos. A Bíblia não dá qualquer resposta definindo quanto ao tempo em que os anjos foram criados. Ele dá a entender apenas que eles foram criados num princípio remotíssimo. Quando foi esse princípio, ninguém jamais foi capaz de descobrir. Do meio do redemoinho pergunta o Senhor a Jó: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra... quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e jubilavam todos os filhos de Deus? (Jó 38.4,7) Que Jeová se refere aqui à criação universal, está perfeitamente claro. Portanto, quando Ele criou as demais coisas, os anjos já existiam, e estes ao contemplarem as maravilhas da criação, se rejubilavam. A Bíblia fala dos anjos indicando-os como uma companhia inumerável, literalmente miríades (Hb 12.22; Jó 25.3; Dt 33.2; Ap 5.11; Dn 7.10). Multidões de anjos apareceram na noite do nascimento de Jesus, bradando de alegria face às perspectivas de esperança de salvação que desciam sobre a terra (Lc 2.13). "Quão vasto é o número deles, somente o sabe aquele cujo nome é Jeová-Sabaote, o Senhor dos Exércitos" (Teologia Elementar – Emery H. Bancroft – Imprensa Batista Regular – Pág. 274). Como criaturas de Deus, os anjos não devem ser adorados (Cl 2.18,19; Ap 19.10; 22.8,9), pois estão sujeitos ao senhorio de Jesus Cristo (Ef 1.20,21; Cl 2.10; Fp 2.9-11).

2. Os Anjos São Espíritos

A Bíblia designa os anjos como "espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação" (Hb 1.13,14). O fato de terem sido criados essencialmente espíritos, não nega a possibilidade de sua materialização. Isto é, os anjos podem assumir forma material à semelhança do homem. Deste modo eles se manifestaram a Abraão, Jacó, Daniel, Elias, Maria, Zacarias e aos pastores de Belém (Gn 18.1,2; 32.24,30; Dn 8.15,16; 1 Rs 19.5-7; Lc 1.11,26-28; 2.8,9). Falando do estado espiritual dos ressuscitados, Jesus disse que eles serão como os anjos, "nem se casam nem se dão em casamento (Mt 22.30). Certamente que muitas especulações têm surgido em torno da questão se os anjos se casam ou não, e, se não se casam, por que não o fazem. Alguns comentadores, erroneamente, têm usado Gênesis 6.1,2 para mostrar que os anjos se casam. Segundo eles, "os filhos de Deus" mencionados no texto, são os anjos de Deus que, cobiçando a formosura das filhas dos homens, tomaram-nas por mulheres. Face à época em que esse fato ocorreu, conforme sugere o texto, a expressão "filhos de Deus", alude aos descendentes de Sete (Gn 4.25,26), com os quais Deus tinha um concerto; enquanto que "filhas dos homens" indica os descendentes de Caim, símbolo de desgraça e perdição (Is 43.6). Quanto à questão: por que os anjos não se casam? Uns são da opinião que esses seres não se casam por serem assexuados. Isto é, os anjos não possuem sexo. Outros afirmam que os anjos possuem sexo, mas não se casam porque a castidade faz parte da natureza angélica. Particularmente creio que os anjos são assexuados, pois se o sexo tem como finalidade a procriação e o prazer sexual, e se os anjos não procriam e têm todo o seu prazer no serviço de Deus a quem servem, por que careceriam eles de sexo? Assim a castidade faz parte da natureza angélica.

3. Os Anjos São Seres Inteligentes

Pela sublime tarefa que os anjos desempenham no tempo e no espaço, desde o princípio; e por aquilo que a respeito deles a Bíblia diz, a conclusão a que se chega é que os anjos excedem em muito em conhecimento e em sabedoria os mais brilhantes homens que a história humana já teve (2 Sm 14.17,20; Ez 28.1-5). Sem dúvida, os anjos foram criados espíritos inteligentes, cujo conhecimento teve início em sua origem, continuando a se ampliar até os nossos dias. As oportunidades de observação que os anjos têm, e as muitas experiências que, nesse sentido, conforme podemos supor devem ter tido, juntamente com as revelações diretas da

parte de Deus, devem ter-se adicionado grandemente ao acúmulo de sua inteligência original (Teologia Elementar – Emery H. Bancroft – Imprensa Batista Regular – Pág.272). Apesar de a Bíblia dizer que os anjos são mais inteligentes que Daniel (Ez 28.3), eles não são oniscientes. Eles não sabem tudo. Não são iguais a Deus em sabedoria. Jesus, particularmente, deu testemunho da limitação do conhecimento dos anjos, quando falou que eles ignoravam o dia da vinda do Filho do homem (Mc 13.32). Os anjos, sem dúvida, sabem coisas a, nosso respeito que desconhecemos. Devido ao fato de serem espíritos auxiliadores, usarão estes conhecimentos para o nosso bem e nunca para maus propósitos: Numa época em que se pode confiar a tao poucas pessoas informações secretas, é consolador saber que os anjos jamais divulgarão seu notável conhecimento para nos prejudicar. Ao contrário, utilizá-lo-ão para o nosso bem.

4. Os Anjos São Seres Gloriosos

Em razão do que são, fazeme dolugarondehabitam, os anjos são seres dotados de dignidade e glória sobre-humanas. Como seres gloriosos, os anjos fazem parte da manifestação da glória de Deus no decorrer de toda a narrativa bíblica, como por exemplo: no chamamento profético de Isaias, na visão de Ezequiel, e na visão apocalíptica de João (Is 6.1-4; Ez 1; Ap 5.11,12). Os anjos são como raios a refletirem a glória e o resplendor do próprio Deus. A Bíblia, em geral, parece sugerir que entre os anjos existem aqueles que detêm maior glória, isto em face das diferentes classes que somadas, formam as fileiras angelicais (Ef 1.21; Cl 1.16). Deste modo os anjos estão classificados na Bíblia como:

a) Arcanjo

O texto bíblico não fala de "arcanjos" no plural, mas simplesmente "arcanjo" no singular, palavra que na Bíblia só se aplica a Miguel, se bem que haja vestígios de que antes da sua queda, Lúcifer também era um arcanjo, igual ou talvez superior a Miguel, cujo nome significa: "o que é semelhante a Deus". O prefixo arca em "arcanjo", sugere um anjo-chefe, principal ou poderoso. Assim, Miguel é agora o anjo acima de todos os anjos, reconhecido como sendo um dos primeiros príncipes dos céus (Dn 10.13). Miguel é uma espécie de administrador angélico de Deus para o juízo (Jd v.9). Seu nome ocorre em diferentes lugares da Bíblia (Dn 10.13; 12.1; Jd v.9; Ap 12.7). É sugerido em 1 Tessalonicenses 4.16 que o arcanjo Miguel terá papel decisivo na ressurreição dos mortos e transformação dos vivos que

comporão a Igreja triunfante no dia do arrebatamento dos santos.

b) Serafins

Segundo opinião de alguns estudiosos das Escrituras, a palavra "serafim", deve vir da raiz hebraica que significa "amor". Outros, porém, são da opinião de que a palavra significa "ardente" ou "nobres". A única referência bíblica aos serafins, encontra-se no livro do profeta Isaías (Is 6.3). De acordo com o registro de Isaías, existem vários serafins, uma vez que o profeta se refere a "cada um" e que "um clamava para o outro". Deduz-se que a função dos serafins é a de louvar a Deus e de promover a sua santidade. A Bíblia mostra-os como estando acima do trono de Deus, enquanto que os querubins estão abaixo dele. Os serafins são apresentados na Bíblia como possuindo asas, rosto, pés e mãos (Is 6.2,6). No tempo da Lei, um dos serafins, com brasa viva tocou os lábios do profeta Isaías, o que o preparou para a sua missão (Is 6.7).

c) Querubins

Os querubins são apresentados na Bíblia como seres reais e poderosos, e simbolizam, amiúde, as coisas celestes. Foi sob a direção de Deus que eles foram incorporados ao plano da Arca da Aliança e do Tabernáculo (Ex 25.17-22). Figuras deles foram utilizadas na decoração do templo de Salomão, em Jerusalém (1 Rs 6.23-28). Ezequiel os apresenta como sendo também "cheios de olhos", circundados por "rodas dentro de rodas". Nos Salmos 80.1; 99.1, lemos que Deus "está entronizado acima dos querubins". Em Gênesis 3.24, a primeira referência aos anjos na Bíblia, os mostra guardando a árvore da vida no Éden.

d) Gabriel

A Bíblia apresenta Gabriel como uma pessoa augusta. Ele mesmo falou a Zacarias da sua posição junto às hoste angelicais: "Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus" (Lc 1.19). Ele aparece quatro vezes na Bíblia, sempre trazendo boas-novas. Ele anunciou a Daniel a visão de Deus quanto a eventos futuros (Dn 8.15,16; 9.21,22). A ele coube o elevado privilégio de anunciar o nascimento de João Batista e o de Jesus (Lc 1.8-38). Por magníficos e gloriosos que sejam os seres angelicais, tornam-se obscuros diante da inexplicável glória de Cristo, o Senhor da glória, diante do qual hão de se dobrar todos os joelhos no Céu, na Terra, e debaixo da Terra.

5. Os Anjos São Poderosos

Não obstante desfrutem de muito maior poder do que o homem, os anjos não são onipotentes nem todo poderosos. Quanto à maneira de agir, os anjos são uma espécie de dinamites de Deus, e o que podem fazer, têm feito, e farão, está registrado no decorrer de toda a narrativa bíblica (Sl 103.20; Mt 28.2; 2 Sm 24.15,16; 2 Rs 19.35; Dn 10.12,13; At 12.7; Ap 20.1-3). A Bíblia ensina que os anjos são uma classe de seres criados superiores aos homens (Sl 8.5; Hb 2.5). Isso elimina duma vez a crença largamente difundida, segundo a qual os crentes que morrem, bem como as almas das crianças, se transformarão em anjos. Evidentemente, as almas dos crentes jamais poderão transformar-se em anjos, pois esses para sempre serão distintos dos seres humanos. O homem redimido em Cristo não é elevado à posição de um anjo, não. Em Cristo ele assumirá uma posição superior à posição dos anjos mais elevados. A soldadesca romana, com todo o seu aparato militar, foi incapaz de impedir que um só anjo de Deus removesse a pedra que fechava o sepulcro de Cristo, e o declarasse ressurreto dentre os mortos (Mt 28.2). O que os anjos são e fazem, o fazem com base no poder delegado por Deus, já que o poder, no sentido mais elevado, pertence única e exclusivamente a Deus, Todo poderoso. Contudo, Deus houve por bem dotar os anjos de poderes tais que, para os homens, muitas vezes parece assombroso.

II. OS ANJOS COMO AGENTES DE DEUS

Deus, pelo seu extraordinário poder, tem à sua disposição não só os maiores, mas também os melhores meios para fazer com que as coisas aconteçam, entre as quais se destacam os seus anjos, comparados pelo salmista a "ventos" e "labaredas de fogo" (Sl 104.4). E Deus os tem usado em diferentes ocasiões da história do seu povo, tanto na antigüidade, como hoje, com finalidades as mais diversas.

1. Ministradores a Favor dos Santos

Entre as múltiplas funções exercidas pelos anjos, destaca-se de maneira especial e particular, aquela que diz respeito à orientação e ministração do bem ao povo de Deus (Hb 1.14; 1 Rs 19.5-7).Nem sempre podemos ter consciência da presença dos anjos, ainda que eles estejam ao nosso redor. Nem sempre podemos predizer como eles aparecerão. Diz-se, todavia, que os anjos são nossos vizinhos bem

chegados. Com freqüência podem ser nossos companheiros em circunstâncias as mais diversas, sem contudo nos apercebermos de sua presença. Pouco é o que sabemos acerca da sua constante assistência. A Bíblia nos garante, entretanto, que um dia as escamas serão retiradas dos nossos olhos, para que possamos ver e reconhecer em toda a plenitude as coisas que desconhecemos, inclusive a atenção que os anjos nos dedicam (1 Co 13.12). Muitas experiências do povo de Deus, tanto nos dias do Antigo Testamento como do Novo, bem como nos dias pós-apostólicos indicam que os anjos os têm auxiliado. Há pessoas que poderão não ter sabido que estavam sendo ajudadas, porém a visita era real. Existem nos nossos dias muitos clássicos da literatura evangélica que tratam da forma como muitos crentes nos tempos modernos, nas circunstâncias as mais diversas, foram confortadas por anjos de Deus. Portanto, podemos contar com o auxílio dos anjos, hoje.

2. Guardas do Povo de Deus

Outro aspecto de grande relevância e digno de consideração, quanto ao ministério dos anjos, é aquele que diz respeito à função que exercem como guardas do povo de Deus (Sl 34.7; 91.11,12). Além da assistência geral que os anjos dão aos crentes a Escritura sugere que cada pessoa, ao nascer, tem da parte de Deus um anjo por companhia. Esta verdade destaca-se nas Escrituras, principalmente no caso da miraculosa libertação do apóstolo Pedra da prisão de Jerusalém. Fora da prisão, Pedro decide ir à casa de Maria mãe de João Marcos, onde parte da igreja em Jerusalém se achava reunida. "Quando ele bateu ao postigo do portão, veto uma criada, chamada Rode, ver quem era; reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar quê Pedro estava junto do portão. Eles lhes disseram: Estás louca. Ela, porem, persistia em afirmar que assim era. Então disseram: é o seu anjo" (At 12.13,15; Mt 18.10). A proteção dos anjos de Deus em favor do seu povo, hoje mesmo, e uma grande realidade. Queira Deus abrir-nos os olhos para vê-los em incessante labor em nosso favor!

3. Aplicadores dos Juízos de Deus

Deus, por seu ilimitado poder, detém consigo elementos não só de edificação, mas também de destruição. Nos domínios da natureza, em particular, Ele tem usado o vento, água, e o fogo, como elementos de manifestação da sua ira. Porém, no

campo espiritual, Ele usa seus anjos, principalmente quando a ação visa à defesa do seu povo e o abatimento dos poderosos da terra.Os anjos são responsabilizados pela morte dos primogênitos do Egito (Ex 12.29), pela destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19.12-15), pela destruição do exército assírio nos dias de Ezequias (2 Rs 19.35), pela ameaça de iminente destruição da cidade de Jerusalém nos dias de Davi (1 Cr 21.15,16),pela punição de Herodes agripa (At 12.21-23), por contender com o Diabo por causa do corpo de Moisés (Jd v.9). Na Bíblia, parece que nenhum outro texto fala de forma tão conclusiva da ação heróica dos santos anjos na execução das guerras e dos juízos de Deus, como o Salmo 104.4, que diz: "Fazes a teus anjos ventos e a teus ministros, labaredas de fogo".

4. Comunicadores das Boas-Novas

As Escrituras estão cheias de grandes eventos no cumprimento dos quais os anjos de Deus desempenharam papel decisivo, como comunicadores de boas-novas e da misericórdia divinas. Particularmente no Antigo Testamento eles anunciaram o nascimento de Isaque (Gn 18.10) e de Sansão (Jz 13.2,3). Já no Novo Testamento, eles anunciaram o nascimento de João Batista (Lc 1.11,13); o nascimento, ressurreição e volta de Jesus Cristo (Lc 1.30,31; 2.10,11; 24.5,6; At 1.11). Como vemos, Deus usou os seus anjos para anunciar o nascimento do maior personagem do Novo Testamento, bem como do seu precursor, a ressurreição e a volta triunfal de Cristo. Certamente que Deus pode usar ainda hoje os seus anjos como comunicadores da sua vontade, e nada poderá impedi-Lo de fazer, desde que isto contribua para a sua glória. Porém, ao crente de hoje é conferi da a maior responsabilidade do que aos anjos, no que concerne à comunicação das boas-novas do reino de Deus (Mt 28.19,20; At 1.8).

5. Os Anjos na Consumação dos Séculos

Os anjos que estiveram à disposição de Deus desde o princípio da criação, assumem posição de realce nos escritos proféticos que tratam de eventos do porvir, relacionados com a Igreja e com o povo de Israel. Grandes e terríveis juízos de Deus serão derramados sobre os habitantes da terra, nos dias posteriores ao arrebatamento da Igreja de Jesus Cristo. Nesse tempo, os anjos terão papel decisivo como agentes de libertação dos escolhidos e de condenação daqueles que rejeitaram os favores oferecidos por Cristo através do Evangelho. Desde os Evangelhos até o Apocalipse estão registradas as mais diferentes ações dos anjos,

a terem lugar na terra durante os dias que envolverão o arrebatamento da Igreja, a Grande Tribulação e os dias imediatamente após o fim do governo milenial de Cristo na Terra. Os anjos terão ação decisiva na ressurreição dos mortos em Cristo, no ajuntamento dos escolhidos, na manifestação de Cristo, na ceifa final, na extinção total da iniqüidade (1 Ts 4.16; Mt 24.31; 26.27; 13.39; 25.31-33; 13.40-42) etc.A ação dos anjos no futuro há de verificar-se ainda nos seguintes eventos: na assinalação do Israel fiel, no tocar das sete trombetas de Deus como prenúncio de iminentes juízos, sob o comando de Miguel em guerra contra Satanás e seus anjos, na pregação do Evangelho eterno durante a Grande Tribulação, no anúncio do destino eterno daqueles que hão de adorar a besta e dela receberem o sinal, no derramamento dos sete últimos flagelos da cólera de Deus, e na prisão de Satanás antes da inauguração do reino milenial de Cristo (Ap 7.1-8; 8.11; 12.7-9; 14.6,7,9-11; 15,16; 20.1-3).

III. ORIGEM, REBELDIA E QUEDA DE LÚCIFER

Lúcifer fora um dos mais augustos seres dentre os demais criados no princípio por Deus, até que nele se achou falta.

1. O Querubim Ungido de Deus

A Bíblia parece sugerir que a mais exaltada posição no reino dos espíritos era ocupada no princípio por Lúcifer, uma criatura perfeita em todos os seus caminhos, desde a sua criação (Ez 28.12-15). O profeta Ezequiel se refere a Lúcifer como o mais grandioso ser que Deus criou no princípio da Criação, um ser que tinha força, sabedoria, beleza, glória e autoridade jamais igualadas por qualquer outra criatura. No livro do profeta Isaías ele é o "filho da alva" - "Lúcifer". Literalmente seu nome significa "o brilhante", palavra que expressa beleza. Ele é descrito como mais sábio que Daniel (Ez 28.3,4). Lúcifer é também chamado de "querubim da guarda ungido". Querubim é um ser angélico de elevada categoria, associado com a presença santa de Deus. "Ungido" é a mesma palavra usada para adjetivar o Messias, rei ungido de Deus. Lúcifer era o governador e líder dos seres angélicos e, evidentemente os guiava em louvor e júbilo diante de Deus. A expressão "da guarda" (Ez 28.14,16), significa literalmente "quem conduz". Foram-lhe dadas todas as jóias fabulosas, indicando também sua categoria exaltada. Ele estava no "Éden, jardim de Deus", e "no monte santo de Deus". Ele andava "no brilho das pedras", o que é um símbolo amiúde usado para indicar a presença de Deus.

2. Rebeldia e Queda de Lúcifer

A maior catástrofe da história da criação universal foi, sem dúvida alguma, a desobediência de Lúcifer, e a conseqüente queda de, talvez, um terço dos anjos, que se Juntaram a ele na sua maldade (Ap 12.4; Dn 8.10). À luz de informes bíblicos, parece acreditável que Lúcifer era o soberano de um extenso império localizado na Terra, num passado remotíssimo. Seus súditos, sem dúvida, eram as legiões de criaturas que atualmente existem como demônios ou maus espíritos. A queda e deposição de Lúcifer foram precedidas de cinco "eis", demonstrando o seu espírito insubmisso e altivo; e foram:

"Eu subir**ei** ao céu". .

"Acima das estrelas de Deus exaltar**ei** o meu trono"

"No monte da congregação me assentar**ei**.

"Subir**ei** acima das mais altas nuvens".

"Ser**ei** semelhante ao Altíssimo" (Is 14.12-17).

A soberba tomara conta da mente e do coração de Lúcifer. Sua decisão de sobrepor-se a Deus mostra a arrogância que dominava o mais profundo do seu ser. Era o começo da sua queda e deposição. Tendo pecado contra Deus, tentando usurpar-lhe o trono e o domínio sobre o Universo, Lúcifer perdia o seu estado de pureza original. Mais do que isto, ele fora transformado em Satanás e Diabo. Os anjos que haviam se aliado a ele na sua rebelião, também caíram em desgraça Juntamente com ele. Deposto da presença do Altíssimo, transformado em Satanás, Lúcifer tornou-se o chefe das potestades do ar (Ef 2.2); o príncipe deste mundo (Jo 12.31; 14.30). Desde então se tem feito inimigo de Deus e de tantos quantos amam a Jesus Cristo.

3. A Personalidade de Satanás

Satanás é um ser dotado de personalidade, dotado de autoconsciência intelecto, emoções e vontade própria. Apesar de crermos que Deus tenha criado Lúcifer, isto não é a mesma coisa que crer que Ele tenha criado Satanás. Este - veio à existência devido à sua exaltação e rebeldia.A personalidade de Satanás deve ser reconhecida pelo homem. Deus, por outro lado, deseja que o homem reconheça os

fatos relativos a Satanás, pelo que muito tem revelado sobre ele nas Escrituras. Quanto a isto escreveu o apóstolo Paulo: “... que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios" (2 Co 2.11). Satanás é um ser inteligente, uma personalidade hostil, inimigo declarado de Deus e dos homens. A Bíblia o apresenta resistindo a Deus e perturbando a paz das nações com guerras, destruição e miséria. As Escrituras o apresentam como Abadom e Apoliom, Belzebu, Belial, o Maligno, Satanás, o Adversário, a antiga serpente, o acusador dos filhos de Deus, o deus deste mundo, o enganador, a fonte de todo mal, homicida desde o princípio, o maioral dos demônios, o príncipe da potestade do ar, o pai da mentira, sagaz, astuto, o sedutor de todo mundo e tentador dos santos (Ap 9.11; Mt 12.24; 2 Co 6.15; Lc 10.18; Ap 20.2; 1 Pd 5.8; Ap 12.9,10; 22.2; Jo 14.30; 2 Co 4.4; Gn 3.4,13; 2 Co 11.3,1314; 2 Tm 2.26; Mt 13.28; 1 Jo 3.8,10; Jo 8.44; 1 Jo 3.12; Mt 12.24; Ef 2.2; Jo 8.44; Gn 3.1; 2 Co 2.11; 11.3; Ap 12.9; Jó 2.7; Mc 1.13; Jo 13.2). Quanto à capacidade de operação de Satanás, é importante saber que ele é o autor da apostasia; os crentes lhe devem resistir; ele impede a expansão do Evangelho; ele muda as Escrituras para o mal; ele opera grandes sinais e prodígios; foi, é e será subjugado por Cristo; transforma-se em anjo de luz (2 Ts 2.9; 1 Tm 4.1; Rm 16.20; 2 Co 11.3; 2 Tm 2.26; 1 Pd 5.9; 1 Jo 2.13; Ap 12.11; Ef 6.16; Mc 4.15; Jo 13.2; At 5.2,3; 1 Co 7.5; 2 Co 12.7; 1 Ts 2.18; 2 Tm 2.26; Mt 4.6; Lc 4.10,11; Mt 24.24; 2 Ts 2.9; Ap 16.14; 19.20; Mt 4.11; 8.31; 10.1; 12.28,29; Cl 2.15; 1 Jo 3.8; 2 Co 11.14).O Diabo é comparado a um passarinheiro, às aves, a um semeador de joio, a um lobo, a um leão que ruge, a uma serpente, a um dragão (Sl 91.3; Mt 24.24; 2 Ts 2.9; Ap 16.14; 19.20; Mt 4.11; 8.31; 10.1; 12.28,29; Cl 2.15; 1 Jo 3.8; 2 Co 11.14). Como um ser dotado de personalidade, Satanás sabe das coisas, possui emoções, exerce habilidade executiva, tenta, cita as Escrituras, acusa, aflige, trabalha, opera milagres, peca, luta, será castigado na consumação dos séculos (Jó 2 ; Is 14.13,14; Mt 12.24-26; Jo 12.31; 14.30; 16.11; Gn 3.1-5; Mt 4.1-11; 4.6; Jó 1.5-12; Ap 12.10; Lc 13.16; Ef 2.1-3; 2 Ts 2.9; Ap 16.14; 19.20; Jo 8.44; Mt 13.38,39; Ap 12.7,8; 20.1-3,10).

4. Satanás, o Agente da Tentação

Ao ser destronado dos céus, como vingança contra Deus, Satanás tentou Adão e Eva no Éden, conduzindo-os à queda. Tendo sido vencido por Jesus Cristo no deserto, e posteriormente no Calvário, desde então vem procurando vingar-se na

pessoa daqueles que hoje constituem a Igreja de Deus na terra. Por isso é importante o crente saber que: Satanás tem acesso à presença de Deus, apresentando-se como acusador dos filhos de Deus.

- Algumas vezes Deus permite que Satanás aflija os seus filhos.

- Satanás se deleita em fazer os homens amaldiçoarem a Deus, a duvidarem do amor e da bondade divina.

- Satanás algumas vezes pode controlar os elementos da natureza para causar destruição entre o povo de Deus.

- Satanás é restringido por Deus em suas atividades.

- Algumas vezes Satanás pode promover o banditismo, o furto e ate mesmo o homicídio, em seus esforços para levar os homens a duvidarem da benevolência e do amor de Deus.

- Satanás aflige os corpos dos homens para conseguir suas covardes finalidades.

- Satanás destrói a harmonia doméstica e arruína a reputação de um homem para conseguir os seus propósitos.

- Satanás não pára diante de nada em seus esforços para fazer os homens se desviarem de Deus. Àqueles que sofrem a oposição e tentação de Satanás, aconselha a Bíblia Sagrada:

-Submetei-vos a Deus (Tg 4.7; 1 Pd 5.6).
- Sede sóbrios e vigilantes (1 Pd 3.8).
-Resisti ao Diabo (Tg 4.7; 1 Pd 5.9).
- Exercei coragem (Ef 6.10).
-Esperai no auxílio divino (Ef 6.10).
-Revesti-vos de toda a armadura de Deus (Ef 6.11,13).
-Cingi-vos com a verdade (Ef 6.14).
-Vesti-vos da couraça da justiça (Ef 6.14).
-Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz (Ef 6.15).
- Empunhai escudo da fé (Ef 6.16; Jo 5.4).
-Tomai o capacete da salvação (Ef 6.17).
-Empunhai a espada do Espírito (Ef 6.17).
-Orai em todo tempo no Espírito (Ef 6.18).

5. Satanás na Consumação dos Séculos

Enquanto Satanás prosseguir em seu presente papel neste mundo, o pecado continuará se espalhando avassaladoramente, a impiedade prevalecerá, as religiões falsas se multiplicarão, e os homens sem Deus continuarão súditos e escravos do Inferno. Chegará, porém, o momento predeterminado por Deus, quando Satanás será posto fora de atividade, primeiro pelo período de mil anos (Ap 20.1-3), e depois por toda a eternidade (Ap 20.7-10).

IV. OS ANJOS CAÍDOS

A Bíblia registra que quando Lúcifer rebelou-se contra Deus e caiu em condenação, muitos outros anjos o acompanharam na sua rebelião, tornando-se passíveis de igual juízo. Judas fala sobre eles como aqueles que "não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio" (Jd v.6). Alguns estudiosos são da opinião de que, com base em Apocalipse 12.4, um terço dos anjos criados por Deus no princípio, se juntou a Lúcifer na sua maldade e decadência.

1. Criados Santos por Deus

Todos os anjos foram criados em estado de santidade, pelo caráter de Deus que é absolutamente santo, pelo caráter de suas obras criativas, com as quais Ele, na qualidade de santo, ficou satisfeito. Os anjos que mantiveram sua integridade pessoal e lealdade a Deus, foram confirmados em santidade; sua obediência se tornou habitual e sua bondade se tornou qualidade de seu caráter. Por isso a Bíblia os chama de "santos anjos". Existem, porém, numerosos anjos que de tal forma se identificam com Satanás e sua obra, que são chamados de "anjos de Satanás". O termo, conforme é usado nas Escrituras dá a entender a continuação e confirmação na iniqüidade.

2. Serviçais de Satanás

Assim como Deus dispõe de anjos que se comprazem na realização dos seus desígnios, Satanás possui os seus, dispostos a levar a efeito os seus malévolos planos a qualquer momento e em qualquer lugar (Ef 6.10-12). Eles são empregados na execução dos propósitos de Satanás, que são diametralmente opostos aos propósitos de Deus. Não obstante creiamos que a queda dos anjos

lhes tenha afetado a inteligência, as Escrituras descrevem os anjos como seres extremamente astutos e inteligentes (Gn 3.1; 2 Co 11.3; Ef 6.11).Essa astúcia dos anjos caídos é demonstrada no fato de que eles opõem-se aos propósitos de Deus (Zc 3.1), afligem os servos de Deus (2 Co 12.7; Lc 13.16), executam os propósitos de Satanás (Mt 25.41), armam ciladas aos servos de Deus (Ef 6.11,12). Os anjos maus revelam constantemente sua inimizade contra Deus (Ap 12.7), e procuram a destruição do homem (Gn 3.1; 1 Pd 5.8). No seu intento de prejudicar o homem, causam-lhe males na alma, no corpo e em suas possessões terrenas (Jo 13.27; At 5.3; Ef 2.2,3; Lc 13.11-16; Jó 1.12; Mt 8.31,32). A incredulidade, com seu terrível castigo de condenação eterna, é o resultado da obra perniciosa de Satanás no homem. Todos quantos se recusam a crer no Evangelho, agem por instigação de Satanás, porque ele os retém em seu poder (At 26.18; Cl 1.13). A fúria dos anjos de Satanás está especialmente assestada contra a Igreja de Cristo, porquanto:

- Continuamente procuram destruí-la por suas investidas em geral (Mt 16.18).

- Tentam os ouvintes no sentido de que não aceitem os favores do Evangelho (Lc 8.12).

- Disseminam doutrinas errôneas (Mt 13.25; 1 Tm 4.1)

- Incitam a perseguição ao reino de Cristo (Ap 12.7). No livro do profeta Daniel, lemos que um anjo de Deus que trazia a mensagem divina a Daniel sofreu resistência do príncipe do reino da Pérsia, pelo que veio Miguel, com o seu exército, para lutar contra ele, a fim de abrir caminho para o mensageiro do Senhor (Dn 10.3). Respeitados comentadores de Daniel são da opinião de que a referência ao "príncipe do reino da Pérsia", é uma referência direta aos anjos de Satanás que exerciam influência sobre as decisões políticas e religiosas na Babilônia de então. Assim sendo, é de se imaginar que aquelas nações onde a pregação do Evangelho é proibida, e onde os cristãos são perseguidos por causa da sua fé em Deus, têm suas decisões políticas tomadas sob a influência de anjos de Satanás.

3. Onde Habitam os Anjos Caídos?

De acordo com a Bíblia, os anjos caídos habitam tanto no Inferno como nas regiões celestiais. Na Bíblia, a palavra "inferno" tem significados que variam de acordo com o texto em que é citada. Existem quatro termos na Bíblia (Edição Revista e Atualizada) que são traduzidos por inferno: Sheol, Hades, Gehenna e Tartaroo,

com as seguintes definições:

- Sheol - o mundo dos mortos (Dt 32.22; Sl 9.17).

- Hades - é à forma grega para a do hebraico Sheol, e significa o lugar das almas que partiram deste mundo (Mt 11.23; Lc 10.15; Ap 6.8). .

- Gehenna - termo usado para designar um lugar de suplício eterno (Mt 5.22,29,30; Lc 12.5).

- Tartaroo - o mais profundo do abismo do Hades, e significa: encarcerar no suplício eterno (2 Pd 2.4; Dn 12.2).

Não obstante Pedro e Judas concordem que os anjos caídos estão no Inferno e presos por algemas eternas, para o juízo, podemos crer que nem todos eles foram confinados ao Inferno, no princípio. E mesmo os que ali estão, estão aguardando a sentença final que será proferida por Deus, quando então, serão lançados no Lago de Fogo (Mt 25.41; Ap 20.10,14). Esses anjos e espíritos maus que jazem no Inferno, presos em algemas eternas, terão uma permissão breve para daí saírem e somarem esforços com Satanás na Terra, no período da Grande Tribulação. Eles terão a forma de gafanhotos, conforme descritos no Apocalipse. Serão uma espécie de querubins infernais, em todos os sentidos, contrários aos seres vivos que estão diante do trono de Deus, no Céu. Que os anjos caídos habitam também as regiões celestiais, os ares, é ensino salientado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Expressões tais como: principados, potestades e forças espirituais, falam não só do lugar onde habitam os anjos caídos, mas também do poder e decisão que eles exercem no cumprimento de suas obrigações infernais.

4. Eles Opõem-se aos Salvos

Paulo diz que "a nossa luta não é contra sangue e carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes (Ef 6.12). As oposições dos anjos de Satanás aos salvos manifestam-se de diferentes maneiras. Por exemplo, Eliseu sofreu esse tipo de oposição através de pessoas ímpias (2 Rs 6.13-16). Eliseu estava certo de que os exércitos sírios, que vinham para prendê-lo, não estavam sós. Eles tinham a ajuda e o estímulo dos anjos de Satanás, pelo que Deus enviou os seus anjos em livramento do seu servo. "O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos carros de fogo, em redor de Eliseu" (2

Rs 6.17). A oposição dos anjos maus aos crentes em Jesus pode se manifestar também por meio de diferentes tipos de tribulações e tentações, obstáculos à pregação do Evangelho, etc. Porém, é bom lembrar que, em todos os casos, esses anjos, ainda que agentes de Satanás, têm o seu poder limitado pela vontade e poder do próprio Deus. Eles são poderosos, mas não todo-poderosos. "Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1 Jo 4.4).

5. Reservados Para o Castigo Eterno

"Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo" (2 Pd 2.4). E aos anjos, os quais não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia (Jd v.6). Alguém poderá perguntar: "Haverá possibilidade de arrependimento e de salvação para os anjos caídos?" Evidentemente a resposta a esta indagação é "NÃO." Expliquemos porque: Os anjos perversos são maus, não porque foram criados assim, mas porque livre e espontaneamente rebelaram-se contra Deus. Não estamos em condições de dizer porque Deus não providenciou um redentor para os anjos caídos, como fez com o homem; porém, a razão sugerida vara responder a esta questão é que os anjos pecaram sem qualquer tentação, enquanto que Eva foi ludibriada por Satanás, e Adão, tentado por sua mulher (Gn 3.1-7).Que os anjos maus jamais poderão ser restaurados à santidade e ao convívio divino é fato sabido deles mesmos e não deve ser questionado pelos homens. A Escritura descreve de modo acentuado o fogo preparado para o Diabo e seus anjos, como fogo eterno (Mt 25.41), ao passo que os anjos bons foram confirmados em santidade e destinados a entrarem na glória eterna (Mt 18.10; 25.31). À pergunta: "Por que não seriam os anjos perversos restabelecidos ao favor de Deus?", Gerhard responde: "É melhor proclamar a filantropia e misericórdia admirável do filho de Deus para com a raça humana caída, que investigar além dos devidos limites a causa do justíssimo juízo pelo qual Deus entregou os anjos que dele apostataram, para que, nas cadeias da escuridão fossem lançados no inferno, ficando reservados para o juízo" (Doutrine Theological – Pág.215).

V. OS DEMÔNIOS

A origem dos demônios tem se constituído tema de especulação durante séculos,

não só entre os cristãos, mas também entre pensadores pagãos. Os gregos, por exemplo, acreditavam que os demônios fossem a alma desencanada dos homens maus, enquanto que alguns escritores cristãos são da opinião de que os demônios são espíritos duma raça que habitou a Terra antes da raça inaugurada com a formação de Adão.

1. A Existência dos Demônios

A existência de demônios foi reconhecida por Jesus, pelos setenta e pelos santos apóstolos do Senhor (Mt 8.28-32; 10.8; 12.27,28; Lc 10.17; 1 Co 10.20,21; 1 Tm 4.1; At 16.14-18; Tg 2.19). Jesus reconheceu a existência de demônios falando a respeito deles e para eles. Já os setenta, aos quais Jesus nomeou e enviou de dois em dois, tiveram de enfrentar os demônios, e retornaram como relatório de que os demônios se lhes tornavam sujeitos através do nome de Cristo. Antes de partir para estar com o Pai, Jesus prometeu poder aos continuadores da sua obra na terra. Ele lhes prometeu que a pregação do Evangelho seria acompanhada e confirmada por sinais e prodígios, dentre os quais a autoridade para expulsar demônios (Mc 16.18).

2. A Natureza dos Demônios

Quanto à sua natureza essencial, os demônios são descritos na Bíblia como seres dotados de inteligência pessoal (Mt 8.29,31; Lc 4.35,41; Tg 2.19; Mc 1.23,24; At 19.13,15); são seres espirituais (Lc 9.38,39,42; Mc 5.2,7-9,12,13,15) ao que parece, são espíritos destituídos de seus corpos (Mt 12.43,44; Mc 5.10-13); são muitos em número (Mc 5.9). Partindo da suposição de que os demônios sejam espíritos desencarnados, talvez de alguma raça ou ordem de seres pré-adâmicos, Bancroft emite a seguinte opinião: "Se forem realmente espíritos desencarnados, isso explicaria o fato de que procuram encarnar-se, pois, ao que parece, quando desencarnados são incapazes de operar na plena força de sua maldade. Não será que esses demônios são espíritos daqueles que palmilharam esta terra na carne, antes da ruína descrita no segundo versículo do Gênesis, e que por ocasião daquele grande cataclismo, foram desencarnados por Deus, e deixados ainda sob o poder de seu líder, de cuja sorte terão de compartilhar afinal? Há um fato freqüente registrado que, não há dúvida, parece confirmar tal hipótese: pois lemos que os demônios estão continuamente procurando apossar-se dos corpos dos homens, a fim de empregá-los para seus próprios fins. E não é igualmente possível

que essa propensão indique uma incômoda falta de sossego, pelo que vivem a vaguear, o que se origina do senso de serem incompletos; indique o intenso desejo de escaparem de uma condição intolerável - de estarem desencarnados - condição para a qual não foram criados? e indique um anseio tão intenso que, se não puderem satisfazê-lo doutro modo, se dispõem até mesmo a entrar nos imundos corpos dos porcos? "Não encontramos tal propensão da parte de Satanás e de seus anjos. Eles, sem dúvida, ainda retêm seus corpos etéreos, pois, de outro modo, como poderiam manter o seu conflito com os anjos de Deus? Provavelmente considerariam com grande desdém o grosseiro e desajeitado tabernáculo que é o corpo do homem. Os anjos, pode ser que entrem nos corpos físicos dos homens: isso, porém, não por inclinação, mas tão-somente porque isso se torna absolutamente necessário para a consecução de alguma grande conspiração do mal. Que os anjos não são meros espíritos desencarnados, parece claro pelas palavras de nosso Senhor, em Lucas 20.34-36" (Teologia Elementar – Imprensa Batista Regular - Págs. 291,292). Com esta opinião de Bancroft concorda grande número dos teólogos que se aventuram a pesquisar a origem dos demônios. Porém, o quase que total silêncio das Escrituras quanto a este assunto, parece sugerir que a origem desses seres de extrema maldade, se constitui em mais um dos incontáveis mistérios só plenamente conhecidos de Deus. Portanto, neste caso, a prudência nos recomenda não afirmar com certeza aquilo que a Bíblia não diz com clareza. Quanto à natureza moral, os demônios são maus e maliciosos - degenerados em seu caráter (Mt 8.28; Lc 4.33,36; 9.39); são vis e perversos - baixos em sua conduta (Mt 15.22; Lc 9.39); são servis e obsequiosos - degradados em seu serviço - o serviço que prestam a Satanás (Mt 12.24-27).

3. As Atividades dos Demônios

Os demônios têm o maligno poder de se apossarem dos corpos dos seres humanos e dos irracionais (Mt 4.24; 8.16,28,33; Mc 5.8,11-13; At 8.7); trazem aflição mental e física aos homens (Mt 9.32,33; 12.22; Mc 5.4,5; Lc 9.37-42). Produzem impureza moral (Mt 10.1; Mc 5.2; Ef 2.2; 2 Pd 2.10-12). Existem cinco aspectos ou fases nas relações dos demônios com os homens, assim definidos:

a) Tentação

Esta é a tentação na forma de sugestão espiritual. Essa misteriosa influência, vinda de um mundo invisível à qual tanto o não-crente como o crente estão

continuamente expostos, é referida muitas vezes na Bíblia, especialmente no Novo Testamento (Ef 6.11,12; 1 Jo 4.1)..

b) Obsessão

Este é o primeiro passo para a possessão demoníaca. Trata-se de domínio demoníaco que é resultado da entrega voluntária e habitual à tentação ou às tendências pecaminosas (Ef 4.17-29). Nesse estado, embora o indivíduo esteja sob horrendo domínio satânico, contudo é perfeitamente livre segue os ditames de sua própria vontade, e retém, sua própria personalidade.

c) Crise ou Transição

A crise ou transição é a fase caracterizada por uma luta em torno da posse, quando o indivíduo resiste à ação demoníaca, podendo algumas vezes ser bem sucedido (Mt 15.22-28; Tg 4.7; Ef 4.26,27).

d) Possessão

Com referência à pessoa, essa fase pode ser designada como sujeição e subserviência, e, com referência ao demônio, treinamento e desenvolvimento. A condição da pessoa é, a maior parte do tempo, saudável e normal, excetuando por ocasião do paroxismo, que ocorre na passagem do estado normal para o anormal. Uma das principais características dessa fase é a adição duma nova personalidade. Somente às pessoas que chegaram a essa fase é que se aplica, apropriadamente, o termo "possessão" (Mc 9.17-27; 5.2-13).

e) Capacidade Demoníaca

Esta fase é reconhecida quando a pessoa já desenvolveu capacidades para ser usada, e se dispõe para isso. Já é escrava do demônio, treinada, acostumada, voluntária - na linguagem espírita moderna, um "médium desenvolvido".

QUESTIONÁRIO

1.Os anjos foram criados ou são eternos como Deus? Explique.

2. Cite três expressões usadas nas Escrituras para designar os anjos de Deus.

3. Quanto ao número dos anjos de Deus, o que diz a Bíblia?

4. O que a carta aos Hebreus diz acerca dos anjos em relação aos salvos?

5. "Os filhos de Deus", mencionados em Gênesis 6.1,2, são anjos ou referem-se aos descendentes de Sete com os quais Deus tinha um concerto?

6. A Bíblia diz que os anjos são seres inteligentes; isto é a mesma coisa que oniscientes? Explique.

7. A que a Bíblia atribui à glória dos anjos?

8. Segundo a Bíblia, que é "arcanjo"?

9. Defina os "serafins", segundo a Bíblia.

10. Na Bíblia, o que representa os querubins?

11. Como a Bíblia apresenta o anjo Gabriel?

12. A Bíblia apresenta os anjos como seres poderosos; significa isso que os anjos são todo-poderosos? Explique.

13. De que modo os anjos agem como agentes de Deus em relação aos crentes?

14. Qual o papel que os anjos levarão a efeito na consumação dos séculos?

15. Segundo a Bíblia, quem era o Querubim ungido de Deus?

16. Qual o significado do nome "Lúcifer"?

17. Qual a causa da queda e condenação de Lúcifer?

18. Satanás é uma pessoa ou apenas uma influência? Explique.

19. Dê pelo menos três provas que Satanás é o agente da tentação.

20. Cite três recomendações feitas pela Palavra de Deus àqueles que estão sofrendo oposição e tentação da parte de Satanás.

21. O que acontecerá a Satanás na consumação dos séculos?

22. Os anjos caídos foram criados no princípio, por Deus ou por Satanás? Explique.

23. Onde habitam agora os anjos caldos.

24. Cite três expressões usadas; nas Escrituras para designar os anjos caídos nas regiões celestiais, nos ares.

25. Segundo Gerhard, por que os anjos perversos jamais serão restaurados ao favor divino?

26. Dê três provas bíblicas da existência de demônios.

27. Qual a Natureza dos demônios? Explique

28. Quanto às atividades dos demônios, o que se entende por "tentação"?

29. O que é obsessão?

30. O que é crise ou transição?

31. O que é possessão?

32. O que é capacidade demoníaca?

ESCATOLOGIA

ÍNDICE

I. O ESTADO INTERMEDIÁRIO

1. Onde Estão os Mortos?

2. Onde os Mortos Estão

a) Antes da Ressurreição de Cristo

b) Depois da Ressurreição de Cristo

3. Onde Estão os Crentes Mortos

4. A Presente Situação dos Ímpios Mortos

II. O CÉU

1. O Céu é um Lugar Indescritível

2. O Céu é um Lugar Real

3. O Céu é um Lugar Espaçoso

4. O Céu Fica em Cima

5. O Céu é um Lugar de Maior Conhecimento

6. O Céu é um Lugar de Santidade Perfeita

7. O Céu é um Lugar de Amor Santo

III. O INFERNO

1. O Inferno Existe

2. Os Maus Serão Castigados no Inferno

3. O Castigo no Inferno Será Eterno

IV. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

1. A Importância da Doutrina da Segunda Vinda de Cristo

a) Sua Proeminência nas Escrituras

b) É uma Chave Para a Compreensão das Escrituras

c) É a Esperança da Igreja

d) É um Incentivo Para o Viver Cristão

2. Sinais da Vinda de Cristo

3. Análise Desses Sinais

V. O ARREBATAMENTO DA IGREJA

1. A Ressurreição dos Mortos em Cristo

2. A Transformação dos Santos Vivos

3. A Rapidez Desse Evento

4. O Tribunal de Cristo

5. As Bodas do Cordeiro

VI. A GRANDE TRIBULAÇÃO

1. O Anticristo

2. O Falso Profeta

3. A Besta

4. A duração da Grande Tribulação

5. A Pior Fase da Grande Tribulação

6. Haverá Salvação Durante a Grande Tribulação?

7. Israel e Sua Fuga na Grande Tribulação

VII. A MANIFESTAÇÃO DE CRISTO EM GLORIA

1. Distinção Entre Arrebatamento da Igreja e a Manifestação de Cristo

2. A Batalha do Armagedom

3. O Julgamento das Nações

4. O Aprisionamento de Satanás

VIII. O MILÊNIO

1. Quem Participará do Milênio

2. O Milênio em Relação a Israel

3. O Milênio em Relação à Igreja

4. O Milênio em Relação ao Mundo em Geral

IX. OS EVENTOS FINAIS

1. A Última Revolta de Satanás

2. O Juízo Final

3. A Renovação dos céus e da Terra

4. O Eterno e perfeito Estado

ESCATOLOGIA

INTRODUÇÃO

O futuro se tem feito fator de preocupação e averiguação do homem em todos os tempos: em todos os lugares. Seja um cristão, um ateu ou um pagão, o homem vive permanentemente à procura da verdade concernente ao seu futuro e ao destino final do Universo no qual habita. Enquanto o homem racional indaga: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14.14) Indagam tantos

outros: Como podemos estar certos acerca da vida futura, relacionada com a existência presente? Para dar respostas a estas insistentes indagações do homem a Escatologia Bíblica abre a cortina do porvir, para revelar o Deus da História armando o palco onde se desenrolarão os grandes eventos preditos pelos profetas, pelo Senhor Jesus Cristo, e mostrados a João na sua visão em Patmos.Há, pois, grande conforto no estudo da doutrina das últimas coisas.

I. O ESTADO INTERMEDIÁRIO

A morte se tem feito tema de discussão e preocupação de todos os povos, independentemente da cultura e da religião que tenham. A partida de um ente querido para o Além, não apenas fere corações queridos, também levanta indagações dos que aqui ficam quanto ao futuro eterno do ente querido que partiu. Neste caso, a Bíblia é de inestimável valor, uma vez que ela fala, não apenas da vida presente, mas também fala da morte, do estado intermediário dos mortos e do que lhes aguarda no porvir.

1. Onde Estão os Mortos

Onde estão os mortos tem preocupado e se feito objeto de indagação de praticamente todas as religiões do mundo. Por exemplo, os antigos gregos acreditavam que os mortos eram introduzidos nas "Ilhas dos Bem-Aventurados", onde permaneciam aguardando o julgamento por três representantes do Mundo Subterrâneo. Se o morto tivesse sido bom durante a vida, e os juízes estabelecessem a sua retidão, ele podia entrar nos Campos Elísios, um tipo de paraíso. Ali, de acordo com a mitologia grega, os mortos estariam em uma terra de música, de ar doce e agradável. As almas boas viveriam ali para sempre, entre as alegrias simples de flores e campinas verdejante (Onde estão os Mortos? – Pág. 31) Outras religiões do mundo viam a morada dos mortos de maneira diferente, dentre as quais se destacam o Islamismo, o Budismo, o Hinduísmo, e o Espiritismo. Neste mundo de tantas religiões e de tanta confusão em matéria de fé, pergunta-se: "Com quem está a verdade, finalmente?" A resposta é simples: A verdade está revelada na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, e isso não deixa lugar para especulações, seja para quem for. A Palavra de Deus afirma enfaticamente que uma das razões porque Jesus veio a este mundo, foi para nos mostrar não apenas como termos vida abundante aqui, mas também vida eterna no Além. A Bíblia diz: "Segundo o poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com santa

vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (2 Tm 1.9,10). Aimortalidade sempre foi um fato inconteste nas Escrituras, mas foi necessário que Cristo a trouxesse à luz para que soubéssemos o que ela é e como podemos obtê-la.

2. Onde os Mortos Estão

As bênçãos resultantes da vinda do Senhor Jesus a este mundo são incontáveis. Elas se relacionam com tudo que concerne ao crente. Uma dessas bênçãos diz respeito aos filhos de Deus que já dormem ou vierem a dormir no Senhor. Na Glória celestial ser-nos-ão reveladas e usufruídas inumeráveis outras bênçãos derivadas da vinda de Jesus Cristo aqui. Elas têm alcance ilimitado, aqui e na eternidade.

a) Antes da Ressurreição de Cristo

Para compreender o ensino bíblico sobre o lugar para onde vão os mortos, é necessário observar o texto original tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. A palavra sheol, no Antigo Testamento, equivale em sentido a Hades, no Novo. Ambos os termos designam o lugar para onde, nos tempos do Antigo Testamento, eram levados todos os mortos: justos e ímpios, havendo, no entanto, nessa região dos mortos uma divisão para os justos e outra para os ímpios, separados por um abismo intransponível. Todos estavam ali plenamente conscientes. O lugar dos justos era de felicidade, prazer e segurança. Era chamado “Seio de Abraão” e "Paraíso". Já o lugar dos ímpios era (e ainda é) medonho, cheio de dores, sofrimentos, e os que aí habitam estão em plena consciência.

b) Depois da Ressurreição de Cristo

Antes de morrer por nós, Jesus prometeu que as portas do Inferno não prevalecerão contra a Igreja. Isto mostra que os fiéis de Deus, a partir dos dias de Jesus, não mais desceriam ao Hades, isto é, à divisão ali reservada para os justos. O texto de Mateus 16.18, indica futuridade em relação à ocasião em que foi proferido por Jesus. A mudança ocorreu entre a morte e a ressurreição do Senhor, pois Ele disse na cruz ao ladrão arrependido: "Hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). Escreve o apóstolo Paulo: "Quando ele [Jesus] subiu às alturas, levou

cativo o cativeiro, e concedeu dons aos homens. Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até as regiões inferiores da terra?" (Ef 4.8,9). Entende-se, pois, que Jesus ao ressuscitar levou consigo os crentes do Antigo Testamento, que jaziam no "Seio de Abraão". A muitos desses crente Jesus ressuscitou por ocasião da sua própria morte no Calvário, certamente para que se cumprisse o tipo prefigurado na Festa das Primícias (Lv 39.9-11) que profeticamente falava da ressurreição de Cristo (1 Co 15.20,23). Nessa festa profética havia pluralidade (o texto fala de "molho" ou "feixe"). Logo, no seu cumprimento deveria haver também pluralidade. E houve, conforme vemos em Mateus 27.52,53. Deste modo a obra redentora de Jesus no Calvário alcançou beneficamente não só os vivos, mas também aqueles que dormiam no Senhor.

3. Onde Estão os Crentes Mortos

O apóstolo Paulo foi ao Paraíso, o qual está no terceiro céu (2 Co 12.1-4). Portanto, o Paraíso está agora lá em cima, na imediata presença de Deus, e não em baixo, como dantes. As almas dos mártires da Grande Tribulação permanecerão no Céu, "debaixo do altar", aguardando o momento da ressurreição e ingresso do reino milenial de Cristo" (Ap 6.9,10; 20.4). Portanto, os crentes que agora dormem no Senhor, estão no Céu, pois o Paraíso está agora ali, como um dos resultados da obra redentora do Senhor Jesus Cristo" (2 Co 5.8). No momento do arrebatamento da Igreja, porém, seus espíritos virão com Jesus, unir-se-ão a seus corpos ressurretos, e subirão com Cristo, já glorificados.Depois que Cristo subiu para o Céu, a Bíblia nunca mais se refere ao Paraíso como estando "em baixo". Desse ponto em diante todas as referências no Novo Testamento sobre o assunto, falam da localização do Paraíso como estando "em cima" ou "no alto".

4. A Presente situação dos Ímpios Mortos

Para os ímpios mortos não houve qualquer alteração quanto ao seu estado. Continuam descendo ao Hades, o "império da morte", onde ficarão retidos em sofrimento consciente até o Juízo Final, após o Milênio, onde serão julgados e condenados ao Inferno eterno (Ap 20.13-15). Assim sendo, qualquer fantasma ou "alma do outro mundo" que porventura aparecer por aqui, é coisa diabólica, porque do Hades não sai ninguém. É uma prisão, cuja chave está nas mãos de Jesus (Ap 1.18). Alma doutro mundo não vem à Terra, pois os salvos estão em Jesus, e os perdidos que morreram estão encerrados para o grande dia do juízo do Grande

Trono Branco. O Diabo, sim, por enquanto está solto, vivo e ativo no planeta Terra.

II. O CÉU

O destino final e eterno da Igreja é sua habitação na eterna presença de Deus. A Bíblia e a doutrina cristã chamam isto de "céu". Mas, como é o Céu?

1. O Céu é Um Lugar Indescritível

Quando as pessoas perguntam qual a crença cristã sobre o Céu, não é possível dar uma resposta precisa e detalhada. As razões são óbvias. Como seria possível explicar a um índio que vive nas selvas do Xingu como é a cidade do Rio de Janeiro? Todavia, tanto ossilvícolas quanto os citadinos vivem no planeta Terra, respiram o mesmo ar e gozam dos benefícios do mesmo sol. Mas o Céu, como quer que ele seja, deve ser fundamentalmente diverso. Sua definição deve estar quase além do entendimento e imaginação do homem. A coisa mais importante que podemos dizer neste caso é que o Céu é onde Deus está. Em termos do livro de Apocalipse, "Deus habitará com os homens?" (Ap 21.3). O ponto alto da história bíblica da redenção levada a efeito por Deus é "a Cidade Santa", Deus com o seu povo. Em tal 'comunidade, Deus enxugará toda lágrima e não haverá mais pranto, luto, nem dor, "porque as primeiras coisas passaram" (Ap 21.4).

2. O Céu é um Lugar Real

Este mundo é apenas a porta de entrada no mundo do porvir. A existência presente é apenas a primeira página da eternidade à qual fomos destinados por Deus. Deste modo, no seu anseio por coisa melhor, o coração é levado a admitir a existência dum lugar melhor, para onde partirá a alma após a morte física. Lendo João 14.2,3, vemos que por duas vezes Jesus chama o Céu de LUGAR. Realmente o Céu é um lugar real, literal, físico. É um lugar na presença de Deus, um lugar que Cristo nos está preparando.

3. O Céu é um Lugar Espaçoso

Grandes metrópoles como as cidades do México Tóquio, Nova Iorque, Buenos Aires e São Paulo, se constituem em insignificâncias diante da imensidão que é o Céu. No começo da descrição da sua visão dos mártires glorificações, escreve o apóstolo João: "Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações e tribos, e povos, e línguas, que

estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos" (Ap 7.9).

4. O Céu Fica em Cima

A posição exaltada do Céu é encontrada ao longo de toda a narrativa bíblica. Sim, o Céu reserva maravilhosas perspectivas para aqueles que foram lavados no precioso sangue de Cristo; e a verdade é que, onde quer que esteja o Céu, está vinculado às bênçãos de Deus em Seu Filho, Jesus Cristo. Onde estão nossos entes queridos que são crentes, deve ser o bastante para satisfazer às nossas expectativas, esperanças e desejos (A Doutrina das Últimas Coisas – Imprensa Batista Regular – Pág. 25).

5. O Céu é um Lugar de Maior Conhecimento

Salomão diz que "ficar a alma sem conhecimento não é bom" (Pv 19.2). Certamente que Salomão fala da sabedoria deste mundo. Mesmo assim, esta sede de conhecimento se constitui num dos elementos de distinção entre os homens e os irracionais. O conhecimento que pertence a este mundo corresponde a importantes propósitos, porém "a excelência do conhecimento" só é encontrada em Cristo e na salvação que Ele oferece (Fp 3.8). Os santos na terra, quando comparados com os pecadores, são incomparavelmente sábios; porém comparados com os santos que estão nos Céu, sabem mui pouco. Há muitos textos nas Escrituras que falam da imperfeição do conhecimento dos crentes no estado presente. Diz a Bíblia que o que agora sabemos "sabemos em parte", e que agora não detemos a totalidade do conhecimento que adquiriremos no Céu. Na verdade ainda não é manifestado o que haveremos de ser (1 Co 13.12; Jo 13.7; 1 Jo 3.2).

6. O Céu é um Lugar de Santidade Perfeita

No Céu não há pecado. É um lugar de delícias. Os anjos são santos. Os redimidos estarão diante do trono sem mancha alguma. A santidade do Céu se constitui num dos seus mais poderosos atrativos. Quão profundamente nos impressionamos com a pureza desse lugar, ao recordar que as nossas almas jamais poderão ali entrar a menos que tenham sido purificadas até a última mancha de pecado! Não obstante aqui e agora o cristão seja molestado e afligido pelo pecado Que tão de perto nos rodeia no Céu estarão a salvo de toda e qualquer ação deletéria do pecado. No

Céu os salvos viverão para sempre nos domínios da pureza perfeita.

7. O Céu é um Lugar de Amor Santo

O Céu é um reino repleto de santo amor. Todos os santos daquele mundo dourado amam a Deus no sentido mais elevado. Diferentemente deste mundo hostil em que vive, ao chegar no Céu o crente poderá dizer convictamente: "Amo a cada um destes santos que aqui estão e cada um deles me amam". A satisfação derivada deste conhecimento nunca será perturbada por qualquer tipo de dúvida ou suspeita. Deste modo não nos deve admirar que Rowland Hill tenha dito: "Minha principal concepção do Céu é que é um lugar de amor" (Compendio de Teologia Cristiana – Casa Bautista de Publicaciones – Págs. 390, 393).

III. O INFERNO

Ao mesmo tempo em que é um grato privilégio referirmo-nos ao Céu como a morada dos justos, se constitui um solene dever reconhecer o ensinamento da Bíblia acerca do Inferno, o lugar onde os maus serão castigados. A tendência própria da doutrina do castigo futuro é separar o homem do pecado, assim como a doutrina da bem- aventurança futura o estimula e o atrai à santidade. Evidentemente, tudo o que tivermos de dizer sobre o Inferno como "lugar de tormento", deverá ser provado pelas Escrituras. Sem este auxílio, nosso raciocínio não é digno de crédito.

1. O Inferno Existe

É inegável que há um inferno, em vista dos seguintes textos das Escrituras:

-"Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o para longe de ti, pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno" (Mt 5.29)..

- "E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer parecer no inferno a alma e o corpo" (Mt 10.28).

-"Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno? (Mt 23.33).

-"E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga" (Mc 9.43).

-"Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei" (Lc 12.5).

Estas passagens provam de maneira enfática, que há um inferno, e que é um lugar terrível; pois se nos ensina que é prudente evitar o inferno, sendo preferível sermutilado ou sofrer a morte do corpo.

2. Os Maus Serão Castigados no Inferno

Que é castigo? É a imposição de uma pena por causa de desobediência. Impor uma pena sem haver desobediência, seria uma calamidade e não um castigo. Neste caso o castigo tem relação com o pecado, e, debaixo do governo de Deus, a pena é imposta por sua lei. É Deus quem executa a pena de morte eterna aos transgressores da sua lei. Segundo o ensinamento das Escrituras, os ímpios no Inferno serão castigados na medida do que requerem as suas faltas. Isto demonstra que o castigo será à medida da gravidade da falta, será gradual em intensidade e não quanto à duração, uma vez que as Escrituras mesmas dizem que o castigo será eterno.

3. O Castigo no Inferno Será Eterno

As palavras de Jesus são: "E irão estes para o tormento eterno" (Mt 25.46). Acerca do castigo dos maus, diz o apóstolo Paulo: "Os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder" (2 Ts 1.9). A destruição a que a Bíblia faz referência, não é aniquilamento, porque durará eternamente. E o processo de destruição que continuará para sempre. A doutrina do aniquilamento dos maus, ensinada por algumas seitas heréticas, não encontra apoio nas Escrituras. Como seus defensores não podem dá sequer um exemplo de aniquilamento no mundo material, como provar ser isto possível no mundo espiritual? Insistir nesta discussão é contrário tanto à filosofia quanto à Palavra de Deus. No seu DISCURSO AOS GREGOS ACERCA DOS HADES, o historiador judeu, Flávio Josefo, contemporâneo do Senhor Jesus Cristo, descreve o Inferno como um lugar "preparado para um dia predestinado por Deus, dia no qual haverá um justo juízo sobre todos os homens, quando os injustos e todos os que têm sido desobedientes a Deus e têm honrado os ídolos, serão mandados a este castigo eterno... enquanto os justos obterão um reino incorruptível que nunca desaparecerá".

IV. A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo será o mais momentoso evento que o mundo jamais testemunhou. Conforme descrita nas Escrituras, a segunda vinda de Cristo será precedida por uma série de sinais, e se desdobrará em duas fases distintas: O arrebatamento da Igreja composta de santos mortos que ressuscitarão, e de santos vivos que serão transformados; A manifestação triunfal, pessoal e visível de Jesus Cristo, acompanhado dos seus santos e anjos.

1. A Importância da Doutrina da Segunda Vinda de Cristo

A doutrina da segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, se reveste de grande importância quando buscamos compreender aquilo que Deus estará fazendo no futuro. Para melhor compreendê-la, estudemo-la levando em consideração os seguintes pontos:

a)Sua Proeminência nas Escrituras

Não obstante reconhecermos que muitas das profecias, concernentes ao segundo advento de Cristo, trazem no seu bojo alusão ao primeiro advento, não há como negar que as Escrituras distinguem os dois acontecimentos, destinando- maior volume de informação quanto ao segundo advento. Só o Novo Testamento se refere de maneira direta ao segundo advento de Cristo mais de trezentas vezes. Ou seja: um em cada vinte e cinco versículos do Novo Testamento trata da segunda vinda de Cristo.

b)É Uma Chave Para a Compreensão das Escrituras

A doutrina bíblica, como um todo, seria simplesmente ininteligível, caso fosse estudada separadamente das promessas referentes à segunda vinda de Cristo. Por exemplo, como compreender o tríplice ofício de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei, independentemente do conhecimento da verdade da sua segunda vinda? A salvação é mostrada como sendo uma experiência passada, presente e futura, mas nenhuma idéia adequada do aspecto futuro pode ser aceita separadamente da crença na volta do Senhor. De igual modo acontece com a doutrina da ressurreição e do triunfo final do bem sobre o mal.

c) É a Esperança da Igreja

Todo o sofrimento e tribulações pelos quais a Igreja peregrina passa na terra, inexplicáveis aqui e agora, encontram explicações na esperança da prometida e certa volta do Salvador. Paulo fala do retorno de Cristo como a esperança da Igreja: "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus?" (Tt 2.13). De igual modo disse Pedro: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre mortos" (1 Pd 1.3; 2 Pd 3.9-13).Ao contrário duma esperança escapista, a esperança da Igreja quanto à volta de Jesus, é o testemunho altaneiro de que o nosso porvir jaz além dos limites das esperanças e possibilidades deste mundo divorciado de Deus no qual vivemos até que sejamos promovidos à nossa verdadeira e definitiva habitação.

d)Ê Incentivo Para o Viver Cristão

A segunda vinda de Cristo não se constitui um fim em si mesma. Deste modo não há porque transformarmos este tema numa constante complementação de estrelas. Ao meditarmos na vinda de Jesus, antes mesmo de nos deixarmos possuir pelo desejo de partir e estar com o Senhor, devemos nos manter ocupados por viver aqui e agora vida santa e de corajoso testemunho acerca da salvação, no sentido de que muitos outros venham ao conhecimento de Cristo e assim escapem da ira futura. Certo cristão escreveu dizendo: "A vinda de nosso Senhor Jesus Cristo é um tema que me veio como uma segunda conversão. Mudou toda a corrente da minha vida, e transformou a Bíblia em um livro novo para mim. Creio que foi a âncora de minha fé em uma época de muita crítica e de vaguear ao sabor das águas de velhos canais".

2. Sinais da Vinda de Cristo

Apesar de o Senhor Jesus Cristo não haver revelado com exatidão o dia de sua volta, evento este que conduzirá à plenitude do Seu reino sobre a Terra, Ele fez questão de deixar algumas "coordenadas", através das quais podemos concluir estar longe ou pertoesse auspicioso dia. Aos seus discípulos que, em particular, lhe pediram: "Diz-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?", disse o Senhor Jesus Cristo: "Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras;

vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores. Então sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniqüidade, o amor se esfriará de quase todos" (Mt 24.3-12).

3. Análise Desses Sinais

Os fenômenos vaticinados por Jesus Cristo como sinais da consumação dos Séculos não parecem tão fenomenais assim, não é verdade? Afinal de contas, não é certo que sempre tivemos nações contra nações, guerras e rumores de guerras, fomes, terremotos e pestes? Assim sendo, como considerar a qualquer desses sinais como evidência a iminente volta de Jesus Cristo? Uma análise de Mateus 24.8, à luz do grego, poderá nos ajudar a compreender melhor o papel desses eventos como elementos prenunciadores da volta de Jesus. Na nossa Bíblia, versão de Almeida, parece apenas sugerir que esses eventos são o princípio dos sofrimentos, enquanto que o original grego diz que todas essas coisas são o princípio das dores de parto. Note, portanto, que Jesus não disse "sofrimentos" mas "dores de parto". Confessa Hal Lindsey: "Essa diferença de tradução me levou a pensar na experiência pela qual a mulher passa durante o parto. Visualizei o pai nervoso que aguarda o primeiro filho contando os intervalos entre as contrações dolorosas da parturiente, a fim de determinar a proximidade do nascimento. Não é a dor inicial em si que dá o sinal. Somente quando elas se tornam mais freqüentes, contínuas é que a mulher sabe que o bebê está prestes a nascer" (Os Anos 80: Contagem Regressiva Para o Juízo Final – Editora Mundo Cristão – Pág. 20). Notemos, portanto, que a simples presença no mundo os sete tipos de eventos vaticinados por Jesus, não eram sinais à serem observados. Só quando esses eventos, essas "dores de parto" se tornassem mais freqüentes e intensas, saberíamos que os últimos dias do sofrimento da Igreja e o nascimento duma nova era se aproximava. E sabemos que essa era se aproxima de forma apressada, pela intensidade e freqüência com que se manifestam os seguintes sinais preditos pelo Senhor Jesus Cristo: Proliferação de seitas falsas; Surgimento de falsos messias; O renascimento e avanço generalizado do ocultismo; Sinais naturais e físicos como

sejam: guerras, rumores de guerras, fomes, terremotos, pestes, etc., em vários lugares. Não estes sinais em si mesmos, mas a freqüência com que eles ocorrem, é que nos mostra que Cristo já não tarda voltar. E não há como negar que esses sinais anunciados por Jesus como indicadores da sua iminente vinda, se repetem com freqüência cada vez maior.

V. O ARREBATAMENTO DA IGREJA

O arrebatamento da Igreja compreende a primeira fase da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. Como um acontecimento profético-histórico o arrebatamento tem como centro de atenção a Igreja triunfante que velando aguarda o Salvador. A discussão e estudo da doutrina do arrebatamento ou rapto da Igreja, nos conduz, inevitavelmente à consideração dos seguintes eventos a ele pertinentes:

1. A Ressurreição dos Mortos em Cristo

O arrebatamento da Igreja será precedido pelo soar, no céu, do brado de Jesus, a voz do arcanjo de Deus. Será o suave soar dessa orquestra celeste que propiciará a ressurreição dos mortos em Cristo. Quanto a isto escreveu o apóstolo Paulo: "Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele... Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido e com a voz de arcanjo, e com a trombeta.de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" (1 Ts 4.14,16). Dessa ressurreição farão parte todos os crentes, desde Abel, até o último a morrer antes do arrebatamento. Uma vez que todos quantos dormem em Cristo, estão no Paraíso, é de se compreender que as suas almas desencarnadas, por ordem expressa de Jesus, descerão a onde os seus corpos jazem desintegrados em pó, daí ressurgindo um corpo glorioso e glorificado. É o que se revestindo da incorruptibilidade (1 Co 15.54). Quanto aqueles que morreram no seu pecado, sem o conhecimento do Cristo prometido ou manifesto, n o reviverão senão no final do governo milenial de Jesus Cristo" (Ap 5.20), para comparecerem perante o Grande Trono do Juízo Final.

2. A Transformação dos Santos Vivos

Diz o apóstolo Paulo: "Eis que vos digoum mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta ... nós seremos transformados. Porque convém

que isto que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade" (1 Co 15.51-53). Prossegue o apóstolo Paulo dizendo: "Dizemos-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem... nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles [os santos ressuscitados] nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4.15-17). Conclui-se, pois, à luz das Escrituras que:

-Existirão crentes vivos na terra por ocasião do arrebatamento da Igreja.

-Os santos vivos que aguardam a Cristo serão transformados à semelhança do corpo de Cristo, repentinamente, "num abrir e fechar de olhos", no momento do arrebatamento.

-Os santos vivos transformados, juntamente com os santos ressuscitados, formarão uma mesma grei e se encontrarão com Jesus nos ares, "e assim estaremos sempre com o Senhor".

A mente humana, por mais iluminada que seja, é incapaz de imaginar a grandeza e a miraculosidade desse momento, quando os nossos corpos corruptíveis, sujeitos a todo tipo de enfermidade e moléstias, assumirem a semelhança do corpo incorruptível do Salvador. E o poder energizante do Deus vivo removendo todas as nossas limitações físicas e comunicando aos nossos corpos a mesma substância' do corpo do Seu filho ressurreto. Cumprir-se-ão, então nesse momento as esperanças proféticas do apóstolo João: “... sabendo que, quando ele [Jesus] se manifestar: seremos semelhantes a ele; porque assim como é veremos" (1 Jo 3.2).Enfim, é o mortal se revestindo da Imortalidade.

3. A Rapidez Desse Evento

Paulo diz: "Num momento, num abrir e fechar de olhos ante a última trombeta, porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1 Co 15.52). Alguém disse que a duração de um piscar de olhos é de cerca de um milionésimo de segundo. A palavra grega para designar a rapidez desse momento é átomos, na qual extraímos a palavra átomo. Significa algo que não pode ser dividido. Desta forma, o arrebatamento da Igreja será tão veloz e súbito, que a duração de tempo em que ocorrer não pode ser humanamente dividido. Imagine isto: numa fração de segundo, todos os crentes vivos da terra

serão daqui tirados. De repente, sem nenhum aviso, somente os ímpios povoando o planeta terra! Será um quadro de inimaginável horror!

4. O Tribunal de Cristo

Ressuscitados os mortos em Cristo e transformados os santos vivos formarão um só corpo, e após se encontrarem com Cristo nos ares, esse corpo uno e indivisível, dará entrada no tribunal de Cristo, no Céu. Quanto a Isto, dizem as Escrituras: "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio o corpo, ou bem ou mal" (2 Co 5.10).O julgamento a ter lugar no Tribunal de Cristo não terá o mérito de determinar quem será e quem não será salvo. Não. Só os salvos comparecerão ali. Se antes, nenhuma condenação havia para os que estão em Cristo Jesus, tampouco ali será lugar de condenação. Como pecador, o crente já foijulgado em Cristo na cruz e absolvido pela graça e misericórdia de Deus. Como filho, foi julgado durante a ua peregrinação aqui na terra. Perante o Tribunal de Cristo o crente será julgado como servo, para aquisição de galardão. Jesus explicou isto na parábola dos trabalhadores da vinha, quando disse: "E, aproximando-se a noite diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros" (Mt 20.8). Diante do Tribunal de Cristo serão manifestas não só as nossas obras, mas também a fonte de suas motivações. Quanto a Isto devemos atentar para o que a Bíblia diz: "Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já esta posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia o declarará, porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como que pelo fogo" (1 Co 3.11-15).

5. As Bodas do Cordeiro

Findo o julgamento do Tribunal de Cristo, a Igreja fiel será chamada a ter acesso à sala do banquete da festa das Bodas do Cordeiro. Cristo e a Igreja se tomarão o centro das atenções de todos os seres celestiais. A cerimônia de casamento do príncipe herdeiro do trono da Inglaterra, mostrada pela TV para quase todo o mundo, tem o seu brilho eclipsado diante da glória e esplendor da cerimônia de

casamento do Cordeiro (Cristo) e a sua Noiva (a Igreja) naquele dia memorável. Cumprir-se-á, finalmente o anseio de Jesus, expresso na sua oração sacerdotal: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da fundação do mundo" (Jo 17.24). Durante as Bodas do Cordeiro, a Igreja será vista no aspecto universal. Ali estarão juntos todos os santos do Antigo e Novo Testamento. Todos os crentes do Oriente e do Ocidente tomarão assento à sua mesa (Mt 8.11). O que é mais importante, Cristo mesmo servirá aos seus, numa eterna demonstração de amor e serviço àqueles que na terra foram comprados pelo seu sangue e poder eterno.

VI. A GRANDE TRIBULAÇÃO

Ao mesmo tempo em que o Céu está em festa decorrente da chegada triunfal de todos os remidos de todas as épocas, a terra estará a sofrer uma tribulação sem precedentes na sua história. A esse período de trevas pelo qual os habitantes da terra passarão, a Bíblia chama de "A Grande Tribulação". Será um período de cerca de sete anos, durante os quais o Anticristo, a Besta e o Falso Profeta (uma espécie de trindade satânica), assumirão o governo do mundo, e quando as taças da ira divina estão sendo derramadas sobre os que habitam na terra. Será um período de indescritível horror.

A Igreja, porém, estará em gozo no monte da salvação de Deus.

1. O Anticristo

O Anticristo será um gentio que se levantará dentre as nações. Com o apoio dos governantes do mundo da época, exercerá domínio sobre todos os povos, com a proposta de restabelecer a ordem em meio à desordem e à confusão causadas no mundo por causa do inexplicável desaparecimento de milhões de pessoas decorrente do arrebatamento da Igreja. Será um homem, de carne e osso, personificando o Diabo, porém, apresentando-se como se fosse Deus.Resumidamente, sobre a ação do Anticristo nessa época da história, escreve o profeta Daniel: "Este rei [o Anticristo] fará segundo a sua vontade, e se levantará e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses, falará coisas incríveis, e será próspero, até que se cumpra a indignação, porque aquilo que está determinado será feito" (Dn 11.36). O Anticristo será um personagem detentor

duma habilidade e capacidade de operar o mal até então desconhecidas. Sua capacidade de operar o mal e afligir as pessoas só pode ser comparada à maldade do próprio Diabo, seu mentor e inspirador. Quando comparados com o Anticristo, ditadores tais como Nero, Stalin, Hitler e Mussolini, são comparados a Inofensivos bebês de colo.De acordo com a narrativa de Daniel, o Anticristo:

-“Fará segundo a sua vontade”: não se submeterá nenhuma autoridade, da terra ou do Céu.

- “Se, levantará, e se engrandecerá sobre todos os deuses”: abolirá toda e qualquer forma de culto até então existente, atribuindo a si mesmo o valor de divindade,

- “Se levantará e se engrandecerá... Contra o Deus dos deuses”:aqui jaz o cúmulo da maldade desses “filhos da desobediência".

-"Falará coisas. incríveis": será um orador dor inflamado e duma oratória jamais assemelhada por homem algum.

-"Será próspero": o seu governo gozará duma prosperidade repentina, prosperidade que será transformada num verdadeiro caos com a manifestação de Cristo em glória.

2. O Falso Profeta

O Falso Profeta, principal associado do Anticristo durante a Grande Tribulação, é identificado pelo apóstolo João, nas seguintes palavras: "Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro mas falava como dragão" (Ap 13.11). O Falso Profeta será uma espécie de "ministro de culto" do governo do Anticristo enquanto durar a Grande Tribulação. Ele promoverá um grande avivamento religioso mundial, juntando todas as seitas e credos religiosos existentes na época, formando uma super-igreja mundial. Ele também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu fará descer à terra, diante dos homens" (Ap 13.13). Evidentemente serão prodígios de mentira, operados segundo a eficácia de Satanás" (2 Ts 2.9).

3. A Besta

A Bíblia diz três coisas sobre. a Besta: seu nome, seu número e sua marca. No momento, só o seu número é revelado: 666. A pessoa e o nome só serão revelados após o arrebatamento da Igreja. Note o que diz o apóstolo Paulo:

"Porque já o mistério da injustiça opera: somente há um que agora resiste até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda" (2 Ts 2.7,8). O número 6 repetido três vezes em relação à Besta, fala da suprema exaltação do homem, cujo número da numerologia bíblica é 6. O 6 três vezes, pode significar o homem exaltando-se a si mesmo como se fosse Deus, a exemplo do que fez Lúcifer no princípio. "Quanto à Besta ter número, convém notar que as nações mais adiantadas projetam pôr em prática um sistema de números permanentes para todos os cidadãos, a partir do nascimento ou da naturalização, visando ao controle total da população. Os computadores já estão fazendo isso, controlando animais e mercadorias. Entramos na era em que tudo será controlado à base de números. Em todos os países já há muita coisa controlada à base de números permanentes" (O Calendário da Profecia – CPAD – Pág. 54).

4. Duração da Grande Tribulação

A Grande Tribulação abrangerá um período de sete anos, dos quais os piores serão os últimos três anos e meio. Quanto a este período, diz a Escritura que o Anticristo "proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (Dn 7.25). "E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu" (Mt 24.21,22). O sofrimento nesse tempo será de tal monta que se durasse mais tempo, ninguém escaparia com vida. Note o que disse Jesus sobre essa época da história da humanidade: "Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias" (Ap 17.16).

5. A Pior Fase da Grande Tribulação

A pior fase da Grande Tribulação será quando o Anticristo romper sua aliança feita com os judeus, e começar a persegui-los. Tal fato ocorrerá quando ele exigir adoração e os judeus se recusarem a prestá-la. Os "santos" perseguidos pela Besta, referidos em Daniel 7.21,25 e Apocalipse 13.7, são em primeiro plano os

judeus, e secundariamente os gentios crentes, os quais sofrerão o martírio por causa do nome de Jesus por se negarem receber o sinal da Besta. Rompida a sua aliança com os judeus, o Anticristo romperá com a igreja apóstata que lhe deu sustentação religiosa até então, e a destruirá (Jr 25.29-32; Ap 13.7,8). Havendo destruído a igreja falsa, o Anticristo implantará o sistema de adoração de si mesmo. Apesar da Grande Tribulação visar em primeiro lugar os judeus, o mundo inteiro sofrerá os seus efeitos (Ez 20.34-37; Jr 30.7; Zc 14.2; 13.8,9; 12.9; Rm 11.26,27; Mt 23.39). Porém, só os judeus se arrependerão dos seus pecados e se converterão a Deus como resultado desse período de tribulação indescritível (Mt 24.29; Ag 2.9). Será nesse tempo de justiça divina quando as sete piores pragas, sob as taças de juízo, serão derramadas na terra, como registram os capítulos 15 e 16 do livro de Apocalipse. Nesse tempo, as forças da natureza que operam nos céus entrarão em convulsão (Ap 6.9-11; 7.9-11).

6. Haverá Salvação Durante a Grande Tribulação?

De que haverá salvação durante a Grande Tribulação, dão provas os seguintes textos das Escrituras: Joel 2.32 e Apocalipse 6.9-11; 7.9-11,14; 12.17; 15.2 e 20.4. Certamente que as condições espirituais prevalecentes durante a Grande Tribulação não serão tão favoráveis quanto hoje. Tremendas trevas espirituais envolverão o mundo e o terror do Inferno atormentará o coração dos homens. Apesar de todo esse quadro adverso na sua visão de Patmos, João viu uma grande multidão formada de judeus e gentios, salvadurante o reinado do Anticristo (Zc 12.3; 14.2). No meio dessa multidão inumerável estarão aqueles crentes que não subiram no arrebatamento da Igreja, que, despertados por tal fato, decidirão por permanecer fiéis a Jesus, a despeito de toda qualquer prova de sofrimento. Deste modo não pairam dúvidas, de que haverá conversões durante a Grande Tribulação.

7. Israel e Sua Fuga na Grande Tribulação

No seu intento de destruir os judeus, o Anticristo conduzirá seus exércitos contra a cidade de Jerusalém. Quanto a isto diz o Senhor: "E acontecerá naquele dia que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que carregarem com ela certamente serão despedaçados, e ajuntar-se-ão contra ela todas as nações... Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, eas casas serão saqueadas, e as mulheres

forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o resto o povo não será expulso da cidade (Mt 24.20; Is 16. 1-5; Ez 20.35-38; Os 2.14; Dn 11.40,41; Sl 60.9; Ap 12.6,13,14). Acossados pelas forças que estarão sob o comando do Anticristo, parte de Israel buscará e encontrará refúgio nos montes e abrigos naturais nos territórios de Edom, Moabe e Amom (Dn 11.41). Em razão disto, estas três províncias serão poupadas do juízo divino durante a investida arrasadora do Anticristo contra Israel (Is 52.8).

VII. A MANIFESTAÇÃO DE CRISTO EM GLÓRIA

Quando Jerusalém estiver cercada pelos exércitos do Anticristo, e aos judeus não restar escape, então eles clamarão angustiados em busca do auxílio de Deus. "Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente vêem o retorno do Senhor a Sião" (Mt 24.20; Ap 1.7; Zc 14.4,5; Ap 19.11-16). Em resposta ao aflitivo clamor dos filhos de Israel, "aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória" (1 Ts 4.17).

1. Distinção Entre Arrebatamento da Igreja e a Manifestação de Cristo

Cremos já não haver nenhuma dúvida quanto a afirmação anteriormente feita, de que a segunda vinda de Cristo se dará em duas fases: arrebatamento da Igreja, e manifestação pessoal de Cristo em glória. Na primeira fase, o arrebatamento da Igreja, Cristo virá para os seus. Não tocará os seus pés na terra, tampouco será visível ao mundo. Ele virá até as nuvens onde receberá a sua Igreja triunfante para que com Ele adentre às mansões celestiais. Já na segunda fase, a manifestação propriamente dita, sete anos após a primeira, Cristo virá com os seus. Nesse momento, sim, todo olho o verá, não como um Cristo abatido e humilhado, mas exaltado e triunfante. Paulo se refere à primeira fase da vinda de Cristo para os seus, nos seguintes termos: “... nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (Zc 14.4). Já o profeta Zacarias referindo-se à segunda fase da vinda de Jesus, profeticamente vislumbra o seguinte quadro: "Naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras,

que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio..." (Zc 12.3,9; 14.2).

2. A Batalha do Armagedom

O profeta Zacarias descreve o palco da grande batalha do Armagedom nos seguintes termos: “... contra ela [Jerusalém] se ajuntarão todas as nações da terra... Naquele dia [diz o Senhor] procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém... Então sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha" (Ap 19.20; 2 Tm 2.8). A palavra "Armagedom" significa "monte de Megido". Também conhecido como a planície de Jezreel, nesse amplo e espaçoso lugar, os exércitos do Anticristo estarão congregados para aquilo que poderia ser o ataque decisivo contra a cidade de Jerusalém. Será neste momento de apertura dos judeus, que se dará a manifestação de Jesus, revestido com poder e glória, pronto a pelejar pelo seu povo. A batalha anteriormente analisada como um confronto de proporções puramente humanas, assume feições duma guerra entre Jesus Cristo e Satanás. O triunfo de Jesus sobre os exércitos do Anticristo em Armagedom será esmagador. Destruídos os exércitos hotis a Israel, o triunfo final de Cristo será coroado com confinamento do Anticristo e do Falso Profeta no Lago de Fogo e Enxofre, que é o Inferno final (Mt 25.31-34,41,46).

3. O Julgamento das Nações

Vencedor da Batalha do Armagedom, agora, Cristo estabelece o julgamento das nações (Jo 3.2,12). Atente para o fato de que o julgamento é de "nações" e não de "indivíduos". A Bíblia diz que esse julgamento se dará no Vale de Josafá (O Calendário da Profecia – CPAD – Pág.73), local até aqui desconhecido. O propósito desse julgamento é determinar quais nações terão participação no Milênio. Assim compreendido não ha dúvida de que nações tomarão parte do Milênio, enquanto que outras serão completamente aniquiladas. "Conforme está escrito em Mateus 25, haverá três classes de nações nesse julgamento: 'ovelhas', 'bodes’ e Irmãos'. Somente nações-bodes e nações-ovelhes serão julgadas. 'Irmãos', devem ser os judeus - os irmãos de Jesus segundo a carne... 'Ovelhas' devem ser os Povos Pacíficos, amigos, protetores e defensores de Israel: Bodes devem ser os povos sanguinários, belicosos, e hostis a Israel, e, que seguiram e adoraram o Anticristo (Mt 25.34). Enquanto que para as "nações-bodes" está destinado o Inferno; às nações tipo "ovelhas"'; dirá o senhor Jesus Cristo: "Vinde,

benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Ap 20.1-3). O "reino" aqui referido não é o Céu, mas, sim, o reino milenar de Cristo sobre a Terra.

4. O Aprisionamento de Satanás

Na sua visão em Patmos, dentre tantas coisas que lhe foram reveladas, João teve a seguinte são: "E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, ate que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco tempo" (Estudos Sobre o Apocalipse – CPAD - Pág. 240). Por enquanto Satanás não será ainda lançado no Lago de Fogo, mas é posto numa prisão, de onde não poderá sair para perturbar as nações, enquanto durar o governo milenial de Cristo. O aprisionamento de Satanás, como bem disse o apocalipsista Armando Chaves Cohen, "não significa que o povo se tornará tão esclarecido que Satanás, ainda que deixado livre, não pode mais continuar a enganar, e assim está 'virtualmente amarrado'... Não é sobre o povo da terra que se opera a mudança, nem é dele que se fala aqui, mas sobre Satanás: ele é amarrado e encarcerado. Não se diz que o povo, isto é, a humanidade, torna-se tão instruída, tão fortificada contra os ataques do Maligno de modo a ficar imune, enquanto o Diabo mesmo é deixado livre para continuar sua obra. Não. Satanás em pessoa é agrilhoado e preso. Isto não significa outra coisa. O fechar e guardar todas as casas de uma cidade não seria a mesma coisa com a prisão e encarceramento do ladrão. Não se trata de prevenção contra Satanás. Significa, realmente, que ele foi amarrado e lançado na prisão pelo período de mil anos" (O Fruto Glorioso do Planeta Terra – Editora Betânia – Pág. 239).

VIII. O MILÊNIO

Ao aprisionamento de Satanás seguir-se-ão mil anos de paz e de governo perfeito sob o reinado de Sua Majestade, o Senhor Jesus Cristo, assinalando o começo duma nova dispensação. Esse período de mil anos de governo de Jesus Cristo ainda não é o princípio de um mundo novo, mas tão somente o fim de um mundo antigo. O que o sábado judaico é para a semana, assim será o Milênio para a era presente. Haverá um governo perfeito durante o reino milenial de Cristo e seus santos; mas não haverá um mundo perfeito (Ef 1.10). No seu aspecto mais

abrangente, o Milênio terá os seguintes propósitos:

- Fazer convergir em Cristo todas as coisas, isto é, toda a criação (1 Co 15.24-28).

-Estabelecer a justiça e a paz na terra, eliminando toda rebelião contra Deus (Is 2.3; 60.20; Zc 8.3,22,23; 14.16; Jr 3.17).

-Fazer convergir nele (o Milênio) todas as alianças da Bíblia.

-Fazer Israel ocupar toda a terra que lhe pertence e fazê-lo cabeça das nações.

-Cumprir as profecias a respeito do Messias.

-Satisfazer o anseio dos filhos de Deus que estão continuamente a orar: "Venha o teu reino".

1. Quem Participará do Milênio

Dois grupos de povos distintos tomarão parte no Milênio: os crentes glorificados, consistindo dos santos do Antigo e do Novo Testamento, da Igreja triunfante, dos santos oriundos da Grande Tribulação; e os povos naturais, em estado físico normal, vivendo na terra, a saber: judeus salvos saídos da Grande Tribulação, gentios poupados no julgamento das nações, e o povo nascido durante o Milênio propriamente dito. No estado glorificado, os salvos não estarão limitados à terra. Seus corpos ressurretos não estarão sujeitos às limitações do tempo e do espaço como quando estavam em seus corpos mortais. Pelo contrário, serão como os anjos, dotados de corpos espirituais, não sujeitos às limitações da matéria.

2. O Milênio em Relação a Israel

Uma vez que um grande e majestoso templo deverá ser construído em Jerusalém durante o Milênio, é admissível que alguns dos sacrifícios do Antigo Testamento ve nham a ser oferecidos a Deus aí. A diferença básica entre esses sacrifícios a serem oferecidos e os oferecidos nos dias do Antigo Testamento, é que esses apontavam para o que Jesus haveria de fazer, enquanto que aqueles são um memorial do que Jesus já fez. Além da restauração e revigoramento do culto a Deus, em Jerusalém, Israel alcançará muitas outras bênçãos no Milênio, dentre as quais se destacam a plena posse da terra prometida, e o privilégio da nação vir a ser uma bênção para todo o mundo da época. Jerusalém será a sede do governo milenial e mundial de Cristo (Is 22; Mq 4.2). De Jerusalém sairão tanto as diretrizes religiosas como as leia civis para o mundo. Os grandes centros de decisões

políticas do mundo atual, caso ainda existam no Milênio, cederão ao poder e ao esplendor emanentes de Jerusalém. Pois, diz a Bíblia que tanto a "lei" como "a palavra do Senhor" sairão de Jerusalém (Is 2.3; Zc 8.20-23).

3. O Milênio em Relação à Igreja

No Milênio a Igreja estará glorificada com Cristo na Jerusalém celeste. A Igreja exercerá a co-regência com Cristo durante esse período áureo da história da humanidade. Revestidos dum corpo glorioso e glorificado, os salvos estarão acima das limitações do tempo e do espaço sujeitos quando ainda em seus corpos mortais. Terão um corpo como o de Cristo ressurreto, que se locomove sem obstáculos e sem barreiras. Assim como na transfiguração de Cristo, Moisés e Elias não estavam sujeitos às limitações físicas, de igual modo os componentes da igreja, no Milênio não estarão sujeitos a essas limitações. Em todas as passagens que aludem à Igreja no Milênio, os salvos são sempre designados como em glória, glorificados e em lugares sublimes com o Senhor. Evidentemente tudo quanto imaginarmos e dissermos acerca da glória futura da Igreja, está mui aquém do que isso realmente significa.

4. O Milênio em Relação ao Mundo em Geral

Durante o Milênio o mundo será saturado do conhecimento de Deus. Caravanas procedentes das mais diferentes nações irão a Jerusalém buscar a lei do Senhor (Ez 39.29; 36.27). Certamente que o pecado não será de todo erradicado da terra. Não. A natureza humana continuará a mesma, porém, devido ao aprisionamento de Satanás e às bênçãos do reinado e da presença pessoal de Cristo, ninguém estará impossibilitado de se submeter ao senhorio de Jesus Cristo. Serão tantas as facilidades e condições e obediência a Cristo, que ninguém poderá se desculpar em não lhe obedecer. Quanto à maneira como os habitantes da terra nesse tempo serão visitados pelo Senhor, diz o próprio Deus: "Já não esconderei deles o meu rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus ... Porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Is 2.4). Durante o Milênio, o antagonismo será removido de entre os homens. A ciência e o progresso atingirão o seu apogeu e alcançarão o fim a que se propuseram. Fronteiras já não existirão como

obstáculos à penetração de estrangeiros. As casas já não precisarão de fechaduras e cadeados. Moléstias tais como o câncer, a lepra e a AIDS já não ceifará vidas na proporção que conhecemos hoje. Não haverá mortandade entre as crianças. As nações já não necessitarão de exércitos armados para guarnecer as suas fronteiras, pois "estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra" (Rm 8.19-22). No Milênio, a própria terra, como habitat do homem, passará por transformações que alterarão sensivelmente, para melhor, o seu clima e a sua produtividade. De igual modo os animais sofrerão mudança na sua natureza durante essa época áurea. A ferocidade deles será removida para dar lugar à docilidade. Não mais se atacarão, nem representarão qualquer ameaça ao homem. Toda a criação, afetada que foi pela queda do homem, de igual modo participará das bênçãos decorrentes do governo milenar de Cristo (Ap 20.7)..

IX. OS EVENTOS FINAIS

Terminado o Milênio, Satanás que fora preso antes, será novamente solto por um breve espaço de tempo (Ap 20.7,8). Essa soltura momentânea de Satanás, servirá para o seguinte: Primeiro: Provar aquelas pessoas que nasceram durante o Milênio; Segundo: Revelar que o coração do homem não-convertido, permanece inalterado, mesmo no reino pessoal do Filho de Deus; Terceiro: Demonstrar pela última vez quão pecaminosa é a natureza humana, e que o homem por si mesmo jamais se salvará, mesmo sob as melhores condições; Quarto: Demonstrar que Satanás é completamente incorrigível.

1. A Última Revolta de Satanás

"E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da uma prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha" (O Calendário da Profecia – CPAD – Pág.90). Gogue e Magogue e.m Apocalipse 20.8 são as nações rebeladas contra Deus, instigadas por Satanás, e conduzindo um furioso ataque contra os santos. Segundo análise do mestre Antonio Gilberto, não se trata absolutamente de Gogue e Magogue de Ezequiel 38 e 39, e em seguida dá as razões para o seu argumento.

Gogue, em Ezequiel 38-39

Ez 38.2- 6 - Gogue é um bloco de nações

Ez 38.6-15 - Gogue vem do norte

Ez 38.16 - Gogue age por um ato divino

Ez 38.21,22 - Gogue é destruído por espada

Ez 39.11-13 - Gogue é sepultado em Israel

Ez 30,39 - Gogue vem antes do Milênio

Gogue, em Apocalipse 20

Ap 20.8 - Gogue é todas as nações

Ap 20.8 - Gogue envolve toda a terra

Ap 20.7,8 - Gogue é movida pelo o diabo

Ap 20.9 - Gogue é destruído por fogo do céu

Ap 20.9 - Gogue é totalmente destruído pelo fogo

Ap 20 – Gogue é vem após o Milênio (Ap 20.9,10).

A sorte de Satanás e desses povos que por ele se deixaram iludir está selada nas seguintes palavras: “... mas desceu fogo do céu, e os devorou. E o Diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.11,12).

2. O Juízo Final

Em seguida ao aprisionamento de Satanás, e o seu conseqüente encarceramento no Lago de Fogo e Enxofre, será estabelecido o Juízo do Grande Trono Branco, O juízo final. Quanto a esse momentoso evento, diz o apostolo João: "E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, quê estavam diante do trono; e abriram-se os livros; e abriu-se outro, que é o da vida; e os mortos foram Julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras" (Ap 3.21).É nessa época que os ímpios mortos em todos os tempos experimentarão uma ressurreição própria para, diante do trono de Deus, ouvir a

sentença final condizente com as suas obras. Os salvos por Cristo não passarão pelo vexame desse julgamento, uma vez que já estão glorificados por Cristo. Mais do que isto, os santos vencedores estão assentados em tronos como assistentes de Cristo nesse julgamento final (2 Pd 3.7,10-13). Ninguém será suficientemente esperto para fugir do juízo final. Diante do trono do juízo de Deus estarão "grandes e pequenos". Grandes e pequenos, aqui, não significam adultos e crianças, mas senhores e servos sábios e indoutos, ricos e pobres. Refere-se a classes sociais e não a faixa de idade. Os mortos salvos durante o Milênio certamente ressuscitarão nessa ocasião para serem também recompensados com a vida eterna. Só assim se explica a presença do livro da vida nesse julgamento. Todos quantos comparecerem perante o Grande Trono Branco, independentemente da classe social a que pertenceram ou da religião da qual foram adeptos, serão Julgados segundo a reta justiça de Deus.

3. A Renovação dos Céus e da Terra

Escreve o apóstolo Pedro: "Mas os céus e a terra que ora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios... Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, as obras que nela há, se queimarão. Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em tanto trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (Cl 1.20). Uma vez que não só a terra, mas todo o espaço sideral também está contaminado pelo pecado e pela ação deletéria do Diabo, não apenas a terra, mas também os céus sofrerão a ação purificadora de Deus na consumação dos séculos. Será a desordem do homem, do pecado e do Diabo, sendo abolida, para dar lugar à ordem e à harmonia de Deus.

4. O Eterno e Perfeito Estado

Consumado todo o plano de Deus para o final dos séculos, haverá perfeita harmonia entre o céu e a terra. Cumprir-se-á na sua íntegra a profunda declaração do Espírito Santo através de Paulo, quanto ao alcance final da obra de Cristo: "E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele

reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Ap 22.3). Nesse tempo "céu e terra hão de ser a mesma grei", como bem diz o poeta sacro. Sim, porque o muro de separação (o pecado) foi totalmente desfeito. Tudo quanto é santo, perfeito e belo, se associa ao terno e perfeito estado quando a ordem divina abolir e substituir o caos hoje dominante no reino dos homens. A esse estado por vir, se associam:

a)Santidade perfeita (Ap 22.3).

b)Governo perfeito (Ap 22.3).

c)Serviço perfeito (Ap 22.4).

d) Visão perfeita (Ap 22.4).

e) Identificação perfeita (Ap 22.5).

f)Iluminação perfeita (O Calendário da Profecia – CPAD – Pág. 101,102).

g) Interação perfeita (1 Co 15.28).

Começam aqui as eras eternas, quando Deus é tudo em todas as coisas.

QUESTIONÁRIO DE ESCATOLOGIA

1.Defina a crença dos antigos gregos quanto ao destino dos mortos.

2. O que ensina as Escrituras quanto à imortalidade da alma?

3. Antes da ressurreição de Cristo, onde jaziam os mortos? .

4. Depois da ressurreição de Cristo onde jazem os mortos?

5. Explique o que se entende por "Seio de Abraão".

6. Dê três características do Céu.

7. Cite três referências bíblicas alusivas ao Inferno como um lugar real e literal.

8. Quanto ao Inferno, o que escreveu Flávio Josefo no seu livro "Discurso aos Gregos Acerca do Hades"?

9. A segunda vinda de Cristo se desdobrará em duas fases distintas: Cite-as.

10. Dê três razões que expliquem a importância da doutrina da segunda vinda de Cristo.

11. Que sinais Jesus deu como indicadores da sua volta?

12. O que se entende pela expressão de Jesus, "princípio das dores"?

13. Quais os dois primeiros eventos a terem lugar na terra no momento do arrebatamento da Igreja?

14. O que será o Tribunal de Cristo? Descreva-o.

15. Faça uma síntese da pessoa e obra do Anticristo durante a Grande Tribulação.

16. Quem será e o que fará o Falso Profeta?

17. Quem será e o que fará a Besta durante a Grande Tribulação?

18. Dê a duração da Grande Tribulação e os pontos relevantes dela.

19. Haverá salvação durante a Grande Tribulação? Explique.

20. Qual a distinção básica entre o arrebatamento da Igreja e a manifestação de Cristo em glória?

21. Como se dará a batalha do Armagedom?

22. No julgamento das nações, o que se entende por "ovelhas", "bodes" e "irmãos"?

23. Antes de que grande fase da história se dará o aprisionamento de Satanás?

24. Sintetize o que será o Milênio.

25. Que relação haverá entre o Milênio e a nação de Israel?

26. Explique a última revolta de Satanás, que culminará com o seu cativeiro eterno.

27. Quem será julgado no Juízo Final?

28. O que se entende por "grandes e pequenos" que comparecerão perante o Grande Trono Branco para julgamento?

29. Indique na Bíblia uma promessa de que os céus e a terra passarão por um processo de purificação.

30. O que se entende, pela Bíblia, acerca do eterno e perfeito estado?

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALLISON, H.B. **A Doutrina das Últimas Coisas.** Imprensa Batista Regular, 1971.

BANCROFT, E.M. **Teologia Elementar.** Imprensa Batista Regular, 1966.

BERKHOF, L. **Manual de Doutrina Cristã.** Luz Para o Caminho/Ceibel, 1985.

BLOOMFIELDE, A.E. **O Futuro Glorioso do Planeta Terra.** Editora Betânia, 1974.

COHEN, A.C.**Estudos sobre o Apocalipse.** CPAD, 1987.

FRELING, H.M. **Os Oitos Pilares da Salvação.** Editora Betânia, 1968.

GIBBS, C.B. **Doutrina da Salvação.** EETAD.

GILBERTO, A. **Maturidade Cristã n°4** (4° trimestre de 1985) – CPAD, 1985.

GILBERTO, A. **O Calendário da Profecia.** CPAD, 1985.

HARVEY, H. **La Iglesia – Su Forma de Gobierno e Sus Ordenanzas.** Editora Mundo Hispano, 1982.

HUMBARD, R. **Onde Estão Os Mortos?**Rex Humbard World Outreach Ministry, 1977.

LADD, G.E. **Teologia do Novo Testamento.** JUERP, 1985.

LINDSEY, H. **Os 80 Anos: Contagem Regressiva Para o Juízo Final.** Editora Mundo Cristão, 1981.

MARTINS, R.P. **Adoração na Igreja Primitiva.** Edições Vida Nova, 1982.

NELSON, E.G**. Que Mi Pueblo Adore.** Casa Bautista de Publicaciones, 1986.

O NOVO DICIONÁRIO DA BÍBLIA – Edições Vida Nova, 1978.

PEARLMAN, M. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia.** Editora Vida, 1985.

PENDLETON, J.M. **Compendio de Teologia Cristiana.** Casa Bautista de Publicaciones, 1983.

KITTEL, G.A. **A Igreja no Novo Testamento.** ASTE, 1965.